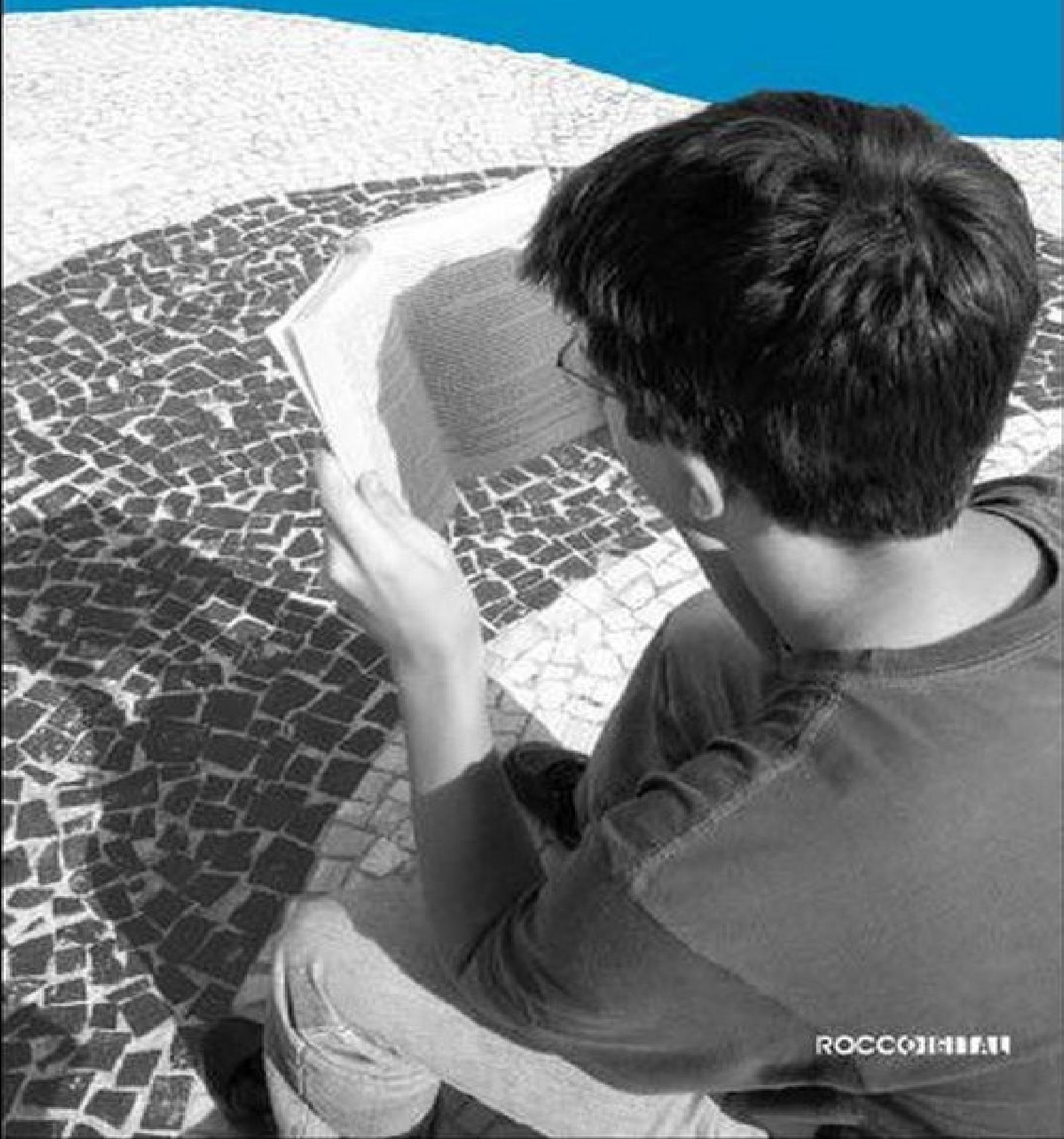


◉ CAMPEONATO

Flávio Carneiro



ROCCOJHIAN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Flávio Carneiro

O CAMPEONATO

ROCCOINHA

Copyright © 2009 by Flávio Carneiro

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

C288c

Carneiro, Flávio Martins, 1962-
O campeonato [recurso eletrônico] / Flávio Carneiro. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2011.
recurso digital

Formato: PDF e e-Pub
Requisitos do sistema: Windows XP e MAC
Modo de acesso: Adobe Digital Editions
ISBN 978-85-64126-45-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

11-0477 CDD-869.93
 CDU-821.134.3(81)-3

No final, todas as vidas não passam de uma soma de fatos contingentes, uma crônica de interseções fortuitas, lances de sorte, casualidades que nada revelam senão sua própria falta de propósito.

O quarto fechado. Paul Auster.

Quando o diretor mandou me chamar, eu já sabia qual era o assunto.

Pode entrar, ele disse, eu com meio corpo dentro da sala, a porta entreaberta. Entrei de vez e fiquei esperando, em pé. Ele apontou a cadeira com um movimento quase imperceptível da cabeça, sem tirar os olhos do papel, no qual escrevia alguma coisa. Esperei.

Ficar sentado sem fazer nada, mesmo por pouco tempo, me dava aflição, sobretudo porque sabia que dentro da minha bolsa inseparável tinha um livro, justamente o livro que estava lendo sossegado no meu canto antes de a secretária me avisar que o diretor queria falar comigo. Odeio que interrompam minha leitura, mas afinal era o dr. Camargo me chamando, tive que ir.

Eu estava ali mas minha cabeça estava no romance que tinha parado de ler, um policial. Enfiei a mão na bolsa e fiquei segurando o pequeno volume. Olhei para o relógio na parede: quatro minutos, já estava sentado naquela cadeira por longos quatro minutos.

Isso é uma tortura, pensei, ele quer me torturar. Quando comecei a trabalhar na Biblioteca, a primeira coisa que o diretor me disse, antes mesmo de dizer bom-dia, aliás ele nem me deu bom-dia, foi: não é permitido ler durante o expediente. Claro, dr. Camargo, eu falei, mas fiquei chateado, trabalhar numa biblioteca e não poder ler? Sacanagem.

Pensei nas consequências de tirar o livro da bolsa e ler ali mesmo, na frente do diretor. Ele pode me espinafrar, pensei, mas isso ele vai fazer de qualquer jeito, ou mandar descontar do meu último salário, ou ligar pro meu irmão, coitado, que tinha me arranjado aquele emprego, era amigo do dr. Camargo, e dizer: grande débil mental você foi me arrumar. A última coisa que eu queria na vida era incomodar meu irmão.

Arrastei um pouco a cadeira, fazendo barulho. O dr. Camargo era um cara insuportável. Gostava de ser chamado assim, com o doutor antes do nome, tinha conseguido terminar a faculdade aos trancos e barrancos, nunca mais estudou na vida, foi se ajeitando, puxando saco dos outros, fazendo política, e agora era doutor. Grande merda. Conferi no relógio: cinco minutos.

Ele não gostou de eu ter feito barulho, ergueu os olhos ligeiramente, sem mover a cabeça, olhando por sobre os óculos pequenos, desses com correntinha presa ao pescoço. Continuou escrevendo.

Tinha deixado a bolsa no meu colo e sem que me desse conta minhas mãos já haviam ajeitado o livro numa posição que me permitia ler sem precisar tirá-lo da bolsa, bastava deixá-lo onde estava, aberto na página interrompida, e baixar um pouco os olhos, mirando na direção dos meus joelhos.

Se o diretor demorasse mais trinta segundos eu já sabia o que iria acontecer. Estava perdendo o controle da situação, sentia que a qualquer momento o livro saltaria da bolsa como se fosse um peixe. Precisava fazer alguma coisa, então mandei:

“Doutor Camargo, eu sei que o senhor...”

“Sabe o quê?”, ele falou, me olhando de frente e tirando os óculos do rosto num gesto brusco.

“Nada.”

“Senhor André”, era a primeira vez que me chamava de senhor, minhas pernas tremeram, “me diga uma coisa: o senhor tem diploma de bibliotecário?”

Cheguei a ensaiar uma resposta mas ele mesmo respondeu:

“Não, não tem. Tem alguma experiência, já fez estágio ou qualquer coisa assim? Não, nenhuma experiência. O senhor pelo menos já tinha entrado numa biblioteca pública antes? Nunca. Mas então como foi que o senhor veio parar aqui? Como, senhor André? Não sabe, então vou lhe responder: sorte, pura sorte. O senhor teve a sorte de ter um irmão que é amigo do diretor de uma biblioteca como esta, que pode lhe oferecer um bom salário mesmo o senhor sendo quem é, ou seja, ninguém!”

Foi difícil mas consegui ler quase um parágrafo inteiro enquanto o dr. Camargo me dava aquele esporro. Mantinha os olhos baixos, como se estivesse envergonhado do que fizera. Minhas mãos estavam dentro da bolsa e eu não olhava para os meus pés, como o dr. Camargo talvez pensasse, mas para a página aberta no ponto em que a leitura do romance fora interrompida. Se ele continuasse falando por mais um tempo quem sabe conseguisse chegar ao final da página.

“O que foi que eu lhe disse quando o senhor chegou aqui?”

Fiquei calado, esperando, e lendo. Felizmente ele fez uma pausa enorme, devia estar saboreando minha humilhação, o safado, uma pausa suficiente para que eu terminasse o parágrafo. Levantei os olhos levemente: seria possível virar a página? Dei azar porque, quando viu meus olhos, o dr. Camargo parece que ganhou mais energia e aumentou o tom de voz de tal maneira que me assustei e não tive como virar página nenhuma. Mas deixei o livro aberto.

Ele já não falava, rosnava em cima de mim:

“O senhor sabe. Pois bem, essa é a terceira vez, repare, não é a primeira nem a segunda, é a terceira vez que pego o senhor lendo durante o expediente. Estou errado?”

Permaneci em silêncio, tinha decidido não dizer mais uma palavra sequer.

“Chego no balcão e o que é que eu vejo? Um usuário esperando pra ser atendido, os outros funcionários ocupados e o senhor simplesmente lendo.”

Definitivamente, trabalhar numa biblioteca não tinha sido uma boa ideia.

O diretor parou um pouco. Respirou fundo, o rosto ainda vermelho, afogueado. Mais calmo, disse, numa voz de quase indiferença:

“O senhor está despedido.”

Fechei a bolsa e fui me levantando, sem dizer nada. Virei as costas, caminhei na direção da porta.

“Pode passar no DP e acertar suas contas”, ele falou quando eu já estava com a mão na maçaneta. Fingi que não tinha ouvido, ainda me restavam algumas migalhas de dignidade.

No Departamento de Pessoal uma velhota me entregou um cheque.

“Que sorte”, ela disse, consultando o relógio, “três e meia, ainda dá tempo de descontar hoje.”

Era a segunda pessoa naquele dia que me falava que eu tinha sorte. Não gostei. Desci as escadas correndo. Peguei o ônibus, saltei em frente ao banco, entrei, descontei o cheque. Fazia um calor terrível e eu só pensava numa coisa: cerveja.

Parei no primeiro bar, um boteco vagabundo no centro da cidade, duas mesas na parte de dentro, três na calçada, gente passando, ônibus, fumaça, barulho, não queria nem saber. Só tinha

uma mesa vaga, como se bebe nesta cidade, meu Deus, quatro horas da tarde e aquele pé-sujo só tinha uma mesa vaga.

Sentei, pedi uma gelada, tirei o livro da bolsa. Aquele não era o melhor lugar para se ler um livro mas eu não escolhia lugar. Ajeitei o corpo na cadeira, enchi o copo, tomei um gole generoso e, antes de abrir meu romance, ainda falei bem alto, quase gritando: foda-se o dr. Camargo!

Ninguém entendeu nada.

“Sabe qual é o nome disso, você sabe qual é o nome disso?”, Raquel estava furiosa, quando ficava repetindo as coisas assim é porque estava furiosa, eu já sabia.

“Obsessão, conhece essa palavra: obsessão? Você é um obsessivo, André.”

Deixei que ela falasse. As mulheres precisam falar muito, é como respirar, elas passam mal quando não podem falar demais, é uma coisa orgânica, eu acho. Antes de continuar, Raquel foi até a mesinha de cabeceira, pegou um maço de cigarros, acendeu um, deu apenas um trago e apagou o cigarro no cinzeiro com raiva, num gesto exatamente igual ao da moça do filme que a gente tinha visto na noite anterior. Achei graça.

“Está rindo de quê? Você está rindo de quê, André?”

Raquel tinha entendido, percebi que não devia ter achado graça, fiquei sério de novo.

“Você sabia, André, que tem gente que trabalha a vida inteira sem nunca ser demitido, sabia disso? Você tem vinte e seis anos, André, está trabalhando só há dois anos e essa é a terceira vez que te mandam embora! Tudo bem, na Biblioteca pelo menos você demorou um pouco mais, já é um progresso, mas é normal alguém ser mandado embora de três empregos em dois anos, me responde, é normal?”

Eu não precisava responder.

“Não, não é normal. Se você bebesse em serviço, tudo bem, seria um motivo, foi demitido porque bebe demais, tudo bem, a gente procurava o Alcoólicos Anônimos, você fazia um tratamento. Mas não, não é esse o problema. Drogas? Não. Insônia, alguém que não te conhece poderia dizer: tem insônia durante a noite e dorme no trabalho. Também não. É briguento, mulherengo, desonesto? Nada disso. Então o que é?, perguntaria uma pessoa normal. O problema, meu senhor...”

Adorava quando Raquel fingia que estava falando com alguém e imitava a pessoa respondendo, mudava a voz, a fisionomia, me divertia muito, até esquecia que estava levando uma dura.

“O problema é que este cidadão lê durante o expediente. Isso, apenas isso, é um leitor compulsivo.”

Ela começou a chorar. Raquel era minha namorada, pretendíamos nos casar assim que eu me firmasse em algum emprego, mas estava difícil. Tudo por causa dos livros.

“Você, André, você...”

Ela falava e chorava ao mesmo tempo, era muito triste.

“Não tenho culpa se gosto de ler”, arrisquei.

Ela emendou de primeira:

“Você não gosta de ler. Quem gosta de ler lê em casa, ou na praia, ou no metrô, ou na...” Ela ia dizendo biblioteca. “Quem gosta de ler não deixa de trabalhar por causa disso, o seu problema,

André, o seu problema é que você é viciado, entendeu, você é um doente!”

Aquilo doeu. Raquel percebeu que tinha ido um pouco longe demais, chegou perto de mim, sentou do meu lado, enxugou as lágrimas, me fez um carinho no rosto.

“Amanhã, meu amor”, ela me disse, “amanhã, nem adianta reclamar que eu já marquei, amanhã vamos ao doutor Epifânio de Moraes Netto.”

Mais um doutor na minha vida, pensei, mas não disse.

A primeira coisa que reparei no consultório foi a limpeza.

Meu apartamento virou um chiqueiro depois que meus pais morreram. Deixava tudo jogado, louças na pia, lixo entupindo as lixeiras da cozinha e do banheiro, roupa suja largada pelos cantos, restos de comida no sofá, na cama, manchas de café e latas de cerveja por todo lugar.

Raquel tomava conta de mim. Não morávamos juntos mas ela dormia lá em casa alguns dias da semana e dava uma arrumação, lavava pratos, dizia sempre que eu precisava contratar uma faxineira, como se eu tivesse dinheiro sobrando.

Ainda assim era possível presenciar uma ou outra cena degradante, como a visão daquele meio copo de iogurte de morango, por exemplo. Raquel tinha viajado, o meio copo de iogurte ficou esquecido sobre a mesa da sala durante duas semanas, provocando o maior acúmulo de fungos e bactérias já registrado numa casa habitada.

Mesmo com toda a boa vontade de Raquel, às vezes eu pensava que tudo andava muito sujo: minha casa, minhas roupas, meu cabelo, minha vida.

O consultório tinha móveis claros, o sofá era coberto por uma manta azul transparente, o arrefrigerado não fazia o menor barulho, os tapetes, a parede, a roupa da recepcionista, seu penteado em coque, o telefone, o teto, os quadros na parede, tudo irradiava limpeza. Qualquer inseto, qualquer micróbio miserável teria vergonha de estar ali. Eu não sabia o que iria acontecer comigo quando entrasse na sala do dr. Epifânio de Moraes Netto mas estar sentado naquele sofá macio era o paraíso, poderia morrer naquele sofá. Morrer vendo os olhos verdes da secretária.

Eram esses olhos que eu fitava quando tocou um interfone sobre a mesa e ela atendeu.

“Sim, doutor. Podem entrar, por gentileza.”

Quando passei por ela tentei fazer um olhar diferente, uma expressão sedutora, o que não era nada fácil porque no fundo estava me sentindo ridículo por estar no consultório acompanhado da minha namorada, como uma criança indo ao médico com a mãe. A secretária devia estar pensando: que banana! Maluco e banana!

O dr. Epifânio de Moraes Netto era um completo, perfeito, absoluto canastrão. “Ontem tinha foto dele no jornal”, Raquel havia dito, toda empolgada, quando chegávamos ao endereço do canastrão. Tinha dado entrevista na TV, foi capa de revista, era o terapeuta da moda.

Aquela consulta custara uma fortuna mas meu irmão tinha concordado em bancar o tratamento. Tinha certeza de que não precisava de droga de tratamento nenhum, não era um doente, apenas um cara que não gostava de trabalhar e detestava rotina, nada de anormal. Só estava ali por causa da Raquel. O amor é sacrifício.

Ele nos recebeu na porta, muito sorridente, elegante, perfumado, indicou duas poltronas, ofereceu café, água gelada, suco. Raquel aceitou um café, eu não quis nada. O doutor sentou no seu lugar e foi disparando um monte de perguntas. No começo eu mesmo respondia, expliquei o caso,

dei detalhes. Ele ouvia, balançava a cabeça afirmativamente, fazia hã-hã, dava um risinho idiota.

Perguntou que tipo de livros eu costumava ler. Respondi que sempre gostara de ler ficção e vez ou outra alguma poesia. Não era ligado a jornais, revistas e sobretudo odiava livros de autoajuda. Ele já tinha publicado quinze livros de autoajuda e perguntou por que eu não gostava. Respondi que a vida real não me interessava.

“Não é bem assim, doutor”, Raquel interrompeu, explicando que era exagero da minha parte, eu não era tão lunático quanto parecia.

Doutor Epifânio coçou o queixo, pensativo.

De fato, não era bem assim, estava provocando o canastrão, mas havia uma dose de verdade no que havia dito. Lia as páginas de esporte de algum jornal, às vezes, mas meu vício era a literatura. E nos últimos dois anos tinha desenvolvido uma outra mania, uma espécie de mania específica dentro da mania geral: só lia história policial.

“Só história policial? E não enjoa?”

Fiquei olhando a cara gorda dele. Eu tinha me segurado o máximo para não ser grosso com o sujeito, não queria contrariar Raquel, mas dessa vez não foi possível, e eu disse:

“Se enjoasse, eu não estaria aqui.”

O doutor me encarou durante um tempo, sem dizer nada. Ficamos os dois calados, um de frente para o outro. Então ele disse: claro, e anotou qualquer coisa num papel.

Continuou perguntando, eu respondendo. Ele ouvia, balançava a cabeça, dava aquele risinho, como se dissesse: já conheço o tipo. Fui ficando nervoso.

Concluído o interrogatório, o dr. Epifânio passou a comentar, em linhas gerais, como fez questão de frisar, o meu caso. A cada duas palavras soltava um enfim. Se existe uma coisa que odeio nesse mundo é gente que diz enfim. Ele dizia: “Porque você veja, o seu caso, como direi... enfim.” Enfim o quê? Ele não tinha dito nada antes do enfim!

Ele falou enfim mais umas duzentas vezes, depois voltou a fazer perguntas. Aquela baboseira começou a me cansar, foi enfileirando um monte de nomes técnicos, alguns comentários pra lá de chavões, coisas decoradas, até um leigo como eu podia perceber que era tudo embromação, então desliguei. Ele perguntava e eu dizia “hem?”. Raquel odiava aquele meu “hem?”, que poderia ser traduzido literalmente por: não ouvi porcaria nenhuma do que você disse.

Raquel tomou a dianteira, passou a responder às perguntas no meu lugar e aí o dr. Epifânio mudou o tom da conversa, o canalha. Raquel era uma mulher bonita, loura, alta, o corpo perfeito, chamava a atenção em qualquer lugar em que entrasse. Sempre dei muito azar com mulher, só arrumava baranga, mas dei uma sorte danada com Raquel.

O dr. Epifânio botou mel na voz e no meio de uma e outra frase lançava aquele olhar asqueroso de velho safado em cima da Raquel. Ela continuou na dela, talvez nem tivesse reparado, ou achasse ridículo, continuou falando de mim, e eu só reparando no crápula, seus trejeitos, sua fala macia. Quando ele chamou Raquel de meu bem, me levantei e disse: por hoje chega.

Ele levou um susto, acho que tinha até esquecido que eu estava ali, e depois disse, cínico: como quiser, já estamos mesmo na hora.

Raquel ficou meio passada mas reagiu rápido, se levantou também, se despediu do doutor, toda gentil. Eu não falei nada, virei as costas, peguei a mão da Raquel e a carreguei para fora do consultório.

A secretária marcou dia e horário da próxima sessão, anotou tudo num papelzinho, Raquel

guardou na bolsa. Eu ainda iria voltar outras vezes àquele lugar, ainda veria de novo aquele canalha, mas minha vontade era explodir o prédio inteiro.

Naquele momento tive certeza: tinha gente demais me dizendo o que fazer.

Estava cansado de receber ordens. Era meu irmão, o dr. Camargo, o dr. Epifânio de Moraes Netto, a Raquel, estava de saco cheio!

Precisava de dinheiro, sim, mas não muito. Não pagava aluguel, tinha aquele apartamento, precisava de dinheiro, mas não queria me sujeitar às ordens de ninguém. Não era obrigado a aguentar as manias dos outros, já bastavam as minhas. Raquel eu aturava porque gostava dela, era minha namorada, e gostava do Augusto também, meu irmão, mas patrão nenhum iria mais me torrar a paciência.

Busquei uma saída. Sempre que estava com algum problema sério recorria a um método que eu mesmo inventara. Tratava-se de um questionário. Pegava uma folha e ia anotando perguntas e respostas, tratando a mim mesmo em terceira pessoa, como se fosse uma firma que tivesse sido contratada para resolver o meu caso.

Perguntava, por exemplo, qual é o seu problema?, e respondia, eu mesmo respondia: falta de dinheiro. Continuava com alguma bobagem do tipo: e como você gostaria de ganhar dinheiro? Trabalhando? Batendo carteira no centro da cidade? Assaltando banco? E a resposta: herança, preferia receber uma herança. O nível de idiotice das perguntas e das respostas variava conforme meu estado de espírito. Às vezes dava certo, quase sempre não.

Costumava responder ao questionário na mesa da sala. Antigamente era ali que jantávamos eu, meu pai, minha mãe, Augusto. Depois nós três, sem Augusto. Por fim, só eu. Aliás, nem eu, porque não jantava mais, à noite comia besteiras por aí, na rua, ou no meu quarto, vendo televisão. Estendia a toalha sobre a mesa, alisava bem, trazia o abajur. Quando tudo estava pronto, inclusive o caderno espiral, tamanho pequeno, e o lápis bem apontado, eu abria uma cerveja, tomava o primeiro gole, começava a escrever. Gostava daquele ritual, dava à minha tarefa um ar de seriedade.

Naquele noite estava inspirado. Já havia preenchido algumas páginas do caderno, pergunta resposta pergunta resposta, estava indo muito bem. De repente, sem pensar, lancei no papel a pergunta: afinal, o que você sabe fazer na vida?

Poderia ter sido a primeira. Uma firma que eu tivesse contratado teria perguntado isso logo de cara, mas no meu jogo a pergunta demorou a chegar e quando chegou foi um arraso.

Aquela pergunta arrebentou comigo. Fiquei horas diante do caderno, sem conseguir escrever mais uma linha, bebendo cerveja e olhando o branco do papel, bebendo e olhando, bebendo e olhando, até dormir com a cara na mesa.

Acordei de manhã, a campainha tocando. Era o porteiro, com a correspondência. Sempre pegava minha correspondência na expectativa de ver uma carta com meu nome escrito à mão no envelope, uma carta de alguém distante, de outra cidade, outro país. Era uma coisa estúpida porque não me correspondia com ninguém. A verdade é que só recebia contas. Daquela vez não foi diferente. Luz, gás, telefone, condomínio. Fiquei de pé, olhando aquilo e me perguntando onde arranjar dinheiro.

Pensava nisso quando um folheto caiu do meio dos papéis. Peguei, abri: curso de detetive por correspondência. Um mês. A cada semana você completava um módulo. Recebia apostilas com noções de Direito Criminal e Penal, além de questões específicas do trabalho de investigação. No

final teria que fazer um teste, se tirasse oito estaria aprovado, receberia um certificado e uma carteira de Detetive Particular.

A solução para os meus problemas, pensei comigo, ainda grogue de cerveja e sono.

O curso não era muito caro, poderia pagar com os trocados que recebera da Biblioteca. Preenchi a ficha de inscrição. Depois tomei um banho, vesti uma roupa e fui até o correio. A sorte estava lançada.

O tempo passa rápido quando é bem vivido, minha mãe costumava dizer. Aquele mês demorou séculos, mas passou. Estudei feito um condenado, li apostilas infundáveis, cheias de erro de português. Elas iam chegando ao meu apartamento e eu as engolia feito remédio.

Fiz a tal prova. Oito e meio. No final me mandaram o certificado e uma carteirinha com meu nome e foto. Ficou bonito. Aquilo não me autorizava a entrar em locais de acesso restrito, não me dava direito a nenhuma regalia, mas foi o que consegui em um mês. Mandei emoldurar o certificado, colocaria na parede do apartamento quando aparecesse o primeiro cliente. Não era nada, mas podia impressionar algum incauto.

Além da chatice do curso, tive que aturar também uma sessão por semana com o dr. Epifânio. O gordo nojento era meu álibi, eu sabia que enquanto estivesse em tratamento meu irmão e minha namorada me deixariam em paz.

Na verdade, Augusto devia estar gostando de poder bancar meu tratamento, assim teria assunto na roda de amigos, no uísque de sexta-feira depois do expediente. Eu o imaginava no bar. No momento adequado, ele sempre sabia a hora exata de dizer as coisas, Augusto fazia uma expressão de homem arrasado e dizia, cabisbaixo, os olhos fixos no copo: estou muito preocupado com meu irmão. Um dos amigos perguntaria, num tom de camaradagem: o que foi dessa vez, Augusto? E ele responderia, grave: o moleque está fazendo tratamento com o doutor Epifânio de Moraes Netto. Diria isso e daria mais um gole no uísque, sem olhar para os lados, curtindo a inveja dos outros que não tinham nenhum irmão fazendo tratamento com o doutor Epifânio de Moraes Netto.

Ter conseguido diminuir meu ritmo de leitura de romances durante aquelas quatro semanas, em função do tormento de ler as apostilas do curso, provava que eu não era nenhum doente. Gostaria muito que Raquel e Augusto soubessem disso, mas eles não saberiam nunca.

“Por quê?”, o Gordo me perguntou, quando ainda estávamos ao telefone.

“Por quê? Porra, Gordo, qual a única coisa que eu sei fazer na vida?”

“Não tenho a mínima ideia.”

“Ler história policial, claro. Posso não saber nada de engenharia, medicina, direito, nem fazer conta de cabeça acho que eu sei mas você pode me perguntar qualquer coisa sobre sequestro, suborno, assassinato, sobre qualquer crime insolúvel que te dou as dicas na hora, os golpes, os macetes, as pistas falsas, sei disso tudo, li tudo nos livros.”

Ele fez uma pausa.

“Não vai dar certo.”

“Claro que vai.”

“Claro que não. Está na cara que não vai dar certo.”

Eu não estava muito a fim de discutir. Contei pra ele que tinha feito o curso, já estava com certificado e carteira.

“Você fez um curso de detetive por correspondência? Quando?”

“Mês passado.”

“E não me contou nada? A gente bebeu várias vezes no mês passado e você não me contou nada?”

“Você não é minha namorada, Gordo. Aliás, nem pra Raquel eu contei, mas não interessa, você vai me ajudar ou não?”

Marcamos de nos encontrar no Bar Brasil, centro da cidade, às seis e meia. O Gordo entendia tudo de romance policial, e era mais disciplinado, tinha método, estudava o assunto. Se quisesse, já teria escrito um livro sobre o tema, mas fazia apenas por prazer, lia e pesquisava pelo mais puro prazer. E tinha uma qualidade que me faltava: disciplina. No fundo, sempre invejei o fato de ele trabalhar numa livraria oito horas por dia, de segunda a sexta, e não ler nunca, absolutamente nunca, em serviço. Admirável.

Éramos amigos antigos, desde os tempos da faculdade de Direito, que comecei e larguei. Ele continuou, concluiu o curso, colou grau, mas nunca exerceu a profissão.

Cheguei mais cedo, escolhi uma mesa de canto, no fundo do bar, pedi um chope. Alguns minutos depois o Gordo chegou.

“Já tenho a solução para o seu problema”, ele foi logo dizendo, ainda em pé.

Meia hora antes o cara tinha me dito que meu plano não ia dar certo, agora chegava na minha frente dizendo que já tinha solucionado o problema. Sentou, deixou sobre a mesa uma pasta de plástico, pediu um chope.

“Anúncio nos jornais”, ele disse, matando metade do chope.

O Gordo estava cada vez mais gordo, devia estar beirando os cem quilos. Era meio barrigudo

nos tempos da faculdade, mas virou gordo mesmo, de corpo inteiro. Continuou:

“É por aí que você deve começar. Você lê os classificados?”

Ele devia estar ficando velho, memória fraca, essas coisas.

“Tinha esquecido, você não lê jornal. Primeiro erro: não lê jornal. Erro gravíssimo, diga-se de passagem.”

Eu sabia o que ele iria dizer em seguida: o conto de Poe.

“Mire-se no exemplo de Poe, meu amigo. O que acontece no conto de Poe, *Os crimes da Rua Morgue*? Dupin desvenda o crime lendo os jornais. Estou certo?”

“Em parte. Ele também visita o local do crime, recolhe pistas.”

“Correto, mas é lendo as notícias sobre o crime publicadas na imprensa, comparando as versões de cada jornal, que ele chega ao criminoso. E digo mais, o responsável pelo crime vai até Dupin, vai até a casa do próprio Dupin e confessa tudo, e como é que Dupin consegue essa proeza? Simples: colocando um anúncio no jornal. De acordo?”

“Tudo bem, Gordo, e o meu caso?”

Eu não tinha muito tempo pela frente.

“Sim, vou chegar lá, calma. Primeiro as necessidades da carne. Garçon!”

Pedi mais um chope, outro pra mim.

“E kassler com salada de batata”, completou.

“Por que você não diz costeleta defumada com salada de batata? Por que tem que dizer kassler?”

“Porque é o nome do prato.”

“Você não é alemão.”

“Tudo bem, quando for ao McDonald’s você vai pedir sanduíche de carne moída prensada em forma de bife com queijo derretido, e não um cheeseburger.”

“É diferente.”

“Por que é diferente?”

“Porque sim, é outra coisa, é diferente.”

“Não vamos discutir.”

O Gordo abriu a pasta.

“Dá uma olhada nisso aqui, André.”

Eram vários recortes de jornal.

“Tem anúncio do *Dia*, do *Globo*, *JB*, *Balcão*. Foi o que deu pra providenciar”, ele disse.

Dei uma olhada nos recortes.

“Que tal?”

“Como tem detetive especializado em casos de adultério, Gordo, é impressionante.”

“E você queria o quê? As pessoas traem, meu caro, homem, mulher, todo mundo trai, não salva ninguém. Você, por exemplo, nunca traiu a Raquel?”

“Não, nunca traí.”

Não estava mentindo, eu jamais tinha traído minha namorada.

“Porque não teve oportunidade.”

DETETIVE ANDRÉ

Infidelidade. Localização.

Investigações gerais.

Sigilo e eficiência.

E, logo abaixo, meu telefone e endereço. O Gordo ficou olhando o papel, pensativo. Tínhamos levado horas discutindo até chegar àquele mísero anúncio.

“Ainda falta alguma coisa.”

“Falta o quê?”, eu disse, já perdendo a paciência.

“Não sei. Algo que dê um toque diferente. Seu anúncio não pode ser igual ao dos outros. Vejamos, o que você tem de diferente de um detetive comum?”

Era uma pergunta absurda.

“Você está me gozando?”

“Não, senhor. Responde.”

“O que eu tenho de diferente? Tudo! Inexperiente, preguiçoso, medroso, odeio me meter na vida dos outros.”

“Além de inseguro.”

“Justamente.”

O Gordo não desanimou:

“Mas você gosta de ler, é um intelectual. Duvido que qualquer detetive desses anúncios seja um intelectual. Você é uma espécie de Philo Vance.”

Eu não gostava do Philo Vance, o detetive das histórias do Van Dine, era um personagem esnobe, metido a besta, insuportável. O Gordo gostava.

“Eu não tenho nada a ver com aquele idiota.”

“Tudo bem, o que estou querendo dizer é que você só tem uma coisa que esses caras aí dos jornais não têm: você gosta de ler, e entende o que lê. Aliás, foi justamente por causa das suas leituras que você decidiu ser detetive, correto?”

“E daí? Você por acaso vai colocar no anúncio: detetive André, leitor de romances policiais?”

“Quase isso. Vou pensar numa frase, uma citação que deixe clara esta sua, digamos, qualidade diferencial.”

“Não vai funcionar. Lemos dezenas de anúncios nesses jornais todos, você viu algum com citação?”

Ele ignorou a pergunta.

“Já descobri a citação. Perfeito!”

“Qual é?”

“Uma frase do nosso amigo Dupin: ‘Meu objetivo final é apenas a verdade.’ Pode colocar aí, depois dê um espaço e acrescente: Edgar Allan Poe.”

Com um anúncio daqueles eu estava era ferrado. Ainda assim, anotei no papel a frase de Poe. O Gordo continuou no seu delírio:

“Nada mais pertinente você estrear como detetive usando uma frase do primeiro detetive.”

“Ele não foi o primeiro.”

“Pra mim foi, e pra muita gente também. Esse negócio de dizer que o Zadig, de Voltaire, foi o primeiro detetive é balela, conversa-fiada. O primeiro detetive é Dupin, e pede mais um chope que estou morrendo de sede.”

Pedi dois.

Já tínhamos terminado o nosso trabalho daquela noite. Bem ou mal ali estava o anúncio, pronto para ser enviado aos jornais no dia seguinte. Se daria certo ou não, só vendo. Mas o Gordo estava inspirado. Na falta do que fazer, começou a devanear:

“Como você acha que seria um anúncio nos classificados escrito pelo Sherlock Holmes?”

“Nem imagino.”

“E pelo Poirot?”

“Nem Holmes nem Poirot precisaram colocar anúncios nos jornais.”

“Concordo, você tem razão, eles tinham outros recursos. Mas pensemos nos americanos, então: Spade, Mike Hammer, Marlowe, Ellery Queen, Nero Wolfe.”

“Nero Wolfe diria: se você precisa de um detetive que saia de casa, enfrente o trânsito, suba em telhados... não conte comigo.”

“Perfeito”, ele disse, batendo com força na mesa e rindo alto.

Continuou:

“E os padres, André, como seria um anúncio de um detetive padre? O padre Brown, de Chesterton, por exemplo, ou o David Small, de Kemelman?”

“David Small era rabino.”

“Rabino, padre, é tudo a mesma coisa”, sentenciou o Gordo, secando o copo.

Sáimos do Bar Brasil por volta de nove e meia. Fomos caminhando até a Riachuelo, onde o Gordo morava. Nos despedimos e segui andando, na direção da Lapa. Eu gostava de caminhar pelas ruas do centro à noite, depois das dez, onze horas. Sabia do perigo, mas me arriscava.

Gostava de observar os travestis, ficava pensando como aguentavam ficar quase pelados na rua quando fazia frio. Precisavam mostrar as pernas, a bunda, os peitos, não podiam se dar ao luxo de ficar na rua cheios de roupa. “Nas noites de frio eles passam óleo nas pernas, dizem que esquentam”, o Gordo me falou uma vez, mas o Gordo não entende droga nenhuma de travesti.

Fui andando até o ponto de ônibus, no Passeio. Já tinha ido para casa a pé, era longe à beça mas por duas vezes fui andando do Passeio até Copacabana. Precisava fazer isso de novo qualquer hora dessas. Naquela noite não ia dar, queria pegar logo o ônibus, chegar cedo em casa, na manhã seguinte precisava colocar o anúncio nos jornais.

Eram duas horas da tarde, tinha acabado de almoçar e decidira ler um pouco na minha sala, agora escritório. O Gordo sugeriu que eu alugasse uma sala comercial, mas logo depois ele mesmo viu que não seria uma boa ideia, duro como eu estava. E, além disso, se Nero Wolf atendia em sua própria casa, por que eu não poderia?

Fora obrigado a fazer algumas modificações no ambiente, poucas, não queria dar muito na vista. Arrumei na estante um monte de livros de Direito que o Augusto não usava mais e estavam entupindo o meu quarto. Bati um prego na parede. Meu certificado do curso de detetive, devidamente emoldurado, ficava guardado na gaveta da escrivaninha, não queria que Raquel nem Augusto vissem aquilo, mas assim que aparecesse o primeiro cliente o certificado estaria pendurado naquele prego.

Dei uma arrumada na sala, que agora, sob esforço supremo de minha parte, permanecia sempre em ordem, decente. Também coloquei no canto um pequeno armário de aço, meio velho, que o Gordo me arranhou e que não tinha nada dentro, puro cenário. “Você já viu um escritório de detetive particular sem um velho armário de aço cheio de gavetas?”, ele perguntou, desembarcando com o trambolho na portaria do meu prédio.

Fazia exatamente uma semana que eu colocara o anúncio e até então ninguém se dignara a me procurar. Tinha mandado fazer cartões com meu nome, endereço, telefone. O pacote com os cartões repousava intacto na gaveta.

Era uma tarde quente. O ventilador de teto ficava ligado no máximo e nas primeiras páginas do romance cochilei, até dormir de vez, sentado à mesa, o corpo curvado, a cabeça recostada no livro aberto.

Começava muito monótona minha vida de detetive, nada daquilo que sempre lia nos livros: ação, morte, sexo, aventura. Passava as tardes assim, dormindo em cima de um romance, babando nas páginas. Era patético.

Mas naquele dia, logo depois do almoço, o telefone tocou, interrompendo meu sono profundo. Atendi meio zozzo:

“Gostaria de falar com o detetive André, por gentileza.”

Voz de homem.

“É ele.”

“Estou precisando dos seus serviços. Podemos conversar ainda hoje?”

Deu vontade de rir.

“Creio que sim.”

“A que horas?”

“Que tal agora?”

Silêncio. Eu devia aprender a me valorizar um pouco mais.

“Perfeito.”

“O senhor sabe o endereço do escritório?”

“Não, no escritório não, é muito arriscado.”

“Arriscado?”

Combinamos que ele me pegaria no calçadão de Copacabana, altura do Posto 4, em trinta minutos.

“Como vou reconhecê-lo?”, perguntei.

“Você vai saber na hora, não vai ter dúvida.”

“Bom, eu vou estar de calça jeans e...”

“Não precisa me dizer como vai estar, eu sei quem você é.”

Aquilo podia ser um trote, devia ser um trote, mas eu não estava em condições de recusar trabalho.

“Tudo bem.”

Ele ainda fez uma pausa antes de concluir, numa voz dramática:

“Preciso muito da sua ajuda.”

E desligou.

Mal podia acreditar: um cliente. Tinha ainda bastante tempo antes do encontro mas me veio à cabeça uma coisa maluca, a intuição de que o cliente poderia ligar logo em seguida dizendo mudei de ideia, não quero mais os seus serviços, e para evitar a tragédia preferi ligar a secretária e sair logo de casa. Não era uma estratégia muito inteligente mas não estava a fim de pensar. Saí.

Fiquei perambulando por Copacabana, vendo o comércio. No horário combinado lá estava eu, num sol de rachar. Vi o carro se aproximar e reduzir a velocidade até encostar bem à minha frente. O motorista saiu do carro, deu a volta, abriu a porta de trás. Entrei.

“Boa-tarde”, ele me disse, num tom de voz amigável.

Apertei sua mão enquanto nos olhávamos, um analisando o outro.

“Boa-tarde, senhor...”, eu disse, sem saber ainda o nome do meu cliente.

Ele sorriu. Era um homem forte, devia ser alto, o corpo atlético, queimado de sol, os cabelos castanhos, bem cuidados, olhos azuis. Quarenta e cinco anos, chutei, talvez tivesse mais e aparentasse menos, depois de décadas de malhação na academia, boa alimentação, tratamento de pele, essas coisas que fazem os ricos parecerem mais jovens. Lembrava um galã de filme americano, desses coroas que comem todas as mulheres. Bem-vestido, num terno cinza-claro impecável, um perfume suave, o tipo do cara bem-sucedido.

“Montenegro, pode me chamar de Montenegro. Aceita uma bebida?”

Aceitei.

“Gelo?”, ele perguntou, abrindo uma portinha à sua frente e pegando, no bar do carro, uma garrafa de uísque.

“Pode ser”, respondi, tentando olhar nos seus olhos.

Me entregou o copo, preparou outra dose. Bebemos, em silêncio. Pouco depois ele apertou um botão, colocado logo acima da porta do bar, e uma janela de aço subiu até o teto do carro, nos isolando da parte onde estava o motorista.

“Pronto, podemos conversar em paz.”

“Não sem antes saber aonde estamos indo.”

“Não se preocupe, na verdade não vamos a lugar algum. Dei ordem ao motorista para dirigir por aí, sem destino. É mais seguro.”

Era uma situação insólita: um cara me liga, quer me contratar, não pode me encontrar num lugar fixo, não sei nada sobre ele mas ele diz que já me conhece, é cheio da grana e vai procurar um anúncio vagabundo num jornal, entramos no carrão dele e saímos a rodar feito dois namoradinhos apaixonados, bebericando uísque. Alguma coisa não estava certa.

“E então, qual é o problema?”, eu disse, cortando o silêncio.

“Estava reparando... como você é jovem!”

Mau começo, pensei comigo. Não devia ter entrado nessa, eu sabia, não é profissão para iniciantes.

“Exatamente como eu queria”, ele disse.

Não consegui disfarçar minha surpresa.

“É casado?”, perguntou.

Procurei alguma insinuação na voz dele. Só me faltava o cara ser gay.

“Não.”

“Tem namorada.”

“Tenho.”

“E pretende se casar um dia, ter filhos.”

“Ainda não sei, vamos ver.”

Ele se ajeitou no banco, olhou a rua. Olhei para ele. Tinha um olhar distante, triste. Depois de um tempo assim começou a falar, sem tirar os olhos da paisagem que víamos da janela.

“Quando eu e minha esposa nos casamos, nosso sonho era ter muitos filhos, uma família grande, e netos, sempre quis ter uma casa cheia de crianças, depois as crianças crescendo, virando adolescentes. E mais tarde os filhos dos filhos, a casa novamente viva, alegre, cheia, sempre sonhamos com isso, minha mulher e eu. Seus pais são vivos?”

“Não, já morreram, faz dois anos.”

“Sinto muito. É uma perda irreparável, de fato. Eu...”

Ele engasgou, parecia querer chorar. Controlou-se.

“O tempo, meu jovem, o tempo é um deus fascinante, e cruel.”

Aquilo já estava me cansando. Fiz uma cara de impaciência. Ele não notou, acho.

“Não tivemos muitos filhos. Na verdade tivemos um, apenas um. Mas nosso filho substituiu todos os outros, não sei se você me entende.”

Assenti com a cabeça.

“Substituiu os que não tivemos, ficou no lugar deles, e dos netos. Consegue imaginar o que seja isso, detetive, uma pessoa ocupar o lugar de outras pessoas?”

“Não.”

“Pois o nosso filho conseguiu essa proeza. Durante anos ele foi os filhos e netos que sonhamos pra nós, foi a casa cheia aos domingos. Meu filho era a nossa maior, nossa única verdadeira alegria.”

“Era?”

“Era, não é mais.”

“Desculpe a pergunta mas seu filho morreu?”

“Não sei.”

Esperei uma explicação. O homem parecia ter passado por muitas coisas na vida. Deve ter sofrido o diabo, pensei. Fiquei imaginando as possibilidades: o filho tinha virado um viciado em drogas, ou um traficante, quem sabe um assaltante qualquer, batedor de carteira, ou se prostituía, ou tinha fugido com o bandido boliviano, como naquela peça do Nelson Rodrigues. Eu delirava, pensando as piores barbaridades que pudessem ter acontecido com o garoto: tinha ficado paraplégico, perdera a memória depois de uma pancada na cabeça, tinha transado com a professora que agora estava grávida e queria casar.

“Meu filho sumiu, desapareceu.”

“Sumiu? Sumiu como?”

Ele não respondeu diretamente.

“Sabe, detetive, algumas pessoas não gostam de mim.”

“Inimigos? O senhor tem inimigos?”

“Não usaria uma palavra tão banal. Diria que são pessoas, uma ou duas pessoas, que preferiam que eu, como direi, não estivesse aqui, nesse carro, conversando com você, mas noutro lugar, quem sabe sete palmos debaixo da terra.”

“E por que essas pessoas não gostam do senhor?”

“Vai você querer entender a alma humana, meu jovem. Há vários motivos pra não se gostar de alguém. Inveja, ciúme, vaidade, tanta coisa.”

O coroa não era fácil. Senti que o meu primeiro caso como detetive particular não seria exatamente uma moleza.

“O senhor acredita que seu filho foi sequestrado, é isso?”

“Acredito.”

“Quando foi que ele sumiu?”

“Há três semanas. A última vez que o vi ele estava saindo de casa pra encontrar alguns amigos no Baixo Gávea. Era uma segunda-feira.”

“Qual a idade dele?”

“Quinze anos.”

“Usava drogas?”

“Não. Gostava de beber seu chope, moderadamente, mas nunca usou drogas.”

“Como pode ter certeza?”

“Conversávamos muito. Éramos amigos. Eu sabia que ele não usava drogas, aliás ninguém da turma dele.”

“Bom, ele saiu pra beber no Baixo Gávea, e daí?”

“Naquela noite não dormiu em casa. Fiquei preocupado, Pedro sempre avisava quando dormia fora de casa. De manhã tive que sair pro trabalho bem cedo, tinha uma reunião importante.”

“O senhor trabalha em quê?”

“Tenho algumas empresas.”

Ele falou isso na maior tranquilidade, como se dissesse: sou bancário, ou balconista.

“Algumas?”

“Sou um homem rico, detetive.”

“Empresas de quê?”

“Não se preocupe com minha vida, apenas me ouça.”

Deixei que ele continuasse. Aquilo tudo era muito estranho.

“Por volta de meio-dia, minha mulher me ligou. Pedro não havia chegado, nem à tarde. À noite percorri hospitais, necrotérios, cheguei em casa já de manhã, depois de correr a cidade toda. Nos dias seguintes continuei procurando meu filho, visitando lugares que ele costumava frequentar. Nada.”

“Foi à polícia?”

“Não.”

“Por quê?”

“Não quero a polícia envolvida nisso, tenho meus motivos. Além do que, seria perda de tempo, somem dezenas de pessoas todos os dias no Rio de Janeiro e a polícia é corrupta, incompetente e mal equipada. Contratei dois detetives particulares, dois profissionais, especialistas nesse tipo de caso, um de São Paulo, outro do Rio, trabalharam juntos.”

“E daí?”

“Competentes demais, profissionais demais, técnicos demais. Você me entende? Me apresentaram um relatório de mais de cem páginas, com números, gráficos, diagnósticos, hipóteses. Bobagens. Não souberam dizer onde estava meu filho.”

Fiquei pensando. Bebi mais um gole.

“Duas perguntas, doutor Montenegro.”

“Pois não.”

“Primeira: como é que pode o filho de um milionário sumir por três semanas e a notícia não sair em jornal nenhum? Os caras da imprensa adoram isso.”

“Eu não quis que saísse. Mandei dizer no colégio que ele tinha viajado. Os empregados da minha casa também acreditam que ele esteja no exterior.”

“E os amigos dele, ele não tem amigos, não tem uma namorada?”

“Meu rapaz, quando eu quero que algum segredo não vaze, ele não vaza. Fui claro?”, ele disse, ficando em mim os olhos azuis. Eu estava pegando pesado, melhor ir devagar.

“Segunda pergunta: por que o senhor resolveu procurar justo a mim?”

Ele me encarou, em silêncio. Depois continuou:

“Andei pesquisando sua vida.”

“Hã?”

“Não se assuste, decidi investigar sua vida assim que li o anúncio no jornal. Também gosto de Edgar Allan Poe.”

Me lembrei do Gordo, era ideia dele.

“Se o senhor já andou investigando a minha vida, por que perguntou se eu era casado? E se meus pais estão vivos?”

“Foi só uma maneira de começar nossa conversa, de introduzir o assunto. Eu sei que seus pais, infelizmente, já faleceram, e sei também que Raquel é apenas sua namorada, por enquanto.”

Ele sabia o nome da minha namorada. Quem é esse cara, onde é que fui me meter?, fiquei me perguntando, em silêncio.

“Intuição, meu jovem. Resolvi investigar você por intuição, e creio que agi corretamente. Sei que é iniciante, sei que precisa de dinheiro, e sei que é um jovem decente.”

Eu não sabia o que dizer.

“No meu ramo de negócios, aprendi logo cedo que a intuição é que faz a diferença. O conhecimento é importante, saber como anda o mercado, quem são os concorrentes, onde encontrar matéria-prima, tudo isso é importante, mas o fundamental, aquilo que diferencia um vencedor de um vencido é o faro, a intuição. Resolvi arriscar. Você não está envolvido com marginais, é um garoto honesto, além de não ter os vícios da profissão. Estou farto de profissionais. Você foi um bom filho, eu sei.”

Eu estava assustado e comovido, sempre me comovia quando falavam dos meus pais. Como aquele cara foi me encontrar? Deixei que falasse. Calado eu talvez me comprometesse menos.

“Decidi apostar todas as minhas fichas em você, André. Espero que não me decepcione.”

“Olha, doutor, confesso que estou um pouco confuso com tudo isso, e com medo também.”

“Não se preocupe, não lhe quero mal. Pelo contrário, já simpatizava com você antes mesmo de conhecê-lo, por isso o escolhi. E posso lhe afirmar que a simpatia se confirmou agora, com nossa conversa. Fique tranquilo, nada de mal vai lhe acontecer. De agora em diante serei responsável pela sua segurança. Enquanto estiver trabalhando pra mim, ninguém tocará um dedo em você.”

“E depois? Quando não estiver mais trabalhando pro senhor?”

“Escuta, meu querido, se você encontrar meu filho, este será seu último caso como detetive. Vai ter tanto dinheiro que nunca mais vai precisar trabalhar.”

Quis perguntar: e se eu não encontrar o garoto? Achei melhor ficar calado.

“E alguém já fez contato? Algum sequestrador?”

Ele sorriu, como se dissesse: bom menino. Eu acabara de aceitar o caso.

“As pessoas de quem desconfio não fariam contato assim tão cedo. Esperariam mais tempo, quem sabe um mês ou dois, para aumentar o meu sofrimento.”

“Bom, e o que o senhor quer de mim, exatamente?”

“O que quero de você? Ora, quero que traga meu filho de volta, é claro.”

Foi uma pergunta imbecil, a minha. Na verdade, queria perguntar era: como é que o senhor acha que vou conseguir trazer seu filho de volta?, o que seria uma pergunta mais imbecil ainda. Quase me esquecia de que era um detetive e detetives existem para essas coisas: investigar, descobrir, trazer os filhos de volta quando são sequestrados por inimigos perigosos. Mas eu ainda podia desistir.

“Tome”, ele disse, me entregando uma pasta de couro, e completou: “não desgrude dessa pasta, entendeu, garoto? E gaste o que for preciso. Ligarei daqui a dois dias.”

Senti um calafrio. Se pudesse, pulava do carro.

“Onde você quer ficar?”

“Aqui mesmo.”

“Não prefere ficar em casa? Estamos bem longe de Copacabana.”

“Não, pode me deixar aqui.”

“Como preferir. Mas tome cuidado!”

Ele apertou um interfone, ordenando ao motorista que parasse. O motorista parou, desceu do carro, abriu a porta. Nem me despedi do meu cliente, queria sair o mais rápido possível daquele carro.

A vida não tem lógica.

Meus pais não gostavam de sair de casa, só saíam mesmo por necessidade. Minha mãe fazia feira ou supermercado duas vezes por semana, meu pai ia para o trabalho de segunda a sexta, numa repartição pública. À noite não colocavam o pé na rua, e também não iam à praia no fim de semana, meu pai não suportava o tumulto, detestava aquela multidão seminua na praia de Copacabana, velhos, adultos, crianças, cachorro fazendo cocô nas calçadas. Minha mãe concordava com ele. O único lugar a que iam os dois juntos era a igreja, todo domingo, sem exceção.

Morávamos todos no mesmo apartamento, um quarto e sala em Copacabana, alugado. Eu e Augusto dormíamos na sala, naquela época. Augusto era um batalhador, trabalhou em loja, imobiliária, escritório de contabilidade, até terminar o curso de Direito. Quando se formou, apareceu um concurso: Banco do Brasil. Ele estudou à beça, varava madrugadas em cima das apostilas, acabou passando no concurso e seguiu carreira no banco.

Meu irmão sempre foi caxias, ao contrário de mim. Trabalhava muito, fazia amizades importantes dentro do banco, então foi promovido, passou a ganhar dinheiro, e aí se esforçava mais ainda, alargava o campo das amizades, era um cara bacana, todo mundo dizia, foi subindo, subindo, outra promoção e mais dinheiro entrando no bolso dele, uma bola de neve.

Quando completei vinte e poucos anos, meu pai se aposentou. Foi no mesmo ano em que Augusto comprou o apartamento em que morávamos. Nunca mais o senhor vai ter que pagar aluguel, ele disse ao meu pai, mostrando a escritura do apartamento. Depois casou e foi morar na Barra.

Lá em casa Augusto era um deus, ninguém ousava falar qualquer coisa dele, um deus. Eu era um vadio. Comecei a faculdade e parei. Comecei Letras, mudei para Comunicação, entrei no curso de Direito por insistência do meu irmão, e não concluí droga nenhuma. Na verdade, gostava de começar. A novidade me atraía, cursava dois, três períodos, então a coisa enjoava e eu caía fora.

Fazia um bico ou outro de vez em quando, dava aulas particulares, vendia rifas, nada sério. Na verdade vivíamos bem, eu, meu pai e minha mãe. Reclamavam de mim, que não tinha emprego fixo, que não gostava de estudar, que assim não era possível, naquela idade, e sempre apontavam o exemplo do meu irmão.

Era eu que cuidava deles no dia a dia, mantinha a casa em ordem, levava ao médico, carregava as compras, conversava, dava toda a atenção que Augusto não podia dar porque não tinha tempo. Eles entendiam, reclamavam só pra que eu não me perdesse, não virasse um vagabundo, mas reconheciam a minha função naquela casa, embora nunca tenham dito isso abertamente.

Quando eles morreram, Augusto chegou e me disse, no velório, nem esperou meu pai e minha mãe serem enterrados, foi logo dizendo:

“Você fica com o apartamento e vai cuidar da sua vida. Agora não sustento mais a casa. Vai trabalhar, já tem o apartamento, o resto é por sua conta.”

Foi o que fiz, só que não estava dando muito certo e às vezes eu ligava pro Augusto, ia na casa dele, na Barra. Sempre me dava alguma grana.

Meus pais quase não saíam de casa. A única vez que inventaram de fazer uma viagem foi a Aparecida do Norte, na semana santa. Tinham visto na televisão uma reportagem sobre a romaria, o Augusto comprou as passagens, pagou o hotel e as outras despesas da viagem. No meio da estrada houve um acidente, o ônibus bateu numa ponte, caiu no rio, morreram todos.

A vida não tem a mínima lógica, é o que eu sempre digo.

Não tinha nem ideia de onde estava mas achei melhor não pegar o táxi direto, não queria voltar para casa sem saber primeiro o que havia na pasta. Procurei um lugar seguro. Vi um McDonald's na esquina. Entrei e fui ao banheiro. Tinha um cara mijando. Ficou me olhando enviesado. Entrei no reservado, tranquei a porta. Levantei a tampa do vaso sanitário, sentei, abri a pasta.

Vários papéis, fotos, um envelope azul, lacrado. Rasguei a borda do envelope, abri. Contei: mil dólares, dez notas de cem. Nunca tinha visto um dólar tão de perto, nunca tinha segurado um, e agora tinha dez notas de cem dólares na minha mão. Me deu um frio na barriga. Abaixei as calças, com pressa, deixei descer. Líquido puro, uma caganeira danada. Estava me borrando de medo, essa é que era a verdade.

Dei um tempo até me acalmar. Guardei o envelope na pasta, fechei. Peguei o papel higiênico e não sei como consegui formular uma teoria contra os gringos, uma teoria sobre a importância do papel higiênico para a manutenção do império americano.

Os gringos sabem que nos países de terceiro mundo nenhuma lanchonete tem um banheiro que se preze, e que todo cidadão se sente importante quando pode se aliviar à vontade e depois pode ter à mão um bom rolo de papel higiênico, e quando sair vai poder lavar as mãos com sabonete e usar uma toalha de papel, se olhar no espelho, arrumar o cabelo e partir para o inferno da vida um pouco mais leve. Assim os caras podem fazer a porcaria de comida que quiserem. O McDonald's não é a potência que é porque sabe fazer hambúrguer e batata frita mas porque tem bons banheiros, com papel higiênico. Era essa a minha teoria anticapitalista naquele momento em que estava com mil dólares numa pasta.

Saí e peguei um táxi. Mandei seguir até Copacabana. No caminho lembrei que não tinha dinheiro, quer dizer, não tinha um real no bolso. Tantos dólares e sem dinheiro para o táxi. Claro, não ia dar uma verdinha daquelas ao motorista e pedir o troco.

“Mudei de ideia, amigo, me deixa primeiro na Rua do Lavradio, no Centro.”

Desci e andei até a livraria onde o Gordo trabalhava.

“Me empresta vinte reais.”

“Pra quê?”

“Porra, Gordo, pra quê? Estou te pedindo vinte reais, não são mil dólares.”

Ele me deu o dinheiro.

“Estou indo pra casa. Me encontra no Bar Brasil, quando sair daqui. Tenho ótimas notícias, ou péssimas, não sei. Acho que ganhei na loto ou entrei numa roubada.”

Ele balançou a cabeça. Tsktsktsk.

Voltei para o táxi, mandei seguir.

Quando entrei em casa, dei duas voltas na chave. Depois tranquei com a doberman, que eu

nunca usava.

Caminhei com a pasta até a mesa da sala. Abri. Muitos papéis e fotos. Peguei primeiro as fotos. Na primeira um rapaz fazendo careta, o rosto dele ocupava todo o espaço da foto, a careta clássica: as mãos esticando as orelhas, os olhos virados, a língua de fora. Fiquei pensando: é esse palhaço que eu preciso encontrar? Que merda.

Era ele mesmo, só podia ser, porque aparecia em quase todas as fotos. Numa aparecia o coroa, ele e o filho no Maracanã, com a camisa do Flamengo. Sou Botafogo. Ele, a mãe e o pai, à beira da piscina, fazendo churrasco. Ele, a mãe e o pai às margens do Sena, que eu só conhecia de filme. Ele e uma porrada de caras da mesma idade, numa mesa de bar, só homens. Ele e uma garota loura, linda. Depois uma foto da garota sozinha, de biquíni, na praia. Separei esta. Ele pilotando uma lancha, um *close* do seu rosto.

Parei numa foto do pai ao lado de um outro coroa, os dois em pé, de terno e gravata, numa sala cheia de livros, uma biblioteca. Me lembrei das palavras do Montenegro, no carro: algumas pessoas preferiam que ele estivesse morto e bem enterrado. Separei.

O telefone tocou. Deixei cair na secretária. Era o Augusto. Atendi, queria saber como eu estava, conversamos um pouco, banalidades. Procurei evitar o inevitável, um esporro. Não consegui. Só conversava banalidades com meu irmão e ele sempre me dava algum esporro, como se fosse um pai ralhando com o filho rebelde. Eu não era rebelde, mas ele achava que sim. Era um jeito de dizer que me protegia. Gostava muito do meu irmão, apesar de tudo.

Passei o resto da tarde lendo os papéis. Alguns faziam parte do relatório dos dois detetives que o Montenegro contratara. Um trabalho de primeira, opiniões gerais, detalhes, suposições, coisa de profissional. Imaginei Dupin lendo aquilo, o que pensaria. Outros eram cartas do Pedro para os pais, enviadas de Londres, onde o menino estudara inglês, dois anos. E algumas cartas endereçadas a ele, assinadas por uma tal de Kate, cartas apaixonadíssimas, algumas bem picantes. Separei.

Seria a loura da foto? Não dava para saber, imaginei que sim, caso contrário meu cliente não as teria deixado no pacote, junto com a foto da garota. Estranhei não haver na pasta nenhuma linha escrita pelo Montenegro, nem um mísero bilhete introduzindo, dando uma ordem a toda aquela papelada. Tinha que me virar sozinho.

O telefone tocou de novo. Raquel. Não atendi, não dava para conversar banalidades com Raquel e não queria me desconcentrar. Ouvi o recado: queria saber se podia dormir na minha casa. Normalmente ela não perguntava, chegava e pronto, ou ligava avisando que estava indo. Dessa vez parecia mesmo uma consulta. Mas não, não podia, eu teria uma longa noite pela frente.

Quando cheguei ao Bar Brasil, o Gordo já estava no quarto chope. Lia jornal. Pedi uma coca com limão e gelo.

“Tomando coca?”, perguntou, em tom de gozação.

“É pra você.”

Ele entendeu, eu precisava do Gordo lúcido.

“Não consegui chegar mais cedo”, eu disse.

“Sem problemas, fiquei lendo o jornal. Separei isso aqui.”

Ele me estendeu uma folha do *Jornal do Brasil*.

“Não estou a fim”, falei.

Pedi um chope.

“Você anda cada vez mais preguiçoso, André. Deixa que eu leio.”

Leu:

“Há uma série de evidências de que o que chamamos amor é criado por um coquetel de substâncias químicas cerebrais deflagrado pelo condicionamento social”, declarou Cindy Hazan ao jornal inglês *The Sunday Times*.

As substâncias detectáveis nos primeiros estágios do fogo ingênuo da paixão são a dopamina, feniletilamina e oxitocina. Mas mesmo os amantes mais ardentes desenvolvem uma tolerância a seus efeitos, adverte a pesquisadora-chefe, “como um alcólatra torna-se imune à primeira dose de álcool. Sua ação se esvai. Dentro de dois anos, a pessoa volta a um estado mental relaxado”. A excitação e a ânsia de amar se perdem.

“Está ouvindo, André?”

Eu fingia que cochilava.

“Quem escreveu isso?”, perguntei, depois de algum tempo.

“Isso o quê?”

“A matéria.”

“Nelson Franco, um correspondente de Londres.”

“Tem gente que dá sorte na vida. Ganha uma grana preta, viaja o mundo inteiro e só o que tem a fazer é escrever bobagem no jornal.”

“Não seja tão amargo. Vou continuar, presta atenção.”

Continuou a ler:

Neste ponto, acrescenta Cindy Hazan, “os casais se separam ou decidem que sua relação é suficientemente cordial e amigável para ficar juntos. O amor cai na rotina, principalmente quando há filhos envolvidos. Mas a química do amor raramente retorna na relação, mesmo quando o casal tem mais filhos.”

Quem se torna viciado nessas substâncias e na chamada embriaguez da paixão vai em busca de novos amores, como o rei Henrique VIII, da Inglaterra, ou nos viciados em sexo como o roqueiro Mick Jagger ou o ator Michael Douglas.

O estudo indica que os homens se apaixonam mais rápida e facilmente, mas são as mulheres que rompem a maioria das relações. Isto indica que os homens são mais suscetíveis à alquimia do amor. A pesquisa nota ainda que a maioria das pessoas se apaixona numa espécie de contágio, quando sente que a outra pessoa está apaixonada.

“Por causa da intensidade e da racionalidade limitada pela paixão, temos a ilusão de que escolhemos nosso amor”, observa Cindy Hazan. Uma importante psicóloga britânica, Dorothy Rowe, concorda com as conclusões da pesquisa: “O amor é uma espécie de psicose que o ser humano desenvolve quando precisa preencher um vazio na sua vida, como durante a adolescência.”

Ele fechou o jornal.

“Muito obrigado. O que você leu é tudo o que um sujeito querendo casar gostaria de ouvir.”

“Não precisa agradecer, amigo é pra essas coisas.”

Fiquei observando as outras mesas. Um casal no canto, quatro caras na mesa em frente, três mulheres no fundo. Gostava de ficar olhando as pessoas no bar, imaginando a vida de cada uma. Ficava pensando: o que aconteceu com aquele fulano até o momento em que veio parar nessa mesa, com a mulher do lado? E se tivesse acontecido alguma outra coisa num momento qualquer da sua vida, uma mudança na cadeia de fatos que compõem o seu passado, se, por exemplo, um dia em vez de ir trabalhar ele tivesse ficado em casa e isso desencadeasse outras mudanças, de tal modo que ele nunca viesse a conhecer a mulher com quem estava agora?

Fazia isso quando estava sozinho e à toa no bar. Mas no momento precisava tratar de assuntos sérios.

Sem olhar para o Gordo, perguntei:

“É tudo?”

Sabia que ele havia feito alguns cortes no texto, o Gordo sempre fazia cortes quando lia em voz alta alguma notícia de jornal, elaborava uma espécie de edição em que só ficava o que lhe interessava para argumentar a favor das suas teorias.

“Psicose, meu amigo, o amor não passa de uma psicose. Todo romântico, como você, por exemplo, é um psicótico. Não sou eu quem está dizendo, é uma conceituada pesquisadora americana!”

“Grande merda. Desde quando você gosta dos americanos?”

“Não sou um radical, reconheço quando eles estão certos. Acho que você deve tomar cuidado, diz aqui que os homens se apaixonam mais facilmente mas as mulheres é que rompem as relações. Sempre nós, os ingênuos. Toma cuidado, meu amigo, é só o que tenho a dizer, muito cuidado com as mulheres. As mulheres não são nossas amigas, são belas, deliciosas, amáveis às vezes, são imprescindíveis, mas não são nossas amigas.”

Deixei que ele terminasse seu exercício retórico. Depois tirei da bolsa a foto da loura de biquíni e coloquei-a na sua frente.

“Que tal?”

O Gordo fez uma cara de sacana que só os gordos safados sabem fazer.

“É a namorada do filho do meu cliente.”

Ele registrou apenas a última palavra.

“Cliente? Quer dizer que temos um cliente?”

Contei toda a história, tudo o que tinha acontecido comigo naquele dia. O Gordo me ouvia com o olhar atento, não perdia um detalhe. Mostrei as outras fotos. Ele observou uma por uma, cuidadosamente. Demorou mais tempo na foto do Montenegro com o coroa.

Quando acabou de examinar tudo, deu um suspiro, fundo, e disse:

“Isso merece uma costeleta. Afinal de contas, não é todo dia que temos uma história real.”

Chamei o garçom. Ele anotou o pedido.

“Você acha que eu fiz bem em aceitar?”

“Você não tinha escolha. Quando o cara te ligou, você já estava envolvido, aliás estava envolvido desde que ele leu o anúncio no jornal.”

“Ideia brilhante: anúncio no jornal. E com citação de Poe ainda por cima.”

“Desgraça pouca é bobagem.”

A costeleta chegou. O garçom serviu o prato do Gordo.

“Quer dizer que o seu cliente andou xeretando a sua vida antes de procurar você para xeretar a vida dos outros.”

“É.”

“Que maluquice.”

O Gordo colocou um pouco de sal nas batatas.

“Só não entendi uma coisa, por que o fulano, como é o nome dele?”

“Montenegro.”

“Só não entendi por que esse tal de Montenegro foi escolher justo você.”

“Também não entendo. Ele explicou, como te contei, sou jovem, fui um bom filho etc. Mas confesso que estou com medo. O que eu faço?”

“Pergunta errada. Você é um iniciante no ramo, meu amigo, jamais pergunte: o que eu faço?”

Pergunte, por exemplo, o que Sam Spade faria no meu lugar? Essa é a pergunta correta.”

“E o que você acha que Sam Spade faria no meu lugar?”

“Não tenho a mínima ideia.”

“Retiro minha proposta de pagar a conta em troca da sua ajuda. Seus comentários não valem essa droga de costeleta que você está comendo.”

“Errado de novo. A costeleta está ótima.”

Pedi mais um chope. Sabia que o Gordo estava maquinando algo enquanto comia, era apenas uma questão de tempo. Ele acabou de comer, em silêncio, limpou a boca com o guardanapo, deu um gole na coca.

“O que tem de importante nos relatórios?”, perguntou.

“Dos detetives? Bom, os caras andaram investigando todos os lugares que o garoto frequentava: bares, academia, escola, praia. E as pessoas ligadas a ele: amigos, professores, namorada. Era um garoto comum, de família rica, um tipo mauricinho, esportista, lutava jiu-jítsu, voava de asa-delta, jogava futebol, malhava duas horas por dia na academia, geração saúde, você me entende.”

“Entendo”, o Gordo disse, enquanto raspava com um pedaço de pão o molho que restara no prato.

“Morava com os pais?”, perguntou.

“Não, o Montenegro comprou um apartamento pra ele. Estudava num colégio na Gávea. Aluno acima da média, segundo alguns professores. Inteligente, interessado, gostava de ler.”

“Lia o quê?”

“Jornais, biografias, ficção, poesia.”

“Porra, esse cara não existe!”

“Existe, ou existia, pelo menos. Era um geniozinho, além de esportista. O filho que todo pai pediu a Deus.”

“Não generaliza, meu pai não ia querer um filho assim.”

“E tem mais.”

“Mais?”

“Ainda saía à noite. Bebia um ou outro chope de vez em quando, com os amigos.”

“Quer saber de uma coisa?”

“Diga.”

“Esse moleque deve ser um saco!”

O Gordo se irritava quando via alguém muito certinho. Estava acostumado com os gângsteres, mafiosos, assassinos, as prostitutas, todos os marginais dos romances que ele devorava com a mesma avidez com que traçava uma costeleta no Bar Brasil. Não era comum encontrar um cara como o Pedro numa narrativa policial. E se aparecesse, certamente se daria mal no fim.

Continuei:

“Pela leitura das cartas que ele mandou pra mãe...”

“Tudo bem, já tracei o perfil do cara. Deixa eu ler as cartas da namorada.”

Dei a ele as cartas. Leu.

“Garoto de sorte”, concluiu.

Fiquei esperando. Ele pediu um chope. Era assim, alternava chope e coca-cola quando não

queria ficar bêbado.

“Lixo, tudo lixo, esquece essa papelada. Serviu pra conhecer os hábitos do garoto, mas com certeza nenhum dos amigos bobocas dele está envolvido no sumiço, nem a namorada gostosa, que, aliás, você devia investigar pelo simples fato de ela ser gostosa. Toda mulher bonita é uma suspeita em potencial, não se esqueça disso.”

“Não vou esquecer.”

“Só há um caminho por onde começar, meu amigo. O mais óbvio e também o mais arriscado.”

Eu já sabia aonde ele iria chegar.

“É isso mesmo que você está pensando, camarada: o coroa da foto, ao lado do Montenegro. É aí que está a resposta.”

“Tudo bem, podemos começar por aí, Gordo, mas acontece que tem um probleminha, não sei se você percebeu.”

“Qual é o problema?”

“Como é que você acha que eu vou conseguir informações sobre um sujeito que nunca vi na vida, não tenho o nome dele, não sei nem se mora no Rio, talvez nem no Brasil? Posso perguntar diretamente pro Montenegro, mas só daqui a dois dias.”

“Não, você não vai perguntar coisa nenhuma pro Montenegro.”

“Não?”

“Olha, não dá pra saber ainda qual é a desse cliente, pode até ser algum maluco rasgador de dinheiro, mas uma coisa é certa: se ele quisesse te dizer quem é o sujeito da foto, teria deixado escrito. Ele quer que você descubra sozinho, faz parte do jogo.”

“Que jogo?”

“E você pergunta pra mim? Além disso, veja bem, você não pode esperar. O cara te deu mil dólares, não deu? Então ele quer que você vá à luta, e você vai, vai trocar essa grana amanhã bem cedo, amanhã não, hoje mesmo, tem uma loja de câmbio 24horas na Nossa Senhora de Copacabana, e vai torrar esse dinheiro procurando o suspeito.”

“Procurando onde?”

“Você tinha retirado sua proposta, de pagar a conta. Volta atrás?”

“Volto, se você não pedir apfelstrudel.”

“Negativo.”

“Tudo bem, com apfelstrudel. Agora responde: por onde começo?”

“Por onde *nós* começamos. Estamos juntos no caso, que fique bem entendido. Não precisa me pagar nada, meus honorários serão cobrados em cervejas, filés, um ou outro docinho, algumas taças de vinho italiano.”

“E coca-cola. E costeletas.”

“Claro. Agora escuta: vamos sair daqui, trocar o dinheiro e pegar um táxi pro Lamas.”

“Fazer o que no Lamas?”

“O cara da foto vai estar lá, a partir de onze e meia, meia-noite, jantando. Posso até me arriscar a dizer qual será o prato.”

Aquilo parecia cena de Sherlock, o Gordo sabia disso, e sabia que eu acabaria fazendo o papel de Watson. Perguntei:

“Então você conhece o fulano.”

O Gordo sorriu.

“Eu e quase toda a torcida do Flamengo, literalmente. E você, se não fosse tão mal informado, também saberia. Esse cara da foto, abraçado ao Montenegro, todo sorridente, é nada mais nada

menos que o Murilo Chaves.”

Terminou de falar e ficou me olhando. Permaneci estático.

“Não acredito que você não sabe quem é o Murilo Chaves.”

“Não, não sei.”

“Estamos mal, muito mal. Rapaz, Murilo Chaves é o presidente do Flamengo. Do Flamengo você já ouviu falar, não é?”

Eu não tinha a obrigação de saber quem era o babaca do presidente do Flamengo, se nem o do meu time eu sabia quem era, caramba! O Gordo parece que leu meus pensamentos.

“Tudo bem, cartola é tudo a mesma merda, tudo bem, mas esse você devia conhecer, André, tem saído todo dia no jornal, envolvido em corrupção, sonegação do imposto de renda. Ah, esqueci, você não lê jornal.”

Deixei passar.

“E como você sabe que ele vai estar no Lamas justo hoje?”

“Porque hoje é segunda-feira, e segunda-feira, você sabe, bato ponto no Lamas. E, por uma feliz coincidência, o nosso amigo também.”

Eram nove horas. Dava tempo para mais uma rodada de chope. Pedi. Bebemos em silêncio.

Paramos o táxi. Sentei no banco de trás, o Gordo ficou na frente, como sempre. Ele adorava conversar com motorista de táxi, eu não, achava meio chato, superficial, preferia ficar vendo a cidade, as pessoas na rua.

O motorista e o Gordo falaram de trânsito, violência, futebol, mulheres, tudo. Foram matraqueando até chegarmos ao Lamas. O Gordo não precisava conhecer profundamente um assunto para falar dele. Discutia horas sobre mecânica e modelos de carro, por exemplo, e a única coisa que entendia de carro era o pouco que havia lido em revistas. Podia se dar bem na política, se quisesse, ou no Direito. Preferiu ser vendedor de livros.

Enquanto o táxi rodava, eu ia reparando na iluminação da cidade. Toda cidade tem várias faces, mesmo um povoado qualquer enterrado no fim do mundo tem várias faces, e é possível reparar isso pela iluminação que cai sobre as casas, ruas, postes, buracos, calçadas durante as diferentes horas do dia. A iluminação natural, de manhã, de madrugada, à tardinha, ao meio-dia, ou a artificial, à noite.

Era sobre isso que eu teorizava no táxi, e acrescentava para mim mesmo uma particularidade das noites do Rio: você entra numa rua escura e sem mais nem menos a rua vai dar no Largo da Lapa, com aquela amplidão toda, os arcos, as luzes, logo depois outra ruazinha e de repente a imensidão do Aterro do Flamengo.

Costumava anotar mentalmente essas marcas do lugar onde morava. Não me serviam de nada, não iria ganhar dinheiro com isso, mas era um grande prazer perder meu tempo assim.

Quando ainda estávamos rodando pelo Centro, me lembrei de um conto do Rubem Fonseca, a história daquele maluco que ganha na loteria, desiste de ser funcionário da Companhia de Águas e Esgotos e resolve ser escritor, e perambula pelas ruas do Centro colhendo material para escrever um livro, e no sobrado que aluga ensina prostitutas a ler, alfabetiza as prostitutas que toda noite ele leva para lá, paga a elas para aprenderem a ler. Eu gostava muito do Rubem Fonseca, tinha lido todos os livros dele.

Me lembrei do nome do personagem do conto, Augusto, o mesmo nome do meu irmão. Augusto, o meu irmão, nunca gostou muito de ler, só mesmo o mínimo necessário: política, economia, essas coisas. Literatura, nem pensar. Tinha uma biblioteca na casa dele na Barra mas ele mesmo nunca entrava lá. Era uma biblioteca bem bacana, sempre que eu o visitava passava horas ali, xeretando as coleções caríssimas, uns livros de capa dura, bem encadernados, limpíssimos, era abrir um livro daqueles e ver que ninguém o tinha lido, não havia marca nenhuma. Gostava de sentir o cheiro daqueles livros, de passar a tarde lendo, deitado no sofá ou no tapete, a biblioteca no maior silêncio. Devorei dezenas de livros na biblioteca do Augusto, quando era mais novo e meu gosto um pouco mais eclético do que é hoje.

Meu irmão era a única família que eu tinha. Minha cunhada não contava, nem meus sobrinhos, ninguém naquela casa gostava de mim, a não ser o Augusto. Meu irmão tinha batalhado muito, era um lutador, e mesmo sendo um cara que não gostava de ler eu o admirava.

E também sabia da minha importância para ele. Quando era pequeno, ouvia escondido as conversas dele com meus pais, dizia que eu seria alguém na vida, eles iriam ver, eu seria alguém. Ele precisava muito de mim para ele mesmo ser alguém, precisava de mim para poder um dia dizer: eu criei meu irmão mais novo, dei tudo a ele, ensinei tudo o que ele sabe.

Sem se virar, o Gordo me perguntou alguma coisa. Fingi que não tinha ouvido. Não queria conversa, queria ficar sozinho, no escuro do carro, pensando na minha vida.

Chegamos ao Lamas por volta de onze horas. Antes passamos na agência de câmbio e trocamos trezentos dólares. O restante eu tinha deixado em casa, guardado.

O Murilo Chaves já estava lá.

“Chegou mais cedo hoje, o puto”, grunhiu o Gordo. Já pegara antipatia pelo suspeito.

Sentamos numa mesa do canto, meio escondida, mas de onde podíamos observar o homem de frente.

“Dois chopes”, o Gordo pediu.

“Não tem cara de sequestrador”, eu disse.

“E como é cara de sequestrador?”

“Sei lá, mas ele não parece um.”

“Você ainda tem muito o que aprender.”

O Gordo também tinha muito o que aprender, éramos da mesma idade, mas ele tinha mania de se achar mais experiente. Dizia que eu era muito sonhador e por isso vivia me ferrando.

“O Gabeira tem cara de sequestrador?”

“Também não.”

“E já sequestrou o embaixador dos Estados Unidos. É mole, sequestrar o embaixador dos Estados Unidos?”

“É diferente. Não é desse tipo de sequestro que estou falando.”

“Você acha que sequestrador tem que ter cara de bandido, mas nem bandido tem sempre cara de bandido, só em filme.”

Murilo Chaves bebia vinho tinto e lia o jornal. Alguns boêmios têm esse hábito, ir ao Lamas no final da noite ou de madrugada ler o jornal do dia seguinte. Há boa luz e mesas sólidas. É barulhento às vezes mas segunda-feira não é tão cheio.

Ele chamou o garçom. O Gordo me cutucou:

“Vai pedir filé à Oswaldo Aranha.”

Senti fome. Sugeri que pedíssemos um frango à cubana. O Gordo concordou em dividir, já tinha jantado mas não deixaria um amigo na mão.

O restaurante é cheio de espelhos, colocados de tal forma no salão que podemos ver e ser vistos sem mirar diretamente alguém ou sem que alguma pessoa nos intimide com o olhar. Isso cria um clima diferente, uma certa cumplicidade sutil. Enquanto o Gordo fazia o pedido ao garçom, vi pelo espelho que, na mesa ao lado da nossa, uma mulher me observava. Quando a encarei, também pelo espelho, ela baixou os olhos, discretamente.

Algum tempo depois o garçom servia o Murilo Chaves.

“Não te disse, eu não te disse?”, o Gordo repetia, excitado.

Percebi que estávamos ali feito dois idiotas.

“Vem cá, além de ficar adivinhando o cardápio do jantar do Murilo Chaves, o que é que nós viemos fazer aqui?”

Ele se tocou.

“Bom, não deixa de ser um começo. Pelo menos você pode fazer uma leitura do suspeito número um. Diga-me o que comes e te direi quem és, já dizia o filósofo.”

“Qual?”

“Escuta, André, meu plano é o seguinte”, ele disse, como se já tivesse pensado em alguma coisa desde o início. Eu sabia que ele não tinha plano nenhum, iria inventar naquela hora.

“Ficamos aqui conversando, bebendo, comendo, normalmente. Quando o cara sair, pegamos um táxi e o seguimos.”

“Pra quê?”

Ele ficou me olhando, como se eu tivesse dito uma grande besteira.

“Você me decepciona.”

Chegou nosso prato. Jantamos. Pouco depois o Murilo Chaves pediu a conta.

“É agora ou nunca”, o Gordo me disse.

Eu estava cansado, tinha tido um dia estafante, não estava a fim de sair por aí seguindo o presidente do Flamengo. Está certo que tinha um trabalho a fazer, afinal de contas o Montenegro não me dera mil dólares para eu ficar à toa num restaurante na madrugada de segunda-feira, mas o Gordo daria conta do recado, e além disso alguma coisa me dizia que seria melhor ficar, algo interessante parecia estar prestes a acontecer. Pura intuição.

“Vai você”, eu disse, tirando dinheiro da carteira e entregando ao Gordo.

“Tudo bem, você fica me devendo essa. Amanhã te ligo, dando o relatório.”

O Gordo estava adorando aquilo, para ele parecia uma brincadeira diferente, não era ele que estava com a corda no pescoço. Tomei uma decisão: pediria mais um chope, leria um pouco. Se não acontecesse nada de importante nesse tempo eu iria embora. Mas aconteceu.

Depois que o Gordo saiu, pedi o chope, tirei da bolsa um livro que eu tinha lido há alguns anos, um romance do Van Dine, *O crime de inverno*. Carregava aquela edição comigo porque nela foram incluídas as *Vinte regras para escrever histórias policiais*. Nem de longe tinha a intenção de escrever uma história policial mas talvez dali tirasse alguma sugestão, algum caminho que me ajudasse no caso do sumiço do garoto.

Comecei a ler. Na primeira página senti que tinha alguém me olhando. Ergui um pouco os olhos, sem sair da posição em que estava, e percebi quem era: a mulher da mesa ao lado. Ela desviou o

olhar, disfarçou chamando o garçom, pediu uma taça de vinho.

Devia ter uns trinta anos. Os cabelos longos e lisos, negros, contrastavam com a camisa branca, de manga comprida dobrada até o cotovelo, uma camisa masculina, aberta até o terceiro botão. Tinha a pele suave, bem tratada, morena, e grandes olhos negros. Estava sozinha, lendo um livro. Fora uma rápida troca de olhares, segundos apenas, mas aquilo me deu uma tal queimação por dentro que precisei urgente de uma bebida mais forte. Pedi um conhaque.

Li:

O culpado deve ser encontrado mediante deduções lógicas e não por acidente, coincidência ou confissão, à qual não tenha sido levado forçosamente. Solucionar um problema criminal desse modo é como mandar deliberadamente o leitor a uma empreitada inútil e dizer-lhe, então, após seu fracasso, que por todo tempo tínhamos o objetivo escondido na manga do paletó. O autor, assim, não passa de um brincalhão.

O Van Dine não deve ter escrito uma palavra dessas: “brincalhão”, o tradutor deve ter amenizado a coisa. “Sacana”, ele deve ter escrito, em inglês “O autor, assim, não passa de um sacana.”

Entornei o conhaque. Pedi outro, e mais um chope. Levantei os olhos, eu e a morena trocamos olhares.

Li:

A novela de detetives precisa ter um detetive e esse não o será a menos que detecte alguma coisa. Sua função é juntar as pistas que venham mais tarde a indicar a pessoa que fez a sujeira, logo no primeiro capítulo; e se o detetive não chegar às suas conclusões mediante análise dessas coisas, não terá solucionado o problema, assim como o escolar que apanha as respostas já prontas, em outra página do livro.

Começava a achar engraçadas as regras idiotas do Van Dine. Na verdade, achava graça de mim mesmo, nunca imaginei passar para o outro lado e era isso que estava acontecendo agora. Tinha deixado de ser leitor de histórias de detetive para virar o próprio. E detetives, dizia o Van Dine, *detectam*. Eu lera numa revista que “tec” é uma raiz grega que significa “cobrir”, daí detectar: descobrir, e daí detetive, aquele que detecta. Eu era um detetive agora, mas até o momento não havia detectado porra nenhuma.

Bebi o conhaque. Já me sentia melhor. Novos olhares. Era linda.

Enquanto matava o chope, li mais uma regra, a número dez:

O culpado deverá ser uma pessoa que desempenhou papel mais ou menos destacado no entrecho – isto é, a pessoa com quem o leitor se familiarizou e pela qual se interessa. Se um autor atribuir o crime, no capítulo de encerramento, a alguém desconhecido ou a alguém que tenha desempenhado papel de todo destituído de importância na história, estará admitindo sua incapacidade de travar torneio intelectual com o leitor.

Eu estava me lixando para torneio intelectual, o único torneio que me interessava disputar no momento era com a mulher do espelho, que de tempos em tempos me olhava. Estávamos empatados, no momento, mas eu temia perder a partida, como sempre.

Já tinha bebido três conhaques e vários chopos. Hesitava entre continuar a ler e continuar a olhar. Tentei fazer um pouco de cada. Inventei um método: abaixaria os olhos, leria três regras do

Van Dine, depois olharia para a mulher. Faltavam dez regras, o que equivalia a três olhares, sobrando uma regra no final. Esta última eu leria já me preparando para tomar alguma atitude. Sim, porque no final precisava tomar alguma atitude. Li três regras, olhei. Ela retribuiu o olhar e sorriu, pela primeira vez.

Outro conhaque. Outro chope.

Vamos lá, eu disse a mim mesmo, mais três regras. A droga é que daquele jeito não conseguia me concentrar na leitura, acabava tendo que ler a mesma linha umas dez vezes e aquela situação incômoda já começava a me irritar. Li mais três regras, olhei, ela não retribuiu. Passei às regras dezessete, dezoito e dezenove. Olhei, o garçom parou na minha frente. Quando saiu, olhei de novo, ela estava com os olhos no livro, concentrada. O que estaria lendo?

Isso não vai dar em nada, pensei comigo. Já disse que não dava sorte com as mulheres e se uma morena daquelas me olhava devia ser porque estava me achando esquisito. Talvez eu tivesse abotoado a camisa errado, ou o meu cabelo estivesse engraçado, lembrei que tinha esquecido de me olhar no espelho antes de sair do Bar Brasil.

Na regra número vinte as letras começaram a se embaralhar, sinal de que já bebera um pouco além do limite para se ler um livro. Precisava tomar uma atitude.

Banheiro, decidi, vou ao banheiro. Levantei, fui andando por entre as mesas, com cuidado para não parecer tonto e por isso mesmo parecendo mais tonto do que estava, como acontece sempre que se quer disfarçar a tontura.

Ao passar pela mesa da mulher nos encaramos, olhos nos olhos, profundamente. Aquilo deve ter durado segundos mas pareceu meia hora.

Fui ao banheiro. Na volta ela não estava mais lá, só o dinheiro da conta sob um cinzeiro. Voltei à minha mesa.

Havia um cartão. Li: Mariana Paranhos, detetive particular.

Matei o chope, pedi a conta. Fiquei olhando o cartão, sem entender direito o que estava acontecendo.

Definitivamente, aquele tinha sido um dia cheio. Melhor ir para casa, pensei.

Acordei com os gritos da vizinha. Meio-dia.

Dona Cármen de namorado novo, deduzi. Dona Cármen, minha vizinha, era viúva, tinha quarenta anos e um corpo monumental. Enquanto o marido estava vivo, dona Cármen era uma mulher comum, sem nada de especial, caseira, recatada, católica praticante, uma esposa respeitável como tantas outras. O casal era muito amigo dos meus pais, apesar da diferença de idade. Cansei de ver dona Cármen sentada no sofá da sala, muito tímida, quase não falava, me lembro dela levando aos lábios a xícara de chá num gesto elegante, o chá de maçã que minha mãe fazia.

Eu tinha catorze anos e ficava delirando com as curvas de dona Cármen, realçadas pelos vestidos. Não tinham nada de mais aqueles vestidos, eram até muito sóbrios, na cor, no talhe, mas eram um pouco justos para uma senhora tão recatada e nunca precisei de muita coisa para inventar minhas fantasias, de modo que aqueles vestidos me pareciam feitos apenas com o secreto objetivo de me provocar, como se eu pudesse significar alguma coisa na vida daquela mulher.

Delirava quando ela cruzava as pernas, deixando ver as canelas, tão lisas, e o joelho delicado, ou quando, sentada no sofá, curvava-se um pouco tentando alcançar um bolinho sobre a mesa de centro e eu via pelo decote o colo moreno e o início dos seios fartos, cujo desenho final eu traçava nos meus sonhos, sozinho no colchonete na sala, antes de dormir.

Quando o marido morreu, ela sofreu muito. Chorou dois dias seguidos. Ninguém, nada conseguia consolar a viúva. No terceiro dia, arrumou as malas, trancou o apartamento e sumiu. Não se ouviu falar mais de dona Cármen. Diziam que tinha mudado para a Europa.

Um ano depois eu a vi no corredor, chegando de viagem. Estava alegre, ria muito, a pele bronzeada, um vestido estampado, curto. Trazia várias malas e um garotão a tiracolo. Sorriu ao me ver, me deu um beijo, apresentou o cara.

“Meu namorado.”

Desse dia em diante, dona Cármen teve uns quinhentos namorados. Garoto, velho, homem casado. Mas só se encontrava com seus homens no período que ia das seis horas da tarde até as doze horas do dia seguinte. De meio-dia às seis dona Cármen era professora de catecismo na igreja perto de casa. Uma das mais atuantes da igreja. Passava as tardes dando aulas de catecismo, rezando, recolhendo donativos, visitando instituições de caridade.

Durante algum tempo, as pessoas não ficaram sabendo da vida dupla de dona Cármen. Depois todo mundo soube. De tarde professora de catecismo, de noite uma fera na cama. Andaram dizendo que tinha virado mulher de programa. Nada contra. O problema era a gritaria.

Eu precisava dormir muito no dia seguinte às minhas saídas noturnas. Precisava acordar pelo menos às duas da tarde. Quando era obrigado a acordar antes das duas, passava o dia de péssimo humor. Aquele seria um dia assim. De qualquer forma, mesmo que quisesse não poderia continuar dormindo, ou tentando, tinha bastante coisa a fazer.

A primeira seria sair e comprar um presente para Raquel. Não tinha acontecido nada na noite

anterior mas me sentia culpado. Liguei a secretária. Três recados do Gordo. Tomei uma ducha, me vesti. Abri a carteira e lá estava o cartão, com um número de telefone. Eu não tinha sonhado, havia mesmo um cartão.

Desci. Parei na padaria. Pedi um pão com manteiga na chapa, café e suco de laranja. Quando dei a primeira mordida no pão, alguém bateu nas minhas costas:

“A noite foi boa!”

O Augusto era a última pessoa que eu queria encontrar àquela hora. Não disfarcei o mau humor.

“Quem me dera, tomar café da manhã às duas da tarde.”

Ainda não eram duas horas e ele sabia disso. Não respondi.

Sentou no banco ao lado do meu, pediu água mineral.

“Precisamos conversar.”

Fiquei esperando.

“Me ligaram ontem da clínica do doutor Epifânio de Moraes Netto.”

“Por que você não chama o cara só de doutor Epifânio?”, perguntei, enquanto engolia um pedaço de pão.

“Disseram que você não apareceu mais lá.”

“É um embromador, o puto.”

“Ah, é um embromador. PhD em Filosofia, quinze livros publicados, mais de quatro milhões de exemplares vendidos, traduzido em várias línguas e você me diz que ele é um embromador. E você é o quê?”

Um detetive com quase mil dólares no bolso, eu queria ter dito.

“Não preciso mais dele. Parei de ler.”

Ele riu. Eu ri também. Era engraçado, tinha falado parei de ler como as pessoas dizem: parei de fumar.

“Não tem graça, André”, ele disse, ficando sério de repente, “você precisa dar um rumo na sua vida.”

Eu já tinha dado um rumo na minha vida, só não sabia onde é que ele ia dar.

“Te arranjei um emprego.”

Me engasguei. Voou suco de laranja para todo lado.

“Merda”, eu disse, tentando limpar o balcão com um guardanapo, enquanto ganhava tempo. Minha camisa estava toda molhada.

“Vou ter que subir, trocar de roupa.”

“Aproveita e veste uma camisa social. E uma calça nova. Você tem sapato?”

Eu tinha, mas disse que não.

“Vamos comprar agora, sapato e umas roupas novas também. Não vai me aparecer no escritório do Guimarães vestido desse jeito.”

“Quem é Guimarães?”

“Seu novo patrão. Você vai gostar dele.”

“Merda!”, repeti, com mais ênfase.

“Impressionante, André, impressionante como uma pessoa como você, que lê tanto, fala tanto palavrão.”

Ele não sabia as coisas que eu lia.

“Vai trocar essa camisa. Te espero aqui embaixo. Não demora.”

Subi. No elevador fui pensando num jeito de sair daquela encrenca, o Augusto jogava duro, marcação cerrada. Eu não podia dizer que já tinha um emprego: detetive particular. Era esporro na certa. E também não queria ver meu irmão envolvido nessa história, poderia ser perigoso para ele. Por um instante me senti muito nobre.

Troquei a camisa. Vamos ver o que ele tem a me dizer, depois seja lá o que Deus quiser, falei comigo mesmo, enquanto pegava o elevador de volta ao térreo.

Entramos no carro. O Augusto fechou os vidros, ligou o ar-condicionado, colocou um CD. Queria me impressionar.

“Gosta?”, ele me perguntou.

Era João Gilberto.

“Muito.”

“Que bom.”

Não entendi. O Augusto não era dessas gentilezas, estava me aprontando alguma.

“Acho que dessa vez você vai parar no emprego, tenho certeza.”

Eu não estava a fim de brincar de detetive com o Augusto, era só o que me faltava.

“O que tem a ver o cu com as calças?”

“Sem baixaria, André, sem baixaria no meu carro.”

Ele estava começando a ficar bravo de novo. Melhor, acabava logo com aquilo.

“É o seguinte: o Guimarães é um cliente do banco. Acabei de aprovar um empréstimo no nome dele. O Guimarães não queria mais ser empregado de ninguém, então entrou com o pedido de empréstimo, apresentou toda a documentação, é um sujeito honesto, trabalhador. Com o dinheiro ele abriu um negócio, uma gravadora. Agora o Guimarães vai precisar de pessoas que trabalhem pra ele.”

Eu era uma dessas pessoas, claro.

“Indiquei seu nome. Ele aceitou, mas você não pode fazer besteira, entendeu? Você vai ser responsável pela triagem.”

“Que porra é essa?”

Ele mudou a marcha do carro num gesto brusco, com raiva.

“Vou te dar um dicionário. Você vai ver que a língua portuguesa, apesar do que você pensa, tem várias palavras além de porra e merda.”

Ele tinha razão, apesar de não entender porra nenhuma da língua portuguesa.

“O Guimarães vai te explicar tudo, amanhã às nove da manhã, quando você for conversar com ele.”

Entendi que a conversa tinha acabado. O Augusto me arrumara um emprego, era tudo. Ele entrou num shopping, estacionou o carro. Iríamos comprar calças, camisas, sapatos. Meu irmão, mais uma vez, iria desempenhar o seu papel.

Antes de descer do carro, ele se virou e colocou a mão no meu ombro:

“Eu só quero o seu bem, André. Você sabe disso, não sabe?”

Fiquei calado, olhando meu irmão. “Pra que discutir com madame...”, o João Gilberto cantava no carro do Augusto.

Duas horas depois, ele me deixou em casa. De certa forma, não tinha sido perda de tempo. Não podia bater de frente com meu irmão, não só porque gostava dele mas também porque poderia precisar do Augusto se a situação ficasse ruim para o meu lado. Ainda não sabia direito como encarar minha nova vida de detetive às voltas com gente cheia de grana. Subi com as compras. Conferi a secretária: nenhum recado novo. Liguei para o Gordo.

“Apareceu a margarida.”

Fui direto ao assunto:

“O que aconteceu ontem?”

“Não dá pra falar por telefone. Daqui a pouco saio pro lanche, me encontra lá.”

O Gordo tinha horário de lanche. Todos os dias, às quatro e meia da tarde, lanchava na Pastelaria do Chinês, na Rua do Lavradio. Aquilo era sagrado. A livraria podia estar entupida de clientes, o dono podia estar tendo um ataque epilético, o teto podia estar desabando, nada disso impedia o Gordo de sair pontualmente às quatro e meia. No início eram quinze minutos, depois passou a vinte. Ganhava pouco, trabalhava muito, mas não pedia aumento, gostava de estar rodeado de livros e de ter suas pequenas regalias, como nunca sair depois das seis ou ter todo dia os seus vinte minutos de lanche no Chinês.

Peguei um táxi. Cheguei junto com o Gordo. Sentamos numa mesa no fundo.

“E então?”, perguntei.

“Vai de quê?”

“Um pastel de queijo e uma coca.”

“Você devia parar de tomar refrigerante.”

Ele fez o pedido ao português. O dono da Pastelaria do Chinês é um português. O dono do Bar Brasil é brasileiro mas a especialidade da casa é comida alemã. Tudo trocado.

“Está preparado para uma revelação bombástica?”, o Gordo falou, depois de pedir um pastel chinês de frango com azeitonas pretas e um caldo de cana.

“Desde ontem à tarde que estou preparado pra tudo, nada me espanta.”

“Então escuta. Quando saí, o Clóvis estava no carro, esperando passageiro. Dei sorte.”

Clóvis era um amigo do Gordo. Era motorista de táxi e fazia ponto em frente ao Lamas. Não gostei, já começava a aparecer gente demais na história. O Gordo respondeu que não tinha problema, o Clóvis era discreto, não ia pisar na bola.

“Falei pro Clóvis: siga aquele carro.”

“Você falou isso? Siga aquele carro, assim mesmo?”

“Pior é que o Clóvis nem titubeou, foi logo acelerando.”

“A que ponto chegamos.”

“O cara pegou a praia de Botafogo, subiu o viaduto, atravessou o túnel, foi até o final da Delfim Moreira, subiu a Niemeyer, seguiu pra Barra. Entrou num condomínio de luxo, na Avenida das Américas. Anotei o número do condomínio. Mandei o Clóvis estacionar e me esperar no carro. Desci e fui até a portaria. Apertei o interfone, o porteiro atendeu. Boa-noite, amigo, queria falar com o doutor Murilo Chaves, ele está?, eu perguntei. Qual o seu nome?, ele perguntou de volta. Fala que é um amigo dele. O porteiro disse que só podia chamar se eu falasse o meu nome. Tudo bem, mudei de ideia, amanhã eu ligo, respondi. Não queria falar com o sujeito, só precisava confirmar se ele morava ali. Entrei no carro e esperei. Do carro percebi que o porteiro estava me observando, desconfiado. Pedi pro Clóvis parar mais adiante, fora da vista do porteiro.”

O português chegou com o lanche. Dei uma mordida na pontinha do pastel, para deixar sair o vapor quente. Deixei o pastel no prato, esfriando, eu gostava de pastel meio morno, quase frio. O Gordo odiava quando eu fazia isso. Sacrilégio, ele dizia.

“Meia hora depois o Murilo Chaves saiu de novo, noutra carro. Só percebi que era ele porque passou bem perto da gente e pude reconhecer o safado. Mandei o Clóvis seguir. O cara voltou pra Zona Sul, estacionou em frente à Le Boy.”

“Le Boy? Aquela boate gay?”

“É isso aí, meu amigo, mas não acabou. Mandei o Clóvis esperar. Pra ele não pegar no sono, fui até uma banca 24 horas ali perto e comprei uma revista de sacanagem. Não conta pra ninguém, André, mas o Clóvis é ligado numa revista de sacanagem.”

Para quem eu iria contar? Mal conhecia o Clóvis.

“Comprei outra pra mim, que também não sou de ferro. Ficamos ali até as três da manhã, vendo revista de sacanagem. Às três o coroa saiu, acompanhado de um negão, jovem, musculoso, rato de academia, calça preta justa, de couro, um colete preto, aberto, sem camisa por baixo. Garoto de programa, não tinha dúvida. Mandei o Clóvis seguir. Voltaram pra Barra. Entraram no Mayflower.”

“O que é isso? Motel?”

“Não, sorveteria. Claro que é motel.”

“Não conheço.”

“Fica na Estrada da Barra. Achei inclusive que o cara estava dando mole, poderia ter escolhido um motel mais discreto, mas foi lá que ele entrou, no Mayflower. O Clóvis me perguntou: agora vamos embora, certo? O coitado estava caindo de sono. Ele não costuma trabalhar até tarde, naquela noite já estava no final do expediente, só me levou porque eu disse que era importante e pagaria em dobro. Quer dizer, você já tem alguns dólares a menos.”

O Gordo se recostou na cadeira e deu um gole no caldo de cana. O pastel chinês já tinha sido devidamente devorado enquanto ele falava. Ficou esperando meu comentário.

“Já acabou?”

“Como assim?”

“E a revelação bombástica?”

“E a revelação bombástica? Você ainda pergunta? Acabo de dizer: o presidente do Flamengo é gay!”

O Gordo era vascaíno, doente.

Fiz uma cara de desânimo. Aquilo ia mal.

“Gordo, acho que você não entendeu bem o espírito da coisa. Um desconhecido me dá uma grana alta pra eu começar a procurar o filho dele. Temos um suspeito: Murilo Chaves. Você segue o indivíduo e a única coisa que descobre é que o cara é gay?”

“André, meu camarada, você é que não está entendendo. Já pensou a manchete? Murilo Chaves, presidente do Flamengo, é flagrado saindo de boate gay com um garoto de programa! Com aquela pose toda de homem sério, bom marido, bom pai, quatro filhos o safado tem, você sabia? E gosta mesmo é de um negão. André, escuta de novo, o presidente do Flamengo é bicha, boiola, viado. Alcançou?”

“Não alcancei nada. O máximo que você consegue com isso é sacanear flamenguista.”

“E você acha pouco?”

Eu precisava de um novo assistente, com urgência.

“Tudo bem, foi uma piada. Você anda perdendo o senso de humor.”

Senti que era verdade, estava ficando velho.

“O meu plano é o seguinte. Vamos supor que o Murilo Chaves esteja envolvido no sequestro do filho do nosso cliente. O cara já anda com o filme meio queimado com essa história de sonegação de imposto de renda, mas você sabe como são as coisas por aqui, basta despontar um outro escândalo que a imprensa esquece o Murilo Chaves. Mas nós não podemos deixar que isso aconteça, concorda?”

“Não podemos por quê?”

“Elementar, meu caro. Você conhece jornalista, é um tipo de gente que vive de escândalo, de descobrir os podres de pessoas importantes. Enquanto o Murilo Chaves estiver na mídia, vai estar assim de jornalista querendo descobrir outras falcatruas dele, ao passo que, se ele sumir, se esquecerem que ele existe, o canalha vai poder continuar aprontando.”

Eu já tinha entendido. Ele completou o raciocínio:

“Precisamos manter o Murilo Chaves nas manchetes. Assim a imprensa vai acabar trabalhando pra gente, entendeu? Se o puto tiver culpa no cartório, se tiver alguma coisa a ver com o sequestro, algum jornalista fuinha, desses obcecados, vai descobrir e o caso está resolvido.”

Esse era o Gordo que eu conhecia.

“Muito bom”, eu disse, apertando a mão dele por sobre a mesa.

“Agora só falta a última parte do plano.”

“Qual?”

“Dar um flagrante no pústula.”

“Pústula.”

“É. Combino com o Clóvis. Arranjo, aliás, você me arranja uma máquina fotográfica. Dou o flagrante. Depois é só mandar pra todos os jornais.”

Não seria o suficiente para resolver o caso, imaginei, mas não deixava de ser uma estratégia. Pelo menos eu teria alguma coisa a dizer ao meu cliente quando ele ligasse. Já começava a me sentir mais calmo.

“Está na minha hora”, o Gordo falou, se levantando, “arranja uma câmera decente. Não me venha com porcaria, não sei trabalhar com material de segunda.”

O Gordo já se sentia o próprio detetive.

“Vou arranjar sim.”

“E depois que eu saí, você fez o quê?”, ele perguntou.

“Li.”

“Vida boa.”

Eu não queria contar sobre a mulher do cartão ali na Pastelaria do Chinês, não daria tempo. Paguei a conta. Combinamos de nos falar de noite, por telefone.

“Só mais uma coisa”, ele disse.

“O que é?”

“Tudo isso tem que estar nos jornais antes de domingo, combinado?”

Domingo tinha jogo no Maracanã. Flamengo e Vasco.

Procuerei um telefone. Teclei o número escrito no cartão. Atendeu uma voz de mulher, pedi para falar com Mariana Paranhos. Era a própria.

“Você é a garota do Lamas?”

Eu sabia que era, mas precisava ter certeza.

“E você é o André, detetive particular em começo de carreira.”

Incrível como tanta gente sabia da minha vida.

Marcamos de nos encontrar em uma hora no bar Hipódromo, no Baixo Gávea. Era meio contramão, seria mais prático ali no Centro mesmo, onde eu já estava e onde ficava o escritório dela, mas precisava dar uma checada no Hipódromo. Fora ali que o Pedro tinha sido visto pela última vez.

Chamei um táxi. Agora eu só andava de táxi. Sentei no banco de trás. Tentei organizar os fatos na minha cabeça. Estava indo me encontrar com uma mulher bonita, atraente, que me dera bola uma noite num outro bar. Apesar disso, não era a expectativa de viver uma aventura amorosa o que me guiava ao encontro. No fundo precisava conhecer melhor Mariana Paranhos para entender, pelo menos, o que ela fazia no Lamas justo naquela noite. Não me parecia coincidência. Queria saber também como ela descobrira meu nome e minha nova profissão.

Cheguei rápido, o trânsito estava fluindo bem. Pedi uma mesa estratégica, na calçada. Da minha mesa podia observar as pessoas que entravam e saíam. Costumava ir ali, antigamente, quando comecei o curso de Direito na PUC. Naquela época dois inimigos mortais travavam combate dentro de mim: de um lado a sala de aula, com alguns senhores de terno e gravata se alternando no papel de professor, de outro o burburinho dos bares perto da faculdade. Era uma concorrência desleal, reconheço hoje.

Chamei o garçom, pedi um chope. Eram pouco mais de seis horas da tarde e o bar começava a encher. Se ainda for como na minha época, pensei comigo, deve lotar de agora até umas oito, oito e meia, depois se esvaziar de uma vez e começar a encher de novo lá pelas dez. Eram os ciclos do lugar, o revezamento de turno dos frequentadores.

Discretamente mostrei ao garçom a foto do Pedro com alguns amigos. Perguntei se conhecia alguém. Todos. Eram fregueses da casa, ele informou, mas andavam sumidos nos últimos dias.

“Esse aqui, quando foi que você o viu pela última vez?”

O garçom perguntou se eu era da polícia. Respondi que não, era detetive particular, estava trabalhando para o pai do garoto. Mostrei minha carteirinha. Era a primeira vez que eu fazia isso, senti algo estranho, como se não fosse eu que estivesse ali.

“Esse é o Pedro, bom menino. Aconteceu alguma coisa com ele?”

“Aconteceu. Está desaparecido.”

O garçom ficou mudo.

“Se souber de alguma coisa me liga”, pedi, dando a ele o meu cartão.

Perguntei pelo proprietário. Não estava, talvez nem viesse hoje. Eu poderia falar com o gerente, se quisesse. Ele me indicou um senhor na parte de dentro do bar, encostado ao balcão, conferindo alguns papéis. Agradei.

Fui até o gerente. Repeti as mesmas perguntas. Conhecia bem o Pedro, muito educado, atencioso com os garçons. Também já trocara algumas palavras com o pai, doutor Montenegro, um contato superficial. Doutor Montenegro almoçava lá, de vez em quando. Quanto aos meninos, não tinha reparado nada de estranho da última vez em que estiveram ali. Na verdade, nem se lembrava direito de quando tinha sido mas se tivesse ocorrido algo fora do comum ele se lembraria. Estava penalizado com o desaparecimento do Pedro. Sim, entraria em contato se descobrisse alguma pista.

Voltei para a mesa. Abri um livro, comecei a ler. Não tinha sido a atitude mais apropriada, dali a pouco minha convidada chegaria e eu odiava interromper minhas leituras, fosse pelo que fosse. Mas também não tinha nada a fazer enquanto ela não chegasse. Acabei não resistindo, mergulhei nas primeiras páginas do romance e me esqueci do mundo.

Levei um susto quando ouvi uma voz dizendo:

“Rex Stout, leitura bem apropriada.”

Era Mariana.

“Para um detetive”, ela completou a frase, com um sorriso que não pude definir se de cumplicidade ou de ironia.

“Há quanto tempo você está aqui?”, perguntei, ainda surpreso.

Enquanto estava lendo, Mariana Paranhos tinha simplesmente se sentado à minha mesa e eu não percebera. Agora estava ali, as pernas cruzadas, a menos de um metro de distância.

Vestia uma blusa de cetim sem mangas, de alças, branca, contrastando com sua pele queimada de sol, e uma saia justa. Os cabelos presos num coque improvisado.

“Não se preocupe, acabei de chegar. Seu caso não é tão grave assim. Posso ver?”

“Claro”, eu disse, lhe entregando o livro.

Era um romance do Rex Stout: *Ser canalha*.

“Bom?”, ela perguntou.

“Creio que sim.”

“*Ser canalha*”, ela leu em voz alta o título. Não sei por que, tive a impressão de que ela se referia a mim, embora não tivesse motivos, ainda.

“Bebe alguma coisa?”, perguntei.

Ela hesitou por alguns segundos. Mordeu o lábio inferior, levemente, num gesto natural, como se fosse uma menina diante de uma vitrine de sorvetes.

“Vou acompanhar você. Um chope”, ela disse, sorrindo.

Pedi ao garçom.

Ela mantinha o livro aberto. Voltou a ficar séria, cara de adulta. Leu a epígrafe:

“Preciso registrar”, deu uma pausa, um rápido olhar na minha direção, depois de novo o livro, “que se pode sorrir e, sorrindo, ser canalha. Hamlet, ato I, cena 5.”

Fechou o livro. Colocou-o sobre a mesa.

Virou o rosto na minha direção, os grandes olhos negros, irresistíveis. Se eu não agisse

rapidamente, estaria perdido.

“Primeira pergunta”, disparei, “como você sabia meu nome, e o meu trabalho?”

“E que é um iniciante.”

“Exato.”

“Não há mistério algum. Estava na mesa ao lado da sua, lembra?”

Como poderia esquecer?

“O restaurante não estava cheio”, ela continuou, “dava pra ouvir a conversa de um vizinho de mesa. Além disso, vocês não estavam exatamente cochichando.”

Era verdade. O Gordo aumentava o volume da voz quando bebia, e eu acabava aumentando também. Ela ouviu tudo o que conversamos naquela noite.

“Bom, então você sabe também o que fomos fazer ali.”

“Sei. O mesmo que eu.”

“Hem?”

“Também estou investigando o Murilo Chaves.”

Eu não podia acreditar.

Ficamos em silêncio, enquanto o garçom nos servia os chopos.

“Não é possível. Dois detetives investigando o mesmo sujeito, na mesma hora, no mesmo restaurante, em mesas vizinhas?”

“Não é *provável*, você está querendo dizer. Improvável é diferente de impossível. O mundo está cheio de casos assim.”

Eu ia retrucar, dizer alguma coisa mas uma outra mulher, passando por nossa mesa, atrás da cadeira de Mariana, desviou minha atenção. Era uma adolescente, loura. Não pude reparar nos detalhes mas tive a impressão de ser a namorada do Pedro. Seria sorte demais. Ela sentou numa mesa do outro lado do bar, com um cara mais velho.

Mariana seguiu a direção do meu olhar.

“Nabokov tinha razão”, ela disse.

Fiquei vermelho. Eu já tinha lido *Lolita*. Não estava mais na idade de ficar vermelho na frente de uma mulher mas aconteceu.

“Não é o que você está pensando.”

“Não estou pensando nada.”

“Essa garota é, acho que é, a namorada do filho de um cliente.”

“Que cliente?”

“Doutor Montenegro, um empresário. O filho dele desapareceu, há três semanas. Ele quer que eu encontre o menino.”

“Interessante. Conta mais.”

Pedi outro chope. Ela me acompanhou.

Mariana me inspirava confiança, entre outras coisas. Sabia que não devia ficar contando toda a minha história, era arriscado, mas quando me dei conta, alguns petiscos e rodadas de chope depois, ela já sabia quase tudo não só sobre o caso mas também sobre a minha vida. Se continuasse assim não iria muito longe na profissão.

Só uma coisa eu não havia contado: a preferência sexual de Murilo Chaves. Aquela informação seria o meu trunfo, como constatei mais tarde.

“Acho que vamos nos dar muito bem”, ela disse, quando concluí meu relato.

Havia uma dose de malícia na sua voz. Em nenhum momento da noite Mariana foi explícita, sabia manter certa ambiguidade, entre o profissional e o íntimo, num jogo de sedução capaz de envolver o mais gélido dos homens. Eu já começava a me render.

Numa última tentativa de escapar, voltei a falar de trabalho:

“Há quanto tempo você está investigando o Murilo Chaves?”

“Há exatamente dois dias. Eu o vi pela primeira vez ontem. Só o conhecia de fotos.”

“Então sabe pouco sobre ele.”

“Quase nada, mas já deu pra perceber que não é flor que se cheire.”

“Como é que você sabe?”

“Intuição feminina.”

“Só isso?”

Eu tentava tirar alguma informação. Mariana certamente sabia mais do que queria demonstrar, não era uma iniciante.

“Tem mais uma coisa.”

“Diga.”

“Quando alguém me contrata pra esse tipo de caso, é porque existe realmente um culpado, e não é o cliente.”

“Que tipo de caso?”

“Adultério.”

“Quem te contratou?”

“Quem você acha que poderia ser? A esposa dele, é claro.”

Eu não estava acreditando, aquilo era muito bom.

“De fato, tenho certeza de que vamos nos dar bem”, eu disse, retribuindo o tom malicioso.

“Vamos lá, meu adorável detetive, o que você tem pra me dizer?”

“Deixa ver se entendi direito. A esposa do Murilo Chaves desconfia que ele tem outra mulher e contratou você pra dar o flagrante.”

“Isso.”

“E você vai precisar fotografar os dois, lógico.”

“Sim, vou. Sem fotos não há como provar nada.”

“Pois seu caso já está encerrado, doutora. Eu sei como conseguir o flagrante.”

“Como?”

“Ainda não posso dizer. Primeiro precisamos fazer um acordo.”

Ela aproximou o rosto do meu, bem perto, fingindo que estávamos discutindo o assunto mais secreto do mundo. Senti seu perfume. Deu ao rosto uma expressão séria, arqueou as sobrancelhas, olhou para os lados, imitando uma espiã de filme.

“Pode dizer, camarada André.”

Eu ri. Ela segurou o disfarce por mais alguns segundos, depois se recostou novamente. Chamou o garçom. Pediu água mineral e um copo com limão e gelo.

“Posso lhe dar uma informação que você não tem.”

“E em troca...”

“Em troca você me empresta uma coisa que eu não tenho.”

“E o que seria?”

“Uma boa máquina fotográfica.”

“Só isso? Negócio fechado.”

Não seria só aquilo. Com o dinheiro que me sobrara poderia comprar tranquilamente uma máquina fotográfica. Eu queria um pouco mais: saber até onde Mariana sabia sobre Murilo Chaves, e me pareceu que uma troca de favores seria um bom caminho para aumentar nossa intimidade. Também sabia aonde é que tal intimidade poderia me levar.

“Murilo Chaves não tem outra mulher”, eu disse.

“Não?”

“Não. Isso não quer dizer que seja fiel.”

Ela me olhou, intrigada.

“Murilo Chaves não gosta de mulheres.”

“Quer dizer que...”

“Quer dizer que Murilo Chaves é homossexual. Gosta de homem.”

Ela respirou fundo. Roubou um gole do meu chope.

“E como foi que você descobriu?”

Contei o que faltava, a história que o Gordo havia me contado.

“Nós também, eu e o meu amigo, queremos dar um flagrante no Murilo Chaves. E tem que ser rápido.”

“Por quê?”

“Porque domingo tem Flamengo e Vasco, e o Gordo é vascaíno.”

“Ah, sim, um belo motivo, sem dúvida.”

Rimos novamente. Estávamos rindo demais para quem acabara de se conhecer. Estava adorando aquilo mas precisava trabalhar. Do outro lado do bar vi a loura se levantando. Talvez fosse ao banheiro. Era a minha chance de falar com ela sem a presença do acompanhante.

“Com licença, volto já.”

Caminhei até a garota. Ela entrou no banheiro. Esperei que saísse.

“Preciso muito falar com você”, eu disse, parando na frente dela.

Ela quis se desvencilhar, devia receber umas quinhentas cantadas como aquela toda noite. Fui mais rápido:

“É sobre o Pedro.”

Ela ficou me olhando, séria.

“Vamos sair daqui”, disse, me puxando para perto do balcão.

Quando estávamos a sós, ela perguntou:

“Você sabe onde o Pedro está?”

“Engraçado, era justamente isso o que eu ia te perguntar.”

Ela não gostou.

“Quem é você, cara?”

Mostrei minha carteira de detetive. Já me sentia mais à vontade no papel. A garota leu a identificação.

“O doutor Montenegro me contratou, pra encontrar o filho.”

Ela começou a chorar. Eu não queria escândalo. Tentei acalmá-la. De onde estava pude ver que o amigo dela nos olhava com desconfiança. Não o reconheci entre os amigos do Pedro que eu vira

na foto. Precisava me apressar, não queria ninguém atrapalhando minha conversa com a namoradinha do filho do meu cliente.

“Fica tranquila, Kate, só quero ajudar.”

Ela gostou de ouvir o próprio nome. Todo mundo gosta. Parou de chorar.

“Não sei onde ele está.”

“Estava com ele na noite em que sumiu?”

“Até certa hora.”

“Que hora?”

“Não sei direito. Uma e meia, acho. Ficamos aqui até uma da manhã, depois ele me levou em casa. A galera ainda esticou numa boate em Ipanema mas ele disse que ia dormir, tinha aula no dia seguinte.”

“Como sabe que ele não te deixou e foi se encontrar com o resto do grupo?”

“Porque eles disseram que ele não foi. E o Pedro não ia mentir pra mim.”

Senti que começaria a chorar novamente. O amigo dela levantou da mesa e ficou de pé, nos vigiando. A qualquer momento viria ver o que estava acontecendo.

Dei a ela o meu cartão.

“Kate, me escuta, ninguém deve saber que estou investigando o caso, entendeu? Se o seu amiguinho perguntar, diz que sou um primo do Pedro que você não via há muito tempo, ou inventa qualquer coisa. Me liga se lembrar de algo importante.”

“Certo.”

Ela pegou o cartão.

“Vamos encontrar seu namorado”, eu ainda disse, antes de voltar à minha mesa.

Mariana folheava o romance do Rex Stout, distraída.

“Desconfia da garota?”, ela perguntou, sem tirar os olhos do livro.

“Não, de forma alguma.”

“E por que não?”

“Não vejo motivos pra ela estar envolvida no sequestro do próprio namorado. Com essa carinha de anjo...”

Mariana fechou o livro. Citou parte da epígrafe, olhando bem nos meus olhos:

“Que se pode sorrir e, sorrindo, ser canalha...”

Ficamos olhando um para o outro, calados. As luzes do bar davam ao seu rosto um brilho diferente.

“Você também tem cara de anjo.”

Ela sustentou o olhar.

“Tem razão. Não confie em mim.”

“Pode ser, quem sabe amanhã. Hoje preciso confiar.”

“Posso saber por quê?”

“Pode. Preciso de uma máquina fotográfica e você tem uma.”

“Não acha que está sendo um pouco interesseiro demais?”

“Acho.”

Peguei sua mão. Estava quente. A minha, úmida. Ela reparou, sem dúvida, mas fingiu que não.

“Para um aprendiz de detetive, você até que está indo bem.”

Ela acariciou meu rosto. Depois me puxou, devagar, e nos beijamos.

De olhos fechados, nossas bocas coladas, fiquei pensando que não tinha comprado o presente da Raquel.

Eram seis da manhã quando saí do apartamento de Mariana. Tínhamos deixado acesa a luz do corredor e a luminosidade era suficiente para eu enxergar minhas roupas espalhadas pelo chão do quarto. Reuni tudo, fui até a sala, me vesti, apanhei sobre a mesa a máquina fotográfica que ela havia me emprestado na noite anterior, guardei na bolsa, destranquei a porta com cuidado, saí.

Podia ter ficado lá mas não me agradava a ideia de dividir a cama com uma mulher que conhecera naquela noite, pelo menos não para dormir. Imaginei que Mariana também não gostaria de me ver a seu lado quando acordasse, parecia o tipo de mulher que não suporta ver o amante com cabelo desgrenhado e remela nos olhos.

Desci até a praia. Mariana morava no Leblon. Fui caminhando pelo calçadão, na direção do Arpoador. Não dormira nada aquela noite mas não tinha sono, estava leve, como há muito tempo não ficava. Fui andando, observando a praia vazia, só um ou outro maluco correndo na areia e uns caras fazendo tai chi chuan mais adiante. No calçadão tinha mais gente, caminhando, correndo, pedalando, passeando com o cachorro. Uma mulher de vestido longo, preto, descalça, carregando os sapatos na mão, passou por mim.

Na altura do posto nove, em Ipanema, senti fome. Entrei na Vinicius, fui até uma padaria na Visconde de Pirajá. Pedi um sanduíche de queijo no pão francês, média, suco de laranja.

Quando cheguei em casa, Raquel dormia no sofá da sala. Tinha a chave do meu apartamento. Estava de calça jeans e blusa, o que significava que ficara me esperando até cair no sono, sem ter tido tempo de se trocar antes de dormir. Me senti um crápula.

Dei meia-volta, pisando de mansinho. Tranquei a porta por fora, desci as escadas.

Eram oito horas. Às nove eu tinha um encontro com o tal Guimarães, amigo do Augusto. A gravadora ficava na Tijuca. Resolvi ir logo de uma vez. Antes passei na farmácia, comprei pasta de dentes e escova, entrei no banheiro do McDonald's. Não queria saber daquele emprego, era pura fachada, mas mesmo assim não iria me apresentar com os dentes sujos de pão.

Chamei o táxi. No caminho fui lendo o romance interrompido. Felizmente peguei um engarrafamento na Lagoa, e depois no túnel, e na Praça da Bandeira, de modo que pude ler bastante até chegarmos à Saens Peña, na Tijuca.

“Chegamos, meu chapa”, o motorista avisou, olhando pelo retrovisor.

Quis pedir a ele que esperasse mais um minuto, só até eu terminar o parágrafo, mas senti que ele poderia não gostar da ideia. Marquei a página, paguei a corrida, desci.

Atravessei a praça, entrei numa galeria comercial. Terceiro andar. Subi pela escada rolante. Gostava de escadas rolantes. Ficava me lembrando dos filmes em que o detetive cruza com o criminoso na escada rolante, um descendo, o outro subindo, e começa o tiroteio, a perseguição, aquele fuzuê todo. Vi vários filmes assim. Me lembrei daquela cena final de *Os intocáveis*, com o carrinho de bebê que o policial vigia ao mesmo tempo em que vigia a saída do mafioso do trem prestes a chegar, e depois o carrinho rolando pela escada no meio do tiroteio entre os policiais e os bandidos mafiosos, uma sequência que é, na verdade, uma citação, uma referência à famosa cena da escadaria em *O encouraçado Potemkin*, do Eisenstein.

Mas em ambos os casos não havia escada rolante, André, apenas escadas comuns, corrigi a

mim mesmo. Eu vivia fazendo isso. Nada grave, chato era quando ficava discutindo comigo mesmo em voz alta na rua, no meio de todo mundo. O Augusto me achava doido. Eu não era doido.

Cheguei ao terceiro andar, entrei pelo corredor, parei diante de uma porta com a plaqueta: Quintal Records. Toquei o interfone.

“Bom-dia, o senhor Guimarães, por favor. Diz que é o André, irmão do Augusto”, respondi à voz feminina que me atendeu.

A porta abriu. Entrei. A sala de recepção era minúscula, um sofá de três lugares, uma mesinha de centro, só. Na parede, várias fotos do Rio antigo, em preto e branco. A secretária me encaminhou à sala do Guimarães.

O Guimarães era um senhor grisalho, calvo, magérrimo, meio corcunda, a pele amarelada. Talvez no convívio diário fosse um sujeito simpático, alegre, bem-humorado, mas à primeira vista só pude concluir que era uma péssima figura para se encontrar de manhã.

Apertou minha mão, perguntou pelo Augusto, indicou uma cadeira. Tudo muito sério, sóbrio, como se estivesse me dando os pêsames.

“Um cafezinho?”

Aceitei. Abriu a porta e pediu dois cafés à secretária. Acendeu um cigarro. Tragou, tossiu, apagou o cigarro inteiro no cinzeiro.

“Bom, vamos ao que interessa”, ele disse, esboçando o primeiro sorriso desde que eu chegara. Tinha os dentes manchados de nicotina.

“Seu irmão me disse que você é um rapaz culto, de muita leitura, e que aprecia música popular.”

Não era nada daquilo mas confirmei com a cabeça.

“Deve ter dito também que a Quintal Records é uma gravadora nova, estamos começando.”

Concordei. Ele continuou falando sobre as dificuldades de se montar uma pequena empresa nesse país, dos impostos, dos encargos sociais etc., eu pensando que ele não precisava enrolar tanto para me dizer que meu salário seria uma merreca. Eu já sabia disso, e tinha tudo previamente ensaiado: escutaria o velho, aceitaria o emprego, ele ligaria para o Augusto, eu viria trabalhar alguns dias, uma semana no máximo, depois inventaria um motivo e cairia fora. Tempo, era disso que eu precisava, ganhar tempo para ir tocando minhas investigações sem que meu irmão desconfiasse de nada.

A secretária trouxe o café. Dei um gole. Horrível. Guimarães bebeu o dele. Acendeu outro cigarro, tragou, tossiu, apagou no cinzeiro. Era um homem metódico.

Aproveitei que ele estava calado e perguntei qual seria a minha função na Quintal Records.

“Ah sim, claro, eu ia chegar lá. Mesmo sendo uma gravadora pequena, e praticamente desconhecida, já recebemos um bom número de fitas. São grupos iniciantes, querendo gravar o primeiro CD. Recebemos as fitas, a secretária esclarece que passarão por uma análise e em breve será dado um parecer sobre o trabalho. Vê aquela caixa?”

Virei na direção que ele apontava. Era uma caixa de madeira envernizada, escura. Devia caber um montão de fitas ali.

“É um trabalho de muita responsabilidade, filho. Daquela caixa podem sair grandes nomes da nossa música popular. O profissional que for avaliar esse material vai precisar de muita competência, conhecimento musical, e critérios, sobretudo isso: critérios. Não queremos cometer nenhuma injustiça, você me entende, e além disso o que sair daí levará o selo da nossa gravadora,

não vamos sujar nosso nome no mercado lançando música ruim. Compreende?”

“Claro. E quem é esse profissional, alguém conhecido?”

“Ainda não temos.”

Ele silenciou. Acendeu outro cigarro. Tragada, tosse, cinzeiro.

Fiquei olhando o cara. Levei um tempo até entender.

“O senhor não está querendo dizer que...”

“Isso mesmo, André. Você acaba de ser contratado para o Departamento de Triagem.”

Triagem. Então era isso.

“Olha, senhor Guimarães, agradeço muito mas acho que não estou capacitado para a função.”

“Não seja modesto, rapaz.”

“Não é modéstia, eu não conheço música tanto assim. Gosto de João Gilberto, tudo bem, mas...”

“João Gilberto? O que o João Gilberto tem a ver com isso?”

Pronto, acabara de se instaurar o samba do crioulo doido. O Augusto tinha perguntado se eu gostava do João Gilberto, então achei que o trabalho tivesse a ver com esse tipo de música, o Guimarães inclusive tinha dito “música popular”, mas percebi que havia algum engano nessa história.

“Desculpe, seu Guimarães, mas o que é que a Quintal Records costuma gravar?”

“O Augusto não te disse?”

“Não, receio que não.”

“Pagode. Só gravamos pagode.”

Odeio três coisas na vida: formiga, cerveja quente e pagode. Olhei de novo para a caixa de madeira.

“Não se assuste, você vai aprender com o tempo. Além disso, vou ajudar você no início, ensinar algumas coisinhas, truques do ofício”, ele disse, me piscando o olho.

Fiquei imaginando o Guimarães avaliando grupos de pagode. Piada.

“Seu irmão vai se orgulhar de você, tenho certeza.”

Golpe baixo, pensei.

Tentei uma última cartada. Se desse certo, ótimo, se não eu sairia por aquela porta e nunca mais veria a cara do velho Guimarães. E foda-se o Augusto!

“Combinado, aceito.”

“Isso, meu jovem, é assim que se fala.”

“Só uma coisa, seu Guimarães.”

“Pois não.”

“Hoje é quarta-feira e tenho alguns problemas pra resolver até o final de semana. Posso começar na segunda?”

“É você quem sabe.”

Me levantei, apertei a mão do Guimarães. Ele abriu a porta, me deu um tapinha nas costas, disse: até segunda. Até segunda, respondi. A secretária me disse tchau, eu respondi: adeus. Nunca mais voltaria a vê-la.

Saí da galeria, desci a escada do metrô. Mais uma escada rolante, pensei, e imaginei bandas de pagode subindo a escada na direção contrária à minha, batucando, cantando, e eu atirando, pou,

peguei um, pou pou, peguei mais dois, pou pou pou pou, disparei minha pistola imaginária e fui vendo cair cada um dos pagodeiros, com aquele sorriso fixo estampado no rosto. No fim da escada ainda me virei, tinha sobrado um lá em cima, com um pandeiro, pou, derrubei o desgraçado.

Fiquei esperando o trem do metrô, depois do massacre. Dessa vez não quis pegar um táxi, podia pegar o metrô ali mesmo na Saens Peña, vazio, era estação terminal, e descer na outra ponta da linha, em Copacabana. O trajeto durava uns quarenta e cinco minutos e eu não teria que ficar escutando buzina de carro. Escolhi um banco nos fundos, sentei, abri a bolsa, tirei o livro. Ainda era o Rex Stout, eu estava quase na metade.

Li novamente o parágrafo interrompido pelo motorista do táxi que me trouxera à Tijuca, e comecei o capítulo onze, onde o inspetor Cramer, da delegacia de homicídios, conversa com Nero Wolfe, reencenando o velho embate entre o detetive policial e o detetive particular. Logo no início me deparei com uma frase de Cramer que me fez parar a leitura e refletir. Dizia o seguinte, referindo-se ao que já descobrira na investigação de um assassinato: “Tudo que eu tenho não vale um níquel. É nesse ponto que estou. De duas, uma: ou eu estou ficando mais velho, ou os assassinos mais espertos.”

No meu caso não havia dúvida: eu estava ficando velho. Tinha vinte e seis anos, mas parecia ter passado dos quarenta nos últimos dois dias. E tudo que pudesse ter conseguido de informação não valia um níquel. Minha situação ainda era pior do que a de Cramer, ele podia estar blefando, querendo tirar alguma informação de Nero Wolfe, mas eu não. Quando me encontrasse com Montenegro, teria pouco a dizer: o Murilo Chaves é bicha. Ele talvez até já soubesse disso, por outras fontes, conhecia o homem de outros lugares, a julgar pela foto. Eu estava desanimado. Voltei ao livro. Li.

Acabei me envolvendo na leitura, como sempre, e só me dei conta de que era o último passageiro quando senti a vassoura da faxineira do metrô varrendo meu pé. Tinha pressa, logo entrariam outros passageiros. Saí rapidamente. Mais um parágrafo interrompido, lamentei.

Guardei o livro na bolsa e caminhei pela interminável estação do metrô de Copacabana. Subi a escada rolante, dessa vez sem delírios. Pensava num lugar no meio do caminho entre a estação do metrô e o meu apartamento em que houvesse uma floricultura. Não podia chegar de mãos abanando, tinha uma mulher me esperando em casa desde a noite passada.

Me lembrei de um lugar. Comprei orquídeas, Raquel adorava. A moça caprichou no arranjo.

Abri a porta do apartamento silenciosamente, receoso mas preparado para tudo, tinha uma história pronta na minha cabeça.

“Raquel”, falei baixinho, já dentro de casa.

Sem resposta. Caminhei até o quarto, passei pela cozinha, banheiro. Ninguém. Coloquei as flores num canto da pia, na cozinha. Voltei à sala. Estava achando estranho não ver nenhum sinal de Raquel. Que ela não tivesse me esperado, tudo bem, era previsível, mas que não houvesse quebrado nada, nem um copo, nem lançado um cinzeiro pelo vidro da janela ou destruído um abajur era estranho, muito estranho.

Fui até a mesinha do telefone e não pude evitar o grito de terror.

Um exército de formigas, abomináveis, fazia um banquete sobre, debaixo, dentro de pedaços de páginas de um livro cortado em pedacinhos. Um dos pedaços identifiquei de imediato: fazia parte da capa de um livro meu. Não um livro qualquer, era uma edição americana de *O falcão maltês*, do Dashiell Hammet, com fotos, estudos sobre o livro, depoimentos, uma edição que eu conseguira comprar por uma pechincha num sebo e devia estar valendo uma boa grana se eu um dia quisesse vendê-la, o que absolutamente não estava nos meus planos. Era a única peça valiosa da minha

biblioteca, tinha muito orgulho daquele livro, preferia passar fome a vendê-lo. E agora ele estava ali, os pedaços lambuzados de doce de leite, esquartejado, trucidado pelas formigas.

Num gesto de desespero, ainda tentei salvar alguma coisa. Impossível, as formigas deviam estar trabalhando no desmonte do meu livro havia horas e uma ou outra página que ainda sobrara intacta estava melecada até a alma com doce de leite. Dessa vez Raquel tinha ido longe demais. Recortara com a tesoura o meu livro mais querido, e, não satisfeita, passou nos pedaços de página todo um pote de doce de leite, entregando o livro ao apetite voraz das formigas que eu odiava desde criança, Raquel sabia disso, e que invadiram o apartamento depois da morte dos meus pais.

Urrava ainda minhas lamentações quando tocou o telefone. Deixei cair na secretária:

“André, é o Montenegro, por favor, atenda.”

Com supremo esforço, enfiei a mão entre as formigas. Elas já estendiam seu território por toda a mesa de telefone, incluindo este e a secretária.

“Alô”, eu disse, levando o telefone ao ouvido e sentindo que elas pulavam do aparelho para o meu rosto.

Agentei firme.

“Não posso falar muito”, o Montenegro disse, felizmente, “espero você na esquina da 28 de Setembro com a Gonzaga Bastos, Vila Isabel, em duas horas.”

“Porra, Vila Isabel?”

Desligou. Vila Isabel fica ao lado da Tijuca, de onde eu tinha acabado de chegar. Joguei longe o aparelho, as mãos lambuzadas, formigas no meu rosto, no cabelo, corri desesperado até o banheiro, abri o chuveiro, entrei de roupa e tudo.

A água foi descendo sobre meu corpo e me acalmando um pouco. Fiquei pensando se valia a pena continuar bancando o detetive, minha vida estava de pernas pro ar.

A verdade é que eu não tinha muitas opções, pensei, enquanto me enxugava com a toalha depois de um banho demorado. Entrara no jogo, agora não poderia mais sair, a não ser que quisesse enfrentar o Montenegro, e eu não queria. Só me restava continuar e trabalhar bem, tentando encerrar o caso o mais rápido possível. No fim estaria livre de tudo aquilo – pelo menos era o que eu pensava naquele momento – e com dinheiro suficiente para calar a boca de todo mundo que vivia me enchendo o saco, a começar pelo meu irmão.

E no fundo estava experimentando uma sensação diferente. Sempre fui considerado um vagabundo, não era vagabundo mas tinha todos os requisitos de um e as pessoas não querem saber se você é ou se apenas parece ser um vagabundo, se você parece você é. Para sair disso eu precisava fazer alguma coisa realmente grandiosa.

Oportunidades de fazer coisas grandiosas não aparecem todo dia, convenhamos, a não ser que você seja o Clark Kent, e eu estava longe de ser o Clark Kent, então deveria aproveitar aquela chance: salvar a vida de um garoto de quinze anos. Aquilo sim era um ato capaz de redimir qualquer vagabundo.

Antes de sair de casa, consegui dar um jeito na secretária e no telefone. Limpei tudo com álcool, joguei o que sobrou do livro num saco plástico, despachei na lixeira. Precisava ser muito homem para jogar aquele livro no lixo sem verter uma lágrima sequer.

Ouvi os recados. Várias chamadas de Raquel, da noite anterior. Daquele dia mesmo, apenas o Gordo, querendo saber da máquina fotográfica. Liguei pra ele, combinei de deixar a máquina na portaria do meu prédio. Ele me disse que tentaria conseguir as fotos aquela noite, se o Murilo Chaves cooperasse.

Desci, deixei a máquina com o porteiro. Da portaria liguei para a cooperativa de táxi, pedi um carro novo, confortável, com ar-condicionado. Eu queria sossego, queria terminar de ler o meu Rex Stout em paz.

Da minha casa até o local do encontro com Montenegro o carro levaria uns quarenta minutos. Dei o endereço ao motorista e ordenei que desse uma volta pela cidade, só pegando as ruas movimentadas quando fosse absolutamente necessário, tínhamos uma hora e trinta minutos e não queria chegar antes em Vila Isabel, e também não queria ficar ouvindo barulho de buzina.

O motorista ficou me olhando, ressabiado. Ignorei. Se eu tinha alguma compensação pelo inferno que estava vivendo era poder pegar um táxi confortável e pedir para o cara rodar pela cidade enquanto terminava de ler um livro. E não iria abrir mão disso.

Dei uma última ordem: que não descesse exatamente na esquina da 28 de Setembro com a Gonzaga Bastos, seguisse um pouco adiante, me deixasse no Petisco da Vila. Eu voltaria a pé, era mais seguro.

Ele engatou a primeira, fomos embora. Por uma hora e meia me esqueci completamente do mundo.

Terminei a última linha do romance a tempo de ver o letreiro do Petisco da Vila se aproximando. O motorista estacionou o carro. Pela primeira vez nos últimos anos uma coisa tinha saído exatamente como eu havia planejado.

Desci e fui caminhando. Montenegro ainda não chegara. Conferi as horas, ele estava dois minutos atrasado. Chegou logo em seguida. Entrei no carro, meio envergonhado, confesso, tinha alguns amigos em Vila Isabel, já bebera muitas vezes no Petisco, até fechar, voltava para casa de ônibus, às vezes nem voltava, dormia na casa de um ou de outro. Nunca ninguém tinha me visto entrar num carrão daqueles.

“Será que não teria um jeito mais prático de nos encontrarmos?”, perguntei.

Montenegro não gostou e deixou isso claro.

“Olha, rapaz, quem dá as cartas aqui sou eu, bem entendido? Se eu disser pra você me esperar no meio da ponte Rio–Niterói à meia-noite você vai estar lá me esperando, entendeu?”

Concordei, mas continuava achando aquilo um absurdo. Ele poderia ter me pegado em casa. Se não soubesse que se tratava de um empresário respeitado, poderia jurar que meu cliente não era bom da ideia.

“Novidades?”, ele perguntou, enquanto me oferecia um uísque.

Recusei, perguntei se tinha cerveja. Ele disse que não. Pedi água, ele abriu uma garrafinha, colocou gelo num copo. Bebi. Levantou a divisória de aço mas antes pude perceber que o motorista não era o mesmo da primeira vez.

“Antes de mais nada”, ataquei, “qual a sua relação com o Murilo Chaves?”

Montenegro contraiu as sobrancelhas. A simples menção ao nome do outro o deixou de cara amarrada.

“A pior possível. Já fomos amigos, num passado remoto, até eu descobrir que se tratava de um impostor.”

“Como assim?”

“Ele conseguiu me convencer de que era uma pessoa confiável, ficamos amigos, frequentava a minha casa, chegou a levar o Pedro a um jogo do Flamengo na tribuna de honra do Maracanã. Arquetetou mil gentilezas, e no final...”

“E no final...”

“Acabou se utilizando de algumas informações confidenciais que lhe passei pra me dar um golpe.”

“Que tipo de golpe?”

“Ações. Bolsa de Valores, você compreende.”

Eu não compreendia bulhufas da Bolsa de Valores, mas deu para sentir a gravidade do caso. O Murilo Chaves tinha passado a perna no meu cliente e lucrado uma bolada com o golpe. Meu cliente o odiava por isso, com toda a razão.

“O senhor sabia que o Murilo Chaves é gay?”

“Todo mundo sabe.”

Aquelas três palavras caíram sobre a minha cabeça como um balde d’água fria. Fria não, gelada.

“Então acho que não vai dar certo.”

“O que não vai dar certo?”

Contei tudo, começando pela narrativa do que aconteceu aquela noite na boate, o relato do

Gordo, o plano de dar o flagrante. Contei também que havia um outro detetive, que eu conhecera acidentalmente, investigando o Murilo Chaves. Não quis dizer que se tratava de uma mulher e que, se eu sabia sobre o seu cliente, ela também sabia do meu. Disse apenas que o tal detetive estava a serviço da esposa de Murilo. O rosto de Montenegro iluminou-se.

“Por que você não me disse logo?”

“Mas o senhor não acabou de dizer que todo mundo sabe?”

“Força de expressão, meu jovem, apenas isso. Todo mundo quer dizer a meia dúzia de executivos e gente da alta roda que lida com o Murilo. Agora, sair no jornal é outra coisa, muito diferente. Você vai arruinar a imagem do safado!”

“E por que o senhor mesmo já não providenciou isso?”

“Você deve saber que tenho mais o que fazer na vida do que ficar maquinando pequenas vinganças. Mas ouvindo agora, de você, parece uma ideia excelente! Porque a iniciativa, no final das contas, não terá partido de mim, o que poderia parecer apenas intriga no meio empresarial, mas da própria esposa. Já pensou?”

Ele esfregou as mãos, excitado.

“Muito bom, detetive, muito bom. Quero esse flagrante o mais rápido possível.”

“O senhor terá o flagrante. Até domingo que vem vai estar tudo nos jornais.”

“Até domingo?”

“Algum problema? Pensei que fosse gostar.”

“É que domingo, veja bem, meu filho, domingo...”

“Hã.”

“Tem Flamengo e Vasco.”

Tinha esquecido que o puto era flamenguista.

Pela janela do carro percebi que estávamos seguindo a linha do trem e a estação do Méier já tinha passado fazia tempo. Eu estava longe pra cacete da minha casa e não estava a fim de jogar conversa fora com meu cliente.

“E então, doutor, como ficamos?”

“Faça o serviço, claro. Ganhamos do Vasco um outro dia, não é mesmo?”, ele disse, num sorriso de camaradagem que eu estava dispensando.

Continuou:

“Escuta uma coisa, André, é claro que é bom ver um impostor como o Murilo arruinado, se possível atrás das grades, como eu gostaria de ver isso! Mas você sabe que não é o mais importante, não sabe?”

“Claro, doutor Montenegro. Não pense que me esqueci do Pedro. Só pensei no flagrante porque isso pode, de alguma forma, nos ajudar a encontrar seu filho, apenas por isso.”

“Eu sei. De qualquer forma, não perca de vista o principal, está me ouvindo, não vá se distrair com ninharias.”

Toquei no assunto da gravadora.

“Quintal Records? Que diabo de gravadora é essa?”

“Está começando agora, ninguém conhece, grava pagode.”

“Você gosta de pagode?”

Não respondi.

“Meu irmão está me obrigando.”

“Não, não quero você envolvido com nenhuma outra atividade a não ser a investigação. Vamos dar um jeito nisso. Você vai dizer ao seu irmão que um amigo seu te arrumou emprego numa editora. Você não gosta de ler? Então pronto, vai dizer ao seu irmão que é melhor trabalhar numa editora que numa gravadora de pagode.”

“Qual editora?”

“Uma das minhas empresas. Pequena, abri faz um ano, só me dá prejuízo. Agora pelo menos vai ser útil. Você não precisa aparecer lá, é claro, vou providenciar contrato, contracheque, tudo que for necessário pra você convencer seu irmão a te deixar em paz.”

“E se o Augusto resolve aparecer pra conferir?”

“Deixo uma ordem: se perguntarem pelo André, está em serviço externo.”

“Serviço externo.”

“Vou contratá-lo como promotor de vendas. Se alguém perguntar por você, está visitando alguma escola. Publicamos livros infantis, precisamos de um promotor de vendas nas escolas.”

“Isso é verdade ou mentira?”

“Isso o quê?”

“Que a sua editora publica livros infantis.”

“Verdade. Publica outras coisas também, mas não vem ao caso. Mais algum problema?”

Já ia me esquecendo da ninfeta loura. Conteí da minha conversa com ela.

“Kate não sabe de nada, eu mesmo já conversei muito com aquela menina. É uma garotinha mimada, não passa disso.”

Eu também achava, mas não pensava em descartá-la, pelo menos por enquanto.

“Ainda tem algum dinheiro?”

“Pouco.”

Tirou do bolso um pequeno envelope pardo e me deu. Guardei.

“Você pode descer aqui”, ele disse, mandando o motorista parar em frente a um ponto de táxi.

Sacanagem, pensei, o filho da puta me deixar nesse fim de mundo, mas não quis dar o braço a torcer, afinal eu era um detetive.

“Quando vamos nos ver de novo?”

“Eu ligo.”

“Como quiser”, eu disse, descendo do carro dignamente.

Estava num lugar completamente desconhecido. Entrei no táxi, banco de trás.

Peguei na bolsa minha lanterna. Eu sempre carregava comigo a minha pequena lanterna, comprada num camelô, para ler quando houvesse pouca luz, como era o caso. Quando procurei dentro da bolsa um livro qualquer, percebi a dimensão da tragédia: eu não tinha nada para ler durante a viagem de volta.

Cheguei em casa às onze da noite, exausto. Meu único desejo era entrar debaixo do chuveiro e depois cair na cama. Dormir, dormir doze horas seguidas, era tudo o que eu queria naquela noite.

Quando abri a porta, vi Raquel sentada no sofá, folheando uma revista. Usava um vestido curto,

deixando ver as pernas bronzeadas. Ia à praia todos os dias. Estava deslumbrante, e não parecia zangada.

Ao me ver, veio correndo na minha direção, me abraçou. Permaneci estático.

“Desculpa, eu vi as flores, tão lindas, desculpa, fui muito má com você”, ela disse, imitando voz de criança, “você gostava tanto daquele livro, meu amor, eu sou...”

Mantive minha frieza. Iceberg.

“Você não é nada. Não fez nada, pronto.”

“Como não fiz nada? Acabei com o seu Hammet!”

“Aquela edição não valia droga nenhuma.”

“Não valia? A sua edição americana de *O falcão maltês*?”

“O livro que você rasgou não era o que você estava pensando. Era uma edição parecida, que coloquei na estante pra disfarçar, um livro vagabundo. Não ia deixar meu Hammet assim na frente de todo mundo, dando sopa.”

“E onde está o original, o verdadeiro?”

“Em lugar seguro.”

Era uma mentira deslavada, a maior mentira do mundo a que eu acabara de inventar, Raquel tinha dado fim ao meu livro, sim, jamais existiu essa outra edição, parecida, que eu supostamente teria colocado na estante como disfarce. Raquel tinha arrasado comigo, me estraçalhado, mas não daria a ela o gostinho de saber disso.

A estratégia deu certo, ela ficou vermelha, transtornada.

“Mas então quer dizer que o livro... que você...”

De repente explodiu em cima de mim. Seu babaca filho da puta foi a única frase que ela conseguiu articular antes de jogar o cinzeiro na minha cabeça. Errou. Partiu para o corpo a corpo: unhas, dentes, gritos. A vizinhança já estava acostumada. Raquel não falava coisa com coisa, só batia, batia, batia. Eu achava engraçado, ria, ela se irritava mais, eu ria.

Evitava os golpes, depois consegui virá-la de costas, agarrei-a por trás, pela cintura. Senti seu corpo quente, suado, ela tentava puxar meus cabelos, segurei-a firme, senti seu corpo no meu, fiquei excitado, senti sua bunda roçando nas minhas coxas, senti meus braços nos seios dela, ela continuava se debatendo, eu a apertava mais ainda, carreguei-a assim para o quarto e a joguei sobre a cama. Ela caiu de bruços, o vestido levantado, deixando ver as pernas, a ponta da calcinha. Me joguei em cima dela, Raquel ainda tentou reagir, mordeu sua nuca, ela gemeu e se entregou de vez, enquanto ouvíamos sem pedir a música tocando alto na casa do vizinho: “sem vergonha, somos um casal sem vergonha”. Nem reparei que era um pagode.

Estava escuro quando ouvi o telefone tocando. Tateei buscando o interruptor. Acendi a luz. Não havia ninguém ao meu lado, na cama. Raquel madrugou, foi o que pensei.

Levantei e caminhei até o telefone. Acendi a luz da sala e vi o relógio: nove horas. Não entendi, nove horas e aquele breu?

“Alô.”

“Porra, André, onde foi que você andou o dia todo, cara?”

Era o Gordo.

“Como assim o dia todo?”

“Você sabe que horas são?”

“Nove.”

“Vinte e uma, pra ser mais exato.”

Droga! Eram nove da noite.

“Tive um dia cheio”, eu disse.

“Imagino, cheio de sono.”

“Quero dizer *ontem*, Gordo, ontem tive um dia cheio. Por isso estou acordando agora, deu pra entender?”

“Preciso falar com você.”

“Onde você está?”

Ele estava no Amarelinho, na Cinelândia. Eu não gostava de lá, achava decadente, tinha perdido o charme. O Gordo gostava, dizia que era como ficar vendo uma vitrine: travestis, prostitutas, velhos, casais, homens engravatados, pivetes, era uma vitrine.

Tomei uma ducha rápida. Liguei a secretária, nenhum recado. Me olhei no espelho: marcas roxas no pescoço, no peito, um corte nos lábios. Raquel não sabia se controlar. Fiquei pensando em Mariana me vendo assim, como eu me via naquele instante. Não é hora de pensar em mulheres, detetive André, ao trabalho!, falei comigo mesmo, como se fosse Sam Spade.

O táxi me deixou na Cinelândia. Caminhei até o Amarelinho.

“Trouxe as fotos”, o Gordo disse.

“Que fotos?”

“Da Madonna de pijama. Que fotos podem ser?”

Peguei o pacote. Antes de abrir, chamei o garçom:

“Um queijo quente, suco de laranja e café, por favor.”

O Gordo me olhou com os olhos arregalados.

“Meu café da manhã. Você sabe que não passo sem café da manhã.”

“Às dez da noite?”

“Imagina que estamos no Japão.”

“Queria um emprego assim.”

“Coloca um anúncio no jornal.”

Abri o pacote. Várias fotos do Murilo Chaves: na porta da boate, no carro com um garotão, dançando de rosto colado com um louro de rabo de cavalo.

“Mas essa aqui é dentro da boate, como foi que você conseguiu?”

“Trabalhando, meu caro, não passei a noite na orgia, feito você.”

Estavam ótimas as fotos. Qualquer uma delas, a mais inocente, seria capaz de provocar um escândalo se caísse nas mãos certas.

“Você já enviou pra alguém?”, perguntei, enquanto o garçom colocava na mesa o meu pedido.

“Só pra meia dúzia de jornalistas sedentos de sangue.”

“Bom trabalho, Gordo, muito bom.”

“O cara está queimado, o putto flamenguista. Se ele tiver alguma coisa a ver com o sequestro do moleque vão descobrir, pode ter certeza disso, os sanguessugas não vão deixar o safado em paz.”

Continuei a observar as fotos. O Gordo comia provolone à milanesa e tomava caipirinha. Só de olhar me dava enjojo, eu estava no meio do meu café da manhã.

Devolvi o pacote ao Gordo. Ele ficou me olhando, com um risinho enigmático.

“O que foi?”, perguntei.

“Não reparou nada, nenhuma foto em especial?”

Peguei de novo o pacote. Revi as fotos, com cuidado.

“Fala de uma vez, o que é?”

Ele retirou as fotos da minha mão e separou uma: o Murilo Chaves dançando com um cara, dentro da boate. O presidente do Flamengo usava um paletó escuro, o garoto, um louro, estava de camiseta vermelha, justa, sem mangas. Dançavam de rosto colado. O Gordo os fotografou da cintura pra cima.

“Não perceberam o flash?”

“A máquina da sua amiga não é uma máquina qualquer, fique sabendo. Além disso, nem se eu soltasse fogos de artifício lá dentro alguém ia reparar, é luz estourando em tudo que é canto.”

“E o que essa foto tem de diferente?”

“Repara bem. Você é pago pra isso.”

O Gordo me passou uma lupa.

“Lupa? Você agora usa lupa? Quem você pensa que é? Sherlock Holmes?”

“Use a lupa, vai precisar.”

Comecei a rastrear a foto com a lupa. Parei no bolso do paletó do Murilo Chaves. Levantei os olhos, olhei para o Gordo. Ele sorriu.

“É um envelope? Tem um envelope no bolso dele?”

“Eureca!”

O Gordo era o único cara do mundo que falava eureca em pleno século XXI. Dizia que era uma homenagem a Poe.

Fixei a lupa no envelope. Só dava para ver a ponta. Parecia um envelope comum, branco, de carta, talvez desses longos, retangulares, sobrando no bolso do paletó.

“Não tem nada escrito mas parece, não sei bem, parece que tem um selo aqui.”

“Não é um selo.”

“Como você sabe?”

“Simplesmente porque mandei ampliar a foto.”

O Gordo tirou da bolsa um envelope, me entregou.

Abri: uma foto ampliada, aquela pontinha do envelope agora ocupava quase todo o espaço da foto. O que eu pensei que fosse selo era um desenho impresso:

©

“O que é isso?”

“Não reconhece, André? Você está cansado de ver esse desenho.”

Eu devia estar meio zozzo ainda.

“Quando você abre um livro, vem a folha de rosto, correto? No verso da folha de rosto vem a ficha técnica: endereço da editora etc. No alto dessa página...”

Eu finalmente identificara o desenho. Era o símbolo de *copyright*, a marca indicando a quem pertencem os direitos autorais.

“*Copyright*.”

“Elementar.”

“E daí? O que isso significa?”

“Não sei ainda, mas sinto cheiro de falcatrua no ar.”

“Pode ser o logotipo de alguma empresa, por exemplo.”

“Ou seita.”

“Seita? Seita com envelope timbrado?”

“Por que não? Você pensa que hoje em dia uma seita é um bando de gente de capuz dançando no mato em volta de uma fogueira? Em que mundo você vive, meu caro?”

“Por que não pode ser o logotipo de uma empresa?”

“Porque já investiguei. Não existe nenhum registro de um logotipo como esse. Pelo menos no Brasil.”

“Eles podem não ter registrado o logotipo, ou pode ser uma empresa estrangeira.”

“Poder pode, mas não acredito. Esse canalha está metido em alguma seita macabra.”

“A caipirinha já está fazendo efeito?”

Ele sorriu, meio cínico. Pegou um guardanapo, escreveu alguma coisa.

“Leia isso.”

Li:

Parte do mais profundo conhecimento – talvez todo conhecimento *muito* profundo – se originou numa imaginação altamente estimulada. Os grandes intelectos *supõem* bem.

Devolvi o guardanapo.

“De quem é?”

“Poe, claro. Está no *Notas marginais*. Você devia ler.”

“Há uma diferença entre *supor* bem e *delirar* bem.”

“Conheço a diferença, não precisa me explicar.”

“Tem mais uma coisa: se fosse mesmo de uma seita, por que o Murilo Chaves ia ficar andando com esse envelope por aí, à vista de todo mundo?”

“Em primeiro lugar, não é à vista de todo mundo. Estava no bolso do paletó, guardado, só apareceu um pouco porque ele resolveu dançar e já devia ter tomado umas e outras, relaxou um pouco. Mesmo assim, não estava exatamente à mostra. Segundo lugar: o fato de estar no bolso dele não quer dizer que estava com o envelope quando entrou ali.”

“O que você quer dizer?”

“Quero dizer que, sendo um envelope contendo alguma coisa importante, como acho que é, o fulano não sairia com ele pela madrugada. Isso significa que ele recebeu o envelope *dentro* da boate.”

“Faz sentido.”

“A pergunta é: quem teria entregue o envelope ao cretino?”

“Alguém que frequenta a boate.”

“Não necessariamente. Mas, com certeza, alguém que sabia que o Murilo Chaves estaria na boate naquela noite.”

“Muita gente poderia saber disso. No mínimo eu e você.”

Tive a impressão de que ele ia dizer alguma coisa mas se interrompeu no meio e disse outra:

“Acontece que não fui eu nem foi você quem entregou o envelope.”

“Voltamos à estaca zero.”

“Nem tanto, nem tanto. Já temos uma pista. Esse círculo com uma letra dentro, é aí que está a resposta, pode confiar em mim.”

Pedi um chope. Aquela conversa toda me deu sede. O Gordo já estava de saída.

“E a máquina fotográfica, está aí com você?”

“Já devolvi.”

“Como devolveu, Gordo? Pra quem?”

“Devolvi à legítima proprietária, evidentemente. Aliás, uma linda mulher. Você é mesmo um cara de sorte.”

“E onde foi que você encontrou Mariana, se não for perguntar demais?”

“Na verdade não fui eu que a encontrei. Ela é que foi ao meu encontro, na boate.”

“Pra quê?”

“Ora pra quê, ela também está interessada nessa história, esqueceu? Quis ter certeza de que receberia a sua parte no trato.”

“Mas eu tinha combinado de entregar cópias das fotos assim que estivessem prontas.”

“Acho que ela não confiou em você”, o Gordo falou, me dando um tapinha nas costas.

Pegou suas coisas e se foi. Pedi mais um chope.

Fiquei olhando as luzes do Theatro Municipal e refletindo sobre a incrível vocação para a infidelidade que as mulheres têm.

Dona Cármen esteve em ação a noite toda. Só às cinco da manhã consegui pegar no sono. Às nove tocaram a campainha.

Era o síndico. Trazia a ata da última reunião do condomínio. Eu tinha faltado, como sempre. Jamais fui a uma reunião de condomínio. O síndico quis me entregar pessoalmente a ata porque pedia meu apoio para a solução do problema dona Cármen. O síndico era ex-militar, rígido, extremamente organizado, o prédio era o seu quartel, os moradores seus soldados, e quando tinha que trocar a fiação elétrica, ele dizia: tratemos do problema fiação elétrica, como já tinha dito o problema caixa d'água, o problema pintura dos corredores, o problema portaria. Agora buscava uma estratégia para resolver o problema dona Cármen.

“Você ouviu, essa noite?”, ele perguntou.

“Ouvi o quê?”

“A balbúrdia.”

Só um surdo não teria ouvido, ainda mais eu, que era vizinho de dona Cármen. Mas gostava dela e não gostava do síndico. Menti.

“Não, não ouvi nada.”

“Sorte sua, que tem sono pesado.”

Ele me mostrou a ata, dizendo:

“Veja bem, André, ontem tratamos do problema dona Cármen e a maioria votou por um adendo à lei do silêncio. Será proibido qualquer tipo de barulho, entenda-se: inclusive de origem sexual, no período de seis da tarde até doze horas do dia seguinte.”

Isto significava que dona Cármen só poderia dar seus gritos do meio-dia às seis, justamente no horário em que ela fazia suas visitas de caridade e ajudava na igreja. O síndico sabia disso, da dupla personalidade de dona Cármen. “De dia beata, de noite cortesã”, ele costumava dizer, “é o fim do mundo.”

Agora ficava estabelecido o novo horário de sexo de dona Cármen: meio-dia às seis. Nossa bela da tarde, pensei comigo.

Enquanto o síndico argumentava, fiquei pensando na cara de dona Cármen quando lesse a ata. Ele acabou, garanti que concordava plenamente com tudo. Sábia decisão, cheguei a dizer, antes de fechar a porta.

Depois abri novamente, só um pouco, o suficiente para poder observar o síndico tocando a campainha do apartamento de dona Cármen. Entregou a cópia da ata e começou o falatório. Enquanto falava, virou-se na minha direção e percebeu que eu espionava. Fechei a porta. Minutos depois ouvi a gargalhada de dona Cármen. O síndico escolhera o momento errado, àquela hora ainda era a cortesã que estava em cena.

Vesti uma roupa e descí. Fui até a banca da esquina. Nos principais jornais do dia algumas das fotos tiradas pelo Gordo estampadas na primeira página. A menos sensacionalista das manchetes dizia: **Presidente do Flamengo entrega o cargo**. Logo abaixo a explicação:

Ao tomar conhecimento das fotos comprometedoras que a imprensa divulgaria nas edições de hoje, mostrando-o com garotos de programa numa boate gay de Copacabana, o presidente do Flamengo, Murilo Chaves, colocou o cargo à disposição da diretoria do clube. A reunião extraordinária aconteceu no fim da tarde de ontem.

Dizia ainda que o vice-presidente também se demitira, em solidariedade ao Murilo Chaves, e que novas eleições seriam realizadas em breve.

Antes de subir, passei na padaria e comprei o de sempre.

Entrei em casa, acionei a secretária e ouvi o recado do Gordo: o Flamengo está acéfalo. Domingo é barbada. Saudações.

Era um código. Toda vez que ele terminasse uma mensagem com “saudações” significava que eu deveria retornar a ligação o mais rápido possível. O Gordo achava que meu telefone estava grampeado.

Mais dois recados. Na meia hora em que fiquei fora de casa três telefonemas. Minha vida começava a ficar agitada demais. Dois recados: Mariana, perguntando por mim, sem mais detalhes, Raquel querendo saber se poderíamos almoçar juntos. Nunca imaginei que um dia pudesse ter duas mulheres lindas ao mesmo tempo, aquilo estava me deixando um bocado confuso.

Liguei para o Gordo.

“Precisamos visitar o Santo ainda hoje”, ele foi logo dizendo.

“Eu já esperava alguma idiotice da sua parte, mas não pensei que chegasse a tanto.”

“Vamos na hora do almoço.”

“Fiquei de almoçar com a Raquel.”

“Desmarca. Você agora é um profissional.”

“Você nem sabe se o Santo ainda mora no mesmo lugar. Nunca mais tivemos notícia dele.”

“Vale a pena tentar. Não podemos é ficar de braços cruzados.”

“Mesmo que a gente encontre o Santo não vai adiantar nada, é tempo perdido, você sabe disso.”

“Chega de conversa-fiada, André, não posso ficar batendo papo com você no telefone. Me encontra ao meio-dia e quinze, em ponto, na estação do bonde.”

“É sua última chance, Gordo, se não der em nada, desistimos dessa bobagem de seita.”

“Combinado. Te espero lá.”

Desliguei.

O Santo e eu tínhamos estudado na mesma faculdade, quando da minha passagem relâmpago pela PUC, embora fôssemos de turmas diferentes, eu calouro, ele no último período. Nos conhecemos numa festinha, no campus, e ficamos amigos. Quando o pai dele morreu, o cara pegou sua parte na herança, abandonou o curso, a família e saiu pelo mundo pesquisando seitas. Esse tinha sido sempre o seu grande sonho. Eu não discutia, cada um sonha o que quiser, ele conseguiu a grana e foi embora.

Viajou por toda a Europa, África, Estados Unidos, Nepal, Índia, Japão. Voltou alguns anos depois, barbudo, magro, amarelo, e foi morar em Santa Teresa. Encheu o quarto de livros e bugigangas e se dizia doutor em Religiões Alternativas. Dava consultas, ganhou dinheiro. Era doido varrido, mas as pessoas confiavam nele. Depois sumiu, parece que andou metido em alguma confusão. Agora o Gordo encasquetava de ir atrás do cara.

Fui até a cozinha, preparei meu café.

Sabia que aquela visita não daria certo mas resolvi apostar no palpite do Gordo. Além disso, não queria almoçar com a Raquel porque não parava de pensar em Mariana desde a noite passada. Senti que era necessário manter um pouco de integridade se quisesse continuar lúcido no meio daquela parafernália em que tinha se transformado a minha vida. Decidido: se não paro de pensar em Mariana, não vou me encontrar com Raquel, falei comigo mesmo.

Arrumei a louça na pia. Depois me vesti e saí correndo de casa antes que Raquel aparecesse de repente e eu mudasse de ideia.

“Um belo dia pra passear de bonde”, o Gordo falou quando cheguei.

“Podíamos pelo menos ir de táxi.”

“Você está mal-acostumado, André. Faz de conta que é turista, relaxa.”

O bonde já estava saindo. Subimos.

Descemos no Largo do Guimarães. A casa onde o Santo morava era no alto de uma ladeira. Subimos a pé, o Gordo quase morrendo mas firme, era orgulhoso pra caramba.

O casarão estava um lixo, as paredes descascadas, o mato invadindo o jardim. Empurrei o portão de ferro, todo empenado.

“Não é possível que more alguém aqui”, comentei.

Subimos uma escadaria que dava na porta principal do sobrado. Bati. Ninguém atendeu. Bati outra vez.

“Já vai”, responderam lá de dentro.

Voz de mulher.

“Quer falar com quem?”, a garota perguntou, abrindo a porta.

Devia ter uns catorze, quinze anos. Cabelo castanho-claro, dividido ao meio em duas tranças que iam até a altura dos ombros, o rosto de traços finos, pequenos olhos azuis. Vestia uma bata transparente, alaranjada. Olhei para o Gordo e vi seus olhos vidrados nos seios da menina apontando redondos e durinhos sob a roupa.

“Queremos falar com o Santo, por favor.”

“Qual o assunto?”, ela perguntou, numa voz de tédio.

“Particular”, eu disse.

O Gordo não tirava os olhos da garota.

“Aqui não tem assunto particular, irmãozinho.”

“Viemos fazer uma consulta”, o Gordo finalmente abriu a boca.

“O Santo não dá mais consulta.”

Aquela pentelha já estava me dando nos nervos.

“Sou amigo dele, estudamos juntos na PUC, há muitos anos.”

Ela ficou me analisando, olhos nos olhos. Depois apontou um banquinho ao lado, na varanda.

“Vamos sentar ali.”

Fomos. No banco só cabiam duas pessoas. O Gordo sentou. Fiquei de pé, encostado numa pilastra de madeira, a menina ao meu lado, de cócoras, como se fosse uma índia. Suas coxas apareceram, brancas, bem torneadas. O Gordo arregalou os olhos, sem pudor.

“Seguinte”, ela começou, “o Santo agora está noutra. Não atende ninguém, não fala com

ninguém, não ouve ninguém.”

“Nem você?”, o Gordo perguntou, com olhar de lobo.

“Só eu.”

Deu uma pausa e completou:

“De vez em quando.”

“E qual é a outra em que ele está agora?”, perguntei.

“Mapas.”

Eu e o Gordo olhamos um para o outro, sem entender. Perguntamos ao mesmo tempo:

“Mapas?”

“É isso aí, mapas”, ela disse, e ficou olhando na direção da baía de Guanabara, num olhar distante, perdido.

Era uma vista magnífica: a baía, o Pão de Açúcar, a ponte Rio–Niterói ao fundo.

Ficamos em silêncio, esperando. Quando pensei em dizer alguma coisa, ela ergueu o braço e fez um gesto circular na direção da baía, como se quisesse abarcar toda a paisagem:

“Incrível. Tudo isso cabe num pedacinho de papel. Incrível.”

O Gordo olhava na direção que a garota tinha apontado. Seus olhos brilhavam, estava comovido.

Ficamos um tempão ali, os três, calados, admirando a baía de Guanabara.

“O quarto dele fica no fim do corredor, é só subir a escada”, ela disse, sem se mover.

“Vamos”, eu disse, tirando o Gordo do transe.

“Isso aqui deve ter sido muito bonito”, comentei.

Estávamos no salão principal. Do lado de dentro o sobrado parecia pior do que visto de fora. Nenhum móvel, as paredes cheias de infiltrações, as tábuas do piso soltas ou apodrecidas, mais parecia um casarão abandonado. Apesar de tudo, o lugar não negava sua imponência.

“E era mesmo”, o Gordo completou.

“Como você sabe?”

“Já estive aqui antes, quando o Santo estava no auge.”

“Você nunca me contou isso.”

Subimos a escadaria. Fomos até o fim do corredor. Bati na porta do quarto.

“Pode entrar.”

Com muito esforço reconheci a voz do Santo. Parecia voz de velho. Quando entramos no quarto, o Gordo não conseguiu esconder sua surpresa:

“Porra!”

Era um quarto enorme. Nenhum móvel, a não ser uma grande mesa circular, cheia de papéis. Todas as paredes literalmente cobertas de mapas, de tal forma que não dava para saber de que cor haviam sido pintadas. Olhei o teto: a mesma coisa, mapas, vários mapas de diversos tamanhos, colados um ao lado do outro, um mosaico colorido, de impressionar.

“Dá uma olhada no chão”, o Gordo disse, me cutucando, “cuidado pra não pisar na Austrália.”

O piso era um imenso mapa-múndi. Meus pés estavam em pleno Oceano Pacífico.

“O que vocês querem comigo?”

O Santo estava encostado no parapeito da única janela do quarto, de costas para nós, olhando lá fora.

Me aproximei.

“Sou eu, o André, lembra de mim? Fomos da mesma turma, na PUC.”

O Santo se virou. Tinha trinta e poucos anos mas parecia ter cinquenta. Não me reconheceu. Viu o Gordo e abriu um largo sorriso:

“Velho amigo, há quanto tempo”, ele disse, caminhando na sua direção. Deram um abraço forte, de camaradas.

Eu estava boquiaberto. Os dois trocaram figurinhas por alguns minutos, falaram de coisas antigas, relembrou casos, como dois parceiros que não se veem há séculos. O Santo não era um místico estereotipado, como eu supunha depois daquele mistério todo que a garota fez na nossa chegada. Conversava com o Gordo como um cara normal, ria, estava contente em rever o amigo.

Fui até a janela e fiquei esperando.

O Gordo finalmente introduziu o assunto:

“E as pesquisas, parou?”

Ele ficou sério.

“Eu estava no caminho errado, irmão.”

“Errado por quê?”, o Gordo perguntou.

“Procurava respostas para os mistérios.”

“Como todos nós”, eu disse, me metendo na conversa.

O Santo continuou:

“Acontece que não há mistérios.”

“Não?”, perguntei.

“Não. Rodei meio mundo pesquisando pessoas que faziam perguntas, e buscavam respostas para essas perguntas. Sacrificavam animais, sacrificavam outras vidas, muitas vezes a própria vida. Nada disso tem importância.”

O Gordo sentou na Groenlândia. Parecia impaciente.

“O que vocês conhecem sobre os Essênios?”, o Santo perguntou de uma hora pra outra.

“Sobre quem?”, devolvi a pergunta.

“Essênios”, ele repetiu.

O Gordo deu de ombros. Eu não tinha a mínima ideia do que significava aquela palavra.

“E a história da vida de Cristo, vocês conhecem?”

“Desse eu já ouvi falar”, o Gordo respondeu.

“Bom, vocês devem saber que no período que vai dos treze aos trinta anos há uma lacuna na biografia de Jesus. O que se sabe é que ele teria passado esse período em retiro, meditando, assim como, noutro contexto, claro, e seis séculos antes, Siddharta Gautama teria se retirado do convívio com os homens até se tornar Buda, o Iluminado. Mas se o príncipe Siddharta permaneceu isolado durante o seu período de meditação, alguns estudiosos defendem a teoria de que Jesus não ficou completamente só durante os dezessete anos de retiro. Esteve com um grupo de judeus originários do Egito. Esses judeus eram justamente os Essênios.”

O Santo parou um pouco, para respirar e também, creio, analisar nossos rostos, ver se estávamos acreditando no que ele dizia.

Eu ficava imaginando aonde ele queria chegar com aquele discurso que tinha surgido assim do nada, sem pé nem cabeça. Ele continuou:

“Nos dezessete anos que passou no deserto, Cristo teria sido iniciado na doutrina desses judeus, e os estudiosos acreditam que a Igreja Católica silencia sobre o período para não dar créditos aos Essênios, de onde teria vindo boa parte dos preceitos católicos.”

“Um problema de *copyright*, pois não?”, o Gordo disse.

O Santo ficou pálido. Eu e meu assistente nos olhamos, por segundos. Tinha sido uma bela cartada a pergunta do Gordo. E, sem dúvida, a palidez do Santo e sua expressão assustada demonstravam que ele sabia de alguma coisa. Mas o danado se recuperou rapidamente, retrucando:

“Um dos segredos dos Essênios era saber lidar com o silêncio.”

O Gordo entendeu o recado. O Santo continuou, suas faces voltando à cor normal:

“Falavam muito pouco, apenas o estritamente necessário. Para eles, a voz humana era detentora de grande poder e jamais deveria ser desperdiçada. Acreditavam que, através da voz, e de suas diferentes entonações, era possível curar doenças.”

Fez uma pausa. Ficamos os dois, eu e o Gordo, esperando a conclusão. Mas em vez dela veio outra pergunta:

“O que vocês sabem sobre a cabala?”

Não pude evitar uma expressão de desânimo. Tudo indicava que o Santo pretendia nos dar uma aula e essa era a última coisa que eu queria naquele momento, uma aula de maluquice.

“Sei que inspirou o *Aleph*, de Borges”, o Gordo respondeu.

“Aleph, a primeira letra. Vocês sabiam que para os seguidores da cabala existem vários nomes de Deus? E que esses nomes são tão sagrados que alguns deles sequer podem ser pronunciados, nem mesmo pelo sumo sacerdote?”

“Sei”, respondi.

O Gordo ficou me olhando, surpreso.

“Onde foi que você aprendeu isso?”, perguntou.

“Num dos romances do Kemelmam.”

“Qual deles?”

“*Sábado o rabino passou fome*, eu acho.”

“Não me lembro de ter lido nada disso em *Sábado o rabino passou fome*.”

“Então foi naquele outro, *Sexta-feira o rabino acordou tarde*.”

“Também não.”

“Quem sabe foi no *Domingo o rabino ficou em casa*.”

“Sem chance.”

“Então sei lá onde foi que eu li essa merda, porra!”

O Santo abaixou a cabeça. Pedi desculpa.

Ele andou um pouco pelo quarto, em silêncio. Depois perguntou:

“O que há de comum entre os Essênios e os Cabalistas?”

“A relação com a palavra”, respondi, “o respeito pela palavra.”

“Não, não é isso.”

“A resposta exata é: são todos malucos”, o Gordo disse.

O Santo não se deixou abater.

“Cético. O velho discípulo de Poe. Você continua o mesmo.”

Resolvi acabar com a lenga-lenga:

“Olha, Santo, nós viemos aqui...”

“Ainda não terminei”, ele disse, me interrompendo, “o que há de comum entre as duas doutrinas é o mesmo que há entre todas as religiões, todas as seitas. É o que une visões tão diferenciadas quanto, por exemplo, a dos antigos druidas e a dos adeptos do templo de Set. Os druidas só realizavam seus rituais a céu aberto, erguendo os altares com pedras brutas, praticamente sem nenhum trabalho de lapidação, porque acreditavam que tudo que era tocado pelo homem tornava-se profano. Nenhum objeto, de qualquer espécie, nenhum objeto fabricado pelo homem adornava seus altares. O homem é um ser absolutamente inferior, acreditavam. Só através do sacrifício humano, e entendam sacrifício humano como a morte de homens e mulheres, às vezes crianças ou mesmo recém-nascidos, entregues como oferendas aos deuses, só através do sacrifício humano é possível o encontro com a divindade. Já os seguidores do templo de Set...”

O Gordo ficou de pé, eu também, começamos a rodar pelo quarto, vendo se o nosso amigo se tocava. Ele não se deu por vencido:

“Já os seguidores do templo de Set, a versão moderna do satanismo, não cultuam uma divindade, mas o Homem. Daí, por exemplo, não praticarem a magia branca, comum a muitas das religiões e seitas cristãs, magia na qual se diz ‘seja feita a Vossa vontade’, referindo-se à vontade divina. Preferem a magia negra, em que se pode dizer ‘seja feita a *minha* vontade’. Eles rejeitam qualquer submissão a um Deus supremo que trace o destino humano, assim como rejeitam a ideia de rebanho, de massa, de coletividade. Acreditam na supremacia do indivíduo sobre a natureza.”

Ele respirou, e então lançou a pergunta que eu já esperava:

“O que há de comum entre as duas doutrinas?”

Não respondemos.

“O que há de comum entre duas visões tão distintas, no tempo e na doutrina, quanto o templo de Set e o druidismo, é a mesma coisa que liga doutrinas tão díspares quanto, entre outras, o catolicismo, o islamismo e o judaísmo, ou o bramanismo e o budismo, ou ainda a alquimia, a maçonaria, a rosa-cruz e o vodu, e que pode ser resumida numa única palavra: representação. Quando um fiel entra numa igreja católica para receber das mãos do padre a hóstia, sabe que ali não está, em presença, o corpo e o sangue de Cristo, que aquilo é uma *representação* do corpo e do sangue de Cristo. O mesmo ocorre com todas as religiões. Não há doutrina sem ritual, e não há ritual sem representações. É por isso que eu digo a vocês, depois de tanto tempo buscando a verdade absoluta descobri que só há verdades relativas. Ou mais ainda, que não há verdades. Representações, é tudo o que há.”

O Gordo se encostou na parede, pensativo. Comecei a entender o sentido de tantos mapas. O cara não era completamente maluco, só meio maluco.

“Por isso desisti de viajar, como também desisti de me dedicar ao estudo das religiões, alternativas ou não. Tenho o mundo todo nesse quarto. Cada pedaço de chão, cada gota de mar, está tudo aqui, entre nós”, ele disse, com um brilho nos olhos, “e não apenas o presente como também o passado. Tenho mapas antigos, de lugares que na vida real já não existem, velhos territórios, velhas fronteiras já abolidas, está tudo aqui. Um mapa é a união perfeita de ciência e fantasia. É uma

combinação de matemática, geografia, história e arte. Se vocês percorrerem todo esse quarto, se puderem reparar em cada detalhe, sem pressa, apreciando atentamente cada um desses desenhos do mundo, dos mundos possíveis, verão que um mapa é inesgotável, que ele vai além de seus próprios limites físicos. Um mapa é mais do que traços e cores, é história em movimento, é a própria história humana em movimento.”

E concluiu, solene:

“O importante, irmãos, o importante não é o Universo, mas a *representação* do Universo.”

Depois voltou para sua janela. Tive vontade de lhe perguntar por que gostava tanto de ficar vendo o mundo lá fora se o mundo inteiro estava dentro do seu quarto mas o Gordo se adiantou. Foi até ele, segurou seu braço.

“Você conhece essa representação?”, o Gordo perguntou, mostrando um desenho com o símbolo do *copyright*.

Dessa vez o Santo não conseguiu disfarçar, seu rosto ficou nitidamente transtornado, o peito ofegante, tive medo de que ele pulasse pela janela de repente.

“Conhece ou não?”

“Não é uma seita”, ele respondeu, a voz trêmula.

“É o quê, então?”, o Gordo insistiu.

“Não sei.”

Ele estava mentindo, qualquer imbecil poderia perceber que o Santo estava mentindo. Parti para o ataque, era tudo ou nada:

“Santo, isso é muito importante, dessa informação depende a vida de uma pessoa, um garoto de quinze anos, pense nisso.”

“Quinze anos”, o Gordo arrematou, falando quase no ouvido do Santo, “deve ter a mesma idade da sua amiguinha de olhos azuis.”

Ele tentava a custo se controlar.

“Sinto muito, realmente não posso ajudá-los.”

“Eu não disse que ele estava noutra?”, ela falou, surgindo de repente na porta do quarto.

A pequena guardiã, pensei comigo. Era tudo de que o Santo precisava para se recompor.

Ele deu um abraço no Gordo, depois me abraçou também.

“Voltem quando quiserem, a casa é de vocês.”

O Gordo ainda ensaiou uma fala mas o Santo já tinha se virado de costas novamente. A garota ficou ao lado da porta aberta, de cabeça baixa, assoviando uma musiquinha qualquer.

“Hora de ir embora”, eu disse.

Sáimos, descemos a ladeira até a estação. O bonde chegou, subimos. Tudo isso sem dizer palavra. Havia um cansaço enorme em torno de nós.

Quando passávamos sobre os Arcos da Lapa, o Gordo falou:

“Convenhamos, não foi tempo perdido.”

“Concordo.”

“Já sabemos que o círculo com a letra dentro significa alguma coisa. E mais: alguma coisa importante.”

“Eu sei.”

Novo silêncio.

O Gordo fez a pergunta que eu queria fazer:

“Você está com medo?”

“Estou.”

“Eu também.”

Quando cheguei ao meu prédio, o porteiro disse:

“Aquela moça quer falar com você.”

Era Kate, no velho sofá da portaria. Assim que me viu ela se levantou, nervosa.

“O que foi?”, perguntei.

“Podemos subir?”

“Claro.”

Subimos. Ao entrar em casa, me arrependi de não ter deixado o certificado do meu curso de detetive pendurado no prego. Queria impressionar a namorada do filho do meu cliente, como se não houvesse coisa mais séria com que me preocupar.

“Bebe alguma coisa?”

“Um refrigerante, se tiver.”

“Serve um mate?”

“Serve.”

Fui até a cozinha, trouxe um mate gelado.

“Obrigada.”

Kate deu um gole, sua mão tremia. Abriu a bolsa, retirou um envelope, me deu.

“Chegou ontem. Deixaram na portaria do prédio.”

Sentei ao lado de Kate, no sofá. Abri o envelope. Era uma foto do Murilo Chaves.

“Só isso?”

“Não, atrás.”

Virei a foto. Tinha uma frase escrita em letra de forma:

SEU NAMORADO CORRE RISCO DE VIDA. ESTE HOMEM SABE ONDE ELE ESTÁ.

“Quem deixou isso na sua portaria?”

“Não sei, o porteiro só disse que era um homem de terno e parecia segurança.”

“Isso não ajuda muito.”

Ela começou a chorar. Tentei acalmá-la.

“Você disse que deixaram o envelope ontem.”

“Foi.”

“E por que não me procurou antes?”

“Quis falar com o Montenegro primeiro.”

“E o que ele disse?”

“Ele não quis me receber.”

“Não quis te receber? Mas você não falou que era urgente, que era sobre o Pedro?”

“Ele não gosta de mim. Liguei pro escritório, mandou a secretária dizer que estava em reunião.”

Fui até a casa dele, a empregada mentiu, disse que ele tinha saído.”

“Por que ele não gosta de você?”

“Acha que sou muito, como é que se diz, ele usou uma palavra... frívola, ele disse ao Pedro que eu era muito frívola. Eu nem sabia o que significava isso.”

“O Pedro te contou que o pai dele te chamou de frívola?”

“Não existia, quer dizer, não existe segredo entre nós, o Pedro sempre me conta tudo. E tem mais uma coisa: o Montenegro acha que estou a fim do dinheiro dele.”

“E está?”

Kate se ofendeu.

“Claro que não!”

Me pareceu sincera, talvez soubesse fingir bem. Estava mais calma.

“O que o senhor vai fazer?”

“Não me chame de senhor, não sou tão velho assim.”

“Desculpa.”

“Tudo bem.”

Não estava tudo bem, eu já andava me sentindo meio velho mesmo mas daí a me chamarem de senhor era foda. Só faltava me chamar de tio.

“Escuta, Kate, precisamos agir rápido. Já estou investigando esse sujeito, eu e meu assistente.”

“Você tem um assistente?”

“Tenho.”

“Uau! Parece coisa de filme!”

“Parece mas não é. O caso é sério, entendeu?”, eu disse, irritado.

Ela fez cara de choro. Fiz cara de bravo. Ela entendeu e não chorou.

“Eu e meu assistente estamos na cola desse sujeito. Desconfiava dele, agora tenho certeza.”

“Mas e aí, o que você vai fazer? Chamar a polícia?”

“Não. Deixa comigo, você pode ir.”

Levei-a até a porta.

“Como é que eu saio daqui?”

“Não entendi.”

“Como é que eu volto pra minha casa?”

“Onde você mora?”

“São Conrado.”

“Vou te levar até um ponto de táxi.”

Descemos. O porteiro ficou me olhando esquisito. Há dias eu estava com a impressão de que ele me espionava. Raquel deve ter dado uma grana a ele, pensei.

Caminhei com Kate até o ponto de táxi, na esquina. Ela usava um short apertado e curtíssimo, realçando sua bunda perfeita, e uma camiseta que deixava à mostra a barriguinha bronzeada. Enquanto andávamos, três caras mexeram com ela: gostosa, tesão etc. Fiquei puto. Kate não era minha namorada nem nada mas os caras não sabiam disso, então era como se estivessem mexendo com minha mulher. Fiquei puto.

Ela entrou no táxi.

“Qualquer novidade, me liga.”

“Claro”, ela disse.

Fui até um orelhão. Queria falar com Mariana mas ninguém atendeu. Liguei para o Gordo, não tinha chegado ainda. Já era para ele ter chegado à livraria, onde é que o irresponsável tinha se metido? Tentei Raquel. A empregada disse que ela estava na academia.

“Saco!”, eu disse, alto, batendo o fone no gancho. A velha atrás de mim se assustou.

“Não consigo falar com ninguém!”

“Tenta mais tarde”, ela disse, ainda assustada.

Um carro parou perto de mim. Do banco de trás um homem abaixou o vidro. Era o Montenegro.

“Entra”, ele disse.

Fiquei parado.

“Não temos o dia inteiro, meu filho.”

Eu não era o filho dele, porra!

“Não sou seu filho”, gritei.

“Entra assim mesmo.”

“Merda”, eu disse, entrando no carro.

O motorista arrancou, cantando pneu.

“Bom trabalho”, Montenegro falou, já me oferecendo uma cerveja. O crápula tinha colocado cerveja no barzinho do carro.

“Não fui eu que fiz as fotos”, rebati, recusando a cerveja.

“Eu sei. Bom trabalho assim mesmo.”

Como é que ele sabia?

Tirou do bolso um cartão e me deu. Li: Valdo Gomes, alfaiate.

“Alfaiate?”

“Justamente. Vou deixar você lá. O Valdo vai lhe arranjar um terno.”

“E pra que vou precisar de um terno?”

“Você não pode ir à festa do Murilo Chaves de jeans e camiseta, concorda?”

“O Murilo Chaves vai dar uma festa?”

“Hoje à noite, numa mansão no Alto da Boa Vista.”

Tirou do bolso do paletó um convite, com meu nome impresso.

“Com direito a acompanhante”, ele completou.

Fiquei segurando o convite.

“Seria muito trabalhoso da sua parte me explicar o que está acontecendo?”, perguntei, sem esconder a irritação.

“Vou ser breve, não tenho muito tempo. Logo depois da reunião da diretoria do Flamengo, ontem, quando soube que seria manchete dos jornais de hoje, o Murilo acionou seus contatos e conseguiu organizar às pressas uma pequena recepção. Convidou alguns diretores de jornal e televisão, e políticos influentes.”

“Mas pra quê?”

“Fachada, meu caro, pura fachada. É uma recepção de apoio ao Murilo. Pode apostar que na segunda-feira todas as colunas sociais vão dar espaço pro canalha.”

“E por que me convidaram?”

Ele deu um riso cínico.

“Não te convidaram. Eu consegui colocar seu nome na lista.”

Nem adiantava perguntar como o Montenegro tinha conseguido um troço desses.

“Tem uma coisa que eu realmente não consigo entender”, arrisquei.

“Diga.”

“Por que é que o senhor, com tantos poderes, tanta influência, ainda precisa de mim?”

“Fizemos um trato, André. Só eu sei por que preciso, e muito, de você. Não se preocupe com meus métodos, faça o seu trabalho. Estou lhe pagando mal?”

“Não, não é isso.”

“Dois mil. Hoje você vai receber dois mil, uma pequena compensação.”

Fiquei calado.

“Você se importa se eu fizer um cheque em reais?”

“Imagina.”

Ele tirou o talão de cheques. Preencheu ali mesmo, na minha frente. Enquanto o Montenegro preenchia o cheque eu sentia um frio na barriga e uma saudade imensa do tempo em que meu único problema era ser mandado embora do emprego.

Colocou o cheque num envelope.

“O Valdo Gomes é muito bom, você vai gostar dele. O ideal seria fazer um terno novo, sob medida, mas não vai dar tempo.”

“Por que não posso comprar um terno pronto, numa loja?”

“Porque você não saberia fazer isso.”

Não mesmo.

“Jamais usei um terno em toda a minha vida.”

“Depois que vestir um, não vai querer usar outra coisa.”

“Duvido.”

Ele passou a mão na minha cabeça, como se faz com um filho adolescente.

Fiquei comovido, outra vez. Meu pai não era de muitos carinhos, mas de vez em quando fazia aquele gesto de passar a mão na minha cabeça, bagunçando meus cabelos. Senti muita falta do velho.

Montenegro me deu o envelope. Guardei no bolso da camisa, com a sensação de que guardava um punhal.

“Toma cuidado”, o Gordo me disse ao telefone.

“Gordo, lembra quando a gente jogava bola no Aterro, há uns quinhentos anos?”

“Lembro, te dei uma bola debaixo das pernas memorável.”

“E depois chutou pra fora. Errou um gol feito.”

“O que vale é a arte.”

Silêncio.

“André, você não vai ser esfaqueado, não vai levar um tiro nem nada. Só falei pra ter cuidado.”

“Eu sei.”

“Amanhã a gente se fala. Quero saber como foi a festa do sacripanta.”

Desliguei. Esqueci de perguntar onde ele estava quando liguei para a livraria. Também não contei da foto do Murilo Chaves que a Kate recebera. Minha cabeça não andava nada bem.

Fui pela rua carregando o terno que o Valdo Gomes tinha me arrumado. Parei noutro orelhão e liguei para Raquel.

“Quem é Mariana?”, ela foi logo perguntando.

“Hem?”

“Perguntei quem é essa piranha chamada Mariana.”

Tentei pensar em alguma coisa. Tinha lido num romance que nessas horas você deve negar, negar sempre.

“Ficou maluca, Raquel? Sei lá quem é Mariana.”

“Tinha um recado dela na sua secretária.”

“Hoje?”

Raquel bateu o telefone na minha cara.

Liguei de novo.

“Não quero falar com você.”

“Raquel, me escuta, por favor.”

“Vou te trair, está me ouvindo? Vou te trair, André.”

Desligou.

Eu tinha apagado os recados antes de sair de casa. Isso queria dizer que o recado que Raquel ouviu não tinha sido o do dia anterior. Mariana ligou hoje à tarde, depois que saí com Kate, Raquel passou lá em casa justamente nesse intervalo, acionou a secretária, ouviu o recado, foi o que deduzi.

Mariana poderia ter sido mais discreta, não precisava ter deixado o nome, pensei. Por outro lado, ela não sabia da existência de outra mulher na minha vida, eu tinha dito que não havia ninguém. Mentiras, eu estava ficando cansado de mentiras.

Liguei para Mariana. Ela mesma atendeu.

“Você me ligou?”, perguntei.

“Duas vezes.”

“Alguma coisa importante?”

“Saudade de você é uma coisa importante?”

Que voz. Se tem uma coisa que me atrai numa mulher é a voz, às vezes mais do que as pernas, a bunda, os seios, a pele, os olhos, o cabelo, a cintura, os pés, o sorriso, os lábios, a curva das panturrilhas. Sou maluco por vozes roucas, como a de Mariana. Já estava excitado só de ouvi-la ao telefone. Essa mulher ainda vai acabar comigo, pensei.

“Temos um compromisso hoje à noite”, eu disse.

“É mesmo?”

“Passo na sua casa às dez.”

“E aonde vamos, se não for segredo?”

“A uma festa no Alto. Uma festa de apoio ao Murilo Chaves.”

Pausa.

“Esperava um convite mais romântico.”

“Não era exatamente esse o programa que eu queria sugerir.”

“E é claro que você não vai me explicar por telefone.”

“Te conto tudo no caminho. Passo aí às dez.”

“Certo, mas com uma condição.”

“Qual?”

Nova pausa. Voz rouca:

“Não marque nenhum compromisso amanhã de manhã.”

Desligou. Ainda fiquei alguns segundos com o telefone na mão.

Continuei pela calçada. Estava cansado, suava. Devia ser chato usar um terno mas era muito pior carregá-lo pela rua num cabide.

Cheguei à portaria. O porteiro ficou olhando o terno na minha mão.

“O que foi? Nunca viu?”

Ele abaixou a cabeça. Iria contar tudo a Raquel, o vendido. Ela iria ficar sabendo que saí de terno, nunca usei terno antes, ela sabia, e aquilo só teria um significado na cabeça dela: mulher nova no pedaço, uma grã-fina com certeza.

Mas eu não tinha muito tempo para me preocupar com Raquel. Pretendia dormir um pouco antes de sair de casa novamente.

Fiquei me olhando no espelho. A barba feita, cabelo penteado, terno, gravata, até que não estava mal. Me lembrei das palavras do Montenegro: eu nunca iria querer usar outra coisa. No fundo ele tinha alguma razão. Tirando a gravata, que me incomodava um pouco, era confortável aquela roupa. Dava uma sensação de bem-estar, os sapatos macios, o tecido fino da calça, da camisa, o colete ajustando o corpo, e aquele paletó aconchegante arrematando o conjunto.

“Está parecendo uma debutante”, teria dito Sam Spade com um sorriso debochado nos lábios,

se me visse ali diante do espelho por tanto tempo.

Chamei o táxi. Pedi um carro de luxo, não iria encontrar Mariana de terno e gravata no interior de uma lata velha caindo aos pedaços.

“Leblon”, disse ao motorista, já dentro do táxi.

“Sim, doutor.”

Era a primeira vez na vida que alguém me chamava de doutor. O motorista usava terno azul-marinho e um daqueles bonés de motorista de bacana. Igual ao motorista do Montenegro, pensei comigo. Eu estava me sentindo muito bem naquele carro.

No caminho fiquei pensando: até o momento tinha investido todo o meu tempo nesse tal de Murilo Chaves, mas se ele não tivesse nada a ver com o sequestro do Pedro? Aliás, eu nem poderia ter certeza de que tinha havido um sequestro, ninguém fizera contato pedindo resgate. Me dei conta de que investira todo o meu esforço numa única pista, que poderia ser falsa.

Infelizmente, pensei, não há outra. É seguir essa pista mesmo, até o fim, torcendo para não dar com os burros n’água no final da história. Além disso, a foto que a Kate me mostrou incriminava o sujeito. Ou não? Algum inimigo poderia ter enviado a foto só para complicar ainda mais a vida do cara, alguém que soubesse do desaparecimento do filho do meu cliente. Talvez.

“Contorne o canal, por favor”, indiquei ao motorista.

Precisávamos seguir pelo canal do Leblon, retornar mais adiante, pegar a outra pista, entrar numa ladeira à direita. Um dia eu talvez perguntasse como ela conseguia ter um apartamento luxuoso numa rua como aquela com seus honorários de detetive particular.

O táxi parou. Desci. Mariana me esperava na portaria.

“Espero que não se incomode de sair com uma mulher pontual”, ela disse.

Usava um vestido curto, preto. Decote discreto.

“Não dá pra saber, nunca saí com uma antes”, respondi.

Ela riu. Andamos até o carro. Deixei que seguisse um pouco à frente de mim. Coloquei a mão na sua cintura, por trás. Seu vestido tinha uma abertura que deixava ver parte das suas costas, fiquei imaginando meu corpo grudado ali, naquela pele. Entramos no carro.

Ela ajeitou minha gravata. Senti seu perfume. Ela encostava seus lábios no meu rosto, e em volta da minha boca, sem me beijar, roçando os lábios no meu pescoço, devagar.

O motorista nos olhava pelo retrovisor.

“Estrada do Alto”, eu disse, me recompondo.

“Posso subir o vidro, doutor?”

Não entendi a pergunta. Que vidro seria, se todos estavam fechados por causa do ar-condicionado?

“Sim, pode subir”, Mariana respondeu por mim.

O motorista apertou um botão qualquer no painel. Saindo do encosto do banco, subiu um vidro fumê até o teto do carro, isolando a parte de trás, onde estávamos eu e Mariana, da parte da frente. Me lembrei do carro do Montenegro.

“Nossa”, eu disse.

“Fiz mal?”, ela perguntou.

“Claro que não. Esse vidro também isola barulho?”

“Só há um jeito de saber.”

Falei alto com o motorista, mandei dar meia-volta. Ele continuou direto.

“Não me ouviu.”

“Ótimo. Pode começar o relatório, detetive.”

Contei tudo. Comecei com o envelope que Kate tinha recebido, com a foto do Murilo Chaves e a frase incriminadora no verso. Ela quis saber detalhes da minha conversa com Kate, no meu apartamento. Ciúmes, pensei no início, depois vi que não, Mariana tinha outra coisa em mente.

“Temos no mínimo duas hipóteses, André. Primeira: a frase é verdadeira, e quem escreveu tem certeza de que o Murilo Chaves está envolvido no desaparecimento do garoto. Segunda: a frase é falsa. Alguém se aproveitou da enrascada em que o Murilo se meteu e resolveu colocar a culpa nele.”

“Quem?”

“Alguém que gostaria de vê-lo mais prejudicado ainda, algum outro empresário, um concorrente. Essa é uma hipótese. Mas há outra.”

Completei seu pensamento:

“Alguém que esteja envolvido no sequestro e queira desviar a atenção das investigações colocando a culpa num inocente, quer dizer, inocente *neste* caso.”

“Exato. Agora me responde: se você tivesse que fazer uma lista de suspeitos, quem você eliminaria de imediato, além, é claro, do Montenegro?”

Refleti um pouco.

“Kate.”

“Por quê?”

“Por quê? Porque era a namorada do Pedro, ora essa.”

“Já houve sequestro assim antes, concorda? Vários. Temos dezenas de casos de sequestro em que o sequestrador é alguém da família, um parente, o marido, a esposa.”

“É verdade. Mas se ela tivesse culpa no cartório, por que teria se arriscado tanto, entregando ao próprio pai do sequestrado um bilhete falso?”

“E quem disse que ela entregou?”

“Ela tentou, pelo menos.”

“Você confirmou isso com alguém? A secretária do Montenegro, por exemplo, você confirmou com ela que a Kate tentou falar com ele?”

“Não, não confirmei. De qualquer forma, ela entregou a foto pra mim, que estou a serviço do Montenegro.”

“Não. Entregou pra você, que confia nela.”

Silêncio.

“E como ela pode saber que confio nela?”

“Não é muito difícil, André. Um dos seus encantos é não saber mentir.”

Pensei em Raquel.

Mariana cruzou as pernas e pude ouvir o barulhinho das meias roçando uma na outra. Aquilo me desconcentrou. Ela deve ter percebido, aproximou seu corpo do meu. Enfiei a mão na abertura de trás do seu vestido e apertei sua cintura, sentindo com o toque o contorno exato da calcinha.

Ela me afastou um pouco, delicadamente.

“Desconfio dessa garota”, ela disse, os lábios quase colados nos meus.

“Que garota?”, perguntei, fingindo que tinha esquecido, enquanto tentava trazê-la pra mais perto de mim.

Ela me empurrou.

“Agora não, me escuta.”

Escutei.

“O fato de Kate estar numa situação confortável, acima de qualquer suspeita, não quer dizer que ela seja inocente. Pelo contrário, é mais um motivo pra se desconfiar dela, parece tudo muito certinho, certinho demais.”

Me lembrei das palavras do Gordo: desconfiar de Kate pelo simples fato de ela ser uma mulher gostosa. Mas nesse caso também deveria desconfiar de Mariana. Aliás, desconfiar muito.

“Essa Kate”, ela continuou, “essa Kate me parece, como dizer...”

“Frívola.”

“Não, nada disso. Sónsa, é isso o que ela é, uma sónsa. Se finge de burrinha, mas no fundo é muito esperta.”

“Será? Acho que não.”

“Sua opinião é suspeita. Você está vidrado nela desde que a viu no bar.”

“Na Kate? Eu vidrado naquela garotinha? Entende uma coisa, Mariana, só consigo pensar em você, em mais ninguém.”

Ela ficou me olhando.

“Não há mesmo outra mulher na sua vida? Só eu?”

Olhos nos olhos.

“Só.”

“Não acredito.”

Tentei dizer alguma coisa mas ela tapou minha boca. O perfume da sua mão penetrou meu corpo inteiro.

“Não acredito numa palavra do que você diz, André.”

Aproximou sua boca da minha, me beijou.

Depois completou, num sussurro, seu rosto colado no meu ouvido:

“Mas isso não tem a mínima importância.”

Paramos na entrada da casa. O motorista perguntou se queria que ele esperasse. Respondi que não, se precisasse ligaria mais tarde.

Entreguei o convite à moça da recepção. Ela conferiu a lista dos convidados, entramos. Caminhamos por uma pequena aleia de palmeiras até chegarmos a um salão enorme, de paredes envidraçadas. Um senhor de fraque nos recebeu. Todo aquele rapapé já estava me cansando um pouco.

Através do vidro viam-se lá embaixo os jardins da casa, a piscina, as mesas dispostas na grama. Um garçom nos serviu champanhe.

“Cadê o cara?”, perguntei a Mariana.

“Calma. Mal chegamos.”

“Ele devia estar aqui pra receber os convidados.”

“Não são convidados dele. Ele é o homenageado, esqueceu?”

Atravessamos o salão. Uma escadaria levava até os jardins. Desci de braços dados com Mariana. Um cara passou por nós, subindo. Comia Mariana com os olhos mas não disse tesão, gostosa etc. Fiquei puto do mesmo jeito. Deve ser um merda como eu, pensei, se estivesse na rua

tinha mexido com minha mulher, aqui só fica olhando.

“Tem uma mesa ali”, eu disse.

Assim que nos sentamos, vi uma coroa se aproximando.

“Linda noite, não acham?”, ela disse, em pé, perto da nossa mesa.

Mariana se levantou, cumprimentaram-se com beijinhos. De onde Mariana conhecia aquela perua? Sentou-se conosco.

“Estão gostando?”, ela perguntou.

“Muito, está muito agradável”, respondi.

Eu estava aprendendo a mentir com uma rapidez impressionante, estava virando um especialista. Senti um certo mal-estar.

“Meu namorado”, Mariana apresentou.

Olhei para ela, constrangido. Não imaginei que fôssemos namorados.

“Ah, que bom, formam um belo par”, a intrusa falou.

Acendeu um cigarro, tragou, depois disse para Mariana, sem disfarçar a ironia:

“Tão raro hoje em dia, um casal de verdade.”

“Com licença”, eu disse, me levantando.

A voz daquela mulher me dava ânsias de vômito. Caminhei pelo jardim até a bandeja de um garçom, eu não via o garçom, só via a bandeja. Peguei um copo de uísque, matei metade num gole. Não entendia porra nenhuma de uísque mas aquele devia ser bom, me senti bem melhor.

De longe fiquei vigiando as duas. A perua se levantou logo em seguida. Voltei ao meu lugar.

“Não seja tão impaciente”, Mariana me disse, já na mesa, “estamos aqui a trabalho.”

“Não fiz nada de errado, fiz?”

“Por enquanto não, mas tente se controlar.”

“Quem é a donzela?”

“Esposa do Murilo Chaves.”

Por pouco não me engasguei com o uísque.

“A esposa do cara está aqui?”

“Está, claro, por que não?”

“Por que não? Você ainda pergunta?”

“Fala baixo, André.”

Deixei o copo sobre a mesa. Respirei fundo.

“Tudo bem, então me explica”, eu disse.

“Rosália sabe de tudo...”

“Ela se chama Rosália.”

“Sim.”

“Rosália não é nome de gente rica.”

“Isso não é um romance, André, não dá pra escolher nome de personagem.”

Tudo bem, pensei comigo, mas Rosália também não era nome de mulher de gângster, definitivamente, não era.

“Ela sabe de tudo, como quase todo mundo aqui. Sabe que o Murilo Chaves sai com garotos de programa, mas não é o momento certo de fazer escândalo.”

“Com essas fotos ela consegue o divórcio, não consegue? Não é isso que ela quer, a grana do sujeito?”

“Não é bem assim. Iria parecer oportunismo.”

“Oportunismo? O marido é flagrado com um garotão numa boate gay, ela pede o divórcio e é oportunista?”

“Se você me deixar falar, eu explico.”

Passou um garçom. Peguei outro uísque. Logo depois outro garçom, com uma bandeja com garrafinhas de Perrier. Mariana aceitou uma.

“É pra você”, ela disse, enchendo um copo.

“Não quero tomar água mineral.”

“Acho melhor tomar.”

Tomei um gole.

“Oficialmente, quem organizou essa festa foi ela, Rosália.”

Segurei o riso. Rosália, que coisa.

“Pra todos os efeitos, ela está ao lado dele, dando apoio. Diz a todo mundo que não acredita nos jornais, que é um complô contra o marido. Na verdade, é uma estratégia.”

“Ela se faz de companheira do crápula, de esposa dedicada.”

“Sim.”

“Por quê?”

“Porque sabe esperar.”

“Esperar? Até quando?”

“Por enquanto ainda tem gente importante do lado dele. Basta ver por essa festa. E ninguém do lado dela, a não ser um bando de feministas que não vão lhe render um centavo. Se ela pedir o divórcio agora, o Murilo Chaves arrasa com ela, entendeu?”

Eu começava a entender.

“Agora, se ela tiver paciência, se aguardar o tempo certo, o Murilo vai se arrastar pro fundo do poço.”

“E ela então vai se bandear pro outro lado.”

“Lógico, ela e quase todo mundo que você está vendo aqui. Estão todos esperando o momento exato.”

“E se ele conseguir sair dessa? Se continuar por cima?”

“Nesse caso, Rosália continuará sendo a mulher dele. Uma dama respeitável, uma senhora de bem, uma companheira, como você mesmo disse.”

“E rica”, completei.

“Isso mesmo. Muito rica.”

Quando mandaram parar a música, eu dançava com Mariana no meio do salão.

Rosália pegou o microfone. Finalmente pude ver o Murilo Chaves. Estava ao lado dela. Rosália fez um breve discurso: fidelidade, amor, injustiça etc. Chorou no final. Deu um abraço apertado no marido. As pessoas bateram palmas. Depois passou a palavra a um senhor. Amizade, honra, serviços prestados etc. Outro abraço apertado. Palmas. Finalmente o Murilo Chaves: obrigado etc. Palmas. O DJ colocou o hino do Flamengo. Todos de pé, alguns com a mão no peito,

como se fosse o hino nacional.

“Não acredito que estou sendo obrigado a ouvir isso”, cochichei no ouvido de Mariana.

“Quer que eu peça pra tocar o do Botafogo?”

“Não, essa gente estúpida não ia entender a letra.”

“Você sabia que foi o Lamartine Babo que compôs o hino do Flamengo?”

“Do Botafogo também, e do Fluminense, e do Vasco, e do América, que é o mais bonito de todos.”

“É verdade, André? Disso eu não sabia.”

“Você ainda tem muito o que aprender.”

Depois do hino, mais palmas. O Murilo Chaves arrematou: divirtam-se, a festa é de vocês, e depois se misturou aos convidados.

“Me espera aqui”, eu disse a Mariana, “vou atrás dele.”

O cara levou um tempão recebendo cumprimentos, beijos, abraços, tapinhas nas costas. Reconheci o Epifânio de Moraes Netto. Claro, o safado não iria perder essa, deu um abraço de horas no boiola.

Quando consegui se desvencilhar, o Murilo Chaves caminhou até um outro salão. Fui atrás. Pouco depois um sujeito se aproximou dele, um baixinho, gordo. Ficaram poucos minutos ali, o suficiente para uma rápida troca de palavras e para que Murilo Chaves entregasse alguma coisa ao baixinho. Tive a impressão de ser um envelope. Logo depois o Murilo passou por mim.

Tentei disfarçar. Ele ficou me encarando durante alguns segundos, depois perguntou:

“Você está aí há muito tempo?”

“Como, senhor?”

Ele me olhou sério, as sobrancelhas arqueadas:

“Nada”, ele disse, e saiu.

Respirei aliviado. Logo depois o outro cara passou à minha frente, mas sem falar comigo. Segui o fulano. Ele suava muito. Deu uma parada no meio do salão, tirou um lenço do bolso do paletó, enxugou o suor da careca, do rosto, do pescoço. Guardou o lenço, continuou caminhando por entre os convidados. Tive tempo de reparar bem no rosto dele, na sua figura desagradável. Era um baixinho asqueroso. Voltou ao jardim, sentou ao lado de uma senhora.

Fiz um sinal para Mariana, ela veio ao meu encontro.

“Aquele gordo acaba de receber um envelope do Murilo Chaves.”

“Sério?”

“O que vamos fazer?”

“Nada.”

“Nada?”

“Agora é por minha conta, vai dar uma volta.”

Não gostei. Ela percebeu. Falou no meu ouvido, voz rouca:

“Quando sairmos daqui você vai ter sua recompensa, detetive.”

Fui atrás de uma bandeja. Peguei um uísque, não tinha cerveja na festa. Rico não gosta de cerveja, pensei.

Fiquei observando, perto dali. A mulher do gordo se levantou e foi cumprimentar outra perua.

Mariana caminhou até a mesa do cara, por trás, esbarrou nas suas costas, ele derrubou o copo.

Mil perdões, ela deve ter dito, ou coisa parecida. Estava se desculpando, quis limpar a mesa. Flagrei seu olhar guloso nos seios de Mariana quando ela se abaixou, tentando limpar o uísque derramado.

Conversavam. Ele ficou de pé. Não devia ter senso de ridículo, se permanecesse sentado talvez disfarçasse a pouca estatura, em pé ele batia nos ombros de Mariana. Falou alguma coisa no ouvido dela, Mariana riu. Ele repetiu, ela riu mais ainda. Percebi que já estava meio tonto, de vez em quando perdia o equilíbrio, o corpo ficava balançando.

Era preciso ter sangue de barata para ficar presenciando aquilo sem meter um murro nos cornos do sujeito. Saíram. Fui atrás. Entraram na casa. Um garçom parou à frente deles, Mariana pegou uma taça de vinho. Deu ao barrigudo. Ele virou a taça de uma vez só. Logo, logo estaria bêbado, pensei, antevendo os planos de Mariana. Se ela desse um beijo naquele desgraçado eu ia desandar com a festa, enchia o baixinho de porrada.

Caminharam por um corredor. Segui os dois. Mariana se virou e fez sinal para que eu parasse. Parei. Eles entraram num cômodo, fechando a porta.

Fui até lá, tentei abrir. Trancada.

“Deseja alguma coisa?”, Rosália falou, logo atrás de mim.

Levei um susto mas disfarcei bem.

“Não, nada, estava só admirando sua casa. Muito bonita.”

“Obrigada, mas não é nossa. É de um amigo.”

Queria ter um amigo assim.

“Você certamente já ouviu falar dele. Doutor Epifânio de Moraes Netto.”

Meu sangue ferveu. Eu estava na casa daquele puto.

“Aqui é a biblioteca. Mas fica sempre trancada quando o Epifânio recebe alguém. Morre de ciúmes dos seus livros. Esses intelectuais são um pouco excêntricos, você sabe.”

Aquela mocreia tinha dito que o Epifânio era um intelectual. Meu Deus.

Eu poderia ter dito a ela que alguns convidados mais íntimos têm a chave da biblioteca mas não disse, é claro. Sangue de barata.

Precisava tirar Rosália da frente da biblioteca e inventei uma desculpa qualquer.

“Aquele quadro”, eu disse, caminhando na direção da parede oposta, “de quem é?”

“Não sei. Provavelmente um desses jovens pintores que o Epifânio gosta de ajudar.”

Ficamos na frente do quadro, com ar de profundos conhecedores. Quanta farsa.

“Lembra Mondrian”, ela comentou.

Silêncio. Nós dois na frente do quadro. Ela continuou:

“Mondrian tinha o traço exato. Cada obra dele era como um refinado romance policial, tudo se encaixando com perfeição.”

Eu não estava acreditando. Rosália gostava de romance policial?

“Também gosto de romances policiais.”

“Eu não disse que gostava. Disse que se parece, apenas isso”, ela rebateu, seca.

“Desculpa, eu pensei...”

“Não gosto de ficções. Prefiro as coisas sinceras, sem fraudes.”

Havia ódio na voz dela.

“Não há fraudes numa boa ficção. Só as histórias ruins são fraudulentas”, retruquei.

Ela não gostou. Saiu de perto de mim sem ao menos pedir licença. Como os ricos sabem ser grosseiros, fiquei pensando comigo mesmo.

Voltei ao jardim. Precisava esquecer que Mariana estava trancada com um baixinho nojento na biblioteca particular do Epifânio de Moraes Netto. Não era uma realidade fácil de apagar. Fiquei perambulando pelo gramado, vendo as pessoas e imaginando quantos desdentados da geral do Maracanã tinham sido necessários para promover uma festa como aquela.

Fui até um canto do jardim. A casa era cercada de verde, fiquei olhando as montanhas. Um cara se aproximou:

“Mata Atlântica”, ele disse.

Permaneci calado.

“Vale mais que qualquer obra de arte.”

Continuei mudo.

“Imagina como era esse lugar há cem, duzentos anos.”

Bem melhor do que agora.

“O jovem não é de muita conversa.”

Me virei na direção dele:

“Falou comigo?”

Ele me encarou. Era um coroa não muito alto, estatura mediana, mas forte, boa-pinta, cabelos longos, presos num rabo de cavalo. Vestia um terno escuro, parecia ator de filme policial americano, um daqueles agentes moderninhos do FBI.

“Conheço o seu irmão.”

Saco! Era impressionante como o Augusto conseguia me perseguir mesmo estando ausente. Era uma sombra, uma sombra insuportável.

“Ah é?”, perguntei, tentando parecer normal.

“Conheço o Augusto há muitos anos, desde os tempos da faculdade.”

“O senhor também trabalha no Banco do Brasil?”

Ele não respondeu, ficou olhando a paisagem por um tempo. Depois disse:

“Parece Petrópolis. Você conhece Petrópolis?”

“Sim.”

“Gosta de lá?”

“Não.”

Fiquei admirando a lua, cheia.

“De onde você conhece o Murilo Chaves?”, ele me perguntou.

“Não conheço.”

“Não conhece. Mas está na festa dele.”

“Estou.”

Ele esperou que eu explicasse. Não expliquei.

“Veio acompanhando alguém, é isso?”

“É.”

“Quem?”

“Acho que isso não é da sua conta.”

Ele não retrucou. Ficamos calados por alguns minutos. Eu não tinha ido com a cara daquele sujeito, não mesmo.

“Seu irmão não sabe que você está aqui, sabe?”

Senti um frio na barriga.

“Não. Nem precisa saber.”

“Claro, claro que não.”

Ficou mais um pouco, nós dois vendo a paisagem.

“Vou deixá-lo em paz”, ele disse, “foi um prazer conhecê-lo.”

Merda! Sabia que ele iria contar ao meu irmão que eu estava naquela festa. Muito azar. Procurei outra bandeja. Não era difícil encontrar, havia bandejas ambulantes em todos os lugares da mansão. Se eu bebesse demais não conseguiria transar com Mariana, pensei. Bebi assim mesmo. Quando acabei de entornar o copo de uísque me deu vontade de ligar para Raquel. Felizmente não tinha nenhum orelhão por perto.

Vi Mariana vindo na minha direção. Antes de dizer qualquer coisa me deu um beijo demorado. Abri os olhos, tinha um monte de barrigudo safado olhando o nosso beijo. Aquela inveja toda salvou a minha vida, eu estava com a mulher mais bonita da festa.

“Por que demorou tanto?”, perguntei, Mariana nos meus braços.

“Quer mesmo saber?”

“Não.”

Baixinho filho da puta.

“Só me responde uma coisa: você transou com ele?”

Ela não respondeu na hora.

“Sim ou não?”

“A única peça de roupa que tiramos foi o paletó dele.”

Fiquei mais calmo.

“Conseguiu pegar o envelope?”

“O que você acha?”

“Vamos embora daqui.”

“Não, preciso devolver.”

“Devolver?”

“Lógico. Já fotografei o envelope, e o que tinha dentro.”

“Você trouxe uma máquina?”

“Por que o espanto? Sou uma detetive, esqueceu? E detetives às vezes usam microcâmeras, e outras coisinhas do gênero.”

“Deixa ver.”

“Não, agora preciso colocar de novo o envelope no bolso daquele senhor.”

“Daquele gordo nojento, você quer dizer.”

“Hum, teremos cena de ciúme. Que bom.”

Peguei o envelope das mãos de Mariana.

“Eu mesmo devolvo.”

Caminhei até o baixinho. Ele estava em pé, comendo alguma coisa e bebendo vinho. Deixou o copo sobre a mesa, cruzou os braços, ficou olhando com cara de lobo uma gordona que podia ser minha bisavó. O cara estava bêbado, ficava balançando o corpo, parecia um pêndulo gorducho. Cheguei por trás, coloquei o envelope no bolso do paletó, com cuidado. Quando ia retirando a mão, ele se virou. Joguei-me em cima dele, como se tivesse tropeçado. Caímos sobre a mesa, ele embaixo de mim, empapando a roupa com salgadinhos, pastas, molhos.

“Perdão”, eu disse, saindo de cima do baixinho.

Ele continuou onde estava, meio deitado sobre a mesa.

“Quem é você?”, ele me perguntou, enrolando a língua.

“Bond, James Bond.”

“Quem?”

Deixei o cara lá, deitado naquela sujeira.

Rosália mandou um criado chamar o táxi.

Mariana não quis me mostrar as fotos dentro do carro, pediu que eu esperasse até chegarmos em casa. Mas me adiantou:

“Aquele símbolo está lá, no envelope.”

“O *copyright*?”

“Sim.”

“Daria tudo pra descobrir o que significa esse maldito símbolo”, eu disse, assim que entramos no táxi.

“Não se preocupe, vamos saber em breve.”

Chegamos ao prédio de Mariana. Subimos. No elevador perguntei, tinha jurado a mim mesmo não perguntar, mas saiu:

“Esse apartamento é seu?”

“É.”

“Você deve cobrar muito bem dos seus clientes.”

Ela não gostou, sua expressão dizia claramente que eu havia avançado o sinal.

“Não fui eu que o comprei.”

“E quem foi?”

“Meu ex-marido.”

Senti a boca seca, não esperava o golpe.

“Você não me contou que já tinha sido casada.”

“Não te contei muitas coisas.”

“Por exemplo.”

Ela desviou o rumo da conversa, era óbvio que o assunto não lhe interessava.

“Não te contei que só durmo nua.”

Fiquei excitado.

“Isso eu já sabia”, eu disse, beijando seu pescoço.

“Mesmo quando vou dormir sozinha. Como essa noite, por exemplo.”

Droga, fiz besteira!

O elevador parou. Abri a porta, saímos. Enquanto Mariana enfiava a chave na fechadura, abracei-a por trás.

“Desculpa.”

“Não precisa se desculpar”, ela disse, virando o corpo. Me beijou, mordeu meus lábios. Doeu pra cacete.

“Doeu?”

Nem respondi.

Ela caprichou na voz:

“Foi só o começo.”

Percebi que já tinha sido perdoado. Abracei-a com força, enfiei a mão pela parte de trás do vestido, acariciei sua bunda, ela sussurrou:

“Adoro isso.”

Eu também adorava aquilo.

“Podemos entrar ou vamos passar a noite nesse corredor?”, ela perguntou, afastando seu corpo do meu.

“Não seria uma má ideia”, falei.

Abriu a porta, entramos.

“Vamos ver o que o ex-presidente do Flamengo tem a dizer”, brinquei, depois que Mariana conectou a câmera ao aparelho de TV.

Mariana foi até a cozinha. Já tinha tirado os sapatos. Fiquei vendo-a caminhar. Ela andava sem ostentação, sabia que eu estava olhando, qualquer mulher que sai da sala deixando um homem atrás de si sabe que esse homem está olhando para ela, e algumas mulheres nessa hora exageram no requebrado, Mariana não, tinha um andar discreto, macio, quase natural, como se estivesse desfilando sozinha em casa, diante de um espelho, descalça. Fiquei admirando o espetáculo.

Assim que ela entrou na cozinha comecei a ver as fotos na tela da TV. A primeira era do envelope: simples, branco, com o símbolo © no alto. A segunda era uma folha de papel, com as seguintes palavras impressas:

EM VIRTUDE DOS 5 ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS, A FINAL FOI ADIADA: SÁBADO 27. HORÁRIO MANTIDO.

E logo abaixo novamente o símbolo ©, no lugar onde estaria normalmente a assinatura de quem enviou o bilhete.

“Também quero ver”, Mariana falou, sentando ao meu lado e me oferecendo uma garrafinha de cerveja.

“Talvez o símbolo do *copyright* não represente um grupo. Pode ser a assinatura de uma pessoa, do líder, certamente”, ela comentou.

“Foi o que pensei, tem jeito de assinatura.”

“É um bilhete um tanto ou quanto enigmático,convenhamos.”

“Sem dúvida. Precisamos saber que acontecimentos são esses, o que é essa final, qual horário foi mantido.”

“Pelo menos sabemos que será no sábado, vinte e sete.”

“E o mês?”

“É nesse mês, sábado que vem é dia vinte e sete.”

“Daqui a uma semana então.”

“Não temos muito tempo, André.”

Eu sabia que não. Por outro lado, do jeito que as coisas estavam acontecendo depressa na minha vida nos últimos dias, uma semana talvez fosse tempo de sobra.

“Deve ter a ver com futebol”, ela disse.

“Não vai haver nenhuma final de nenhum campeonato no dia vinte e sete, posso te garantir.”

Dei mais um gole na cerveja. Mariana bebericou seu uísque.

“Bom, parece que não progredimos muito. Essas palavras não levam a lugar algum”, ela disse.

“Pelo menos agora podemos ter certeza de que estamos no caminho certo. O Murilo Chaves está envolvido em alguma safadeza, das grossas.”

“Isso não quer dizer que esteja envolvido no desaparecimento do Pedro.”

Era verdade.

“Me diz uma coisa, André. Seja sincero, é muito importante o que eu vou te perguntar.”

“Pergunta.”

“Se descobrirmos que o Murilo Chaves não tem a ver com o caso do seu cliente, você vai desistir de querer saber em que é que ele está realmente envolvido?”

“Não.”

“Jura?”

“Juro. Mas por que isso é tão importante?”

Mariana fez uma pequena pausa. Parecia estar tomando coragem.

“André, mesmo que o Murilo Chaves não tenha culpa do sequestro, se tiver sido um sequestro...”

“Acho que foi.”

“Certo, mas vamos supor que ele não tenha nada a ver com essa história. De qualquer forma está metido em alguma coisa no mínimo estranha.”

“Concordo.”

“E perigosa.”

Ela falava pausadamente, e com gravidade, como se quisesse deixar bem claro que se tratava de um assunto delicado.

“Ainda assim não vou desistir.”

Mariana acariciou meu rosto com as duas mãos.

“Mesmo sabendo do perigo que vai estar correndo?”

Aguntei firme, estava com medo mas não queria que ela percebesse.

“Mesmo assim”, respondi.

Ela voltou os olhos para a janela. A brisa do mar entrava pelo apartamento, balançando as

cortinas. Eu gostava muito daquele cheiro de maresia. Depois ela se virou e disse:

“Você é bem melhor que Sam Spade.”

“Isso é uma declaração de amor?”

“Mais ou menos.”

A foto ainda estava na tela da TV. Cheguei mais perto. Ficamos os dois no sofá, olhando aquela foto como se estivéssemos diante de uma esfinge.

“Essa foto ridícula parece estar dizendo: decifra-me ou te devoro”, falei.

O álcool já tinha me deixado no ponto. Coloquei a cerveja sobre uma mesinha, na bandeja que Mariana trouxera.

“Você só pensa em trabalho?”, falei, a mão na sua cintura.

Ela pegou o controle remoto, desligou a TV e sentou no meu colo, de frente pra mim. Tirou o vestido. Ajeitei meu corpo, segurei Mariana com firmeza, me levantei, ela com as pernas cruzadas nas minhas costas, e a deitei no tapete, suavemente.

Não consegui dormir. Meu corpo pedia descanso mas a cabeça andava a mil. O dia já tinha nascido quando Mariana pegou no sono. Fechei os olhos, tentando dormir também, o sono não veio. Me levantei, fui à janela, abri de leve a cortina, deixando entrar um pouquinho de luz no quarto.

Fiquei vendo Mariana deitada de bruços, nua. A penumbra tornava ainda mais sedutora sua silhueta, sua pele morena sobre o fundo branco do lençol. Cheguei mais perto, sentei na cama e fiquei passeando de leve as pontas dos dedos por suas pernas, cintura, pelas marcas do biquíni.

Depois me levantei, tomei uma ducha, fui até a cozinha e preparei meu café da manhã. Comi com vontade, nem sabia que estava com tanta fome. Apanhei minhas roupas no quarto, me vesti, desci.

Não fui direto para casa. Fiquei perambulando pelo Leblon, vendo as vitrines. Depois caminhei até a praia, parei num quiosque, pedi uma água de coco. Eram dez horas. Não queria voltar e encontrar Raquel deitada no sofá da minha casa. Senti um arrepio ao imaginar o que ela poderia ter aprontado no apartamento se tivesse passado a noite lá, sem mim.

Olhava o mar. O mar quase sempre me acalmava, aquela imensidão. Acontece que não estava com a roupa adequada. Tinha deixado o paletó sobre uma cadeira mas mesmo assim sentia muito calor com aquela calça, camisa, cinto, meias, sapatos. Me deu vontade de entrar na água, de roupa e tudo, se fosse de madrugada teria entrado, agora sentiria vergonha. Pensava: qual a diferença entre nadar de sunga, de terno ou pelado? Por que pelado não, ou de terno? Por que de sunga pode?

Já estava quase convencendo a mim mesmo a cometer uma loucura quando me contive. Lembrei que, afinal de contas, eu era um detetive, e detetives não costumam nadar de terno. Terminei a água de coco, paguei, fui até um orelhão.

O Gordo vivia insistindo para que eu comprasse um celular, ainda mais agora que era detetive. Não queria, não gostava de celular. E ele também não, tanto que também não usava, insistia comigo mas ele mesmo não usava, o hipócrita.

“Sou eu”, falei ao telefone.

“Aposto como está no Leblon. E digo mais: na praia, de terno, o paletó jogado sobre os ombros, feito um galã de verdade”, o Gordo disse.

“Tudo bem, você é mais esperto que o Mandrake.”

“Nem tanto, por enquanto sou apenas um assistente de detetive, mal remunerado.”

“Que tal um almoço?”

“Meio-dia e quinze, Bar Brasil.”

“Combinado.”

Desliguei.

Fui até uma loja, na Ataulfo de Paiva. Comprei uma sunga.

“Escuta”, falei pra vendedora, “eu precisava de um favorzinho seu.”

“Pois não, senhor.”

Eu não gostava que me chamassem de senhor. Fingi que não tinha reparado. Chamei a moça num canto.

“É o seguinte: preciso urgentemente entrar no mar, questão de vida ou morte.”

Ela ficou me olhando.

“Só você pode me ajudar.”

Ela ficou tensa, pensei que fosse chamar a gerente. Não chamou. Criei coragem.

“Se você deixar, posso entrar naquele vestiário, vestir a sunga que você acabou de me vender e deixar esse terno aqui com você por uma hora. Dou o meu mergulho, volto, pego o terno. Nem entro na loja pra não sujar de areia, você me entrega o terno lá fora. Pode ser?”

Ela não gostou muito, mas consentiu. Duvido que deixasse se eu estivesse malvestido. Fui até o vestiário, saí só de sunga. A mulherada ficou me olhando, eu era o único homem na loja. Deixei as roupas, dobradas, com a vendedora. Ela guardou num canto.

Saí. Caminhei de volta à praia, atravessei a areia, entrei na água. Talvez estivesse poluída, não quis nem saber, nenhum micróbio idiota iria atrapalhar meus planos. Fiquei um tempão na água, saía, voltava de novo.

Depois entrei numa ducha ali perto, que o dono de um quiosque tinha instalado. Deixei a água correr à vontade, lavando o sal e a areia, uma sensação deliciosa.

Voltei à loja. Eu era outro homem. Fiz sinal para a vendedora, ela trouxe minhas roupas, agradeci. Vesti ali mesmo, na calçada, as pessoas olhando. Definitivamente, estava perdendo minha velha timidez, e quem sabe algo da lucidez também. Calcei os sapatos, ajeitei o cinto, aproveitei o vidro da vitrine pra arrumar os cabelos.

Passei numa banca e comprei jornal, há tempos não lia jornal. Chamei um táxi.

“Bom-dia. Vamos pro Centro.”

“Qual a rua, doutor?”

Doutor era bem melhor que senhor.

“Mem de Sá.”

Cheguei cedo. Pedi um chope, desceu perfeito. Abri o jornal na página de esportes. O Murilo Chaves ainda era notícia. Uma página inteira, mas dessa vez era uma entrevista com o canalha. Ele se justificava, dizia que havia um complô contra ele, argumentava citando nomes, lembrava tudo o que já fizera pelo clube, pedia perdão aos torcedores pela renúncia, quando tudo estivesse esclarecido veriam que ele foi uma vítima etc.

Numa outra coluna, na mesma página, vários depoimentos de gente famosa, todos flamenguistas puxando o saco do Murilo Chaves. E o gran finale: um depoimento da própria esposa, apoiando o marido.

A festa tinha surtido efeito, o safado sabia trabalhar, devia ter comprado também o dono do jornal. Nenhuma notícia das falcatruas. O tiro saía pela culatra, pensei, em vez de chamar a atenção para outras sujeiras do cara, as fotos do Gordo acabaram desviando o noticiário, agora o que vendia jornal era a polêmica sobre a vida conjugal do filho da puta, e ele estava se saindo muito bem.

Pedi outro chope. Continuei folheando as páginas de esporte. O tema principal era a decisão de

domingo, Flamengo e Vasco. Pulei para a coluna social, queria ver se falavam da festa da noite anterior. Apenas uma notinha discreta, no canto da página. Burrice a minha, concluí, a festa não precisava sair nas colunas, o objetivo já tinha sido alcançado: era aquela entrevista, em que o repórter não fizera nenhuma pergunta constrangedora, tudo armado, e aqueles depoimentos.

Foi então que vi a foto, estampada na coluna social. Levei um tempo até acreditar no que estava vendo. Era o Epifânio, o canastrão, abraçado com uma mulher, pareciam estar num restaurante de luxo. Embaixo, a legenda:

O velho mestre, doutor Epifânio de Moraes Netto, e sua nova discípula, na noite do Rio.

A discípula era Raquel.

“Putá que o pariu!”, gritei, batendo com força na mesa. O chope entornou.

Os fregueses ficaram olhando.

O garçom veio, limpou a mesa. Era meu conhecido, perguntou se tinha acontecido alguma coisa.

“Nada, não aconteceu nada.”

Pedi um conhaque e outro chope. Respirei fundo e olhei de novo a foto. Não tinha sido um delírio meu, lá estava ela, Raquel, produzida, um vestido de noite, o decote enorme, um sorriso malicioso no rosto, e o braço gordo nojento do porco sujo sobre os ombros dela. Ela havia cumprido a promessa.

“Isso não vai ficar assim”, eu disse, falando sozinho, como sempre acontecia quando estava nervoso.

“O que é que não vai ficar assim?”, o Gordo falou, chegando de repente.

Olhei pra ele.

“Eu não disse nada.”

“Claro que disse. Você disse: isso não vai ficar assim.”

“Você está maluco.”

“Posso estar maluco, mas não estou surdo.”

Entreguei-lhe o jornal. Ele olhou a foto. Não parecia espantado.

“Não reconhece, Gordo?”

“Claro que reconheço, é a Raquel.”

“E você fica desse jeito, nessa calma? Porra, minha namorada me traiu e você não diz nada? Que merda de amigo é você?”

Ele pediu uma caipirinha. Depois completou:

“Eu disse a você: as pessoas traem.”

“Mas será que você não entende? Não é qualquer pessoa, é a minha namorada!”

“Ex-namorada, talvez.”

Abaixei a cabeça. Estava arrasado.

“Eu bem que avisei”, o Gordo falou, numa estranha forma de consolo.

“Pior é que ela também.”

“É mesmo?”, ele disse.

E arrematou, enquanto entornava a caipirinha:

“Que coisa.”

Ficamos um bom tempo sem dizer nada, só olhando as paredes, as outras pessoas no bar, a rua lá fora.

“E na casa da Mariana, como foi?”, o Gordo perguntou, cortando o silêncio.

“Como foi o quê?”

“Detalhes, meu amigo, quero saber dos detalhes.”

Eu não queria contar os detalhes.

“Você é o único homem do mundo que não gosta de contar ao melhor amigo como foi a trepada com uma mulher maravilhosa.”

O Gordo tinha razão. Eu gostava de dizer que tinha dormido com uma mulher mas não me sentia bem contando tudo o que havia acontecido, achava que perdia a graça, ficava piegas. Além disso, naquele momento eu ainda não estava completamente restabelecido do choque.

“Olha, André, eu sei que você vai passar a tarde enchendo a cara, tentando esquecer essa história da Raquel. Aliás, tempo perdido, diga-se de passagem.”

“Isso é problema meu.”

“Claro. Mas antes que você perca a sobriedade, precisamos trocar umas ideias.”

“Já volto.”

Fui ao banheiro. Fiquei horas lavando o rosto, os cabelos, o pescoço. Olhei no espelho, dei um tapa no meu rosto, com força. Sempre fazia isso quando precisava deixar de pensar numa coisa chata. Ficou vermelho. Dei outro tapa. Doeu. Fiquei imaginando que todo mundo no salão do Bar Brasil tinha ouvido o estalo. Chega, pensei.

Voltei à mesa.

“Tudo bem, Gordo, ao trabalho.”

“Ótimo, gostei de ver, Sam.”

“Não me chama de Sam, meu nome é André.”

“Desculpa.”

Contei toda a história da festa: o baixinho, o Murilo e todo o resto. Não contei como conseguimos o envelope. Ele também não perguntou. Já devia ter desconfiado e evitou a pergunta constrangedora. Apesar das aparências, o Gordo era um cara delicado.

Refletiu por algum tempo. Pedimos os pratos: costeleta defumada com batatas e um filé com fritas.

“É um desprate pedir filé com fritas num restaurante especializado em comida alemã.”

“Não enche o saco, Gordo.”

Pedi mais um chope, ele preferiu uma coca.

“Esse bilhete que o Murilo Chaves passou pro baixinho seria o mesmo que ele recebeu na boate?”, ele perguntou.

“Acredito que sim. Estão tramando alguma coisa pro sábado, dia vinte e sete.”

“É provável.”

“Mas o quê?”

O Gordo matutava alguma coisa.

“Na pior das hipóteses, André, vamos descobrir no dia. Basta não desgrudar do Murilo Chaves. O que quer que vá acontecer no sábado vinte e sete terá a presença do crápula.”

“Você acha então que devemos esperar.”

“Não, acho que devemos agir, e rápido. Mas antes precisamos esclarecer alguns detalhes. Por exemplo, que acontecimentos são esses que impediram a final, como diz o bilhete?”

“O escândalo, as fotos na boate.”

“Não creio. Os jornais já estão comprados pelo Murilo. Li todos hoje de manhã.”

Então o puto já sabia da sacanagem da Raquel. Por isso pôde fazer aquele ar superior, de quem não está nem aí. Dei um riso cínico e fiquei olhando para a cara dele. O Gordo percebeu, ficou sem graça.

“Podia ter me contado quando nos falamos pelo telefone, não podia? Eu não precisava saber da notícia dessa maneira.”

“Esquece a Raquel, André.”

Virei o conhaque, pedi outro. Tomei mais um gole do chope.

“Continua”, eu disse.

“Bom, não acredito que o escândalo pudesse atrapalhar os planos da seita, quer dizer, do grupo de canalhas. E é claro que quando o Murilo passou o bilhete pro baixinho, na festa, já sabia que a situação estava sob controle. E tem mais, se o bilhete que o Murilo recebeu na boate for o mesmo que ele repassou na festa, fica evidente que os tais acontecimentos não têm nada a ver com o escândalo, porque naquela ocasião, na boate, as fotos ainda não tinham sido feitas, concorda?”

“Claro. Se os bilhetes forem iguais.”

“Precisamos partir de uma hipótese, meu amigo, e acho que essa é bem razoável: um bilhete que vem sendo passado de mão em mão pelos integrantes do grupo, antes mesmo de o Murilo ter sido flagrado na boate.”

“Mas se não foi o escândalo com o Murilo Chaves que ocasionou o adiamento dessa final misteriosa, o que foi?”

O garçom trouxe os pratos. Serviu.

“Não sei. Mas desconfio de uma coisa.”

“O que é?”

“Não posso dizer ainda, são apenas suposições.”

“Porra, Gordo, você acha que tem o direito de ficar fazendo suposições sem me contar nada?”

Ele continuou comendo. Tinha pressa.

“Precisa comer desse jeito?”, perguntei.

“Não tenho muito tempo.”

“E eu posso saber por quê? Você não trabalha mais hoje. É sábado, esqueceu?”

“Não, não esqueci, muito pelo contrário.”

“Então.”

“Então que preciso descansar, meu caro, tenho um compromisso logo mais à noite.”

“Hum.”

“E nem adianta perguntar com quem.”

“Com quem?”

“Putz”, ele resmungou.

Comia cada vez mais rápido, já estava terminando de devorar o almoço.

“Pelo menos você tem tempo pra me dizer o que anda pensando.”

“Só depois de checar alguns dados.”

“Checar alguns dados... já reparou como você anda falando ultimamente? Alguma vez você já disse uma frase dessas, checar alguns dados?”

“Tudo que eu te disser pode ser roubada, pode acabar colocando minhocas na sua cabeça.”

“Você já colocou minhocas na minha cabeça, Gordo. Aliás minha cabeça está simplesmente transbordando: é minhoca, é chifre.”

O Gordo deu uma gargalhada que o bar inteiro ouviu. Não pude resistir e engrenei na gargalhada dele. Ficamos os dois ali, chorando de rir. Eu já estava ficando alto. O álcool fazia efeito mais rápido quando eu não estava bem.

Ele acabou de comer. Depois colocou a mão no meu ombro.

“Fica tranquilo, irmão, estou do seu lado.”

Pagou a conta. Eu é que devia pagar, fazia parte dos honorários dele, mas quando dei por mim a conta estava paga e o Gordo tinha sumido. O garçom limpou a mesa. Pedi mais um conhaque e um chope.

Abri de novo o jornal. Fiquei olhando a foto, demoradamente.

O táxi parou na frente do meu prédio.

“Como foi que eu vim parar aqui?”, perguntei ao motorista.

“Acho que você bebeu demais.”

Olhei o relógio. Eram dez horas da noite. Eu estava completamente grogue.

“O garçom te colocou no meu carro. O amigo precisa de ajuda?”

Abri a porta do táxi, desci, vomitei na calçada. O porteiro me carregou até o meu apartamento.

“Não conta nada pra Raquel, não conta, entendeu?”, ainda falei, no elevador.

Nem me lembrava de que Raquel fazia parte do meu passado.

Peguei as chaves mas não conseguia acertar a fechadura. O porteiro me ajudou. Entrei. Tentei caminhar até o quarto mas capotei ali mesmo, no sofá da sala. A última coisa de que me lembro foi ver a luzinha da secretária piscando, sinal de que havia recado.

Acordei no domingo, com uns flamenguistas fazendo barulho no corredor. Era o dia da final, Flamengo e Vasco, no Maracanã. Olhei o relógio: quatro horas.

Conferi os recados na secretária. Mariana ligara no sábado, meio-dia, dizendo que iria passar o final de semana em Penedo, na casa de Rosália. Queria que eu fosse junto. Nem pensar, eu disse pra mim mesmo, em voz alta, agradecendo aos céus por não ter atendido aquele telefonema. Claro que gostaria de ficar dois dias com Mariana em Penedo, mas desde que Rosália estivesse pelo menos na China. Outro recado, do Gordo, domingo: ganhara dois ingressos para o jogo no Maracanã, cadeira especial. Queria saber se eu estava a fim de ir com ele. Piada. Apaguei os recados.

Tomei um banho. Estava sem fome e de ressaca. Vesti uma bermuda, camiseta, calcei um tênis e desci para caminhar no calçadão.

Nunca fui exatamente um atleta mas gostava de dar umas corridas de vez em quando, ou jogar bola. Naquele dia, porém, uma leve caminhada era o máximo que meu corpo moído e minha cabeça pesando trezentos quilos permitiriam.

Andei um pouco, achei uma cadeira vaga num quiosque, sentei, pedi um coco gelado. Uns caras jogavam futebol, era final de algum torneio, quem sabe do campeonato estadual, porque à beira do campo havia um mesário com o símbolo da federação carioca na camisa, os times vestiam uniformes, tinha juiz, bandeirinha e tudo, e um monte de gente do lado de fora, torcendo.

Fiquei vendo o jogo. Os caras corriam demais, parecia final de copa do mundo, precisava ter muito preparo físico para jogar na areia da praia, areia fofa, ainda mais naquele sol, tinha que ter muita perna, e pulmão. Depois de vinte minutos vendo aquela correria eu já estava exausto, só de olhar tinha ficado cansadíssimo, se continuasse ali acabaria num hospital.

Paguei o coco e fui caminhar. Mal tinha dado alguns passos e um sujeito sem camisa, descalço, quase me atropela. Atravessou correndo na minha frente, vindo da praia. Não precisei de muito tempo para entender o que estava acontecendo: uma senhora, branca, com cara de turista, gritava que o neguinho tinha levado sua bolsa. Uns marombeiros, na areia, correram atrás do pivete, uma mulher de dentro do quiosque ficou gritando polícia, polícia, feito uma histérica, não tinha nem ideia do que estava acontecendo mas gritava, vermelha, aflita: polícia, polícia.

Cena típica de domingo na praia de Copacabana, pensei, mas de repente me deu uma vontade louca de correr atrás do moleque, não para linchá-lo, nem muito menos para recuperar a bolsa da coroa, me deu uma vontade sem motivo, curiosidade, quem sabe, de vez em quando acontecia essas coisas comigo, via alguém diferente na rua e me dava na veneta sair atrás do fulano ou da fulana, seguir até onde desse, ver se ele ou ela iria se encontrar com alguém ou entrar numa loja, por exemplo.

Uma vez entrei num ônibus, seguindo um velho. Ele pegou o ônibus na Cinelândia, subi atrás, ele sentou numa cadeira perto da janela e ficou olhando a paisagem lá fora. No ponto final, em Vila Isabel, ele desceu, pensei que fosse continuar caminhando mas não, o velho ficou ali, esperando o próximo ônibus sair. Pegou outro ônibus, da mesma linha, sentou numa poltrona perto da janela, como da primeira vez, desceu novamente na Cinelândia, andou até um boteco, tomou café, voltou ao ponto de ônibus, o mesmo, subiu novamente.

Segui atrás. O maluco passou o dia todo nesse trajeto: pegava o ônibus ali, ia até o ponto final, voltava, tomava um café, pegava outra vez o ônibus até o ponto final, isso um dia inteiro, sem comer, sem beber água, só andando de ônibus no mesmo movimento circular, e tomando café.

Quando começou a escurecer, fim de tarde, eu já não aguentava mais, cansado, morrendo de fome, e além disso os motoristas e trocadores me olhavam de um jeito desconfiado, não olhavam assim para o velho, já deviam estar acostumados com ele, olhavam daquele jeito para mim, quer dizer, naquela história toda o maluco era eu, não o velho.

Então, na última parada na Cinelândia, decidi pegar o metrô e voltar para casa mas antes interceptei o velho, parei bem na frente dele, ele ficou me olhando, assustado. “É um assalto?”, perguntou. “Não, não é um assalto, só queria saber por que o senhor fica rodando o dia inteiro nesse mesmo ônibus, só isso.” Ele me afastou com o braço, pedindo passagem. Deixei que ele passasse. “Pensei que fosse um assalto”, disse, sem dar a mínima bola à minha pergunta.

Eu tinha muito tempo livre naquela época e gostava de seguir pessoas na rua, era bastante enriquecedor. Augusto não sabia desse meu hábito, se soubesse me deserdava, Raquel também nunca soube, só o Gordo sabia, e me incentivava, dizia que assim eu aprendia a conhecer um pouco mais a cidade.

Sempre seguia as pessoas caminhando, às vezes de ônibus, como no caso do velho, mas nunca tinha corrido atrás de alguém. Há sempre uma primeira vez, pensei, e quando dei por mim estava correndo atrás do neguinho, um garoto novo, adolescente, alto, magro, de bermuda vermelha. Ele atravessou a primeira pista da Avenida Atlântica, a pista mais próxima da praia, atravessou a toda velocidade, um bando de gente correndo atrás dele, eu me esforçando para não perdê-lo de vista, quem me observasse talvez pensasse que eu fazia parte do grupo de linchamento, isso me aborreceu por segundos mas não desisti, continuei correndo atrás do garoto, que ziguezagueava no meio daquela gente toda de patins, bicicleta, skate.

O cara atravessou a ilha e quando botou o pé na outra pista um carro bateu nele. O motorista tentou frear mas não deu, pegou com o lado direito do carro, o para-choque foi em cheio na perna do moleque. O trânsito parou, as pessoas que estavam correndo atrás dele ficaram em volta do menino, estendido no chão. Ele estava vivo, mas certamente tinha quebrado um bocado de ossos, havia uma poça de sangue perto do seu joelho, uma poça que crescia e se confundia com a cor da bermuda, como se fosse uma extensão da bermuda, estendendo-se cada vez mais, um tapete vermelho, ele perdia sangue à beça, e gritava: “filho da puta, tu quebrou minha perna, desgraçado”, repetia essas palavras gritando, sem parar, enquanto segurava a perna ensanguentada.

Ficou todo mundo em volta, sem saber direito o que fazer, um círculo de abobalhados em torno do garoto, reparei bem no rosto dele, devia ter uns quinze anos. Um guarda chegou apitando, abriu espaço no círculo, se aproximou, o neguinho começou a jogar sangue no guarda, pegava com a mão o sangue no asfalto e jogava no guarda, e gritava pro guarda: “filho da puta, desgraçado, minha perna, tu quebrou minha perna”, gritava e jogava sangue no guarda, que recuou um pouco, hesitante, não estava armado, só um cacetete, e nem disso precisava, o cara estava na pior ali no asfalto, mas o guarda ficou um pouco amedrontado assim mesmo, nunca se sabe, deve ter pensado, o uniforme todo manchado de sangue.

O menino deu uma trégua, já estava ficando cansado e nem tinha mais muito sangue para jogar no guarda, então o guarda pulou sobre ele e o algemou. O pessoal quis bater no moleque mas a turma do deixa-disso abafou, o guarda o pegou nos braços, desmaiado, e o colocou dentro de um carro da polícia, que vinha chegando, enfiou o garoto lá dentro e saíram, sei lá para onde.

A multidão foi se dispersando, fiquei ali, olhando a mancha de sangue no chão. Sabia, naquela hora eu soube, com certeza, que iria sonhar com aquilo durante muitas noites até o final da minha vida. Veria várias vezes aquela cena nos meus sonhos, não a história inteira, o assalto, a perseguição, o atropelamento, isso tudo eu iria apagar da memória, mas aquela imagem do garoto deitado no chão, desprotegido, atirando contra o guarda com seu próprio sangue, com o sangue da sua perna rasgada, como se o sangue fosse bala, aquela cena ficaria na minha cabeça feito a imagem congelada de um filme, como quando a gente para a fita no videocassete e fica olhando, vendo os detalhes. Eu tinha filmado aquilo, sem querer, e seria obrigado a ver aquele pedaço de filme o resto da vida.

Entrei no primeiro pé-sujo que encontrei pela frente, pegando uma das ruas para dentro de Copacabana, fugindo da praia. Pedi uma cerveja, no balcão. Fiquei ali, bebendo e ouvindo

conversa dos outros, durante um bom tempo.

Saí de lá meio alto. Não tinha bebido muito mas estava de estômago vazio. Saí do boteco me despedindo com beijos e abraços dos vários amigos de infância que tinha feito naquelas poucas horas e não veria nunca mais.

Até minha casa era uma caminhada de quinze minutos, mais ou menos. Já estava anoitecendo, ouvi dois caras comentarem que o jogo no Maracanã tinha sido a maior pelada, zero a zero. Isso adia a final para o próximo domingo.

Parei numa padaria, comi uma pizza com coca-cola. Era minha primeira refeição do dia e desceu bem. Depois fui andando até em casa. Um senhor de terno passou por mim, falando sozinho. Incrível, falei comigo mesmo, incrível como tem gente falando sozinho nas ruas. Eu também falo sozinho, lógico, não sou mais normal do que ninguém nesta cidade, principalmente depois do que vinha me acontecendo nos últimos dias, tinha todos os motivos do mundo para bater um longo papo comigo em voz alta pelas ruas do meu bairro, por que não?

Parei num armazém 24 horas perto, na esquina da minha casa. O dono, um português, fazia questão de dizer isso: era o único armazém 24 horas do Brasil, quiçá do mundo. Entre outras coisas, ele vendia cachaça de Minas. Comprei uma garrafa, o português embrulhou num saco de papel de pão.

Aquilo era um presente para o porteiro do meu prédio. Eu tinha sido muito rude com o cara. O sujeito era um dedo-duro safado, ficava me entregando para a Raquel, mas estava com a gente fazia tempo, e gostava muito do meu pai. Costumavam conversar durante horas, na portaria, ou mesmo lá em casa, ele de vez em quando almoçava lá em casa, e carregava as compras da feira para a minha mãe. Era um cara bacana, apesar de tudo.

Cheguei, entreguei a garrafa a ele.

“Bebe devagar, camarada.”

Ele pegou o embrulho, abriu, leu o rótulo na garrafa.

“Ih, rapaz, essa é da boa.”

Saiu de trás da mesa e me deu um abraço. Fiquei pensando: se o síndico visse que eu estava dando cachaça ao porteiro a confusão seria grande. Dane-se, eu gostava do porteiro, e gostava de dona Cármen, e não gostava do síndico.

Entrei em casa e fui direto ao banheiro. Vomitei na pia. Não estava propriamente bêbado, estava tonto, enjoado, a cabeça pesando uma tonelada. Tomei um banho demorado. Me enrolei na toalha, fui até a cozinha. Meu corpo tremia, fraqueza. Abri a garrafa térmica, enchi um copo com café. Estava gelado, bebi assim mesmo, com muito açúcar. Horrível. Mas o que importava era o efeito, não tinha tomado aquela porcaria por prazer, era remédio, e de fato já me sentia um pouco melhor.

Senti frio. Fui até o quarto, vesti um moletom velho, calcei meias. Eu gostava de andar de meias, sem sapato, dentro de casa. Dava uma sensação boa, meio de abandono e aconchego ao mesmo tempo.

Voltei à cozinha, abri a geladeira, peguei a garrafa d'água, cheia. Virei a metade, no gargalo. Se eu sentia sede é porque já estava melhor, significava que pelo menos estava vivo.

Fui novamente para o quarto, disposto a dormir durante um mês. No caminho percebi uma luminosidade na sala. Devo ter deixado alguma luz acesa, imaginei.

A porta da sala estava aberta, a luz vinha do corredor. Caminhei para fechar a porta e dei de

cara com alguém sentado no sofá. Pulei para trás, assustado, derrubando a cadeira.

“Calma, sou eu.”

A voz era de mulher mas eu não conhecia mulher nenhuma com aquela voz de criança. Acendi a luz do teto. A intrusa fez uma careta, tapando os olhos com o braço.

“Apaga isso.”

“Quem é você, porra? O que está fazendo na minha casa?”

Ela tirou o braço da frente dos olhos e pude vê-la por inteiro.

“Você?”, perguntei, sem acreditar.

“A luz, por favor”, ela insistiu.

Acendi o abajur, apaguei a luz do teto. Me lembrei da Raquel, ela adorava essa pouca luminosidade, a casa parecia um ninho, ela costumava dizer.

Coloquei a cadeira no lugar, sentei, fiquei observando. Era a menina de tranças que eu conhecera em Santa Teresa, naquela tarde esquisita em que eu e o Gordo fomos visitar o Santo.

Usava um vestido curto, preto, e estava descalça. Devia ter deixado a sandália em algum lugar da sala e agora estava sentada sobre as próprias pernas cruzadas, no sofá. Não se parecia mais com a hippie fora de época que eu conhecera em Santa Teresa, tinha agora um jeito menos colorido, mais simples, sóbrio, na verdade parecia uma modelo, capa de revista, ninfeta.

“Você não me parece nada bem”, ela disse.

“Estou indisposto.”

“Bebeu demais?”

Não respondi.

“Toma isso aqui”, ela disse, tirando da bolsa um pequeno frasco de comprimidos.

Peguei o frasco, abri. Comprimidos redondos, pequenas bolinhas verdes, nenhum rótulo.

“Que merda é essa?”

“Bebe com leite.”

“Não tem leite, acabou.”

“Pode ser com água mesmo.”

“Pra que serve?”

“Você vai ver.”

Olhei para ela, desconfiado.

“Fica tranquilo, são ervas, só isso. Foi o Santo que fez.”

Cheirei os comprimidos. Cheiro de nada. O Gordo havia me dito que o Santo fazia uns remédios caseiros. Fui até a cozinha, tirei da geladeira a garrafa d’água, enchi o copo. Podia ter bebido no gargalo mas não consigo tomar comprimido assim, acho esquisito. Engoli o comprimido e virei o copo, de uma vez. A sensação de bem-estar foi instantânea.

Voltei à sala.

“Eu não disse?”, ela falou, sorrindo pela primeira vez.

Tinha um sorriso capaz de desarmar qualquer mau humor. O assassino mais sanguinário, o velho mais rabugento, o crápula mais insensível de todos os tempos, ninguém conseguiria resistir vendo-a sorrir daquele jeito.

“Qual o seu nome?”, perguntei, já voltando ao normal, o enjoo indo embora. Precisava encomendar uma dúzia daqueles frascos.

“Lívia.”

Pensei em oferecer alguma coisa à minha inesperada visita, mas não havia nada na geladeira além de água e açúcar. Eu guardava o açúcar na geladeira, por causa das formigas. No armário

talvez houvesse um pacotinho de chá de cidreira. Raquel gostava, quem sabe sobrava algum saquinho, mas não tinha nada a ver oferecer chá para Livia, fazia um calorão danado, se eu estava vestido daquele jeito ridículo, moletom e meias, era porque eu simplesmente não poderia ser considerado um cara normal, sobretudo diante das maluquices que estava vivendo nos últimos dias.

“Foi o Santo que te mandou?”

“Não, ele não pode saber que estive aqui.”

Dei de ombros. Estava me lixando pro Santo.

“Vim porque você precisa saber de uma coisa.”

“Diga.”

“Não é melhor fechar a porta?”

Fechei. Acendi outra luz, perto da entrada da sala. Continuou penumbra, mas assim eu podia ver um pouco melhor os cabelos castanhos de Livia, de um castanho-claro, e os traços finos do rosto, a pele branca, os lábios delicados.

Sentei na poltrona, que ficava num lugar mais escuro, onde ela mal podia me ver.

“Está se escondendo de mim?”, ela perguntou, numa voz infantil.

Não respondi. Ficamos assim por algum tempo, um olhando para o outro, em silêncio.

“Antes que você comece a falar, só me responde uma coisa: como conseguiu entrar aqui?”

“Disse ao porteiro que era sua sobrinha.”

Me senti um velho, outra vez. Segurei.

“Aí foi subir e entrar. A porta estava aberta.”

Claro.

Ela continuou:

“Tenho uma coisa pra te dizer, mas você não parece interessado.”

“Desculpa, é lógico que estou interessado.”

Tinha acontecido tanta coisa estranha na minha vida nos últimos dias que eu demorava um pouco a me espantar quando, por exemplo, uma adolescente espetacular entrava na minha casa a altas horas da noite sem que eu me desse conta e dizia: tem algo que você precisa saber.

“Chega mais perto, pra luz”, ela disse.

Puxei a poltrona, ficamos de frente. Ela cruzou as pernas, se endireitando no sofá. Fitei, fundo, seus olhos: duas pequenas pérolas azuis, raríssimas, as duas únicas pérolas azuis do mundo.

“Quando você e seu amigo estiverem lá em casa, naquele dia, o Santo mentiu.”

“Como assim?”

“Ele sabe o que significa aquele símbolo.”

Eu sabia que aquele santo safado estava escondendo alguma informação importante.

“E por que ele fez isso?”

“Medo.”

“Medo? De quem? Do Murilo Chaves?”

Ela me olhou com um ar de interrogação.

“Quem é Murilo Chaves?”

Comecei a gostar mesmo de Livia. Era mais uma que não tinha nem ideia do nome do presidente do Flamengo.

“É um empresário, está envolvido no caso que estou investigando.”

“Não sei se ele faz parte do grupo, não sei de nomes.”

“Que grupo?”

“O tal grupo do símbolo: o círculo com uma letra dentro.”

“É desse grupo que o Santo tem medo.”

“É. Se eles souberem que o Santo contou...”

“Podem matá-lo.”

Ela tremia. Segurei suas mãos.

“Podem me matar também”, ela disse, com dificuldade.

“Fique calma, você está segura, não vai te acontecer nada. Quer um copo d’água?”

“Não, não precisa.”

Aos poucos ela foi se acalmando.

“Lívia”, eu disse, suas mãos entre as minhas, “o que você tem pra me contar?”

“Aceito o copo d’água.”

Fui até a cozinha, trouxe a água.

Ela tirou um dos comprimidos verdes do frasco que eu havia lhe devolvido. Tomou. Interessante, pensei, imaginava que fosse um remédio para curar ressaca mas, pelo jeito, o tal comprimido tinha também outras indicações.

Lívia virou o copo como se virasse uma generosa dose de cachaça. O efeito deve ter sido semelhante porque ela pareceu mais segura.

“André”, ela disse, segurando meu braço com firmeza, “eles são muito perigosos, você precisa tomar cuidado.”

“Disso eu já sei. Só falta você me contar quem, afinal de contas, são eles.”

“É uma história difícil.”

“Não tem problema. Temos a noite toda pela frente.”

“Quando conheci o Santo, eu tinha acabado de completar dez anos”, ela começou.

“Isso foi há quanto tempo?”

“Hoje tenho quinze, se é o que você quer saber.”

Corei. Felizmente não havia claridade suficiente na sala para que ela percebesse a vermelhidão no meu rosto.

“Meus pais me trouxeram do interior do Rio, como oferenda.”

“Oferenda?”

“Eles idolatravam o Santo, achavam que era o novo Cristo, o Salvador. Aliás, não eram só eles, você sabe. Vivíamos muito mal, meus pais não tinham como me sustentar, então resolveram o problema me entregando pro Santo. Ficariam livres de um fardo e, ao mesmo tempo, estariam agradando a Deus.”

“Quer dizer que seus pais deram você?”

“Sim. E o Santo não recusou. Eu seria mais uma das adolescentes que ele mantinha no casarão de Santa Teresa.”

“Como é que é? O Santo tinha um harém?”

“Não, de forma alguma, ele nunca encostou o dedo em nenhuma de nós. Éramos suas virgens, ele dizia. Você não ficou sabendo disso? Saiu nos jornais, na época.”

“Eu não lia jornais naquela época.”

Como se depois tivesse passado a ler, pensei. Eu não gostava de dizer às pessoas que achava um saco ler jornal, tinha que explicar depois por que não gostava e dar a explicação era ainda mais chato que ler jornal.

“O que vocês faziam?”

“Mantínhamos a casa sempre limpa, bem-arrumada, e cozinávamos, ajudávamos nas cerimônias.”

Eram as empregadas do Santo. Canalha.

“Quando as coisas começaram a piorar, os fiéis sumindo do casarão, ele não teve como continuar sustentando todas aquelas meninas.”

“Eram todas meninas? Não havia garotos?”

“Não, só mulheres.”

Canalha.

“Não dava mais, ele não tinha condições de manter o casarão e nós todas com ele. Fechou tudo, vendeu os móveis, mandou as virgens de volta pra suas casas.”

“E você voltou.”

“Eu já não tinha mais uma casa. Meus pais não me aceitariam de volta. Me ofereci ao Santo, poderia trabalhar pra ele, ganhar dinheiro, faria qualquer coisa pra que ele não me mandasse embora. Ele me disse que iria viajar, com o dinheiro que tinha sobrado iria tentar a sorte noutro lugar. Implorei que me deixasse ir com ele. Até que ele aceitou.”

“Vocês foram pra onde?”

“Viajamos o mundo todo. No início foi tranquilo, o Santo tinha uma boa grana guardada, não dava pra continuar no luxo de Santa Teresa, mas era o suficiente pra não passar fome, e além disso ele tinha muitos contatos no exterior. Vivemos em várias comunidades alternativas, ele dava palestras, cursos, eu ajudava no que podia. Aprendi muitas coisas, estudei línguas, estava gostando daquela vida. Mas ele sempre me dizia que um dia voltaríamos ao Brasil, ao casarão de Santa Teresa, assim que conseguíssemos juntar o suficiente.”

“Nesse tempo todo ele nunca... quer dizer, nunca...”

“O Santo jamais tocou em mim, André, a não ser como filha, eu era isso pra ele: uma filha.”

Era difícil de acreditar mas Livia parecia sincera.

“Continua.”

“Um dia, quando morávamos num povoado no interior da Espanha, apareceu um homem alto, forte, bem-vestido. Um brasileiro. Era amigo do Santo. O homem ficou me olhando com um olhar de velho tarado, não gostei. Chegou perto de mim e me falou um monte de sacanagens, baixinho. Depois cochichou alguma coisa no ouvido do Santo, sempre olhando na minha direção. Deve estar querendo me comprar, imaginei. O Santo fez que não, com a cabeça. O homem botou o braço no ombro do Santo e os dois foram caminhando pela rua até sumirem da minha vista. No dia seguinte, estávamos embarcando de volta pro Rio.”

Ela disse que continuava com sede. Trouxe uma jarra com água e alguns cubos de gelo. Droga não ter pelo menos um refrigerante. Levei mais um copo, enchi. Até que não era tão ruim assim

beber água, pensei, só me faltava o hábito.

“Lívia, se eu te mostrasse uma foto desse homem, você conseguiria reconhecer o cara?”

“Lógico.”

Caminhei até a mesa, abri a gaveta e peguei uma pasta com recortes de jornais que o Gordo havia deixado comigo.

“É esse?”, perguntei, apontando o Epifânio de Moraes Netto.

“Não.”

Peguei outra foto, do Murilo Chaves. Ambos eram altos, fortes, o Epifânio não era forte mas era gordo, às vezes as pessoas confundem, e os dois costumavam andar bem-vestidos. Mostrei a foto do Murilo.

“Também não.”

“Bom, vocês voltaram pro Brasil.”

“Melhor se não tivéssemos voltado.”

“Por quê?”

Ela fez uma pausa. Pegou outro comprimido, engoliu, me ofereceu um.

“Você vai precisar.”

“Afim de contas, isso serve pra quê?”

Ela me estendeu o copo. Bebi, junto com a bolinha verde retirada do frasco. Uma onda de energia atravessou meu corpo, como se tivesse acabado de tomar uma ducha gelada. Aquilo era uma verdadeira maravilha.

Lívia percebeu que eu havia gostado. Sorriu, me deu um beijo no rosto. Fiquei excitado mas me segurei, cruzei as pernas, tentei disfarçar, não podia pensar em sexo no meio da história que ela estava me contando, precisava ouvir tudo com muita atenção, sobretudo porque sentia que aquela menina estava simplesmente prestes a me revelar a solução, a resposta ao monte de perguntas que eu vinha me fazendo nos últimos dias.

“O homem não queria me comprar, quer dizer, não queria me comprar pra ele.”

“Cafetão, o cara era um cafetão.”

“Não, também não era isso.”

“Então o que era? Queria você pro filho dele, um brinquedinho pro filhote?”

“Não. O homem era do tal grupo, o que você procura. Aliás, acho que era o chefe, ou pelo menos um dos chefes.”

Perdi o fôlego. Me recostei na poltrona.

“Você está me dizendo que esteve frente a frente com o líder do grupo *copyright*?”

“Grupo o quê?”

“*Copyright*, o círculo com a letra *c* no meio, aquele que te mostrei. Quer dizer direitos autorais.”

“Eu sei o que é *copyright*. Mas não sabia que o grupo tinha esse nome, só conheço o símbolo.”

“Tudo bem, e o que aconteceu depois?”

“Naquela noite, depois da saída do tal homem, o Santo chegou e me disse: Lívia, preciso muito de você.”

“Pra quê?”

“Haveria um torneio e ele tinha me inscrito.”

“Torneio?”

“Ele me disse: se nós ganharmos, vamos ter de volta o casarão de Santa Teresa e todas as

virgens novamente, e aquela vida toda que levávamos antes. Vai ser maravilhoso, ele falou, emocionado. E o que eu preciso fazer?, perguntei. Ele me olhou bem dentro dos olhos e respondeu: você precisa se entregar a um rapaz.”

Engoli em seco. Já estava gostando daquela menina e fiquei puto com o Santo, mesmo sabendo que naquela época eu nem sonhava em conhecer Livia.

“Que rapaz?”

“Nem mesmo o Santo conhecia. Ele me disse que era um jogo, um torneio, como eu falei. Eram seis casais, divididos em dois grupos de três, todos com idade entre doze e quinze anos, e virgens, tanto os homens quanto as mulheres. E tinha também um livrinho, com as regras.”

“Regras.”

“Sim. As regras do torneio. Aliás, eles não chamavam de torneio, chamavam de campeonato.”

“Mas que campeonato era esse, porra?”, perguntei, irritado.

Ela se assustou. Procurei me acalmar, fui até o banheiro, lavei o rosto.

Quando voltei, ela tirava da bolsa alguma coisa.

“Toma, lê você mesmo.”

Livia me deu um pequeno livro, de capa dura, revestida de couro marrom. Era do tamanho de um livro de bolso. Abri.

A primeira folha trazia o desenho de um lírio, feito a bico de pena, e uns versos:

Aonde foi o teu amado, Coro
ó mais bela das mulheres?
Para onde se dirigiu o teu amado?
Iremos contigo à sua procura.

O meu amado desceu ao seu jardim, Ela
aos canteiros de bálsamo,
para apascentar seu rebanho entre jardins
e colher lírios.
Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu.
Ele é pastor de rebanhos entre lírios.

Cântico dos cânticos (6, 1-3)

“O que é isso?”, perguntei, com o livrinho na mão.

“Eles me deram, antes de começar. Todos os competidores receberam. As regras estão aí, mais à frente.”

O livro tinha umas trinta ou quarenta folhas apenas, com ilustrações. Havia mais desenhos que palavras, aliás. Folheei. Todos os desenhos em nanquim, reproduzindo cenas eróticas delicadas, casais de adolescentes, nus, se beijando, andando de mãos dadas por um jardim, sentados lado a lado debaixo de uma árvore, lendo à beira de um rio. Imagens bucólicas de adolescentes, impressas em papel-bíblia. O livro parecia ter sido costurado à mão. Um belíssimo trabalho.

Fui até a mesa, sentei, comecei a ler.

AOS COMPETIDORES:

Bem-vindos a Aldebaran.

Todos nós, animais de sangue quente, sabemos que tudo vai acabar.

São muitos os que procuram, poucos os escolhidos. Vocês, que aqui se encontram, estão no grupo dos privilegiados. Dentre milhares de pessoas, vocês foram selecionados por serem mais belos e mais saudáveis que a maioria dos mortais, e agora estão prestes a passar pela experiência mais importante de suas vidas.

Em breve terá início o jogo da natureza humana: força, instinto, sedução, dor e prazer – tudo o que há.

Os homens terão suas parceiras. As mulheres terão seus homens. Saibam unir suas forças e, sobretudo, não tenham pudor. Não existe pecado entre virgens.

Trata-se de um campeonato. Uma cama os espera no meio de um salão. Cada casal ocupará esta cama durante noventa minutos. Como em todo jogo, também neste haverá regras. Não foram feitas para intimidá-los, pelo contrário, têm o sentido apenas de dar um molde à explosão sem forma que brotará de vocês em breve, fazê-la mais esplendorosa porque bem delineada. Para isso criamos as regras, para que vocês possam proporcionar o grande espetáculo da vida.

Passei mais algumas folhas, com desenhos, e finalmente cheguei às regras. O primeiro capítulo dizia que o campeonato era disputado por seis casais, e o segundo especificava os pré-requisitos para a inscrição dos concorrentes:

CAPÍTULO II

Da Condição de Jogo dos Participantes

Art. 5º. Será considerado apto a disputar o Campeonato o(a) participante que atender aos seguintes requisitos:

- a) Ser virgem;
- b) Ter entre 12 (doze) e 15 (quinze) anos de idade;
- c) Estar de posse plena de suas faculdades mentais;
- d) Não estar acometido(a) de qualquer anomalia física que impeça o pleno desenvolvimento de suas atividades sexuais.

Art. 6º. Cada casal será apresentado ao Departamento Técnico por um dos três Líderes do Campeonato, a saber: Senhor Preto, Senhor Cinza, Senhor Branco.

Parágrafo 1º – A cada líder caberá inscrever 2 (dois) casais.

Parágrafo 2º – O casal inscrito ficará sob total responsabilidade do Líder que o inscreveu, recaindo sobre o Líder qualquer responsabilidade por danos materiais ao Campeonato porventura provocados por um, ou mais de um, dos participantes inscritos.

Art. 7º. Cada Líder remeterá ao Departamento Técnico uma relação dos participantes, que serão considerados como inscritos até, no máximo, 30 (trinta) dias antes do início da Primeira Fase.

Parágrafo Único – Novos participantes poderão ser inscritos fora do prazo estabelecido neste artigo apenas no caso de fuga ou de morte do(s) participante(s) previamente inscrito(s).

Art. 8º. Cada Líder remeterá ao Departamento Técnico, no ato da inscrição dos participantes, os nomes dos Treinadores responsáveis pelos casais inscritos, sendo obrigatória a apresentação de 1 (um) Treinador para cada casal.

Cada casal tinha noventa minutos para apresentar sua performance, dividido em dois tempos de quarenta e cinco minutos de intervalo.

O campeonato era disputado em dois grupos: A e B. Cada grupo tinha três casais, e só o melhor passava para a fase final.

Mais adiante, o regulamento falava sobre o modo de pontuação:

CAPÍTULO V

Da Pontuação

Art. 12º. A pontuação de cada casal dar-se-á, independentemente de qual seja a Fase de que participe, pelo somatório da pontuação parcial obtida em cada um dos itens abaixo relacionados:

- a) ereção do órgão genital masculino;
- b) penetração do órgão genital masculino no órgão genital feminino;
- c) tempo de permanência do órgão genital masculino no órgão genital feminino;
- d) desempenho no ato sexual, considerando-se os seguintes critérios, de igual valor: intensidade, harmonia, originalidade;
- e) *emissio seminis*, efetivamente comprovada após a retirada do órgão genital masculino do órgão genital feminino.

Parágrafo Único – Cada item vale de 0 (zero) a 2 (dois) pontos.

Art. 13º. Em caso de empate, valerão os seguintes critérios, pela ordem:

- 1º. Critério: item “d”;
- 2º. Critério: item “e”;
- 3º. Critério: item “c”.

Parágrafo Único – Permanecendo o empate, caberá ao Árbitro Inconteste a decisão final.

Por fim, vinha o valor do prêmio: um milhão de dólares!

Os casais que obtivessem pelo menos cinco pontos ganhavam um prêmio de participação: duzentos e cinquenta mil dólares.

Eu estava pasmo, lia aquilo mas não conseguia acreditar que pudesse ser verdade, embora tudo indicasse que sim.

Logo depois do regulamento vinha uma mensagem final:

Sangue, suor, sêmen. Dessas três substâncias é fabricado o milagre. Saibam vivê-lo em toda a sua grandeza e serão felizes para sempre.

Que vençam os melhores.

“Não pode ser”, eu disse, fechando o livro.

“Não pode ser o quê?”

“Não acredito em nada dessa história, você inventou isso. Você é maluca, você e aquele santo fajuto.”

Ela ficou me olhando, séria.

“Você está querendo dizer que eu inventei tudo que você acabou de ler? Que mandei fazer essa droga desse livrinho com um monte de regras malucas?”

“Acertou, é exatamente o que estou querendo dizer.”

“Tudo bem”, ela falou, pegando sua bolsa.

Calçou as sandálias e caminhou na direção da porta. Eu quieto, olhando para a ponta dos meus pés, sob a mesa. Reparei que minhas meias estavam furadas. Senti saudade da Raquel.

Lívia voltou, pegou com raiva o livro.

“E você poderia me dizer por que eu faria uma coisa dessas?”

“Ainda não sei, mas não acredito numa linha do que está escrito aí.”

Eu tinha certeza de já conhecer aquela história de torneio sexual de algum lugar.

“Aposto que vocês copiaram essa baboseira toda de algum romance.”

Ela foi até a porta, rodou a chave, abriu. Ficou ali, parada.

Continuei onde estava, não movi um músculo.

A luz do corredor, entrando pela porta aberta, iluminava diretamente a ponta dos meus pés, como se fosse algo combinado, como se um iluminador de teatro resolvesse lançar um foco de luz sobre as minhas meias furadas.

“Procurei a pessoa errada”, ela disse, saindo e batendo a porta.

Contei até dez, minha cabeça rodava. Senti que estava fazendo a maior besteira da minha vida deixando Lívia sair daquele jeito mas não conseguia me levantar, cada centímetro do meu corpo pesava dez toneladas e só um guindaste poderia me tirar daquela cadeira.

Fiquei assim alguns minutos. Depois, num impulso, me levantei. Tontura. Estou ficando velho, foi a única coisa em que pensei naquela hora. Corri atrás de Lívia.

Ela estava sentada no chão, de frente para o elevador. Sentei ao seu lado, Lívia encostou a cabeça no meu ombro, acariciei seu rosto. Chorava. Não suporto ver mulher chorando, pensei comigo.

“Não suporto ver mulher chorando”, eu disse.

“Então me leva pra sua casa.”

Peguei-a no colo.

“Não sou muito pesada pra você me carregar no colo?”, ela me perguntou, mais leve que o ar.

Levei-a de volta ao apartamento e a coloquei de novo no sofá da sala.

Fui até o banheiro. Tirei a roupa, tomei um banho gelado, vesti uma bermuda. Fiquei me olhando no espelho e dizendo: profissional, detetive André, você é um profissional. Não era nada fácil eu mesmo me convencer, afinal de contas eu não era profissional droga nenhuma.

Passei pela cozinha, tomei dois copos d’água. Voltei à sala, sentei na poltrona, de frente para Lívia.

“Ok, eu acredito em você.”

Ela sorriu, agradecida.

“Está a fim de continuar contando?”

“O que mais você quer saber?”

“Primeiro: o que é Aldebaran?”

“O local onde acontece o campeonato. Eles chamam de Aldebaran, não sei por quê.”

Aquele nome era familiar. Fiquei repetindo a palavra para mim mesmo, baixinho.

“O que foi?”, Lívia quis saber.

“Nada, estou tentando lembrar onde foi que eu li esse nome.”

De repente me lembrei. Corri até a estante, apanhei um livro do Rubem Fonseca, *Feliz Ano Novo*. Procurei no índice. Estava lá.

Claro, pensei, era dali que eu conhecia aquela história: o campeonato de conjunção carnal.

“Ouve isso”, eu disse pra Livia.

Li em voz alta os dois primeiros parágrafos do conto:

Todos nós, animais de sangue quente, sabemos que tudo vai acabar.

No Hotel Aldebaran se realizava o grande campeonato (não oficial) de conjunção carnal. Uma atividade que devia ser comum a todos os seres humanos, mas estava circunscrita aos profissionais.

“Que tal?”, perguntei.

“Você não acha que eu li esse livro, acha?”

Sentei no chão, o livro aberto nas minhas mãos. Li em voz alta todo o conto. Quando terminei, ela perguntou:

“De quem é?”

“Rubem Fonseca, o título é *O campeonato*.”

“Não li. Aliás eu não gosto do Rubem Fonseca.”

“A história que ele escreveu é muito parecida com a sua.”

“Não é nada parecida! A minha é de verdade!”

Era difícil, mas precisava confiar em Livia. Se ela saísse por aquela porta eu estaria perdido, um reles detetive sem pistas a seguir, um merda.

“Desculpa, acredito em você, acredito mesmo.”

Ela se acalmou. Depois me disse, numa voz um pouco mais suave:

“É uma coincidência, só isso.”

“Não, não é coincidência. A citação da primeira frase, o nome do hotel, o próprio campeonato, só há uma explicação.”

“Qual?”

“O filho da puta que bolou esse campeonato leu o conto do Rubem Fonseca.”

“Mas você não acha que é loucura demais um cara ler um conto desses e fazer um campeonato de sexo de verdade?”

“Eu já nem sei mais o que é loucura ou não.”

Folheava o livro, a esmo. Fechei, fiquei vendo a capa. Não procurava nada em especial, apenas manuseava o livro, enquanto ia organizando meus pensamentos. Livia me observava, em silêncio. Abri o livro novamente, na folha de rosto, virei a página, onde fica a ficha técnica. Meus olhos bateram no símbolo: ©

“Caramba, é isso!”

“Isso o quê, André?”

Me levantei num salto, fiquei caminhando pela sala com o livro na mão.

“O símbolo. Como foi que não pensei nisso antes? Não é um círculo com uma letra no meio, são duas letras, entendeu?”

“Duas letras”, ela repetiu, ainda sem entender.

“Duas letras, Livia: a letra O e a letra C. A letra C dentro da letra O.”

“As iniciais do título do conto: “O campeonato”. Pode ser.”

“Eu nem acredito! O Gordo vai delirar quando souber disso.”

“Quem é o Gordo?”

“Meu assistente, aquele que estava comigo na casa do Santo.”

“Sei.”

“Eu estava certo, Lívia, quem tramou tudo isso leu o conto do Rubem Fonseca.”

“Um leitor muito maluco, convenhamos, um doente!”

“Preciso ligar pro Gordo”, falei, caminhando na direção do telefone.

“Depois, André. Primeiro deixa eu terminar minha história. Não podemos perder tempo.”

“Tem razão, vamos continuar”, eu disse, e fiquei murmurando, como se ainda não tivesse passado o impacto da descoberta: o campeonato, o campeonato.

“Dá pra guardar o livro?”

Fui até a estante, coloquei o Rubem Fonseca no lugar.

“Ainda não contei da fase preparatória.”

“Como?”

“Teve uma fase de preparação, é lógico, ou você pensa que me empacotaram na Europa e depois me lançaram de paraquedas numa cama com um garoto no Brasil?”

“Sou todo ouvidos, vamos lá”, eu disse, me recostando na poltrona.

“Você não tem vinho?”

“Quer que eu desça pra comprar?”

“Não, se não tem, deixa, é que me deu vontade de tomar vinho.”

“Serve um copo d’água gelada?”

Ela aceitou. Tomamos mais comprimidos verdes. Cada comprimido daqueles me levava às nuvens. Olhei para Lívia e não consegui evitar: pensei nela nua, seu corpo tenro, adolescentes têm o corpo tenro, imaginei o contorno exato, sinuoso, debaixo do vestido. Ela não percebeu a intensidade do meu olhar, ou fingiu que não, as mulheres sempre percebem quando um homem olha desse jeito para elas.

“Chegamos ao lugar vinte dias antes do tal campeonato.”

Deixei de pensar na nudez de Lívia. Perguntei:

“Chegaram como?”

“Um carro foi nos buscar, a mim e ao Santo, no casarão de Santa Teresa. Ao lado do motorista tinha um senhor de terno. Ele pediu que tomássemos uns comprimidos. Eu não queria tomar mas o Santo me disse pra obedecer. Tomamos os comprimidos. O carro começou a andar, pouco depois me bateu um sono irresistível. Dormi na hora. Quando acordei, já estava nesse lugar, Aldebaran.”

“É mesmo um hotel?”

“Talvez, ou a casa de algum milionário, não tinha certeza. Só sei que durante vinte dias não vi ninguém, quer dizer, nenhum outro ‘hóspede’. Nem o Santo me deixaram ver, apesar de eu implorar várias vezes. Mas não estava sozinha. Era acompanhada de perto todas as horas do dia por uma equipe: um médico, uma nutricionista, uma sexóloga, um personal trainer, que se revezavam no meu treinamento.”

“Não dava pra ter nem ideia de onde você estava? Em qual estado do país, pelo menos?”

“Eu não sabia direito, tinha a impressão de ser em algum ponto da região serrana, perto de Petrópolis. E estava certa.”

“Como pode ter certeza?”

“O motivo você vai saber depois, quando eu acabar de contar.”

Deixei que ela continuasse:

“A casa era antiga, espaçosa, com lareira. Em volta só montanhas. Tinha também uma piscina maravilhosa, um bosque, lago e cavalos.”

“Uma fazenda, ou um hotel-fazenda.”

“Eu perguntava pelos outros. O Santo havia dito que haveria outros casais. Apesar de simpáticos, nenhum dos meus acompanhantes me respondia. Numa conversa a sexóloga deixou escapar, não sei se de propósito, que os outros competidores estavam naquela mesma propriedade. Havia outras casas além daquela. Eu só não entendia por que nem o meu parceiro eu poderia conhecer.”

“Você perguntou pra ela?”

“Perguntei mas ela não quis me responder.”

“Que tipo de coisas você fez esse tempo todo?”

“Fazia caminhadas, nadava, enfrentava séries intermináveis de abdominais.”

“Odeio abdominais.”

“Fazia exercícios de respiração também. E conversava muito com a sexóloga.”

“Daria tudo pra ouvir essas conversas.”

“Duvido.”

“O que ela dizia pra você?”

“Não interessa, coisas de mulher.”

Como se ela já fosse bastante adulta.

“E o que mais?”

“Andava a cavalo, via filmes no vídeo, lia.”

“Lia? Você gosta de ler?”

“Gosto.”

Eu ia perguntar o que ela gostava de ler mas nunca pergunto isso a ninguém. É uma pergunta muito pessoal.

“Não vai perguntar o que eu lia?”

“Não. Quero saber outra coisa: você não me falou de seguranças.”

“Ah, sim, tinha seguranças, dois. Armados. Um ficava rondando a casa, de vez em quando sumia. O outro estava sempre perto de mim, uma situação insuportável. Era discreto, não falava comigo, evitava troca de olhares, mas era insuportável assim mesmo, até quando ia ao banheiro o cara ia atrás, ficava do lado de fora, vigiando.”

“Você disse que via filmes no vídeo. Deixavam você ver a programação normal da televisão? Te deixavam ler os jornais?”

“Não, eu não sabia nada do que estava acontecendo fora dali. Era uma prisão. Confortável, luxuosa, mas uma prisão.”

Não conseguia entender como funcionava essa tal preparação. Alimentavam bem os competidores, bolavam exercícios, conversas etc., mas e a tensão, o isolamento, a incerteza? Eu ficaria maluco.

Talvez a intenção fosse colocar o corpo em forma e ao mesmo tempo criar no competidor uma certa angústia, uma irritação que pudesse ser convertida em energia sexual. Pensei no meu próprio exemplo: quando estava com raiva, transava melhor com a Raquel. Nem precisava ser raiva dela, bastava estar com ódio de uma outra pessoa, ou incomodado com alguma adversidade qualquer que me tirasse do sério.

Não entendia bulhufas dessas coisas, mas pensei também numa outra explicação, complementar: aquele período de isolamento poderia provocar no competidor o tédio, e a conseqüente vontade de ver alguém da sua idade. Assim o encontro com o jovem parceiro seria mais produtivo do que se tivessem estado juntos todos os dias. Além disso, era alguém que teria sofrido o mesmo que ela, e essa pequena cumplicidade serviria como um ponto de atração entre eles.

Podia ser, ou podia não ser. Eu conjeturava apenas.

“E as apostas? Como funcionavam as apostas?”

“Não sei.”

“O Santo não te contou nada?”

“Não, nem eu quis saber.”

“Bom, quando acabou a preparação, levaram você pra onde?”

“Repetiram o mesmo processo do início. Me fizeram tomar uma droga qualquer. Quando acordei, estava num quarto, outro quarto, não o mesmo onde eu tinha dormido esses vinte dias. A sexóloga estava ao meu lado, esperando que eu acordasse. Me levou pra uma banheira, tirou minha roupa, me fez entrar. Eu estava meio zonza, mas aos poucos fui sentindo uma coisa boa, um relaxamento, a água tinha um perfume delicioso, suave. Devo ter ficado ali no mínimo meia hora, já nem queria mais sair. Então ela pediu que eu saísse, me envolveu numa toalha e me fez tomar uma ducha. Gelada.”

“Que tortura.”

“Também achei, mas só por alguns minutos. Depois que ela me enxugou eu era outra, sentia um bem-estar indescritível, uma vitalidade, cheguei até a rir. Ela pegou minhas mãos e me disse: muito bem, é isso mesmo, agora você está pronta, e eu perguntei pronta pra quê? Pra ganhar quinhentos mil dólares, minha querida, ela respondeu.”

Fiquei pensando se Livia tinha a exata noção do que significava ter meio milhão de dólares. Eu mesmo não conseguia me ver com tanto dinheiro. Para qualquer dos canalhas daquela máfia essa grana era uma ninharia.

“E isso te animou?”, perguntei.

Ela se sentiu ofendida.

“Você acha que eu tinha cabeça pra pensar em dinheiro?”

“Todo mundo tem cabeça pra pensar em dinheiro.”

“Então eu não sou todo mundo.”

“Não precisa ficar nervosa. Foi só um comentário.”

“E eu só quero contar minha história, não quero ser interrogada.”

“Acontece que esse é o meu trabalho, pelo menos por enquanto.”

Ela não gostou. Eu também não, mas precisava ser forte se quisesse sair daquela enrascada.

“Me fala do seu parceiro.”

“Era alto, magro, bonito, muito bonito... e delicado.”

Senti o golpe. Tentei ignorar.

“Quando foi que vocês se conheceram? Ele entrou no quarto?”

“Não. Logo depois da ducha um homem abriu a porta. Está na hora, ele disse. Fui levada pra uma espécie de salão, escuro. A única luz vinha do teto, e iluminava uma cama, no meio do salão. Aquilo parecia um cenário, a imagem que me veio na hora era a de uma peça de teatro, era como um palco escuro, com uma cama no meio, iluminada por um foco de luz.”

Fiquei imaginando a cena.

“Era colorida a luz?”

“Branca.”

“E depois?”

“Vi o homem que tinha me apanhado no quarto se aproximar de mim, com um garoto.”

“Não estava escuro?”

“A luz no centro do salão era forte. Eu estava na penumbra mas deu pra ver quando ele chegou perto, era o mesmo cara que me trouxera do quarto.”

“E foi então que ele te apresentou seu parceiro.”

“Não, ele não disse nada, simplesmente pegou minha mão e a do garoto e juntou as duas. Depois disse: fiquem assim, até chamarem vocês. Um outro homem, de fraque, apareceu no outro lado do salão, um foco de luz sobre ele. Caminhou até o centro, ficou de pé, ao lado da cama. Uma voz anunciou: Mister Green, o árbitro desta noite. O homem de fraque falou algumas coisas, repetiu as regras e finalmente nos chamou. Um outro foco de luz desceu do teto sobre nós. Hesitei, meu parceiro também, o árbitro insistiu, repetiu nossos nomes, caminhamos até ele, o foco de luz acompanhando nossos passos.”

“E vocês estavam nus.”

“Estávamos. Caminhamos até o árbitro. Ele nos cumprimentou. Fique aqui, meu anjo, ele me disse, me colocando à sua direita. Meu parceiro ficou à sua esquerda.”

“Qual era o nome do seu parceiro?”, perguntei, torcendo para que fosse Pedro.

“Gabriel.”

Droga.

“Então o árbitro começou a me descrever. Lívia, quinze anos, um metro e sessenta e seis, pele branca, olhos azuis etc.”

“O que era o etc.?”

“Minhas medidas: seios, quadris, coxas, coisas assim. Depois descreveu o Gabriel. Quando terminou a apresentação, pediu que ficássemos num canto e chamou o segundo casal. Repetiu o mesmo ritual. Finalmente o terceiro casal de competidores foi apresentado. O árbitro então pediu, olhando na direção dos janelões, que todos fizessem suas apostas.”

“Janelões?”

“Depois o Santo me contou: em volta do salão há suítes, luxuosas, com uma grande janela de vidro dando para o centro do salão. O vidro é desses que só permitem ver de dentro. Quem está dentro vê quem está fora, mas quem está fora só vê um vidro escuro. Estávamos sendo observados, eles estavam nas suítes, à nossa volta, mas só víamos a escuridão. Estavam atrás dos vidros, os apostadores.”

“O árbitro pediu que os canalhas fizessem suas apostas. E daí?”

“Daí ele pediu aos casais dois e três que voltassem aos seus quartos. Ficamos eu e Gabriel. O árbitro falou que teríamos vinte minutos até o início da contagem do tempo. Pra se conhecerem melhor, ele disse, o sacana. Repetiu as regras. E então saiu, levando os outros casais.”

“E vocês?”

“Nada.”

“Nem uma palavra?”

“Ele me falou que estava com medo, eu respondi que também estava, só isso.”

“Ficaram vinte minutos calados, esperando?”

Lívia começou a chorar. Sentei ao lado dela no sofá, abracei-a. Queria dizer alguma coisa mas não tinha a mínima ideia do que pudesse dizer numa hora dessas.

“Você quer um chá?”, ofereci, apesar do calor.

Se fosse preciso, eu mesmo esfriaria.

“Quero.”

Fui até a cozinha, coloquei a água na chaleira. Abri o armário e peguei uma caixinha de chá de cidreira. Minha mãe dizia que se a gente ficar olhando a água ela demora mais a ferver, então desviei o olhar e esperei. Quando estava borbulhando, despejei na xícara, sobre o pacotinho de chá.

Quando voltei à sala, Lívia estava dormindo, deitada no sofá.

Deixei a xícara sobre a mesa, esfriando, e fiquei vendo Lívia dormir. Ela se mexia muito, começou a falar alto, palavras desconexas. Pesadelo, pensei. Acordei-a. Ela se enroscou em mim, assustada.

“Seu chá.”

Levantei, trouxe a xícara. Estava morno. Ela bebeu.

“Você acredita mesmo em mim?”

“Acredito, juro.”

Bebeu mais um pouco, me devolveu a xícara.

“Tive um sonho horrível.”

“Imagino. Quer me contar?”

“Não, só quero ficar quieta um pouquinho.”

O prédio estava excepcionalmente calmo. Ela deitou a cabeça no meu colo. Percebi que mantinha os olhos abertos. No que estaria pensando?

“O pior ainda não contei.”

Tinha uma expressão de cansaço.

“Lívia, você não acha melhor parar por enquanto? Vamos sair, comer uma pizza, depois você

me conta o resto, que tal?”

“Não, vamos até o fim, eu prefiro.”

Voltei para minha poltrona.

“Nós vencemos aquela fase, eu e o Gabriel. Fizemos oito pontos no total.”

Eu queria saber dos detalhes mas não quis perguntar diretamente.

“Você deve ter sentido muita dor...”

“E ele também.”

Novo silêncio. Ela não diria mais nada sobre isso, concluí. Mudei o rumo da conversa:

“Você ainda se lembra do rosto dele, claro.”

“Como poderia esquecer?”

Senti uma pontinha de ciúme.

“Espera um pouco, Lívvia, não saia daqui.”

Frase idiota, pensei comigo, aonde é que ela poderia ir?

Voltei com uma foto do Pedro. O nome que ela me dera, Gabriel, podia ser falso. Era uma hipótese pouco provável, já que na apresentação não inventaram um nome falso para Lívvia, mas tentei assim mesmo.

“É esse?”

“Não.”

“E você saberia me dizer se esse garoto da foto é um dos outros rapazes que disputavam o campeonato?”

“Não, não é.”

“Certeza?”

“Absoluta.”

Saco! Guardei as fotos.

“Quando o garoto... quando ele entrava em mim...”, ela falou e se interrompeu, esperando a minha reação.

Permaneci sereno.

“Quando isso acontecia, eu pensava no Santo, no casarão de Santa Teresa, nas virgens, em toda a vida maravilhosa que levaríamos se ganhássemos aquele campeonato. Foi isso que me deu força.”

Peguei a jarra, despejei a água no copo, bebi de uma vez.

“E depois, quando acabaram os noventa minutos? Mandaram vocês de volta pra casa e pronto?”

“Eu e meu parceiro não iríamos pra casa, ficaríamos até afinal.”

“Sim, eu tinha me esquecido da final.”

“Mas os outros também não voltaram.”

“E foram pra onde, então?”

Ela se arrepiou toda com a pergunta.

“Espera, depois te conto. Me levaram de volta pro quarto. A sexóloga estava lá.”

“Essa mulher não tem nome?”

“Verônica. Mas não sei se era um nome falso. Verônica me esperava. Me deu os parabéns, num abraço demorado. Me levou até a banheira. Era tudo o que eu queria: um banho. Quando saí, ela me

deu um roupão e disse: agora falta pouco, meubem. Vesti minha roupa. Saímos do quarto e caminhamos por um corredor que ia dar num jardim indescritível, de cinema. No gramado havia dois carros: um preto, luxuoso...”

“Qual era o modelo do carro?”

“Eu não entendo nada disso, só sei que era preto e tinha custado muito dinheiro.”

Por um momento me senti ridículo. Aquela tinha sido uma pergunta que Sam Spade faria, ou algum desses detetives durões, mas não eu. Se ela tivesse dito qual era a marca e o modelo do carro não adiantaria coisíssima nenhuma.

“Um carro era preto, e o outro?”

“Era uma van, branca.”

Van ela conseguia identificar, e eu também.

“Vi quando uns caras levaram os casais perdedores e os colocaram na van. Verônica me entregou a um segurança e disse: agora é com você.”

“E ele te obrigou a entrar junto com os outros.”

“Não. Me levou pro carro preto. Quando estávamos bem perto, percebi que Gabriel estava sentado no banco de trás.”

“Então eles separaram os competidores. Os vencedores no carro preto, os perdedores no branco.”

“Exato.”

“Por quê?”

“Essa é a pior parte.”

Me ajeitei na poltrona.

“Pode dizer, estou ouvindo.”

“Uma regra do jogo eles não contaram. Ao final de cada disputa, os perdedores são...”

“São o quê, Lívia? Não precisa ter medo, fala de uma vez.”

“São mortos.”

“Eles matam os perdedores, André. Matam todos eles, quando acaba.”

Abracei Lívia. Seu corpo tremia.

“Agora chega”, eu disse.

Mas ela era forte, queria terminar de vez o relato.

Continuou:

“Quando o Santo soube disso, ficou desesperado. Sabia que não me matariam naquele momento, porque ainda tinha a final, mas depois...”

“Quando foi que ele ficou sabendo?”

“No momento de receber o prêmio. Um dos seguranças contou pra ele. O mesmo segurança que nos ajudou a fugir. Eu estava no quarto e não tinha nem ideia do que estava acontecendo. Depois do banho Verônica trouxe minhas roupas e me vestiu. Agora vamos dar um passeio, ela disse. Estranhei mas achei que fazia parte do jogo. Ela me levou ao jardim e caminhamos até o carro preto. O motorista abriu a porta de trás e me mandou entrar. Já ia entrando quando ouvi um tiro. Verônica caiu, na minha frente, com uma bala no meio do peito. Só ouvi o Santo gritar: corre, Lívia! Ele repetiu: corre!, e atirou num dos seguranças que vinha me pegar. Acertou na cabeça.”

“Não sabia que o Santo era bom de tiro.”

“Mas era, aprendeu na Europa, teve que aprender, moramos em lugares barra-pesada também. Não pensei duas vezes, saí correndo pelo jardim, o Santo logo atrás. Ouvi mais tiros, e latido de cachorro. Corri, corri muito, desesperada. O portão, o Santo gritou. Corri na direção do portão entreaberto. Alguém tinha deixado assim, pra facilitar nossa fuga. Do lado de fora tinha um outro carro estacionado, sem ninguém no volante. Entramos, o Santo deu a partida e saiu a toda, com mais três carros atrás da gente.”

“Calma, devagar.”

“Sei que parece mentira, parece cena de filme, desses americanos, com perseguição e tudo, mas aconteceu mesmo: os caras atrás da gente, o Santo dirigindo que nem um maluco, eles atirando. Foi aí que tive certeza de que estávamos perto de Petrópolis. Foi uma loucura, o Santo desceu a serra cantando pneu em cada curva, os caras chegando perto. Quando dei por mim estávamos na Avenida Brasil. O Santo foi ousado, no desespero ele entrou na contramão, em plena Avenida Brasil. Os caras não conseguiram fazer o mesmo, ou não tiveram coragem. Desviamos de um carro, que bateu em outros, um acidente horrível, não gosto nem de lembrar. Na primeira saída o Santo enveredou por uma outra estrada e ficamos rodando à toa, sem destino, até que estivéssemos em segurança.”

Fiquei andando pela sala, refletindo sobre tudo aquilo que acabara de ouvir. De vez em quando olhava para Livia, sentada no sofá, as mãos escondidas entre as pernas, o corpo curvado, como se sentisse frio. Pose de vítima, pensei, desconfiado.

Eu queria confiar nela, mas algo me dizia que poderia estar fazendo papel de trouxa. Resolvi arriscar:

“Essa história está mal contada.”

“Não, André, juro que foi assim.”

“Então me responde: como foi que o Santo conseguiu se livrar dos mafiosos, dentro da casa? E onde conseguiu a arma? Eles não iam deixar que ele entrasse armado.”

“Posso explicar.”

“Estou esperando”, eu disse, puxando uma cadeira.

“Lembra quando eu contei que o cara que foi nos buscar na Espanha parecia ser o líder ou, pelo menos, um dos líderes do grupo?”

“Lembro.”

“Pois então, o esquema funciona da seguinte maneira, ouve com atenção. O grupo tem três, como dizer, três facções, três grupos menores dentro dele, subgrupos. É como na máfia, entende, os chefões disputam o poder entre si. Lá também é assim, são três correntes de apostadores, cada qual com um líder, como eles chamam. Todos os apostadores usam um nome falso, nomes de cores: Senhor Amarelo, Senhor Lilás, Senhor Marrom, Senhor Vermelho etc.”

Parece filme do Tarantino, pensei.

“Os líderes do grupo são três: o Senhor Branco, o Senhor Preto, o Senhor Cinza.”

“Qual deles é o cara que foi te buscar na Europa?”

“O Senhor Branco.”

“Como é que você sabe?”

“Tudo isso foi o Santo que me contou, e acredito nele.”

Quer dizer, pensei comigo, que se o Santo tivesse mentido toda aquela história estaria furada. De qualquer forma eram aquelas as únicas pistas que eu tinha até então e era com elas, verdadeiras

ou falsas, que deveria trabalhar.

“Você chegou a ver algum dos outros líderes, além do tal amigo do Santo?”

“Não, não vi ninguém, só sei os nomes, ou melhor, os nomes falsos. Posso continuar?”

“Pode.”

“Quando chegamos a Santa Teresa o Santo me contou tudo. Disse que um dos seguranças lhe deu uma arma e todas as instruções pra sair dali. Mesmo assim foi arriscado. O Santo não sabia pra quem o segurança trabalhava, a princípio pensou que fosse o seu amigo, Senhor Branco, que tivesse facilitado nossa fuga, mas depois pensou bem e deduziu que não.”

“Por que não?”

“Porque não interessava ao Senhor Branco que eu fugisse, pelo contrário. Se eu conseguisse fugir, como consegui, os outros apostadores poderiam tentar invalidar o campeonato, dizendo que o Senhor Branco vacilou na segurança do seu casal. Além disso, sem mim não haveria a final.”

“Teriam que adiar a final. E foi justamente o que aconteceu.”

Me lembrei do bilhete que Mariana arrancara do bolso do paletó daquele baixinho, na festa do Murilo Chaves. Em virtude dos últimos acontecimentos, estava escrito lá. A fuga de Lívia, a confusão toda, estes eram os últimos acontecimentos.

Lívia pareceu não ter me ouvido, estava concentrada, não queria perder a linha de raciocínio.

“Veja bem, André, a quem interessava a minha fuga?”

“Ao Senhor Preto e ao Senhor Cinza.”

“Exatamente. Desse modo, poderiam não apenas invalidar a disputa, que perderam, como também enfraquecer o Senhor Branco, alegando que tinha havido falhas no seu sistema de segurança particular. Cada líder é responsável por um dos casais, o que quer que aconteça com ele é de inteira responsabilidade do líder, como você leu nas regras. Assim, minha fuga iria cair nas costas do Senhor Branco.”

“Então você acha que foi um deles, o Senhor Preto ou o Senhor Cinza, que facilitou a fuga.”

“Ou os dois juntos, quem sabe. Devem ter subornado alguns homens do Senhor Branco. E o resto eu já contei.”

“O tiroteio, a perseguição...”

“Isso.”

“E o dinheiro?”

“Que dinheiro?”

“O que vocês ganharam na aposta. Onde foi parar? Ou o Santo não chegou a receber a grana?”

“Recebeu mas teve que dar tudo ao segurança, o que deu a arma pra ele. Foi uma espécie de acordo.”

“Ou seja, o Santo subornou o segurança”, eu disse, com uma ponta de ironia.

“O que você queria que ele fizesse?”, ela perguntou, ofendida.

“Então, além de passar a perna no Senhor Branco, o Senhor Preto, ou o Senhor Cinza, ou os dois, não importa, alguém ainda ficou com a grana toda da aposta.”

“Sim, mas os outros apostadores não sabem disso, pelo menos os que não tramaram o acordo. Pra todos os efeitos, o Santo teria levado o dinheiro com ele. Vê se entende, estão atrás da gente não apenas pra impedir que contemos toda a sujeira à polícia, mas também porque acham que estamos com os dólares. Mas nós sabemos que não, que ficou nas mãos de quem facilitou a nossa fuga.”

“Quer dizer que vocês ficaram sem nada, no zero novamente.”

“Ficamos.”

Ela descansou um pouco. Fiquei aguardando o final da história, se é que já não tinha terminado. Lívia se levantou, alongou o corpo, os braços cruzados sobre a cabeça. Os seios se desenharam, perfeitos, na malha do vestido.

Reparei nos seus pés descalços. Tinha os pés mais delicados que já vi. Uma mulher com aqueles pés não seria capaz de mentir.

Ela ficou passeando os olhos e os dedos pelos livros, na estante.

Tirou um, leu o título na capa:

“*O destino bate à sua porta*. É bom?”

Permaneci em silêncio, observando Lívia, e pensando.

Eu adorava aquele romance, do James Cain. Dizem que o Camus se inspirou nele para escrever *O estrangeiro*. O Gordo comentava que a tradução do título original do romance do James Cain para o português era boba. A tradução literal, ele dizia, seria: *O carteiro sempre toca uma segunda vez*, que ele achava infinitamente superior. Eu gostava do título em português.

Ela guardou o livro de volta na estante, depois disse:

“Agora você pode entender por que o Santo mentiu naquele dia. O símbolo que vocês mostraram pra ele é do tal grupo, e não podíamos sair por aí contando isso pro primeiro que aparecesse, concorda?”

Não respondi. Deixei meu corpo escorregar pela cadeira e fiquei olhando sem ver uma mancha na parede. Tentava relaxar um pouco, colocar as ideias em ordem. Fechei os olhos. Devo ter ficado alguns minutos assim, digerindo aquela história.

Depois do breve descanso, abri os olhos, voltei à posição normal, esfreguei o rosto com as duas mãos.

“Está cansado?”, Lívia perguntou.

Ela parecia tão frágil, como conseguira enfrentar tudo aquilo que acabara de me contar?

“Estou bem. Vocês não acham perigoso continuar no casarão de Santa Teresa?”

“E aonde podemos ir?”

“Sei lá, eu já tinha dado o fora do Rio, e do país.”

“Com que dinheiro? E ninguém sabe que mora gente no casarão. Foi uma surpresa vocês terem aparecido naquele dia.”

“O Gordo não tinha certeza de que iríamos encontrar o Santo. Tentamos na sorte.”

“Mas você não deixa de ter razão, é perigoso sim. Antes de sair, hoje, o Santo me disse que tinha conseguido um outro esconderijo. Já arrumamos nossas coisas, vamos embora amanhã.”

“E hoje, onde vocês planejaram dormir?”

“O Santo não vai dormir, decidiu passar a noite na rua, vai ficar rondando o novo esconderijo, pra ver se é mesmo seguro. Me deu dinheiro pra dormir num hotel. Mas não quero ir, estou com medo de ficar sozinha.”

“Você pode dormir aqui.”

“Tem um quarto pra mim?”

“Tem, o meu.”

Ficamos nos olhando, em silêncio.

“Pode ficar tranquila, durmo na sala”, eu disse.

Fui até o quarto, arrumei a cama. Peguei um edredom e travesseiros, levei tudo para o sofá da sala.

“Hora de deitar”, eu disse, levando Lívia ao meu quarto.

Ela se deitou, cobri seu corpo com o lençol, apaguei a luz.

Fiquei na sala, encostado na janela. A janela do meu apartamento dava para o play do edifício vizinho. Estava deserto àquela hora, permaneci ali por um tempo, observando a quadra de basquete, onde uns pentelhos faziam uma barulheira danada nos finais de semana, os bancos de madeira, um velocípede abandonado num canto, esquecido.

Precisava dormir, estava morto de cansaço, mas não conseguia. Voltei para o quarto.

“Lívia”, eu disse, encostado no batente da porta.

“O que foi?”

“Por que você me contou tudo isso?”

Os dois no escuro absoluto, apenas nossas vozes cruzando o espaço.

“Gostei de você. Achei que precisava te avisar do risco que estava correndo. Eles podem te matar, André.”

Eu não disse nada. Saí do quarto. Deitei no sofá e fiquei olhando para o teto. Refletia sobre tudo o que Lívia tinha me contado, tentando achar um encadeamento qualquer dos fatos que me desse uma pista sobre o paradeiro do Pedro.

Ainda havia muita coisa a ser esclarecida. Qual o lugar que a peça Murilo Chaves ocupava no quebra-cabeças? Seria ele o Senhor Preto? Ou o Senhor Cinza? Se haveria uma final, quem disputaria com Lívia e seu parceiro? Já teria acontecido essa outra disputa, paralela, ou ainda estava por acontecer? E onde seria, no mesmo Aldebaran? Se aconteceria, ou se já tinha acontecido outra disputa, o Pedro estaria entre os competidores? Teria sido levado para lá pelo Murilo Chaves, por vingança? Que mafiosos eram esses que liam Rubem Fonseca? Ou será que só o criador do campeonato lia e os outros nem sabiam da existência do conto? E finalmente: como é que eu tinha conseguido me meter numa enrascada tão grande?

Minha mãe costumava dizer que quando eu era criança não tinha medo de nada. Ela se preocupava, dizia para ter cuidado com o trânsito, com assaltos, com a onda forte do mar, com a chuva, o sol, minha mãe tinha medo de tudo, eu não. Um dia, eu ainda era bem pequeno, uma vizinha me perguntou, brincando, por que eu não sentia medo, e respondi, sem pensar: preciso proteger minha mãe.

Ela adorava contar essa história, se sentia orgulhosa, a velha. Meu pai também achava graça, era uma das poucas vezes em que ele ria.

Devo ter ficado uma meia hora assim, pensando besteira, até que ouvi Lívia chamar pelo meu nome.

Fui até o quarto.

“Não consigo dormir”, ela disse.

“Eu também não.”

Pausa, nós dois em absoluto silêncio. Só se ouvia o barulho abafado de um ou outro carro na rua.

“Estou com medo, André.”

Continuei mudo, em pé, ao lado da porta do quarto.

“Desculpa, desculpa por ter te contado tudo isso. Agora você também corre perigo.”

Eu já tinha pensado nessa hipótese.

“Você tem certeza de que ninguém te seguiu até aqui?”

Conversávamos no escuro, eu não tinha acendido nenhuma luz.

“Tenho, sei me cuidar.”

Eu esperava que sim.

“André”, ela disse, numa voz mais suave.

Esperei. Começava a gostar daquilo: ouvir a voz de Lívia e ficar tentando adivinhar como estava o seu rosto enquanto falava, se ela estava deitada ou apenas recostada na cabeceira da cama, se o cabelo caía sobre os olhos.

“Vem deitar comigo.”

Não havia insinuação nenhuma na voz dela, parecia apenas uma menina assustada, pedindo colo.

Fui até a cama, afastei o lençol, me deitei ao lado de Lívia. Ela me abraçou. Estava nua.

Acordei cedo. Eram sete da manhã quando abri os olhos e percebi que lá fora fazia sol. As cortinas do meu quarto são claras e transparentes. Ideia da Raquel, que achava mais chique cortinas assim, por mim colocava logo um blackout, odeio a luminosidade da manhã me acordando. Trocar a porcaria da cortina, pensei, meio zozzo.

Fiquei olhando Lívia dormir. Tinha afastado os lençóis e dormia de lado. A claridade me permitia ver seu corpo delicado, a pele rosada. Percebi as marcas da minha boca no seu pescoço, duas pequenas manchas avermelhadas.

Os cabelos finos, castanhos, cobriam parte do seu rosto, dando-lhe um certo ar de inocência que a noite passada desmentia. Fiquei admirando seu corpo, e pensando: nunca tinha transado com uma virgem antes. Lívia não era mais virgem, claro, depois da experiência do campeonato, mas para mim era como se fosse.

Sentei no chão, as costas apoiadas no armário, e fiquei assim um tempo, recordando cada detalhe daquela noite. Era uma sensação de puro poder. Eu ali, acordado, vendo uma adolescente dormir na sua nudez. No meio das lembranças veio a pergunta que lhe fiz de madrugada: pra que servia o tal comprimido, e em seguida a resposta: é um afrodisíaco, entre outras coisas.

Tomei coragem e me levantei. Vesti minhas roupas, peguei a carteira e descii. Fui até a padaria, comprei um monte de coisas, inclusive umas rosquinhas lamego que eu adorava. O português dono da padaria, velho amigo do meu pai, estranhou. Nunca tinha feito uma compra tão grande, nem tão cedo, ele só via minha cara na padaria depois das onze.

Subi. Enfieei a chave na porta e vi que não estava trancada. Entrei, caminhei até o quarto. Ninguém, minha pequena ninfa tinha evaporado.

“Merda!”, gritei.

Fui até a cozinha, fiz café. Nem me lembrava mais da última vez que eu tinha feito café, era Raquel que sempre fazia, mas ficou razoável. Comi feito um animal, estava morrendo de fome.

O telefone tocou, deixei cair na secretária. Augusto.

“André, você está aí?” Pausa. Devorei o último pedaço de pão com presunto. “Eu sei que você está, atende.” Comi mais uma rosquinha lamego. “Atende, André!”, voz de quem está puto. Outra rosquinha, um gole de café. “Que diabos você foi fazer na festa do Murilo Chaves, André? O que você anda aprontando? Me liga!” Aquilo não era um pedido, era uma ordem. Desligou.

Terminei o café, peguei o telefone.

“Tenho novidades”, o Gordo disse, do outro lado da linha.

“Eu também, das boas.”

“Ótimo. Mas não vamos poder almoçar juntos, preciso checar uma informação na hora do almoço.”

“Te encontro no lanche.”

“Não, lá não vai dar tempo de conversar direito. Passa aqui às seis horas.”

“Ok.”

Liguei para a Raquel. Não sei por que fiz isso mas fiz.

A mãe dela atendeu.

“A Raquel não está, meu filho. Viajou.”

“Viajou? Pra onde?”

“Estados Unidos.”

“Sozinha?”

“Olha, André, eu sinto muito, vocês...”

“Tudo bem, já entendi.”

“Vem almoçar aqui hoje, meu filho, gostamos muito de você, você sabe disso.”

Eu sabia.

“Passo aí amanhã, pode deixar.”

Mentira.

Desliguei. Não precisava de droga de consolo nenhum. Passado, falei comigo mesmo em voz alta, Raquel é passado. Precisava me convencer disso.

O telefone tocou assim que o coloquei no gancho.

“Sou eu, Montenegro.”

“Que bom que o senhor ligou.”

“Por quê? Algum fato novo?”

“Sim.”

“Muito bem. Ao meio-dia, no calçadão, posto três.”

Desligou. Eu estava com muito sono. Eram dez horas. Coloquei o despertador para onze e quarenta e cinco, desabei na cama. O travesseiro ainda guardava o perfume do corpo de Lívia. Dormi como um anjo.

“Por que não me ligou, André?”

Era o Augusto, na portaria do prédio. Tinha acabado de chegar, justo na hora em que eu estava saindo para me encontrar com meu cliente.”

“Você me ligou?”, perguntei, cara de inocente.

“Não seja cínico. Preciso ter uma conversa com você.”

“Sinto muito, Augusto, não vai dar. Estou atrasadíssimo.”

“Ah sim, atrasadíssimo, o vadio está atrasadíssimo.”

Eu não gostava que me chamassem de vadio. Augusto sabia disso, estava querendo me agredir.

“Estou indo pra editora, Augusto, trabalhar, vê se não me enche o saco.”

“Editora, que editora?”

“O Gordo me arranjou esse emprego, ele conheceu um dono de editora na livraria e indicou meu nome. Tem mais a ver comigo do que a gravadora de pagode.”

“O Guimarães te tratou mal?”

“Não, mas prefiro trabalhar numa editora, só isso.”

“Eu te levo lá.”

“Não precisa, vou de ônibus.”

“Já disse que eu te levo.”

“Já disse que não quero, porra!”

O porteiro ficou observando nós dois. Meu irmão não suportava escândalo. Pegou no meu braço, me puxou de lado. Ficamos encostados na parede do prédio. Falou baixinho mas com raiva, entre dentes:

“Olha aqui, moleque, eu não sei o que você anda aprontando, mas coisa boa não é. Deixa eu te dizer uma coisa...”

“Larga meu braço”, eu disse, tentando me soltar.

Ele segurou com mais força.

“Escuta, não sei como você foi parar na festa do Murilo Chaves, nem me interessa saber, mas presta atenção: se eu pegar você metido com essa gente, te encho de porrada, entendeu?”

Augusto jamais falava um palavrão. Se estava falando agora é porque a coisa era séria mesmo.

“Tomo o apartamento, nunca mais te dou dinheiro e ainda te encho de porrada, fui claro?”

Claríssimo. Meu braço doía.

“Me solta, Augusto.”

Ele aliviou um pouco, mas continuou me segurando.

“Não gastei dinheiro com você pra te ver envolvido com gente safada, trambiqueiro, puta, viado.”

“Mas tinha um amigo seu na festa”, eu disse, com medo da reação do Augusto.

Ele me olhou sério, bem dentro dos olhos:

“Aquele safado não era meu amigo.”

Foi minha vez de não entender nada:

“Não?”

“Não, pelo contrário, quer mais é a minha caveira, entre outras coisas.”

“Mas ele não trabalha com você no banco?”

“E quem disse que todo mundo que trabalha comigo no banco é meu amigo, seu estúpido?”

Deduzi o óbvio: eu tinha pisado na bola. O fulano de rabo de cavalo era um canalha, queria foder meu irmão, ficar com o lugar dele no Banco do Brasil. O Augusto não queria ver alguém da família envolvido com o Murilo Chaves, pegava mal, ainda mais agora que o Murilo estava nas manchetes dos jornais, acusado de sonegação de imposto de renda, além de ter sido flagrado com um garoto de programa etc. Só pode ser isso, pensei comigo.

“O cara quis queimar seu filme”, falei.

“Graças a você, claro.”

“Mas ele também não estava lá, caramba?”

“Isso não interessa, não interessa o que ele faz da vida dele, eu é que não quero ver meu nome ligado a esse pessoal, entendeu?”

“Tudo bem, Augusto, só fui lá porque minha namorada ganhou dois convites, só isso, não tenho nada a ver com aquelas pessoas, não precisa se preocupar, eu juro.”

Ele soltou meu braço.

“A Raquel ganhou convites? De quem?”

“Não estou mais com a Raquel. Terminamos. Estou de namorada nova.”

Ele balançou a cabeça, contrariado.

“Você não tem remédio, André, não leva nada a sério. Vai morrer nessa vidinha medíocre: sem emprego decente, sem mulher, sem filhos. Você, André, você é... é um...”

Me lembrei da Raquel, ela também tinha essa mania: ficar procurando um adjetivo que me

definisse.

“Sei lá o que você é.”

“Agora deixa eu ir”, falei, já saindo.

“Vai, vai embora, palerma”, ele disse, me dando um tapa na cabeça, o que significava que eu estava momentaneamente liberado.

Mas ainda arrematou, numa voz grave:

“Você entendeu o que eu disse, não entendeu?”

Fiz que sim com a cabeça. Saí.

Não virei para trás, caminhei reto, mas tinha certeza de que ele ficara me observando até eu virar a esquina, com seu olhar pensativo, preocupado, de pai. Eu não queria um pai, mas Augusto insistia. Até quando?, perguntei a mim mesmo, enquanto caminhava apressado, quase correndo.

Fiquei esperando em frente ao posto três. O carro chegou. Antes de entrar, conferi: era um terceiro motorista. O sujeito trocava de motorista como quem troca de camisa.

“Boa-tarde, doutor.”

Montenegro não respondeu, tinha cara de poucos amigos.

Arrisquei:

“Estamos chegando perto. Acho que sei onde seu filho pode estar.”

A expressão do seu rosto mudou da água pro vinho.

“Sério?”

“Sim, mas veja, é apenas uma suposição.”

“Diga logo, por favor.”

“Antes, uma pergunta. É absolutamente necessário que o senhor responda com toda a franqueza.”

“Pode perguntar.”

“Seu filho é virgem?”

Ele ficou constrangido.

“Essa pergunta é completamente fora de propósito.”

“Sim ou não?”

“Como posso saber?”

“Sei lá, o senhor me disse que conversava muito com seu filho, ele nunca lhe contou sobre uma primeira vez?”

Montenegro pensou um pouco, depois disse:

“Não sei aonde você pretende chegar mas vou responder sinceramente: não tenho certeza. Acredito que sim, por ele nunca ter me contado nada. Também não perguntei, mas ele teria me contado.”

“Hoje em dia a garotada começa cedo”, eu disse, me sentindo um velho, “ainda mais tendo grana, e morando numa cidade como o Rio de Janeiro.”

“Já lhe disse que meu filho não é um garoto comum. Pedro é especial.”

Meu pai também devia me achar especial, pelo menos enquanto eu era criança.

“Não duvido disso.”

“Acredito que ele fosse virgem pelo fato de nunca ter me dito nada sobre ter mantido relações sexuais. Mas pode ter acontecido com Kate e ele não ter tido oportunidade de me contar. Confesso que nos dois últimos anos viajei muito, tivemos poucas chances de ficar a sós, eu e Pedro.”

Ele não tinha me dito aquilo, que nos dois últimos anos estivera afastado do filho. Anotei mentalmente.

“O senhor estranhou, e com razão, a minha pergunta. Vai entender por que lhe perguntei isso quando ouvir o que tenho a dizer.”

“Pois não, estou ouvindo”, ele disse, se ajeitando no banco do carro.

Pensei ter detectado algum traço de ironia nas suas últimas palavras. Não, devia ser impressão minha.

Narrei toda a história que ouvi de Lívia, trocando seu nome e o do Santo, para preservá-los. Não exatamente por ele, o falso santo, mas por Lívia.

Montenegro bebia uma a uma minhas palavras, surpreso, emocionado, escandalizado. Interrompia às vezes, pedia detalhes, fazia perguntas que eu não podia responder simplesmente porque não sabia as respostas.

Quando falei que os concorrentes do campeonato eram virgens, ele entendeu a pergunta que eu fizera sobre a virgindade do Pedro. Levou as duas mãos ao rosto e disse, a voz trêmula:

“Meu Deus!”

Foi nossa conversa mais longa. Omiti apenas uma coisa: que os perdedores eram eliminados no final. Não poderia dizer isso ao Montenegro sem saber com certeza se Pedro tinha realmente participado do jogo.

Era nisso que estava apostando minhas fichas: o garoto era um dos competidores de uma outra disputa, paralela. E se Lívia tinha conseguido escapar, existia a possibilidade, ainda que remota, de Pedro ter fugido também. Precisava encontrá-lo primeiro, vivo ou morto, e só depois comunicar a notícia ao pai dele.

Ele não esperou muito para fazer a pergunta:

“Você acha que meu filho está lá, com os mafiosos?”

Tentei ser objetivo.

“Minha hipótese é bastante simples, elementar mesmo. Vejamos os fatos. Seu filho desapareceu, provavelmente foi sequestrado, já que não tinha motivo nenhum pra fugir por vontade própria e não há indícios de ter sido assaltado e morto em seguida por algum ladrão comum, que teria dado fim no cadáver. Essa seria uma possibilidade pra explicar seu desaparecimento, mas podemos descartar essa hipótese por absoluta falta de evidências, depois de tantas investigações. Também não se trata de um sequestro comum, já que até o momento nenhum pedido de resgate foi feito, nenhum contato. E já tem um mês que o Pedro sumiu!”

Ele concordou.

“Segundo ponto. O senhor tem um inimigo, Murilo Chaves. Murilo Chaves teria um sério motivo pra sequestrar seu filho. Não é por dinheiro, já que se trata de um milionário, embora também haja milionários sequestradores, ainda que em menor número que os sequestradores comuns. E não é por dinheiro também pelo fato de não ter sido solicitado resgate. O motivo é óbvio: vingança. Sequestrar seu filho e não lhe dar notícias é uma vingança perfeita. Não há sofrimento maior, para um pai, do que o de não saber onde e como está seu filho, sobretudo supondo que pode estar nas mãos do inimigo.”

“Sem dúvida.”

“Terceiro ponto. Murilo Chaves, nosso suspeito número um, está envolvido num grupo secreto, cujo símbolo é o mesmo do *copyright*. Este grupo realiza um campeonato de performance sexual, com apostas de altíssimo valor, utilizando garotos e garotas virgens, com idade entre doze e quinze anos, justamente na faixa etária em que se encontra Pedro, seu filho, que, ainda não temos certeza,

deve ser virgem.”

“Continue.”

“Ora, a hipótese mais provável, nessas circunstâncias, é que Murilo Chaves sequestrou seu filho e o obrigou a participar do campeonato. Deu uma cartada certa. Num único gesto se vingou de seu maior inimigo e conseguiu um belo trunfo na jogatina com seus amigos mafiosos.”

“Então você acredita mesmo que ele esteja lá.”

“Acredito. A adolescente, a que participou do concurso e me contou toda a história, disse que tudo aconteceu há mais ou menos um mês. Acho muita coincidência, seu filho desapareceu há um mês. Tudo se encaixa.”

“Supondo que tenha razão, o que pretende fazer?”

“O bilhete que conseguimos, na festa do Murilo Chaves, diz que no próximo sábado será a final. Tenho certeza de que se trata da final do campeonato.”

“Por que tem certeza?”

“Não foi por acaso que separaram os casais. Num carro colocaram os perdedores, no outro iriam colocar os ganhadores. Não tenho dúvidas: os ganhadores estavam sendo preservados justamente para a final.”

“E os perdedores?”

Tentei ficar tranquilo.

“Provavelmente iriam descansar e passar por um novo período de preparação. Acredito que sejam reaproveitados noutra disputa.”

“Mas aí já não seriam mais virgens.”

“Doutor, não sabemos ainda como funciona a coisa. Pode ser que haja outras rodadas do campeonato, aproveitando os competidores que perderam.”

“E pode ser que os perdedores sejam simplesmente assassinados”, ele disse, me olhando nos olhos.

“Não creio. Seria ilógico eles terem o trabalho de sequestrar garotos e garotas virgens, correndo tantos riscos, para aproveitá-los uma única vez.”

Ele não disse nada.

Completei meu raciocínio:

“A final foi adiada justamente em função da fuga dessa adolescente. O escândalo nos jornais foi uma pista falsa, é isso que estou querendo dizer. O que adiou a final foi nada mais nada menos que a fuga de um dos finalistas.”

Ele ficou me observando com um olhar estranho. Parecia desconfiado.

“E onde está essa garota, André? Você não a deixou escapar, suponho.”

Eu não tinha nem ideia de onde Lívia pudesse estar.

“Fique tranquilo, está em lugar seguro.”

“Espero que sim”, ele comentou, seco.

“Estarei lá, doutor Montenegro, não sei como, mas vou estar na final desse campeonato absurdo.”

Que loucura, pensei comigo, tinha acabado de afirmar que estaria na final de um campeonato de sexo, cercado de mafiosos assassinos. Eu não devia estar no meu estado normal.

Ele virou o rosto na direção da janela e permaneceu assim, pensativo. Ficamos os dois olhando a paisagem. O motorista tinha evitado a praia naquele dia, estávamos rodando por umas ruazinhas

na Gávea, cheias de árvores e casarões. Fiquei pensando que os bacanas que moravam naquelas mansões podiam passar o verão inteiro no Rio sem sentir calor, bastava não sair de casa.

Depois de alguns minutos ele interrompeu o silêncio. Tinha a voz fraca, como se cada palavra emitida exigisse um esforço supremo.

“André, vou lhe dizer uma coisa: não tenho esperanças de que meu filho ainda esteja vivo.”

“Não diga isso, doutor.”

“Todos os dados de que dispomos levam a crer que Pedro está morto. Mas, além disso, há um outro fator.”

“Qual?”

“A intuição. Eu e minha mulher temos conversado muito nos últimos dias e sentimos, ambos sentimos que Pedro não está mais entre nós. Você nunca vai entender isso, André.”

Seus olhos estavam úmidos mas Montenegro se mantinha firme. Já devia ter refletido muito, com a esposa, sobre o que acabara de me dizer.

Continuou:

“Mas olha, André, ainda assim quero saber o que foi feito com o Pedro. Onde está seu corpo, se estiver mesmo morto, o que fizeram com ele.”

Seus olhos brilhavam. Aquilo era ódio.

“Não vou descansar, nem eu nem você, compreendeu, não vamos descansar enquanto não descobirmos o paradeiro do meu filho.”

Era um homem forte, o Montenegro.

“E se pra isso for preciso você se infiltrar nessa máfia de apostadores, então que seja. Quero você nessa final, André, custe o que custar.”

“Já disse que vou estar lá.”

“Ótimo. Mas você vai precisar de dinheiro, aliás, muito dinheiro. Vai entrar no campeonato como apostador, suponho.”

Já esperava que ele tocasse no assunto. Poderia ter falado do dinheiro antes, mas preferi esperar que ele mesmo se oferecesse para resolver esse problema: como ser um apostador numa roda de milionários com pouco dinheiro no bolso.

“De quanto você acha que vai precisar?”

“Não sei ao certo.”

“Deixe comigo, vou providenciar uma boa quantia. A final é no sábado, não é?”

“Tudo indica que sim.”

“Na sexta de manhã eu te ligo.”

“E se eu precisar falar com o senhor antes disso? Essa vai ser uma semana decisiva.”

“Estarei por perto, não se preocupe.”

Me deu o envelope.

“Você está fazendo um bom trabalho, detetive, muito bom trabalho, eu sabia que estava certo quando o contratei.”

Agradei.

“Só espero que tenha um bom plano. Você não me disse como vai fazer pra entrar no campeonato.”

Não tinha dito por um motivo muito simples: eu nem imaginava como faria isso.

“Deixa comigo.”

“Tem dois mil dólares aí dentro”, ele disse, friamente, referindo-se ao envelope que eu segurava.

Engoli em seco. Estava ficando rico, pensei.

Ele deve ter percebido. Montenegro certamente entendia todos os segredos da alma humana quando se referia a dinheiro, era a sua especialidade. Deve ter lido meu pensamento porque disse em seguida:

“Ainda não, André, você ainda não está rico, mas vai ficar, assim que encerrar o caso.”

Quando ia guardar o envelope na bolsa, ele segurou meu pulso, com firmeza.

“Só mais uma coisa”, ele disse, olhos nos olhos, “você tem uma semana pra descobrir onde está o meu filho. Nem um dia a mais. Acho bom não se esquecer disso.”

Senti um calafrio, devo ter ficado branco.

“Pode deixar”, foi o que consegui gaguejar.

Ele me soltou, mandou o motorista parar, e não disse mais nada.

Também não me despedi, desci logo daquele carro maldito. Estávamos numa pracinha do Horto, atrás do Jardim Botânico. Tinha um táxi parado, esperando o passageiro descer. Corri até ele, entrei quase no mesmo momento em que um cara de terno descia do carro.

“Centro, faz favor”, eu disse, me sentando no banco de trás, e depois completei, para não ter mais que falar com o motorista até o final da corrida: Rua do Lavradio.

Abri a bolsa, tirei um romance policial: *Edições perigosas*, do John Dunning. Era indicação do Gordo.

Dessa vez eu teria um livro para ler na viagem, se minhas mãos parassem de tremer.

Eram quatro horas da tarde e estava com fome. Lembrei que não tinha almoçado. Desci do táxi, entrei na livraria do Gordo. Pedi que me encontrasse no Amarelinho quando acabasse o expediente.

Fui andando até a Cinelândia. Estava tão atarantado com os últimos acontecimentos que nem liguei para o fato de estar carregando um envelope com dois mil dólares dentro da bolsa. Passei numa loja de câmbio, troquei quinhentos. Fiquei pensando na farra que poderia fazer com todo aquele dinheiro.

Quis ligar para Mariana mas não saberia o que dizer a ela. A imagem de Lívia deitada na cama de manhã, nua, permanecia na minha cabeça e não conseguiria ficar com nenhuma outra mulher naquele dia. Amanhã, talvez, pensei.

Parei numa banca, comprei jornal. Já estava começando a me habituar a ler jornal e não sabia se isso era bom ou ruim. Escolhi uma mesa estratégica no Amarelinho. Gostava de ficar sentado numa mesa que desse de frente para a Biblioteca Nacional mas de onde eu pudesse ver também o Theatro Municipal e um pouco da parte de dentro do bar. Não era pedir muito, sobretudo quando não estava tão cheio, como naquela tarde.

Pedi um sanduíche de queijo de minas com tomate e um chope.

“Vai chover”, o garçom me disse, deixando o chope sobre a mesa.

O tempo estava fechando, logo logo cairia mais uma tempestade de verão. De um modo geral cariocas odeiam chuva, ficam de péssimo humor. Eu adoro, desde que não seja pego de surpresa no

meio da rua. Gosto de ver a chuva de um lugar seguro, como aquele onde estava.

Bebi metade do chope de uma vez. De estômago vazio, o efeito foi fenomenal: uma ligeira tontura, agradável, relaxante, sem me tirar a lucidez mas deixando claro para mim mesmo que havia ingerido álcool e não refrigerante.

Pedi mais um. Antes que o garçom chegasse matei o chope que restara na tulipa.

“O sanduíche já está saindo”, o garçom falou.

Só não disse quando volta, falei comigo mesmo, rindo da minha própria bobagem. Era uma tarde agradável, fazia calor mas a promessa de chuva já era o bastante para melhorar um pouco o meu estado de espírito.

Abri o jornal. Foi o suficiente para mandar embora aquela breve sensação de bem-estar. No canto da primeira página, embaixo, uma foto, do Santo, dos tempos em que ainda era notícia. Ao lado da foto um pequeno texto com o título: **Guru dos anos 90 é encontrado morto na Prainha.**

Li:

Santo, como era conhecido o místico que reuniu milhares de seguidores no início dos anos 90, foi encontrado ontem na Prainha, em Grumari, com uma bala no crânio. A polícia acredita em assalto seguido de morte. (Mais detalhes na pág. 12)

“Lívia”, eu disse, em voz alta. Precisava encontrar Lívia, mas como?

Começou a chover forte. As pessoas correndo para o túnel do metrô ou se escondendo onde pudessem, debaixo das marquises, sob a lona dos bares, na entrada da Biblioteca, do Teatro, do prédio da Assembleia, outras cobrindo a cabeça com bolsas, pastas, uma senhora tentando abrir aflita uma velha sombrinha. Aquele movimento todo, mais os dois chopos de barriga vazia, mais a notícia do jornal me deram uma angústia e tive vontade de gritar para! para tudo! vamos começar do início!

Mas não gritei coisa nenhuma. O garçom chegou com o sanduíche. Devorei metade sem me dar conta. Pedi o terceiro chope. Abri o jornal na página 12, li:

No começo dos anos 90, um jovem de apenas vinte e cinco anos reunia em torno de si representantes de todas as classes sociais não só do Rio de Janeiro como de todo o país. Empresários, *socialites*, jogadores de futebol, desempregados, estudantes, donas de casa, motoristas de ônibus, garis, funcionários públicos subiam até Santa Teresa à procura de um consolo espiritual. Antropólogos, sociólogos e cientistas sociais travaram discussões nas colunas dos jornais, nos auditórios de universidades, nos canais de televisão, buscando uma explicação para o fato.

Enquanto isso, o Santo, como era chamado, atraía cada vez mais seguidores. Não cobrava pelas consultas, segundo afirmou em diversas oportunidades. “São contribuições espontâneas”, era o que costumava dizer quando o acusavam de impostor e mercenário. Morava num belo casarão em Santa Teresa, com móveis caros e valiosas obras de arte. Alguns de seus inimigos afirmaram que tinha contas no exterior, mas nada ficou provado.

Uma de suas excentricidades era manter um séquito de virgens, que lhe serviam gratuitamente, em troca apenas de sua bênção e de um teto generoso. Talvez tenha começado justamente aí o seu declínio. Embora as meninas lá estivessem com a devida permissão dos pais – aliás, eram levadas até o Santo como “oferendas” –, grupos organizados da sociedade brasileira começaram campanhas contra o que chamavam de nova escravidão branca. Organizações não governamentais de outros países, ligadas a direitos humanos, reforçaram uma verdadeira cruzada contra o “profeta”, que, assim como surgiu, desapareceu – vertiginosamente. Em 1995, não se falava mais do Santo e ninguém sabia exatamente o seu paradeiro. As meninas voltaram para suas famílias, móveis e obras de arte do casarão foram leiloados, rapidamente e em sigilo – supõe-se que alguns poucos ex-frequentadores tenham

arrematado os objetos – e o Santo simplesmente saiu de cena, sem deixar rastros.

Hoje ele virou de novo notícia, desta vez por um motivo trágico. Seu corpo foi encontrado por pescadores nesta madrugada, por volta de uma da manhã. Segundo a autópsia, ele foi baleado na nuca por volta de 23 horas da noite de ontem e depois lançado ao mar. Perto das pedras, a polícia encontrou uma bolsa de couro com folhetos esotéricos, dois papелotes de cocaína e uma carteira com os documentos do morto, sem nenhum dinheiro. O delegado encarregado do caso, dr. Almeida Salgueiro, acredita na hipótese de assalto seguido de morte ou de algum acerto de conta dos traficantes da área.

Filhos da puta! Os caras plantaram aquela pista falsa tentando atrapalhar as investigações. Voltei a ler. Havia depoimentos de várias pessoas famosas que tinham consultado o Santo quando ele estava no auge. Todos diziam maravilhas dos seus ensinamentos. Estavam chocados, todos eles, chocados com o triste fim do guru. Cínicos, refleti, eram eles que sustentavam o Santo, devem ter ficado com medo quando o infeliz ficou na berlinda, não quiseram se queimar e aí pararam de dar dinheiro. Os sacanas ajudaram a matar o Santo.

“Então é por isso que está chovendo”, o Gordo disse, instalando seus cem quilos numa cadeira à minha frente, “você lendo jornal.”

Estava com uma capa de chuva enorme, com capuz, e um guarda-chuva debaixo do qual caberíamos eu, ele, o garçom e todos os fregueses do bar juntos. Levantou-se, tirou a capa, colocou-a no encosto de uma cadeira. Fechou o guarda-chuva, ajeitou-o sobre o assento da mesma cadeira. Eu acompanhando toda a delicada operação.

“Onde você pensa que mora, Gordo? Em Londres?”

“Odeio chuva, você sabe disso. De manhã, antes de sair de casa, os jornais diziam que o tempo iria mudar. Uma frente fria vem aí.”

“Não precisa se explicar.”

“E você, o que estava lendo, é sobre o assassinato do Santo?”

Ele já tinha lido, claro. Sentou, sem a parafernália. Pediu uma caipirinha.

“Aqui não diz que foi assassinato.”

“O jornal é comprado, você sabe, publicam o que o Murilo Chaves mandar.”

“E o que dizem os outros jornais?”

“A mesma coisa. O crápula está mancomunado com a polícia, não resta dúvida. Vai ver foi algum policial mesmo que fez o serviço.”

De repente, me dei conta: como é que o Gordo poderia saber que o Murilo Chaves estava atrás do Santo? Eu não havia dito nada a ele.

O Gordo ficou me olhando, calado, bebericando a caipirinha. Esperava que eu dissesse alguma coisa. Resolvi não dizer nada. Permanecemos os dois mudos, bebendo, durante um tempo.

A chuva continuava forte. Ficamos ouvindo o barulho da água caindo com força sobre a cobertura metálica do Amarelinho.

“Tudo bem, André, eu sei de tudo.”

“Ah, é?”

Pausa.

“Não quer saber como fiquei sabendo?”

“Se quiser contar”, eu disse, aparentando desinteresse.

“Eu sei onde Livia está.”

Aquilo foi uma bomba. O Gordo sabia mesmo jogar. Perdi completamente o controle da situação.

“Onde ela está, Gordo? O que aconteceu?”

“Ela está bem.”

“Onde?”

“Num lugar seguro.”

Me lembrei do que dissera ao meu cliente.

“Merda! Diz logo que porra de lugar é esse, Gordo!”

“Meu apartamento.”

“Seu apartamento? Você levou a Livia pro seu apartamento?”

“Existe lugar mais seguro?”

O Gordo morava sozinho, num quarto e sala na Rua do Riachuelo, perto da Lapa. Era um prédio velho, caindo aos pedaços, um pardieiro, e a rua um barulho só. Ele teria condições de morar num lugar mais confortável, mas conseguira um apartamento razoável, que tinha mandado reformar, e queria estar perto do trabalho e da boemia do Centro da cidade, então ia ficando por ali.

De fato era um lugar seguro. O Gordo não tinha nenhuma relação de intimidade com seus vizinhos e raramente recebia visitas, eu mesmo não costumava ir muito ao apartamento dele.

“Onde foi que você encontrou a Livia?”

“Posso pedir o de sempre?”

“Claro.”

Pedi um frango à passarinho.

“Comecemos do início. Ontem, enquanto você vivia sua noite de amor, o que, aliás, tem sido cada vez mais frequente nos últimos dias, o seu amigo aqui trabalhava duro. Você não sabe, mas desde aquela conversa que tivemos com o Santo tenho rondado o casarão de Santa Teresa. Sempre soube que era uma pista quente e que o safado, Deus o tenha, estava mentindo quando disse que não sabia de nada. Fiquei xeretando a rua em que o Santo morava. Não acontecia nada de anormal, a não ser o fato de que jamais saíam de casa e nunca acendiam a luz. Mesmo assim continuei indo lá, todos os dias ficava pelo menos meia hora plantado na frente do casarão.”

“Bom trabalho.”

“Obrigado, vou cobrar. Uma tarde um carro parou na porta do casarão. Era carro de mafioso, estava na cara. Ficaram lá uma meia hora, depois um sujeito desceu. Armado. Subiu até o casarão, deu uma volta na varanda, entrou. Saiu uns quinze minutos depois. Esperaram mais um tempo no carro e depois foram embora.”

“Já desconfiavam.”

“Sim, eu é que não sabia de nada, quem eram eles, por que estavam espionando a casa do Santo, que parecia mesmo abandonada. O Santo e a Livia devem ter visto o cara subindo e se esconderam em algum lugar, atrás da casa. Talvez tenham conseguido enganar o sujeito mas continuava sendo um lugar perigoso. Pois bem, ontem à noite vi o Santo sair do casarão com uma bolsa a tiracolo, uma bolsa grande. Pensei que fosse viajar mas não era bem isso, descobri mais tarde. Resolvi seguir o Santo. Ele desceu a pé até os Arcos. Fui atrás.”

“Coitado”, eu disse, irônico.

Meu assistente não era a pessoa mais indicada para seguir alguém numa longa caminhada.

“Alguém precisa fazer o serviço pesado”, o Gordo rebateu, e continuou: “ele desceu na Lapa, caminhou até a Cinelândia, pegou o metrô. Cheguei à estação no exato momento em que o trem chegava e pude ver quando o Santo entrou nele. Desceu na Central, subiu as escadas, saiu, caminhou até um ponto de ônibus, ali perto. O ônibus chegou, o Santo entrou nele, entrei também. Eu não sabia pra onde estávamos indo mas era na direção da Zona Norte. Felizmente o ônibus não estava cheio e consegui um lugar sentado. No Engenho Novo ele saltou, perto do antigo Jardim Zoológico. Desci atrás. Fui seguindo o cara, aos trancos e barrancos, e vi quando ele entrou numa ladeira à direita, subiu, virou à esquerda. Subi também. Cheguei ao fim da ladeira, parei atrás de um carro estacionado, olhei à esquerda. O Santo estava lá, mais adiante, parado na calçada.”

“Parado?”

“Observava um pequeno prédio. Do outro lado da rua onde eu estava, vi uma barraquinha de cachorro-quente. Aquilo me pareceu um oásis. Fui até lá, pedi uma coca, virei de um gole só, pedi um cachorro-quente, com tudo a que tinha direito.”

“Que ninguém é de ferro.”

“Justamente.”

“Você anotou o nome da rua?”

“Anotei. Quinta do Sol.”

“Poético.”

“Mas de poético o prédio não tinha nada. Estava abandonado, alguns mendigos tinham invadido. O Santo ficou rodando por ali um tempo, depois desceu a rua, apareceu por outra rua, olhou de novo o prédio. Estava conhecendo as redondezas, o clima do lugar.”

“Queria ver se era um bom esconderijo.”

“Exato.”

“Fico pensando, Gordo, incrível como o Santo foi acabar numa situação dessas, precisar dividir com mendigos um prédio abandonado.”

“Estava melhor do que hoje”, ele comentou, sarcástico.

E eu, como estaria nas próximas vinte e quatro horas?, pensei comigo.

“Fiquei na minha, enrolando. Tive que pedir outro cachorro-quente, pro dono da carrocinha não desconfiar.”

“Quanto sacrifício.”

“Pois é. Fiquei quase uma hora na barraquinha, comendo e me entupindo de coca. O dono já tinha me contado a sua vida de trás pra frente, a essa altura éramos amigos íntimos, eu estava terminando o quarto cachorro-quente quando os caras chegaram.”

“Quem?”

“Gente do Murilo, com certeza. Era um carro escuro, azul-marinho ou qualquer coisa assim, a rua tem uma iluminação péssima, só sei que pararam, dois caras desceram, deram um soco na barriga do Santo, enfiaram o coitado lá dentro e saíram. Tudo muito rápido.”

“E depois?”

“Depois? Depois tive uma diarreia danada. Você sabe o que é comer quatro cachorros-quentes com maionese, cebola, milho-verde, bacon e batata palha numa esquina escura do Engenho Novo?”

Paciência, tudo é uma questão de paciência, pensei.

“O que aconteceu depois, Gordo?”

“Você não queria que eu seguisse os bandidos a pé, queria? Não sei o que aconteceu depois,

mas sabemos que apagaram o Santo, é lógico. Você mesmo leu nos jornais.”

“Acha que devemos contar pra polícia?”

“Ficou maluco, André? Quem nos garante que os caras que levaram o Santo não são da polícia?”

“Tem razão.”

“Queima de arquivo”, concluiu o Gordo.

A chuva tinha passado. Ficou aquele cheiro de umidade no ar, e toneladas de lixo em todo canto.

“E Lívia? Onde é que entra nessa história?”, perguntei.

“Eu não sabia onde ela poderia estar. Sabia apenas o seguinte: os dois planejavam se mudar pro novo esconderijo, eu ainda não tinha certeza do motivo de estarem fugindo desse jeito mas imaginei que pudesse ter a ver com a máfia do Murilo Chaves, não era à toa que o Santo tinha mentido naquele dia, só podia ser porque estava com medo de dar com a língua nos dentes. Assim que levaram o Santo, desci até a Barão do Bom Retiro, aquela avenida principal, no Engenho Novo, você sabe qual é.”

“Sei.”

“Fui até a avenida e peguei um táxi. Voltei a Santa Teresa, precisava saber se Livia ainda estava lá. Viagem perdida, obviamente.”

“Não me olha assim, não tenho culpa de nada. Ela é que foi me procurar.”

“Depois que virou detetive você anda comendo todas as mulheres lindas da cidade. Impressionante.”

“Continua, Gordo, quero ouvir o resto.”

“Será que não sobra nenhuma pro seu assistente?”

“Você não precisa disso, tem namorada.”

Ele deu a sua gargalhada clássica, acompanhada do murro na mesa que fazia voar chope para todo lado. O Gordo andava saindo com uma mulher misteriosa. Dizia apenas: uma amiga, estou saindo com uma amiga, mas eu sabia que não era amiga porra nenhuma. Daria tudo para saber quem era a nova namorada do Gordo.

Deixei que terminasse sua risada, o falso.

“Podemos continuar?”, perguntei.

Ele enxugou as lágrimas, tinha chorado de tanto rir. Voltou ao normal.

“Livia não estava no casarão porque estava dormindo com você. Hoje de manhã ela foi me procurar na livraria.”

“Como ela sabia que você trabalhava lá?”

“Ela me disse que pegou o endereço na sua agenda. Você tinha dito que seu assistente se chamava Gordo.”

“E ela pegou minha agenda quando desci pra comprar pão.”

“Mais um vacilo. Você é mesmo um iniciante, meu caro. Um detetive jamais deve se separar de sua agenda, aprenda isso.”

“Continua.”

“Ela foi me procurar na livraria. Estava desesperada. Pedi licença ao gerente, ele viu que era coisa séria e me liberou. Fui com ela até o meu apartamento.”

“Ela já sabia da morte do Santo.”

“Já. Tinha ido ao encontro dele, como combinaram, mas não o viu quando chegou ao esconderijo do Engenho Novo. Não sabia o que fazer e pensou em pegar um ônibus de volta pro seu apartamento. No caminho viu a foto do Santo numa banca de jornal, e a notícia.”

“Preciso falar com ela, Gordo, vamos lá.”

“Sem pressa, por favor, ela deve estar descansando.”

“Com aquela barulheira toda do seu prédio, e da rua?”

“A garota estava exausta, André, deve estar no décimo sono agora. Além disso, ela não vai sair de lá. Tranquei o apartamento e trouxe a chave comigo.”

“Deixou alguma comida pra ela, pelo menos?”

“Com quem você acha que está falando, camarada?”

“Desculpa, você foi muito legal, de verdade.”

Brindamos, eu de chope, ele de caipirinha.

Voltou a chover. Chuva fina, diferente das chuvas de verão, a previsão dos jornais estava certa: frente fria.

“Ela te contou tudo?”, perguntei.

“Creio que sim.”

“Diga o que você sabe, pra gente ver se confere.”

O Gordo relatou toda a história que eu já conhecia. As informações batiam. Ou Livia sabia mentir muito bem ou o que ela contara era mesmo verdade.

“Você acha que o Pedro pode ser um dos garotos?”

“Não sei, André, mas é nossa única chance. Se o Pedro não for um dos competidores, estamos perdidos, meu caro.”

“Tem razão. O Montenegro me deu um ultimato. Uma semana.”

“Você tem uma semana pra encontrar o filho do seu cliente? Que roubada. E ele disse o que vai acontecer se você não encontrar o garoto?”

“Não precisava dizer.”

O Gordo ficou alisando o forro da mesa, pensativo. Nós dois sabíamos muito bem do que o Montenegro era capaz.

“Gordo, se vai acontecer uma final, é claro que precisa haver um outro casal, outro finalista. Isso significa que houve, ou vai haver, uma outra disputa, com outros três casais e com um único vencedor. E, dedução lógica, se havia outra disputa, havia outros três garotos, além dos dois já mencionados.”

“Perfeito, detetive André.”

“Supondo que o Pedro esteja no outro grupo e não tenha sido o vencedor. Quer dizer, se ele estiver entre os perdedores, há duas hipóteses: ou conseguiu fugir, como Livia, ou está morto.”

“Ou conseguiu fugir e foi capturado depois.”

“E eliminado.”

“Sim.”

“Sejamos objetivos”, eu disse, desanimado, “a possibilidade de o Pedro estar vivo é bastante remota.”

“É verdade, meu amigo.”

E completou em seguida:

“Sejamos mais objetivos ainda: você precisa entregar o menino vivo ao Montenegro?”

Não respondi na hora.

“Claro que não, André. A sua missão é encontrar o filho dele, se o filho estiver morto não é culpa sua. Assim, em vez de trabalharmos apenas com uma possibilidade: ele ter sido o outro campeão, e estar vivo, podemos trabalhar com esta e mais outra: ele ser um dos perdedores, e estar morto.”

Aquilo já era um pouco de objetividade demais. Apesar das palavras do Montenegro, eu ainda tinha esperanças de resgatar o Pedro vivo e entregá-lo ao pai dele. O Gordo me conhecia bem, sentiu que eu estava amolecendo.

“Você ainda não se tocou que não estamos lidando com esses personagens dos romances que a gente lê, André, acorda! É a nossa pele que está em jogo. Seria melhor que o garoto estivesse vivo, mas se estiver morto, sinto muito, temos que terminar nosso trabalho assim mesmo, entendeu?”

“E o que devemos fazer?”

“Tenho um plano.”

Estava demorando.

“Precisamos estar nessa final do campeonato de qualquer jeito. Mas escuta bem, não vamos entrar lá pra salvar ninguém, ouviu? Nosso objetivo é muito simples: saber o que aconteceu com o Pedro, se ele esteve lá, se continua lá, se foi eliminado e, nesse caso, onde está o cadáver.”

“Já entendi, Gordo. Não se preocupe, não vou bancar o herói, vamos atrás de uma informação, apenas isso.”

“Perfeito.”

“Agora me diga: como vamos entrar? Você não sabe nem onde vai ser a final, nem a que horas.”

“É aí que entra o meu plano.”

“Diga logo.”

“Vamos precisar da sua amiga.”

“Que amiga?”

“Mariana.”

Encarei o Gordo. Pedi outro chope. Sabia exatamente qual era o seu plano.

“Nem pensar.”

Silêncio.

“Afim de contas, você está a fim da Mariana ou da Lívia?”

Não respondi.

“Tudo bem, não é teste de múltipla escolha, compreendo que você queira ficar com as duas, bacana isso, muito saudável, mas a questão é a seguinte: precisamos da Mariana pra salvarmos nossas vidas, entendeu? Sem ela você é um homem morto. Se não conseguirmos entrar, e sair, daquele campeonato, você não vai ficar nem com uma nem com a outra, vai dormir com os vermes.”

A imagem era forte. Fiquei imaginando minha cara coberta de minhocas.

“O baixinho nojento, aquele da festa do Murilo Chaves, é integrante do grupo *copyright*, já sabemos disso. E ele vai estar na final, André, porque recebeu o envelope com o tal aviso de adiamento. Meu plano é simples: vamos sequestrar o baixinho.”

“Ficou maluco?”

“Não, não fiquei. Sua bela Mariana será a isca. Ela liga pra ele, marcam um encontro. Vão

jantar, e depois um motelzinho...”

Devo ter feito uma careta indescritível.

“É só um exemplo, calma. Seja lá aonde forem, ele vai deixar a Mariana em casa no final da noite. Aí nós pegamos o cara.”

“E fazemos o que com ele, tem alguma ideia?”

“A ideia vem na hora, depois de interrogarmos o sujeito. Ele mesmo vai dizer como vamos fazer pra participar da final como apostadores. Deve haver uma senha, os participantes devem poder indicar outros, da confiança deles, ou então entramos no lugar do cara, sei lá. Tenho certeza de que o baixinho sabe como fazer.”

“Suponhamos que ele não queira colaborar, o que é mais provável. Você vai fazer o quê, torturar o baixinho?”

“Se for preciso.”

“Gordo, eu te conheço há mais de dez anos. A única coisa que você consegue torturar são meus ouvidos.”

“Não me subestime, André.”

“Certo, você tortura o fulano, enfia uma agulha debaixo das unhas dele, queima com cigarro, dá choque elétrico. O baixinho entrega o jogo. E depois? Não vamos matar o cara, suponho, vamos ter que soltar o babaca. Quando acabar tudo isso ele vai atrás de quem? Não de nós, evidentemente, porque imagino que no seu plano vamos vestir um capuz e disfarçar a voz, então ele vai atrás de quem? Da Mariana. Já pensou nisso?”

“Lógico que já pensei, não sou nenhum irresponsável. Vamos fazer parecer que foi um assalto. Só pegamos o canalha depois que a Mariana tiver entrado no prédio, ele nunca vai saber que ela fazia parte do golpe.”

Eu não estava gostando nada daquele plano. Arriscado demais para dois iniciantes como nós, e ao mesmo tempo batido demais, já tinha lido isso em vários romances e no final os caras sempre acabavam descobertos. Não daria certo.

“Não temos outra escolha. Ou você pretende pedir um convite pro Murilo Chaves?”

“Diante do seu plano, até que não seria má ideia.”

“Confia em mim, já pensei em tudo.”

“Pensou? Quando?”

“Nas últimas horas. Desde que Lívia me contou essa história não tenho pensado noutra coisa a não ser nos detalhes do sequestro.”

“Definitivamente, Gordo, você anda lendo demais.”

“Ao contrário, meu amigo, no momento eu quero é ação!”

“E eu quero ver Lívia. Depois pensamos no resto.”

“Ah, o amor.”

Paguei a conta, o Gordo vestiu sua capa monumental. Fomos os dois debaixo do guarda-chuva até o ponto de táxi.

Quando chegamos ao apartamento, Lívia estava jantando na cozinha. O Gordo deixara tudo

preparado.

Assim que nos viu, ela se levantou da mesa e veio correndo na minha direção. Abracei-a com força, senti o perfume da sua pele fresca, de quem saíra do banho havia pouco tempo, os cabelos ainda úmidos.

“Que bom, que bom que você chegou”, ela ficou repetindo no meu ouvido.

Afastei-a delicadamente.

“Acaba de jantar, depois conversamos.”

“Já acabei”, ela disse, sentando no sofá.

Puxei uma cadeira, o Gordo ficou com a poltrona.

O apartamento do Gordo era pequeno mas o danado conseguiu decorá-lo de tal maneira que era muito agradável estar ali. As paredes da sala foram pintadas de amarelo bem claro e decoradas com aquarelas suaves, predominando o azul e o verde-água. Num canto, uma pequena mesa de ferro com tampo de vidro, coberto por uma toalha de linho. Quatro cadeiras com assento e encosto de vime faziam conjunto com a mesa. Sobre o sofá branco, ele colocou uma colcha bege, que minha mãe tinha lhe dado. Ela gostava muito do Gordo. Ele espalhou almofadas coloridas sobre o tapete de sizal e sobre duas mesinhas, em cantos opostos, dispôs com precisão pequenas luminárias antigas, compradas na feira da Rua do Lavradio, criando um ambiente acolhedor. Uma velha poltrona reformada terminava de compor o espaço.

Nem parecia casa de um cara solteiro e meio largado como o Gordo. Ele dizia que precisava de uma casa assim, para poder soltar seus demônios na rua e ter um porto onde ancorar depois. Eu podia perceber no rosto de Lívia que era justamente de uma casa como aquela que ela estava precisando. Tinha caído no lugar certo.

Fui direto ao assunto:

“Lívia, você sabe o risco que está correndo, não sabe?”

Ela saiu do sofá e veio até mim. Ficou ajoelhada, abraçada às minhas pernas, a cabeça apoiada nas minhas coxas.

“Eu não quero morrer, André.”

O Gordo foi até a mesa, apanhou o prato que Lívia deixara e o copo com um resto de suco de laranja e saiu da sala.

“Ninguém falou que você vai morrer, Lívia”, eu disse.

O Gordo voltou com três cervejas. Me deu uma, ofereceu outra para Lívia.

“Acho que você está precisando”, ele disse.

Ela aceitou. Bebeu quase tudo de uma vez, achei que fosse se engasgar. Depois se levantou de repente, cambaleou um pouco, segurei-a.

“Está tudo bem?”, perguntei.

“Está”, ela respondeu, meio tonta.

Levei-a até o sofá, ela bebeu mais um pouco. O Gordo achou graça.

“Não vou deixar que nada aconteça com você, está me ouvindo?”, eu disse a Lívia, sentando ao lado dela.

Ela me abraçou. Ficamos assim um tempo, sua cabeça no meu ombro. Seu corpo estava quente. Fiquei acariciando seus cabelos finos e pensando na minha vida: até poucos dias atrás eu tinha uma mulher cuidando de mim, agora eu é que tinha que tomar conta de uma mulher.

O Gordo fez um sinal.

“Já volto”, eu disse a ela.

Na cozinha, o Gordo preparava um pratinho com queijo minas temperado, azeitona, salaminho. Colocou tudo no prato, regou com azeite.

“Você confia mesmo nessa garota, não é?”, ele me perguntou, enquanto salpicava tudo com orégano.

“O queijo e o salaminho já estão temperados, não precisam de orégano.”

“Esse é meu território, quem manda aqui sou eu, apenas responda a minha pergunta: você confia nessa pentelha?”

“Confio. Você não?”

“Ainda não sei. Sempre desconfio das mulheres bonitas, você sabe.”

Ele fincou o palito num pedaço de queijo. Comeu. Fiz o mesmo com uma azeitona.

“Por que não deveria confiar nela?”

“Simples: por que motivo ela nos contou tudo isso?”

“Medo. Ela precisa de proteção, e nós dois somos as únicas pessoas que podem protegê-la.”

“Coitada”, ele disse, virando a lata de cerveja.

“Bem ou mal, vamos ter de tomar conta de Lívia. Os caras estão atrás dela. Já apagaram o Santo.”

“Tudo bem. Vamos dar um voto de confiança pra sua ninfeta. Ela pode ficar aqui o tempo que precisar.”

Disso eu já sabia, o Gordo se faz de durão, mas tem um coração de manteiga, nem passou pela minha cabeça que ele pudesse impedir Lívia de se esconder no apartamento.

“Agora que você já sabe onde ela está, vamos ao trabalho. Tem o telefone da Mariana aí com você?”

Ele não tinha desistido do plano maluco.

“Tenho.”

“Ótimo. Pega o telefone sem fio, na sala, e leva pro quarto. Não pega bem você conversar com uma de suas mulheres na frente da outra.”

Fomos para o quarto do Gordo. Antes passei pela sala. Lívia cochilava no sofá, a lata de cerveja esquecida sobre o tapete. Estava deitada de costas, um braço sobre a barriga, o outro esticado, quase tocando o chão. O vestido subira um pouco. Quando passamos pela sala, o Gordo ficou admirando o sono de Lívia. Declamou, num sussurro:

“Pálida, à luz da lâmpada sombria, sobre o leito de flores reclinada, como a lua por noite embalsamada, entre as nuvens do amor ela dormia.”

“Deveras romântico.”

“Sem dúvida. É Álvares de Azevedo.”

“Desde quando você gosta de poesia?”

Conversávamos baixinho, um ao lado do outro, apreciando a seminudez quase virginal de Lívia, estendida no sofá sob a luz suave da luminária.

“Desde sempre. Mas não conta pra ninguém.”

Ainda permanecemos assim uns minutos, até que Lívia se virou de lado e apareceu parte da calcinha de algodão, branca. Puxei o Gordo pelo braço. Ele me acompanhou, sob protestos.

“Moralista, isso é o que você é, um puto moralista”, ele resmungou.

Acendi a luz do abajur, no quarto. Digitei o número de Mariana. O Gordo ficou ouvindo numa

extensão.

Mariana atendeu.

“Não posso falar com você agora”, ela foi logo dizendo.

“Acontece que eu preciso falar com você, e tem que ser agora. Você sabe onde é o Bar Nova Capela, na Mem de Sá?”

O Gordo fez sinal de positivo, tinha aprovado minha escolha.

“Sei mas não posso ir, estou de saída, vou me encontrar com Rosália.”

“Com quem?”

“Rosália, mulher do Murilo Chaves, aquela da festa.”

“E posso saber o que você vai fazer com a Rosália a uma hora dessas?”

“Depois te ligo, André, estou com pressa.”

“O que está acontecendo, Mariana?”

“Se eu te disser, jura que não vai querer saber dos detalhes?”

“Juro.”

“O Murilo Chaves morreu. Assassinado.”

“Assassinado? Como foi isso?”, perguntei.

“Você prometeu.”

“Só me responde essa, depois deixo você ir.”

“Foi encontrado na banheira de um quarto de motel, há poucas horas. Esfaqueado. Tudo indica que foi um garoto de programa. A polícia ainda não sabe de nada.”

“E o que mais?”

“Estou indo pra lá saber, se você deixar.”

“Quem foi que descobriu o corpo?”

“Te ligo mais tarde, André.”

“Eu não estou em casa.”

“Então me dá o telefone de onde você está.”

“Não posso.”

Silêncio.

Eu não queria dar o número do telefone do Gordo. Pensava na segurança de Livia. Ninguém, nem mesmo Mariana, deveria saber onde ela estava.

“Qual o nome do motel?”, perguntei.

“Te ligo amanhã de manhã, não sai de casa.”

Desligou.

“Merda!”, eu disse, jogando o telefone sobre a cama.

Dei um bico na mesinha de cabeceira.

“Não é porque suas mulheres não confiam em você que você vai destruir meu apartamento”, o Gordo disse, colocando a mesinha no lugar.

“Ela podia ter dado o nome do motel, pelo menos.”

“Se você não tivesse dado a entender que estava com outra.”

“Eu não disse que estava com outra.”

“Claro que não, mas foi o que Mariana ouviu. Aliás, ouviu muito bem.”

“O que vamos fazer?”

“Nada. Ou melhor, vamos sim. Acabo de ter uma ideia.”

“Qual?”

“Um belo creme de aspargos, no Nova Capela.”

Salivei, eu adorava o creme de aspargos do Nova Capela e o sacana sabia disso.

“E Lívia?”

“Isso é com você.”

Pensei um pouco. Não queria deixar Lívia sozinha mas, além da tentação de descer para o Nova Capela, havia também a necessidade: precisava trocar umas ideias com o Gordo.

“Uma hora, no máximo”, eu disse.

“Combinado.”

Fui até a sala. Lívia dormia profundamente. Peguei-a no colo, ela encostou a cabeça no meu peito. Levei-a para o quarto. O Gordo já tinha tirado a colcha e arrumou rapidamente a cama. Deitei Lívia sob os lençóis, apaguei a luz, fechei a porta.

“Pronto, podemos ir.”

Era quase meia-noite. Estava cheio o Nova Capela, só uma mesa vaga, num cantinho do bar.

Pedi dois chopes e um conhaque.

“E agora?”, perguntei.

“O sequestro fica adiado, por enquanto. Assim que souber do assassinato do Murilo Chaves, o baixinho vai colocar uns dez mil seguranças em volta dele.”

Um casal ao lado olhou para a nossa mesa. Precisávamos tomar cuidado com as palavras.

O garçom trouxe as bebidas. Pedi dois cremes de aspargo.

“No capricho”, o Gordo arrematou.

Bebi metade do chope de uma vez. Maravilha.

“Não podemos decidir nada hoje, André, o jeito é esperar até amanhã e conferir com sua primeira mulher, ou segunda, sei lá, conferir com a beldade do Leblon os detalhes do assassinato do canalha.”

“Quem você acha que pode ter sido o assassino?”

“A pergunta não é essa. Claro que o assassino é o garoto de programa que estava com ele no motel. A questão é: a mando de quem o garoto matou o Murilo Chaves?”

“Rosália não seria, seus planos eram outros. Só pode ter sido alguém da máfia do campeonato.”

“Claro.”

Dei o primeiro gole no conhaque. Desceu queimando.

“No telefone você me disse que tinha novidades”, falei.

“Ah, sim, nem tive tempo de contar. Andei pesquisando a editora do Montenegro.”

“E aí?”

“Ocupa um andar inteiro num edifício comercial, no Centro, Rua México. O nome é Editora Pax.”

“Eu sei. Montenegro deixou lá em casa, na portaria, um contracheque falso no meu nome, caso precisasse mostrar pro Augusto. Lá tem o nome da editora.”

“E por que você não me disse antes? Teria facilitado bastante o meu trabalho.”

“Eu teria dito se você tivesse me perguntado.”

“Tudo bem. Inventei que era estudante de Letras da UERJ fazendo pesquisa sobre mercado editorial e consegui entrar na tal Editora Pax. Falsifiquei uma carteirinha de estudante. Moleza. Entrevistei um dos editores. O cara me mostrou as publicações deles: livros infantis, revistas religiosas, manuais de autoajuda.”

“Uma editora acima de qualquer suspeita...”

“Fachada, evidentemente, pura fachada. Fui até o Sindicato dos Editores, procurei o nome da editora no catálogo, estava lá. Verifiquei as estatísticas, eles têm uma lista com a média anual de vendagem das editoras cadastradas. A grande Editora Pax não vende quase nada, deveria estar falida.”

“Como pode estar falida se ocupa um andar inteiro num prédio comercial no centro da cidade?”

“Precisa responder? Essa merda de editora é um embuste. Lavagem de dinheiro, já ouviu falar?”

Dei mais um gole no conhaque, em silêncio. Eu precisava pensar um pouco, organizar as coisas.

“Você sabe de onde vem a expressão ‘à francesa’?”, o Gordo perguntou, lendo o cardápio.

“Como assim?”

“Filé à francesa, frango à francesa, porção à francesa... você sabe de onde vem?”

“Da França, é óbvio.”

“Ledo engano, meu caro. Nem sempre as respostas mais óbvias estão corretas, aprenda isso.”

“Certo, de onde vem então?”

“Exatamente daqui, desse bar onde estamos. Li num livrinho sobre os bares do Rio. A história aconteceu lá pelo final dos anos 1960. Havia um francês, um cliente de carteirinha, desses que batem ponto todo dia, que toda vez que vinha ao bar pedia filé de frango acompanhado de presunto, cebola, petit-pois e batata palha. Então o dono resolveu batizar o prato de filé de frango à francesa, em homenagem ao freguês. A expressão acabou pegando.”

“Você inventou isso.”

“Quando a gente chegar em casa te mostro o livro.”

“De qualquer forma, veio da França.”

O garçom trouxe os caldos de aspargo. Colocou o prato à minha frente, fumegando. O perfume era delicioso. Peguei um pedaço de pão, mergulhei no caldo, comi.

Falamos pouco enquanto jantávamos, não sabia que estava com tanta fome.

“Como sobremesa, proponho uma partida de sinuca”, o Gordo falou, raspando o prato.

Seria ideal, há séculos não jogávamos sinuca e havia uma ali pertinho, mas resisti bravamente.

“Não acredito que você está me propondo uma coisa dessas.”

“Por que não?”

“Você esqueceu que tem uma garota de quinze anos dormindo no seu apartamento? E que tem um bando de mafiosos atrás dela?”

“Lívia está segura, não se preocupe.”

Tirei a carteira do bolso.

“Outro dia, meu amigo, outro dia te dou a surra de sempre.”

Ele achou graça. Da última vez que jogamos sinuca, eu perdera vergonhosamente.

“Combinado. Toma as chaves”, ele disse, me entregando um chaveiro.

“Chaves? E você?”

“Não durmo em casa há três dias.”

“Não acredito.”

“Pode acreditar.”

“Que história é essa, Gordo?”

Aquilo merecia mais uma rodada de chope. Ele pediu.

“Me conta, onde é que o senhor tem dormido?”

“No seu prédio.”

“O quê?”

“Quer que eu repita? Tenho dormido no mesmo prédio em que você dorme, quando não está no apartamento da miss Zona Sul.”

Eu não estava entendendo nada.

“Mas onde? Com quem?”

“Duas perguntas, duas respostas. Primeira: no apartamento ao lado do seu. Segunda: com a proprietária e moradora do referido apartamento.”

“Dona Cármen? Você está comendo a dona Cármen?”

“Não seja grosseiro.”

Esperei o garçom colocar os dois chopes na nossa mesa. Eu estava pasmo. O Gordo conhecia a dona Cármen, claro, mas nunca demonstrou nenhum interesse por ela, pelo menos não na minha frente.

“E como foi que você fez pra roubar a mulher dos meus sonhos de criança?”, perguntei, assim que o garçom se foi.

No fundo sentia um pouco de inveja do Gordo. Eu não podia reclamar, sem dúvida, nos últimos dias tinha dormido com as duas mulheres mais lindas que conhecera em toda a minha vida, mas a verdade é que nutria, em segredo, um desejo enorme por dona Cármen, desejo de garoto, desde quando ela frequentava nossa casa, com o marido. Era louco por aquela mulher de corpo torneado, rosto bonito, expressivo, aquela mulher madura que segurava a xícara de chá com a elegância de uma atriz de filme do Bergman.

“Um pouco de charme e nenhum dinheiro, se você quer saber”, ele respondeu.

“De graça? Você está dormindo com dona Cármen de graça?”

“Mais ou menos.”

“Como mais ou menos?”

“Leio histórias eróticas pra ela, na cama.”

Bebi o chope, matei o conhaque, olhei o relógio. Estava na hora, mas não podia me privar daquela conversa. Mais alguns minutos, só mais alguns minutos, prometi a mim mesmo.

“Cármen adora quando leio pra ela os *Contos libertinos*, de Sade. Fica doida, vira um vulcão.”

Fiquei imaginando o Gordo, nu, lendo os contos do Marquês de Sade para dona Cármen, ela deitada na cama, só de calcinha.

“Ontem reli pela quarta vez o conto *A pudica ou O encontro imprevisto*. Ela foi à loucura, quase quebramos a cama.”

“Esse eu não conheço.”

“Nem sou eu que vou te contar, é claro. Pede pra Mariana. Tem uma frase que Cármen adora em especial, quando chego nessa passagem ela delira. Diz assim: entre um homem que observa um seio, por exemplo, e outro que se ocupa de um quadril, há decididamente a mesma diferença que entre um homem probo e um canalha.”

O Gordo estava empolgado. Encontrei uma grande mulher, é o que estava escrito na sua testa.

Continuou:

“Ela tem os ossos da Clotilde.”

“De quem?”

“Da Clotilde, personagem do Rubem Fonseca.”

De novo Rubem Fonseca, aquilo já parecia perseguição. O Gordo estava se referindo a um conto em que um escritor desconhecido mata um escritor famoso, chamado Peter Winner, autor de romances policiais de sucesso, e assume sua identidade. Clotilde era a editora do Peter Winner verdadeiro e o impostor se casa com ela. A primeira frase do conto é uma fala do falso Winner para Clotilde. Ele diz: “posso acariciar novamente sua clavícula?”

“Você sabe, André, Winner adora morder os ossos salientes de Clotilde, a magricela.”

“Não me consta que dona Cármen seja magra, está mais pra gordinha.”

“Cármen é a falsa gorda.”

“Caramba! Isso não existe! Falsa gorda?”

Ele explicou com sentimento na voz, pronunciando cada frase como se recitasse um verso:

“Exatamente. Parece meio gorda quando está vestida, talvez porque goste de roupas largas, mas quando se despe vemos surgir seu corpo perfeito, sublime, delicioso. E o que ninguém poderia adivinhar, vendo-a de roupa, é que deitada de bruços, nua, pode-se ver, tocar, morder cada vértebra de sua coluna. Meu Deus, que tesão!”, ele disse, socando a mesa.

O casal do lado olhou de novo para nós. Consultei pela última vez o relógio.

“Agora não dá mais, Dom Juan, amanhã você me conta o resto.”

Deixei o dinheiro sobre a mesa e saí. O Gordo, mais uma vez, tinha conseguido me surpreender. Jamais tinha pensado na hipótese de conquistar dona Cármen lendo contos eróticos. Sem dúvida, tinha sido uma tacada primorosa.

Abri a porta do Nova Capela e desci a rua, pensando nas vértebras ossudas da falsa gorda dona Cármen, minha bela vizinha.

Quando virei a esquina da Rua do Riachuelo, vi dois homens do outro lado da rua, olhando na direção do prédio do Gordo. Roubada.

Entrei num boteco, pedi uma cerveja em lata. Fui até a calçada. Os homens continuavam lá. Olharam para mim. Tremi. Voltaram a olhar para o prédio. Não me conheciam, deduzi, estavam esperando o Gordo. Bendita dona Cármen, pensei comigo, não fosse ela o Gordo estaria frito a essa hora.

Voltei ao Nova Capela. Meu amigo já havia saído.

Tinha que dar um jeito de chegar à portaria do prédio sem que eles me vissem. Imaginei que pudesse aproveitar minha entrada para entrar também e não podia correr riscos. Livia estava sozinha lá em cima.

Caminhei novamente até o bar. Um travesti puxou conversa comigo.

“Escuta”, eu disse, “te dou trezentas pratas se você me fizer um favorzinho.”

“O que você quiser, meu bem.”

“Qual o seu nome?”

“Kelly.”

“Kelly, nome de artista.”

Kelly sorriu.

“Kelly, vai até lá fora, disfarça e olha à sua esquerda. Vê se tem dois caras encostados na parede, mais adiante.”

Ele foi, fez uma cena nada discreta. Voltou.

“Trezentos reais só por isso?”

“Não, esse ainda não é o favor. Esses caras são dois amigos meus. É a primeira vez que eles vêm aqui e estão morrendo de vergonha de chegar, entendeu?”

“Entendi.”

“Arranja uma colega sua, bem gostosa. Vão vocês duas lá e dão uma cantada nos garotos. Eles vão resistir um pouco, são tímidos pra cacete.”

Kelly me olhou, desconfiado.

“São seus amigos mesmo?”

“Hoje é aniversário de um deles.”

“Qual?”

“O de camisa branca.”

Ela continuou me olhando.

“Pagamento adiantado, querido.”

Tirei a carteira, abri, mostrei a grana. Eu agora andava com a carteira recheada, para qualquer eventualidade. Tirei duas notas de cem, dei a Kelly.

“O restante no final do serviço.”

Guardei a carteira no bolso.

“Deixa comigo.”

Cinco minutos depois Kelly estava de volta.

“Essa é a Lu”, ela me apresentou uma morena, ou moreno, monumental.

“Prazer, Ludmila”, o travesti falou, me dando dois beijinhos no rosto.

“Olha só, vocês vão chegar lá, jogar um papo-furado e mandar um beijo na boca dos dois logo de cara. Combinado? Sem muita conversa.”

Kelly e Ludmila se entreolharam.

Tirei mais uma nota de cem, coloquei dentro do sutiã de Ludmila. Ludmila usava um sutiã vermelho mas era como se não usasse, os seios estavam quase completamente de fora, só aquela minúscula faixa de pano imprensando a base das duas grandes bolas de silicone.

“Não precisa ter medo, é só uma brincadeira. Se eles engrossarem, vocês começam a cantar parabéns pra você.”

Ludmila deu um gritinho histérico e me beijou na boca, rapidamente.

“Assim?”, ela perguntou.

“Isso mesmo”, respondi, limpando a boca borrada de batom e tentando achar graça, “só que mais demorado.”

Kelly ainda não estava acreditando.

“E então? Vão ficar aí paradas?”

Ludmila e Kelly foram atrás deles.

Atravessei a rua e fiquei na calçada do outro lado, esperando.

Os travestis se aproximaram dos caras. Não conversaram nem dois minutos e Ludmila meteu

um beijo no de camisa branca. Kelly se jogou no pescoço do outro feito uma pantera.

Do alto da rua vinha um ônibus. Minha chance, pensei, e corri até a portaria do prédio, aproveitando o ônibus como escudo. Não sei se eles me viram, só tive tempo de bater com força a porta de vidro. Do lado de dentro do prédio pude ouvir a voz estridente e desafinada de Ludmila cantando parabéns pra você, nessa data querida, muitas felicidades... e pou! Um tiro.

Gelei. Logo depois ouvi os gritos. Subi correndo até o apartamento do Gordo. Entrei. Abri um pouco a cortina da janela da sala, no escuro. Os dois homens ainda estavam lá, um deles com uma arma na mão. Kelly e Ludmila entravam correndo no bar. O puto que deu o tiro deve ter disparado para o alto, só para assustar os travestis.

Passou um carro em seguida, parou na frente dos dois. Eles entraram, o carro saiu. Que merda!, falei para mim mesmo, a coisa estava ficando esquisita.

Fui até o quarto, abri a porta, acendi a luz. Lívia dormia. Apaguei a luz, fechei a porta.

Na cozinha, peguei uma cerveja. Tirei a roupa e me deitei no sofá da sala, só de cueca. Fiquei olhando o teto e bebendo, até o sono chegar. Ajustei o despertador: seis horas. Antes de apagar ainda pensei: para onde eu levaria Lívia quando amanhecesse?

Acordei com o barulho da rua. Estava completamente tonto, mais de sono que de álcool, eu acho.

Tomei uma ducha, depois acordei Lívia. Enquanto ela se vestia olhei pela janela. Parecia tudo bem lá embaixo, ninguém vigiando.

Liguei para Mariana e contei meu plano. Ela não gostou de ser acordada tão cedo, tinha ficado com Rosália até de madrugada. E, claro, também não gostou nem um pouco do que me ouviu dizer ao telefone. Infelizmente, não havia outra alternativa.

“Posso saber aonde vamos?”, Lívia perguntou, saindo do quarto.

“Confia em mim.”

Não quis contar o que estava acontecendo. Na verdade, nem eu mesmo sabia o que estava acontecendo, sabia apenas que precisava tirar Lívia daquele lugar o mais rápido possível.

Pegamos um táxi.

“Leblon.”

Ainda não eram oito horas quando chegamos ao prédio de Mariana.

“Espera aqui”, pedi ao motorista.

Desci com Lívia.

“Aonde você está me levando, André?”, ela perguntou novamente, agora dentro do elevador.

Eu não estava em condições de ficar explicando nada. Precisava estar na livraria antes de o Gordo chegar, era apenas nele que eu pensava agora.

Mariana atendeu a porta com cara de poucos amigos.

Não perdi tempo:

“Mariana, essa é Lívia. Lívia, essa é Mariana.”

Nenhuma das duas disse nada. Ficaram se olhando por um instante, sérias, até que Mariana, com um gesto, nos convidasse a entrar.

“Não vou poder entrar. Preciso encontrar o Gordo, é urgente.”

Os olhos de Mariana lançavam flechas na minha direção. No rosto, um sorriso amargo.

Lívia não queria ficar mas insisti e ela acabou aceitando. Prometi voltar o quanto antes.

A vida não tem a mínima lógica, pensei, já na calçada do prédio.

Entrei no táxi.

“Vai chover”, o motorista comentou.

Olhei pela janela as nuvens escuras.

Abri a bolsa, tirei um livro: *A trilogia de Nova York*, do Paul Auster. Eram três romances reunidos numa mesma edição. Eu tinha lido dois. Não sei por que motivo, quando comprei aquele livro resolvi ler os romances de trás pra frente. Comecei pelo terceiro, *O quarto fechado*, depois li o segundo, *Fantasmas*. Tive vontade de ler o primeiro logo em seguida mas apareceram outras leituras e fui deixando. Agora, finalmente, começaria a ler *Cidade de vidro*.

A primeira fase do romance bateu em mim feito um raio. Estava escrito: “Foi um número errado que começou tudo, o telefone tocando três vezes, altas horas da noite, e a voz do outro lado chamando alguém que não morava ali.”

Não consegui ler mais nada. Me veio uma tontura, achei que fosse desmaiar. Fraqueza, minha mãe diria, se estivesse do meu lado. Senti uma saudade profunda da minha mãe, de doer no corpo, na boca do estômago.

Era medo. E era também a constatação de que tudo o que estava vivendo não tinha sido traçado por mim. Um engano, tudo não passava de um lamentável engano, como se alguém tivesse ligado para o número errado e eu atendesse e então tudo começasse a acontecer trocado, identidades trocadas, destinos trocados, um erro se encadeando no outro, formando uma sucessão de equívocos, sem volta. Eu não tinha nada que estar correndo atrás de filho dos outros e tentando salvar o meu amigo e protegendo uma adolescente e fugindo de bandidos armados, mafiosos, não tinha absolutamente nada a ver com aquela vida maluca que estava vivendo, só queria estar quieto no meu canto, lendo meus livros, nada mais.

“Está tudo bem, patrão?”, o motorista perguntou.

Minha cara devia estar horrível, caso contrário o motorista não teria perguntado aquilo.

“Seus pais são vivos?”, foi a minha vez de perguntar.

“Graças a Deus.”

E não falamos mais nada.

O carro entrou na Rua do Lavradio. Pedi que parasse em frente à livraria. Eram oito e meia. Estava fechada, só abriria às nove. Fui até uma lanchonete na esquina, pedi média e queijo de minas no pão francês.

“Na chapa”, eu disse, “e sem miolo, por favor.”

“Bota manteiga?”

“Pouca.”

Sentei numa mesinha, abri o livro. Logo o moço trouxe a média e um pratinho com o sanduíche. Pedi um suco de laranja. Gostava de fechar o meu café da manhã com suco de laranja, gostava de sentir o gostinho de laranja na boca depois que terminava de comer. Abri o livro do Paul Auster. Li até dar nove horas.

Voltei à livraria. Cheguei junto com o Gordo.

“Que cara é essa? Dormiu dentro da máquina de lavar?”, ele perguntou.

“Ligada”, respondi.

O Gordo destrancou a porta de aço e a levantou. Quase sempre era ele que abria a livraria, o dono só chegava lá pelas onze. Entramos.

“Estão atrás de você”, eu disse.

Contei a ele toda a história.

O Gordo pegou o telefone e ligou para o dono da livraria. Disse que precisava resolver um problema urgente, de última hora. Depois trancou tudo e fomos atrás de um táxi.

Quando o motorista engatou a primeira, olhei para trás, num impulso, e vi os dois caras da noite anterior. Acabavam de chegar. Cutuquei o Gordo.

“São eles?”

“O que você acha?”

“Vamos embora”, o Gordo falou ao motorista.

“Pra onde?”

“Leblon”, respondi.

Dessa vez meu amigo não quis conversa com o motorista. O cara puxou assunto mas o Gordo não disse uma palavra. Eu estava no banco de trás, ele no da frente, como sempre.

Imaginei o que o Gordo estaria pensando. Dei um abraço nele.

“Está tudo bem”, eu disse baixinho, no seu ouvido, “vamos sair dessa.”

Ficamos algum tempo assim, meus braços envolvendo por trás os ombros largos do Gordo, ele segurando firme as minhas mãos.

“Vocês são viados?”, o motorista perguntou, sem a menor cerimônia.

“Somos”, o Gordo respondeu, me dando um beijo no rosto.

Comecei a rir, o Gordo também. O motorista continuava sério.

“Quem come quem?”, ele perguntou.

“Nos comemos um ao outro, mutuamente”, o Gordo respondeu.

O motorista não gostou nem um pouco. Encostou o carro.

“Não carrego viado”, ele disse, abrindo a porta do carona com violência.

Abri a porta de trás, desci, puxei o Gordo.

“Calhorda!”, o Gordo gritou, já do lado de fora, “é por isso que esse país não vai pra frente!”

O motorista mandou um palavrão e saiu cantando pneu.

Fomos andando pela rua, em silêncio.

“Gordo, você não acha que está na hora de atualizar seu vocabulário? Parece um velho falando.”

“Eu *sou* um velho.”

Olhei bem e reparei que ele estava com os olhos fundos, de quem passou a noite em claro. Dona Cármen acabara com o coitado.

“Por que o Leblon, posso saber? Vamos fazer um ménage à trois?”, ele perguntou, com um sorriso sacana.

Fiz sinal, o táxi parou. Em meia hora estávamos no prédio de Mariana.

“Hoje o dia está movimentado”, o porteiro disse, quando nos viu chegar. Depois interfonou para o apartamento de Mariana.

Entramos no elevador.

“Você trouxe a Lívia pra cá.”

“Adivinhou.”

“Você anda bebendo demais, André.”

“Não tinha outra saída, pra onde você queria que eu a levasse?”

“Um hotel não seria má ideia.”

“Pensei nisso, e pensei primeiro na casa do Augusto, mas foi melhor assim. Ficamos todos juntos.”

“Todos quem?”

“Eu, você, Lívia, Mariana e talvez Rosália.”

“Parece romance da Agatha Christie. Quando estivermos todos reunidos na sala, você vai apontar o assassino.”

Chegamos. A porta estava só encostada. Entramos. Ninguém na sala.

“Lívia”, chamei.

Ninguém respondeu.

Caminhamos pelo apartamento. Vazio.

“Lívia”, repeti.

“Estamos aqui”, alguém respondeu, da biblioteca.

Era a voz de Mariana.

Mariana estava sentada com Lívia, as duas muito próximas, no sofá. Lívia tinha os olhos baixos e as mãos entre as pernas, como se quisesse se esconder do mundo, e de mim. Olhei para Mariana: seus olhos continuavam me lançando flechas.

No teto da biblioteca havia uma claraboia que me lembrava a do Real Gabinete Português de Leitura, perto da Praça Tiradentes. Passei algumas tardes no Real Gabinete lendo romances de aventuras e coisas assim quando era apenas um desocupado que não precisava correr atrás de bandidos.

Quando entrei na biblioteca de Mariana pela primeira vez ela me disse que os desenhos nos vitrais da claraboia eram detalhes das ilustrações de Gustave Doré para o *Quixote*, de Cervantes. Perguntei se ela tinha lido *Dom Quixote*. Ela riu.

Foi na noite do nosso primeiro encontro. Era madrugada e eu quase cochilava na cama, exausto, quando Mariana me puxou pela mão: vem, quero te mostrar uma coisa. Fomos os dois, nus, eu puxado por Mariana, até a biblioteca. Lá em cima, pode ver?, ela perguntou, apontando a claraboia. Olhei: a lua, cheia, sua luz entrando inteira pelo vão central e formando sombras nos móveis, nas estantes, nos objetos de arte. Foi quando Mariana me falou das ilustrações de Doré.

Depois se enroscou no meu corpo como se eu fosse o último homem do mundo, numa voracidade súbita saltou sobre mim, as pernas na minha cintura, os braços envolvendo meu pescoço. Durante o beijo abri os olhos, procurando um lugar para onde levar minha musa alucinada, quem sabe sob efeito da lua que ela acabara de me mostrar, e vi o sofá num canto, nos chamando. Passamos algumas das horas mais intensas da minha breve vida sexual naquele sofá.

Era ainda Mariana que eu via ali, sentada, mas onde eu deveria estar estava Livia. Era uma cena constrangedora, sem dúvida, mas também uma bela cena, belíssima. Pelo menos para mim.

“Você já conhece Rosália”, Mariana falou, me tirando do transe.

Só então reparei na figura antipática de Rosália. Estava no fundo da biblioteca, folheando um livro. Ao ouvir seu nome veio caminhando em nossa direção. O Gordo permanecia ao meu lado, de pé. Reparei que seus olhos vagavam pelas estantes, querendo alcançar as lombadas dos livros, ler os títulos, devorar um por um.

Rosália se aproximou, ativa, sem olhar para nós, e foi sentar entre Mariana e Livia no sofá, estragando completamente o quadro. Não tinha absolutamente nada a ver aquela moçoira sentada entre as duas mulheres da minha vida.

“Então o nosso jovem André é detetive particular”, Rosália começou, dignando-se a olhar para mim pela primeira vez desde que chegamos.

Eu não disse nada, achei melhor deixar que ela destilasse logo o seu veneno.

“Pensei que preferisse a ficção à realidade. Pelo menos foi o que você me disse naquela noite.”

“Ele disse muitas coisas naquela noite”, Mariana interrompeu, olhando bem dentro dos meus olhos.

Senti um mal-estar. Pouco me importava o que Rosália achava de mim, mas pensar que Mariana duvidava da minha sinceridade, que pensasse que eu tinha mentido naquela noite da festa, imaginar isso era angustiante, sobretudo porque aquela não era a hora nem o lugar de me defender.

“Tudo bem, detetive, vamos ao que interessa. Você gosta de histórias, não gosta?”

“Gosto de algumas, não gosto de outras.”

Rosália estendeu a mão e apanhou um maço de cigarros sobre a mesinha à sua frente. Acendeu, deu um longo trago. Depois disse:

“Pois eu vou lhe contar uma longa história. Não sei se é boa ou ruim, nem me interessa saber se é do tipo que você gosta ou não. Só sei de uma coisa.”

“O quê?”

“Não é ficção.”

Eu estava cansado de ficar em pé. Procurei uma cadeira.

“Atrás de você”, Mariana falou.

Não sei se foi impressão minha mas me pareceu ter captado um tom mais suave, cortês, na fala

de Mariana. Estaria começando a me perdoar? Sentei e fiz sinal para que o Gordo fizesse o mesmo. Ele preferiu adiantar um passo, na direção de Rosália.

“Ah, que interessante”, ele disse, “uma história de verdade.”

Rosália ficou olhando para ele, impassível. O Gordo sorriu levemente, num misto de simpatia e deboche.

Mariana fez as apresentações:

“Gordo, Rosália. Rosália, Gordo.”

Meu amigo pegou a mão de Rosália e a beijou.

“Encantado.”

“Ele não tem nome?”, Rosália perguntou a Mariana, ignorando solenemente o gesto galante, e hipócrita, do Gordo.

“Não, minha senhora, não passo de um adjetivo.”

Percebi um ensaio de sorriso no rosto de Mariana. Estava amolecendo. Livia permanecia cabisbaixa.

O Gordo finalmente recuou e sentou na poltrona, as mãos cruzadas sobre a barriga, numa posição confortável.

“Posso começar?”, Rosália perguntou, sem disfarçar a irritação.

“Quando quiser”, respondi.

Rosália apagou o cigarro no cinzeiro sobre a mesinha.

“Nossa história começa no Rio de Janeiro, início dos anos 1970, com três jovens e promissores alunos da Faculdade de Direito da UFRJ. Três amigos inseparáveis. Tinham muita coisa em comum, mas o que verdadeiramente os unia era a paixão pela literatura. Fora dali, nos bares do centro da cidade que costumavam frequentar, o assunto era outro: poemas, contos, romances. Os três amigos liam muito, bebiam muito, falavam muito. De tempos em tempos elegiam um ídolo. Podia ser um poeta, um romancista, um contista, mas quem quer fosse era endeusado e logo, logo destronado para que outro ocupasse seu lugar.”

“Resumindo: uma amizade sadia”, o Gordo atalhou.

Mariana, Rosália e Livia olharam pra ele ao mesmo tempo, iradas.

“O que foi?”, o Gordo perguntou, “falei besteira?”

Livia olhou para mim, os pequenos olhos azuis ainda ligeiramente úmidos, como quem chorou há pouco. Como o céu depois da chuva, falei comigo mesmo, num rasgo poético completamente fora de hora.

Rosália continuou:

“O ídolo da vez era um autor que publicara seu primeiro livro havia dez anos, em sessenta e três, e que começava a alcançar um lugar de destaque: Rubem Fonseca.”

“Putaquepariu!”, o Gordo gritou, esmurrando o braço da poltrona, e depois, para Rosália: “com todo o respeito, claro.”

“Tinham lido todos os seus livros. Costumavam discutir até altas horas sobre nomes de personagens, cenas, diálogos, guardavam de memória títulos, enredos, detalhes de cada conto,

reliam em voz alta passagens mais polêmicas, sabiam as datas exatas das primeiras edições”, ela disse, e logo depois completou, com ironia: “enfim, eram tietes de Rubem Fonseca, como vocês dois...”

O Gordo ia retrucar mas fiz sinal para que aguardasse. Desse jeito não chegaríamos nunca ao final da história de Rosália.

“No dia trinta e um de dezembro de setenta e cinco”, ela continuou, “reuniram-se no bar de sempre. Era uma comemoração íntima, só entre eles, antes de ir cada um para sua família. Nesse dia, como é natural na véspera do Ano-novo, conversaram sobre como seria o próximo ano: previsões, promessas, aquelas coisas de sempre. O assunto foi rendendo, começaram a imaginar o futuro, não só o próximo mas o futuro distante. A cerveja foi fazendo efeito e passaram a imaginar o mundo dali a dez, vinte anos. Daí a começarem a falar sobre Rubem Fonseca foi um pulo. Um deles lembrou um conto do livro mais recente do autor, um conto sobre um campeonato de performance sexual, passado num futuro não determinado, em que o sexo, pelo menos como o entendemos hoje, era uma prática arcaica, uma coisa animalesca. Nesse mundo, as pessoas usavam eletrodomésticos ou drogas, que elas chamavam de... como é mesmo o nome?”

“Realizadores simbólicos. Coadjuvantes psicoquímicos sutis que permitiriam o autoêxtase”, o Gordo disse, repetindo de memória as palavras do conto.

“Obrigada. No conto, o campeonato de performance sexual...”

“Campeonato de conjugação carnal”, corrigi.

“Exato. O campeonato de conjugação carnal era proibido por lei. Quando a história começa, o narrador diz que...”

“Desculpe, minha senhora”, o Gordo interrompeu, “não há necessidade de resumir o conto. Adiante, por favor.”

Rosália não gostou daquilo mas continuou:

“Eles adoravam esse conto, intitulado *O campeonato*, como sabemos. Pois bem, ficaram horas falando disso, até que alguém levantou uma questão: como seria um campeonato como esse hoje, quer dizer, naquela época, um campeonato de verdade? Divagaram sobre o assunto com entusiasmo, imaginaram as regras, os requisitos para escolha dos participantes, a forma de pontuação, o sistema de apostas, imaginaram tudo, com a dose de álcool e de delírio juvenil que tinham na cabeça.”

Mariana estendeu o braço por trás de Rosália e num gesto de camaradagem acariciou o ombro de Lívia. Lívia se manteve firme, por pouco tempo. Segundos depois, desabou num choro convulsivo.

Levantei da minha poltrona num salto e, antes que Rosália ou Mariana tivessem tempo de consolar Lívia, fui até o sofá e abracei-a. Se alguém tinha o direito de abraçá-la naquela hora, de lhe dar um pouco de segurança, esse alguém era eu. Nem Mariana nem Rosália tinham esse direito, e abracei Lívia com força, meio bruto, como uma ostra se fechando sobre a pérola, querendo protegê-la de tudo, da morte, do medo, dos homens, das mulheres.

Com o meu gesto intempestivo Rosália teve que sair do sofá, não havia espaço para nós quatro, e por um breve instante me vi sentado entre Mariana e Lívia.

“Não se bebe nessa casa?”, o Gordo perguntou.

Mariana entendeu a deixa. De costas para ela pude sentir que se levantava e fiquei imaginando como estaria a expressão do seu rosto no momento em que se levantou do sofá e foi na direção da

cozinha. Virei a cabeça a tempo de vê-la passar pela poltrona onde o Gordo estava sentado, Mariana no seu andar ereto, firme, esbanjando dignidade. O Gordo olhou para mim, depois foi atrás de Mariana.

Ficamos os dois ali, eu e Lívia, abraçados no sofá, sem dizer nada. Eu sabia que, com aquele gesto, talvez tivesse perdido Mariana para sempre mas não quis voltar atrás, precisava escolher, na verdade não queria ter que escolher, queria ficar com as duas mas isso estava um pouco difícil.

“Você tem que ser forte.”

“Só porque estou chorando não quer dizer que eu seja fraca”, ela respondeu, se ajeitando no sofá e enxugando as lágrimas com as mãos.

Acariciei seu rosto.

“Por que você não me contou?”

“Por que não contei o quê?”

“Que tinha outra namorada.”

“Cerveja, vinho, uísque, refrigerante, água mineral. O bar está montado. Sirvam-se”, o Gordo falou, deixando sobre a mesinha uma bandeja com as bebidas. Mariana veio em seguida, trazendo um balde com gelo e um prato com camarões secos.

Rosália ocupou minha poltrona. O Gordo voltou para a sua. Permaneci onde estava, no sofá. Mariana sentou ao meu lado.

“Continua, Rosália”, Mariana disse, com firmeza.

“Bom, como estava dizendo, os rapazes imaginaram com detalhes um campeonato de sexo. Anotaram tudo em guardanapos de papel. Dias depois voltaram a se encontrar e o assunto voltou à mesa. Releeram as anotações, acrescentaram dados, cortaram outros, foram lapidando as ideias anotadas anteriormente. Um deles havia levado um caderno e passou tudo a limpo ali mesmo no bar. Antes de se despedirem, assinaram embaixo da última linha do que havia sido escrito, assinaram com gravidade, numa espécie de ritual, sem se darem conta do que estavam começando com aquele gesto.”

“Qual a idade deles? Quer dizer, eram todos da mesma idade?”, perguntei.

“Sim, tinham a mesma idade: vinte e seis anos.”

O Gordo ficou me olhando. Eu e ele também tínhamos vinte e seis.

“Se acompanhei bem o seu relato, senhora, a assinatura desse, digamos, documento, aconteceu no início de setenta e seis, correto?”, meu amigo perguntou.

“Correto.”

“Logo, estes senhores, se ainda estão vivos, têm hoje quarenta e nove anos.”

“Você é bom em matemática”, Rosália ironizou.

“Entre outras coisas”, o Gordo retrucou, com um olhar malicioso.

“A princípio”, ela continuou, séria, “parecia apenas uma brincadeira de bar, uma bobagem qualquer, mas a ideia de realizar o campeonato acabou arrebatando de vez os rapazes, que a partir de então não falavam de outra coisa. Aquilo se transformou numa verdadeira obsessão. A situação política do país não era nada tranquila, vocês sabem, mas eles não estavam interessados nisso. Só a literatura lhes interessava e, agora, mesmo as leituras e discussões sobre os livros iam perdendo espaço para a discussão maior: o campeonato.”

“Esses garotos eram de família rica?”, o Gordo perguntou.

“Um deles era rico, muito rico, aliás. O pai era um dos empresários de maior fortuna do país. Posso continuar?”

“Por favor”, respondi.

“Eles terminaram a faculdade e cada um foi cuidar da sua vida. Seguiram rumos diferentes, profissões diferentes, mas se encontravam sempre, com regularidade, para discutirem o andamento do projeto. Aos poucos aquilo foi tomando conta deles completamente. Precisavam de dinheiro, muito dinheiro, então começaram a se envolver em maracutaias, usando sobretudo a influência do pai empresário de que falei. Foram se transformando ou, quem sabe, já eram isso mesmo e as circunstâncias fizeram apenas despertar o verdadeiro caráter dos três, não sei, a verdade é que perderam completamente o pudor, a ética. Trapaceavam, falsificavam documentos, chantageavam. Se envolveram com políticos, empresários, traficantes, qualquer oportunidade de lucro era aproveitada. Já tinham quase o suficiente para dar início à organização do campeonato quando a sorte os ajudou. Com a morte do pai milionário, um deles recebeu uma herança considerável.”

“Eles eram casados? Tinham filhos?”, perguntei. O Gordo piscou pra mim, aprovando a pergunta. Percebeu aonde eu queria chegar.

“Sim”, Rosália respondeu, abaixando a cabeça.

“E a senhora era esposa de um deles”, o Gordo disparou.

“Eu era muito jovem quando conheci Murilo. Tinha vinte e um anos. Ele, trinta e dois. Murilo era um homem culto, elegante, charmoso.”

“E rico”, o Gordo completou.

“Não foi isso que me atraiu.”

“Mas era rico ou não? Era ele o filhinho do papai milionário?”, perguntei.

“Era.”

O Gordo balançou a cabeça, como se dissesse: filho da puta!, mas não disse, pelo menos não com palavras.

“Tem uma coisa que não entendi”, falei, “essa grana toda que eles conseguiram, pra ser aplicada na realização do campeonato, veio principalmente do Murilo Chaves, não é? Afinal, foi com a herança que eles encheram o cofrinho. Então por que o Murilo Chaves não teria uma participação maior nos lucros do campeonato? Ou ele tinha?”

“Você está certo, ele sempre teve uma porcentagem maior nos lucros, mas não nas decisões. Qualquer decisão relativa ao funcionamento do campeonato era tomada no voto, e cada um dos três tinha o mesmo peso nessa hora.”

Matei minha cerveja. O Gordo pediu a Rosália que esperasse um pouco e foi correndo até a cozinha, trazendo mais duas.

“Eu não sabia que Murilo tinha em mente esse tal projeto. Só fui saber do campeonato há alguns meses, quando ele começou a relaxar na segurança. Ele tinha tudo isso anotado numa espécie de diário, Murilo guardou tudo, até os guardanapos daqueles primeiros encontros. Eu desconfiava que ele tinha amantes e comecei a espionar suas coisas. Consegui ter acesso ao cofre. Só queria saber se ele tinha ou não amantes, mas acabei descobrindo o diário.”

“Por acaso”, comentei.

“Sim, por acaso.”

“É tudo o que a senhora tinha a dizer?”, o Gordo perguntou.

“Não, ainda falta o principal. Aquilo era apenas o começo, ou a preparação para o começo.”

“O ovo da serpente”, o Gordo comentou.

“Reunido o montante necessário para a realização do primeiro campeonato, os três passaram a planejar cada passo da operação: o local, a data mais adequada, o sistema de segurança, os contatos com prováveis apostadores, o treinamento dos competidores e, claro, em primeiro lugar, o recrutamento dos casais de virgens.”

Lívia apertou meu braço, com força.

Rosália concluiu:

“Conseguiram, enfim, a concretização do antigo sonho. Realizaram o primeiro campeonato.”

“Quando?”, perguntei.

“Não sei dizer com certeza quando foi o primeiro, mas os campeonatos já acontecem há um bom tempo. São realizados a cada dois anos, em data e local variáveis. O primeiro rendeu um lucro formidável, que foi sendo ampliado nos seguintes, de modo que a atividade clandestina de Murilo e seus amigos acabou se transformando numa fonte inesgotável, verdadeiras fortunas são movimentadas a cada edição do campeonato. Mas isso vocês já sabem, claro.”

“Sim, sabemos”, eu disse, “mas não sabemos ainda quais os nomes dos outros dois, os parceiros do Murilo Chaves.”

“Isso eu também não sei.”

“Nem desconfia?”

“Pode ser tanta gente. Todos os que estavam naquela festa do Alto, por exemplo, qualquer um deles pode ter sido sócio do Murilo, e alguns ali eram apostadores, não tenha dúvida.”

Pensei no Epifânio de Moraes Netto, e no baixinho asqueroso. Descartei o baixinho, não tinha cara de líder. Podia ser o Epifânio. Ou o Montenegro, por que não? Arrisquei:

“Montenegro pode ser um dos sócios?”

Rosália deu uma gargalhada. Não achei a mínima graça.

“Montenegro não é exatamente um exemplo de honestidade, André, mas jamais participaria de uma coisa dessas. Eu o conheço há anos, frequentava a nossa casa, era um dos melhores amigos de Murilo. É um homem poderoso mas extremamente sentimental. E tem verdadeira idolatria pelo filho.”

“Você acha que Murilo Chaves tentou levar Montenegro pro campeonato?”

“Seu nome aparece no diário. Murilo parece que andou sondando Montenegro, mas percebeu, segundo as anotações, que não seria um bom apostador. Sua adoração pelo filho estragaria tudo. Se soubesse que estava sendo chamado a participar de um projeto em que garotos como o Pedro são explorados e mortos em seguida, seria capaz de contar tudo à polícia. O mais engraçado disso tudo é que o coitado acabou colaborando com o campeonato, sem querer.”

“Colaborando como?”, o Gordo perguntou, já antevendo a resposta.

“Você sabe muito bem.”

Coloquei cerveja no copo.

“Escuta, Rosália, seja mais clara, por favor. Como é que o Montenegro pôde colaborar com o campeonato?”, perguntei, tentando permanecer calmo.

“Meu Deus, parece que estou falando com dois imbecis. Onde foi que você comprou seu certificado de detetive, André?”

Fiquei calado. Não seria uma dondoca velha viúva traída pelo marido gay que iria me tirar do sério.

“O filho do Montenegro foi usado no campeonato.”

“O Pedro? Ele está mesmo lá? Como é que você pode ter certeza?”

“Está no diário do Murilo. Ele sequestrou o menino e o deixou na fazenda, para ser preparado, você sabe. Pedro participou da primeira etapa e se classificou para a final.”

“Mas Lívia também participou, e foi finalista, e não foi com o Pedro. Tem alguém mentindo nessa história”, o Gordo disse, olhando na direção de Lívia.

“Eu não sou mentirosa!”

Lívia se levantou do sofá pela primeira vez e foi para cima do Gordo. Se eu não a segurasse teria dado uns bons socos no meu assistente. Ficou esmurrando o ar e xingando todos os palavrões que conhecia. Fiquei com ela assim algum tempo, abraçado às suas costas, segurando-a, deixando que ela esperneasse à vontade, puxasse meus cabelos, me xingasse. Precisava desabafar.

Depois a coloquei de volta no sofá, mais calma.

Mariana cochichou no meu ouvido:

“Lembra quando eu lhe disse que Nabokov tinha razão? Você está parecendo um velho gagá se arrastando por essa menininha.”

Cochichei de volta:

“Não é menininha, já tem quinze anos.”

“Ah, bom...”

“Ninguém está mentindo”, Rosália continuou, “foram realizadas duas disputas, simultaneamente, em locais diferentes. O vencedor de uma iria para a final com o vencedor da outra. Como Lívia conseguiu fugir, tiveram que adiar a final por um tempo. Mas ainda não acabei a história.”

“De acordo”, o Gordo falou, “onde foi que paramos mesmo?”

“Murilo se casou comigo, tivemos filhos. Hoje sei que isso funcionou como disfarce. Ele precisava parecer um homem sério, um homem de bem, com esposa, filhos e tudo mais. A segurança sempre foi prioridade, qualquer deslize poderia ser fatal. E ele conseguiu manter as aparências, até que começou, como se diz...”

“A pisar na bola”, o Gordo completou.

“Sim. O que percebi, lendo o diário, é que Murilo começou a se desinteressar pelo campeonato. Sempre foi rico, nasceu rico, como já disse, e se esbanjasse muito, mas muito mesmo, levaria um bom tempo para gastar o tudo o que tinha. Além disso, nos últimos anos resolveu assumir de vez sua homossexualidade e o campeonato passou a ser, para ele, uma atividade trabalhosa, complicada, e de pouco interesse. A impressão que tive é a de que ele preferia gastar sua fortuna com outra atividade clandestina: os meninos, e não mais o campeonato. Está anotado no diário, inclusive, que ele propôs aos sócios um campeonato só com garotos, mas a sugestão não foi aceita.”

“Uma pergunta, senhora”, o Gordo interrompeu, “eles, os três sócios, continuaram amigos esse

tempo todo, como eram na juventude?”

“Claro que não. Com o tempo, e o dinheiro, a amizade entre eles cedeu lugar a uma disputa ferrenha pelo poder. O campeonato, na verdade, passou a movimentar três forças, três grupos, como três famílias da máfia, liderados pelos três líderes, que usavam codinomes: Senhor Preto, Senhor Branco, Senhor Cinza.”

O Gordo olhou para Livia, como que confirmando que acreditava nela. Livia já nos contara isso.

“Qual deles era o Murilo Chaves?”, perguntei.

“O Senhor Preto.”

Pedi que prosseguisse.

“Cada líder tinha sua própria equipe: seguranças, contadores, articuladores políticos, profissionais da área de medicina, sexologia, preparação física, e até matadores. Vejam bem, o campeonato é uma organização complexa. Cada líder apresenta um casal competidor e, se esse casal vence, o líder não só lucra mais que os outros, porque fica com o prêmio que, a princípio, seria do casal, como também conquista a confiança dos apostadores para a próxima disputa. Confiança, era essa a palavra-chave. Cada líder tentava vender aos apostadores a imagem da confiança, como no mercado de investimentos, por exemplo, como na Bolsa de Valores.”

“Já entendi”, o Gordo disse.

“O clima foi ficando cada vez mais pesado. Uma guerra interna estava prestes a explodir. Foi então que Murilo pisou na bola, como você diz. Começou a se expor demais, a frequentar boates gay etc. Quando sua foto foi publicada nos jornais, quando aconteceu o escândalo que o fez renunciar à presidência do Flamengo, seu destino foi selado. Mesmo que depois tenha recebido apoio nos jornais, seu prestígio dentro do campeonato já estava perdido. Era tarde demais, nenhum apostador se arriscaria a apostar num casal indicado por um líder tão displicente. Pior: o próprio campeonato corria riscos com a displicência de Murilo. E vocês sabem o que isso significa.”

“Que muitas pessoas ali, principalmente seus sócios, poderiam querer o Murilo morto”, o Gordo concluiu.

Rosália concordou:

“Claro. Ele começou a representar um perigo para a segurança do campeonato. Era tudo que os sócios queriam, um motivo para eliminar Murilo. Assim, o sócio majoritário estaria fora e os dois poderiam dividir todo o lucro entre eles.”

“Você está querendo dizer, Rosália”, perguntei, “que um dos líderes do campeonato assassinou o seu marido?”

“Não. Não foi nenhum deles”, ela respondeu.

“Não?”, eu e o Gordo perguntamos, ao mesmo tempo.

“Alguém chegou antes.”

“Quem?”, a voz de Livia soou estranha na biblioteca.

Até então só eu e o Gordo interrogávamos Rosália. Mariana não tinha nada a perguntar, certamente já ouvira tudo aquilo da própria viúva do Murilo Chaves e Livia parecia fragilizada demais para se meter naquela conversa. Mas, pelo jeito, estava recobrando as forças.

Rosália hesitou um instante, depois respondeu:

“Quem matou Murilo foi um de seus amantes, um garoto de programa.”

“Você tem provas disso?”, perguntei.

Mariana respondeu pela outra:

“Nem sempre as provas são necessárias, André. Às vezes, basta a dedução pura e simples.”

“Estivemos no quarto do motel assim que o rapaz saiu de lá”, Rosália continuou, “aquela noite eu mesma resolvi seguir Murilo e assim que ele entrou no motel fui até a portaria e subornei o porteiro para que vigiasse todos os movimentos de Murilo e seu amante. Fiquei no meu carro, do outro lado da calçada, e vi quando o carro dele saiu da garagem, a toda velocidade. Entrei correndo no motel e o porteiro confirmou que o carro que havia saído era mesmo do Murilo. Pedi a chave do quarto. Subi. Quando entrei no banheiro, lá estava ele, na banheira, coberto de sangue.”

Rosália acendeu um cigarro. Não parecia emocionada com o que acabara de contar, nem era de esperar que estivesse. Ela odiava o falecido marido.

“E a senhora então ligou pra Mariana, que foi ao seu encontro”, o Gordo disse.

Mariana não esperou que Rosália respondesse, se adiantando:

“Quando entrei no quarto, examinei tudo e tive certeza de que não tinha havido luta. Revistei o terno do Murilo, jogado num canto do sofá. Sua carteira não estava lá. Também não encontrei o relógio de ouro, Rosália me disse que ele nunca saía sem aquele relógio.”

“Concluindo”, o Gordo disse, “o garoto levou um relógio de ouro, o dinheiro da carteira, que não devia ser pouco, cartões de crédito e documentos do Murilo Chaves, além do carro.”

“Importado”, Rosália completou.

“A noite rendeu bem, convenhamos”, o Gordo disse.

“Não tanto quanto poderia”, Mariana falou.

“Por que não?”

“Porque o Murilo Chaves estava preparando o amante pra ser um apostador”, Livia interrompeu.

Olhamos todos na sua direção.

“Como é que é?”, o Gordo perguntou.

Livia respondeu:

“Cada um dos líderes pode levar um convidado, como apostador. Sei disso porque o Santo era o convidado do Senhor Branco quando participamos. Se Mariana disse que o garoto lucraria mais do que poderia, está na cara que seria como convidado do Murilo Chaves na final.”

“Devo confessar”, Mariana falou no meu ouvido, “ela é bem mais esperta que você.”

“Brilhante”, o Gordo disse, batendo palmas para Livia.

Permaneci quieto. Algo me dizia que aquela dedução soava falsa, como se Livia já soubesse de detalhes que a levaram a dizer aquilo, como se estivesse me escondendo alguma coisa. O tom irônico com que o Gordo disse “brilhante” me levava a crer que ele estava pensando a mesma coisa.

“Você está certa, Livia, era isso mesmo”, Rosália disse, “Murilo pretendia levar o amante como convidado na final do campeonato. Descobrimos isso porque no bolso do paletó Mariana encontrou um pequeno envelope, lacrado. Dentro, havia um mapa indicando o local da disputa, um cartão com a autorização de entrada, em nome do garoto, com sua foto e os selos dos três líderes: o Senhor Branco, o Senhor Preto, o Senhor Cinza, e três cartões magnéticos. Deduzimos, é lógico, que Murilo pretendia fazer uma surpresa para o seu amante, um programa diferente, assistir a um campeonato de sexo entre adolescentes, e ainda por cima ganhar muito dinheiro. Claro, Murilo certamente bancaria as apostas.”

“E o rapaz não soube esperar”, comentei.

“Deu azar”, Mariana falou, “ou sorte, quem sabe.”

“E por que vocês têm certeza de que o garoto não estava ali a mando de um dos sócios de Murilo?”, perguntei.

“Ora, se fosse assim, o assassino teria sido mais cuidadoso, mais frio, eles não trabalham com amadores. Teria, sem dúvida, revistado Murilo com mais atenção e não deixaria no bolso do paletó a prova que poderia levar a polícia ao campeonato. Esse envelope nunca estaria lá, onde o encontramos, se o rapaz estivesse ali a mando do Senhor Branco ou do Senhor Cinza.”

“É verdade”, tive que concordar.

“Ele matou pra roubar, André”, Mariana concluiu, “não há dúvida. Por incrível que possa parecer, com tantos inimigos na sua cola, o Murilo Chaves foi morto por um ladrãozinho amador.”

“É a vida”, o Gordo disse, acabando a cerveja.

“Quero uma taça de vinho”, Livia pediu.

Abri o vinho, enquanto um silêncio pesado caía sobre a biblioteca.

Daria tudo para poder ler o que se passava em cada uma daquelas cabeças enquanto enfiava o saca-rolhas, rodava, puxava, servia o vinho na taça.

“Bom, e o que vamos fazer agora?”, perguntei, cortando o silêncio.

“Nós eu não sei”, Rosália respondeu, “mas você tem pela frente uma tarefa bastante clara.”

“Qual?”

“Entrar na final do campeonato, é óbvio.”

O vexame foi inevitável: minha mão tremeu e derrubei cerveja no meu colo, molhando a calça toda.

“Merda!”

Mariana riu, baixinho.

“Tem toalha no banheiro”, ela disse, e depois completou, sacana: “você sabe onde fica.”

Fui até o banheiro, me enxuguei. Não podia ficar dando mole na frente de Rosália. Aquela mulher era cobra criada, esteve armando o cerco desde o início e agora eu estava quase entrando

no seu jogo.

Eu mesmo havia prometido ao Montenegro que participaria do campeonato mas não tinha pensado ainda no que isso poderia significar. Naquele momento a coisa estava se desenhando com mais clareza na minha cabeça e a custo tentava controlar meus nervos.

Voltei à sala. O Gordo já havia trazido outra cerveja. Enchi o copo, bebi.

“Acho que não ouvi direito, Rosália”, eu disse.

“Tudo bem, posso explicar. A questão é a seguinte: com a morte do Murilo, estou simplesmente milionária. A herança vai toda pra mim e meus dois filhos, menores de idade. Isso seria ótimo, claro, se não houvesse um probleminha: Murilo foi assassinado. O que significa que, além de herdeira, sou também a principal suspeita.”

“Sem dúvida, minha senhora”, o Gordo comentou, com um prazer mal disfarçado.

“Eu poderia ir até a polícia e contar toda a história que acabo de te contar”, ela disse.

“E a polícia diria que você tem uma imaginação bastante fértil”, completei.

“Além, é claro, de querer saber algumas coisinhas, como, por exemplo, o que eu estava fazendo por ali no momento do crime, ou por que chamei primeiro a minha detetive particular, em vez de ter chamado logo a polícia.”

“É, creio que a madame está mesmo bastante enrolada”, o Gordo disse.

Rosália fingiu não ter ouvido.

“Se, no entanto, eu puder provar a existência do campeonato, e o envolvimento de Murilo, o rumo das investigações muda completamente. A polícia passaria a investigar a hipótese de Murilo ter sido assassinado por um dos sócios. Claro que eles não saberiam nunca da existência do envelope, que está comigo. Iriam pensar que tinha sido uma simulação de assalto, e o verdadeiro motivo seria o de luta por mais poder e dinheiro dentro do campeonato.”

“E você passaria do lugar de suspeita número um para o de vítima: a esposa traída que não sabia que o marido era homossexual e mafioso”, eu disse.

“Justamente. Se você quiser me ajudar, fotografando tudo lá dentro e reunindo o máximo de elementos que comprovem que Murilo fazia parte desse campeonato imoral, monstruoso, absurdo...”

“Mas o diário do Murilo Chaves já não é uma prova?”, Livia perguntou.

“Sim, mas talvez não seja o suficiente.”

O Gordo não dizia nada, olhava para os próprios pés, certamente pensando em como juntar as peças daquele quebra-cabeça.

Segurei o copo com firmeza, ainda estava nervoso, e falei:

“Só uma perguntinha, Rosália.”

“Quantas você quiser, querido.”

Não gostei de ouvir Rosália me chamando de querido. Me deu vontade de dizer: querido é o caralho!, mas preferi não engrossar, ainda não era o momento.

Perguntei:

“Por que você acha que vou arriscar a minha pele pra salvar a sua?”

“Coloquemos a situação de outra maneira, André, não se trata de trocar a sua segurança pela minha, eu sei que é completamente absurdo você bancar o herói por causa de uma mulher que você mal conhece. Você deve entrar lá porque tem três bons motivos pra isso.”

Ela fez uma pausa, estratégica. Rosália dominava bem certas artimanhas do discurso, sabia que estavam todos esperando sua fala, sabia que era ela quem distribuía as cartas naquele momento.

“Primeiro, é lá que está o filho do seu cliente. Se você não salvar o menino, se não conseguir tirá-lo de lá ou, pelo menos, provar ao pai que o Pedro foi sequestrado pelos bandidos contratados pelo Murilo, você, além de não receber um centavo dos seus honorários, ainda corre o sério risco de levar uns tiros.”

Senti um calafrio.

“Como podemos ter certeza de que Pedro está lá?”, o Gordo perguntou.

“Não podem. Posso mostrar a vocês o diário do Murilo. Ele diz que sequestrou o filho único do Montenegro, que o garoto foi muito bem preparado e conseguiu chegar à final do campeonato, mas vocês, evidentemente, podem duvidar da autenticidade do diário, podem alegar que eu mesma forjei essa prova falsa. Então não há como ter certeza, vocês têm que confiar na minha palavra. Além do mais, vocês mesmos já desconfiavam disso, de que o Pedro estivesse lá.”

Rosália estava certa, infelizmente. E havia ainda outra coisa: se o Pedro não estivesse lá, onde estaria? Não se tratava de preterir uma pista em função de outra. Não havia outra. Estamos numa enrascada, meu amigo, foi o que pude deduzir da expressão preocupada do Gordo ao olhar para mim.

“Segundo, você é um rapaz honesto, de bom coração, não suporta injustiça, violência, sobretudo..., ela olhou para Lívia, “sobretudo com aqueles que você ama.”

“Megera! Isso é chantagem! Chantagista!”, o Gordo gritou, batendo o copo com força na mesa.

Ele já começava a perder a linha e eu não podia deixar que isso acontecesse, precisávamos de toda a serenidade do mundo para poder sair daquele sufoco. Pedi que se acalmasse.

“Prossiga, Rosália”, falei.

“Sabemos que essa linda mocinha foi violentada ao participar desse campeonato maldito, e os culpados disso e da morte do Santoestão por aí, livres, gastando dinheiro, mandando e desmandando nesse país e, o que é pior, se preparando já para recrutar, como eles dizem, novos adolescentes para o próximo campeonato.”

Dessa vez foi Lívia quem se levantou e disse, alto:

“Ele não precisa me vingar. Por mim ele não entra naquele lugar é nunca, entendeu? Eu quero ele vivo!”

Estávamos todos à beira de um ataque de nervos. Nenhum de nós dormira bem naquela noite e a situação que se desenhava à nossa frente não era nada agradável, para ninguém. Mariana e, principalmente, Rosália aparentavam frieza, mas eu sabia que por baixo da máscara só havia tensão, e muita.

Puxei Lívia de volta ao sofá. Assim que ela sentou do meu lado segurei sua mão com firmeza e permanecemos assim, de mãos dadas.

“E o terceiro motivo?”, perguntei.

Rosália foi até a mesa, no centro da biblioteca, abriu uma gaveta, retirou uma maleta tipo 007, trouxe até onde estávamos. Afastou a bandeja com as bebidas e colocou a maleta sobre a mesinha. Retirou do bolso da calça uma pequena chave, enfiou na fechadura, rodou, digitou os números da combinação, ouviu-se o barulhinho, clic.

“Eis aí o terceiro motivo.”

A maleta estava cheia de dólares.

O Gordo olhava para os dólares como se olhasse para um alienígena. Nunca tinha visto, nem eu, tanto dinheiro junto. Vários pacotes.

“Quanto tem aí dentro?”, ele perguntou.

“Um milhão.”

Ficamos olhando a pasta, em silêncio. Rosália fez uma advertência:

“Desse total, você deve abater 250 mil.”

“Pra quê? Imposto de renda?”, o Gordo disse, num meio sorriso, nervoso.

“A aposta mínima, no campeonato, é de 250 mil dólares. Para entrar lá, André, você precisa apresentar pelo menos essa quantia. Noutras palavras, vou estar bancando a sua aposta, como Murilo planejava bancar a do amante. Você não precisa se preocupar em me devolver esse dinheiro, os 250 mil. Se perder a aposta, não tem problema.”

“E se ganhar...”, o Gordo quis saber.

“Se ganhar, o lucro é todo seu”, Rosália completou, olhando para mim.

Fiquei aguardando que Rosália continuasse, mas ela já havia terminado sua fala, agora cabia a mim dar uma resposta. Ela esperou por um instante ainda, os dólares em exposição, à nossa frente. Depois perguntou, fechando a maleta:

“Convencido?”

“Ele não vai”, Livia falou, decidida.

“Calma”, eu disse, “fica tranquila, tudo vai acabar bem.”

O Gordo começou a andar pela biblioteca, tenso, agitado.

“Por que eu mesma não posso testemunhar? Vi tudo, participei do campeonato”, Livia disse.

“É muita nobreza da sua parte”, Rosália respondeu, “mas você não tem provas. Não saberia exatamente onde aconteceu tudo, nem apontar as pessoas responsáveis. Se mais tarde você ainda quiser colaborar, gostaria muito que você prestasse seu depoimento, mas antes precisamos de provas concretas: fotos, documentos, nomes.”

“Vamos supor que eu aceite sua proposta, Rosália.”

“André!”, Livia gritou, me olhando com raiva.

“E só uma hipótese.”

Livia cruzou os braços e fez uma cara nada amigável.

“Supondo que eu aceite, como você acha que conseguiria entrar lá? O lugar deve ser uma fortaleza.”

“Não vou enganar você, André, todos sabemos que é arriscado, mas talvez não seja tanto quanto imaginamos. Murilo deixou a autorização com os selos dos três líderes e todas as instruções para o amante naquele envelope, inclusive com as senhas que ele precisaria usar, está tudo ali. O rapaz é apenas um pouco mais jovem que você, deve ter uns 23, 24 anos. Basta trocar as fotos, colocar uma foto sua no lugar da dele. Posso providenciar essa troca com a maior segurança. Não que eu tenha o hábito de falsificar documentos, entenda bem, mas sei quem pode fazer isso, e rápido.”

“Eu entraria no campeonato como se fosse o amante do Murilo Chaves.”

“Por que não?”, ela perguntou.

“Não deixa de ser engraçado”, o Gordo disse, “você de namorado daquela bicha velha safada.”

Mariana apanhou sua bolsa, abriu, tirou um envelope azul-marinho.

“São as instruções. Posso ler, André?”, ela perguntou.

“Pode.”

“Diz aqui que você, quer dizer, o garoto...”

“Esse merda não tem nome não, porra?”, o Gordo rosnou, encostado numa estante.

“Renato”, Rosália respondeu, tranquila, como se o Gordo tivesse feito a pergunta com toda a fineza do mundo.

Mariana retomou:

“O bilhete de Murilo diz, literalmente: pegar a Mercedes vermelha...”

“Mercedes vermelha?”, perguntei.

“Um dos carros do Murilo”, Rosália esclareceu, “imagino que Murilo tenha avisado à segurança do campeonato que seu convidado chegaria nesse carro.”

“Continuo?”

“Desculpa”, eu disse.

“Pegue a Mercedes vermelha, suba a Rio–Petrópolis até o Km 85. Entre à direita numa estradinha de terra e siga até o final. Você vai ver, à sua esquerda, o muro e os portões de uma propriedade particular. Introduza o cartão nº 1 no local indicado, ao lado do portão, e digite a primeira senha. Entre com o carro. Dois homens encapuzados vão recebê-lo. Deixe com eles a autorização, os documentos e o carro. Vão colocar uma venda nos seus olhos e você será levado até um helicóptero, que o conduzirá ao local onde vai acontecer a final. Chegando lá, outros dois homens encapuzados vão tirar a venda dos seus olhos e te levar até uma porta de aço, com uma pequena abertura. Insira o cartão nº 2 e digite a segunda senha. Caminhe pelo corredor até chegar a uma outra porta. Insira o cartão nº 3 e digite a terceira senha. Entre na sua suíte particular, de onde poderá assistir à grande final do campeonato. É da suíte que você vai fazer sua aposta. O casal nº 2 é o meu favorito, escolhi a dedo e preparei com todo cuidado aqueles pombinhos. Seja fiel, meu querido.”

Aquelas duas palavras no final me deram náuseas, vontade de vomitar ali mesmo, no tapete. O porco do Murilo Chaves chamava seu amante de meu querido, como Rosália havia me chamado. Palavras.

“Nada temos a temer, exceto as palavras”, eu disse.

“Como?”, Rosália perguntou.

“É o refrão de um romance”, respondi.

“Romance com refrão?”

“A aula de literatura pode ficar pra depois, minha senhora”, o Gordo interrompeu, “o que eu gostaria de saber é por que a senhora acha que vão deixar o André entrar naquele lugar. Sim, ele agora é Renato, convidado do Murilo Chaves, certo, mas o cara está morto, mortinho da silva! O André, ou Renato, é convidado de um defunto, porra!”

O Gordo se aproximou, botou cerveja no copo, bebeu. Apanhou do prato um punhado de camarões. Concluiu:

“E tem mais: o filme do cara está queimado lá dentro. O Renato vai entrar como convidado de um cara que é persona non grata no pedaço, com o perdão do meu latim. Quer dizer, além de defunto, mala! A senhora me desculpe, mas a última coisa que esse tal Renato vai receber dos seguranças é um beijo de boas-vindas.”

Rosália não se intimidou:

“Não se eles pensarem que Renato é o assassino de Murilo. Aí a situação se inverte, concorda? Estarão recebendo uma pessoa a quem, de certa forma, devem um favor. Não vão matá-lo, pelo

contrário, vão querer saber dos detalhes, de como aconteceu tudo, qual foi o motivo do assassinato e, lógico, qual o motivo de o garoto ter comparecido à final, mesmo depois da morte do Murilo.”

“E como é que eles vão pensar que o garoto é o assassino, se não há pistas?”, perguntei.

“Quem disse que não? Vamos supor que até agora o porteiro do motel não tenha chamado a polícia, e tenho certeza de que não chamou, depois do dinheiro que dei a ele e do que prometi se ficasse de bico calado por algumas horas. Ligo pra ele agora e digo o que deve fazer, a versão que deve contar depois de chamar a polícia. A versão é essa: ele achou estranho o rapaz ter saído da garagem com o carro sem a presença do doutor, então subiu até o quarto, tocou várias vezes a campainha e ninguém atendeu. Preocupado, chamou os seguranças, que arrombaram a porta.”

“Mas você disse que usou a chave”, Livia falou.

“Mas ninguém sabe disso. Quando saí, tranquei a porta novamente. O porteiro pode simplesmente chamar agora os seguranças, tocar várias vezes a campainha, pedir que arrombem a porta.”

“Mas a polícia”, o Gordo disse, “certamente vai desconfiar do fato de o Murilo Chaves ter sido assassinado de madrugada, o Renato ter saído de carro logo em seguida, e só agora o porteiro ter achado estranho.”

“Não há registro do horário de entrada ou saída da garagem, chequei isso”, Mariana falou.

“Ou seja, meu caro”, Rosália continuou, “ninguém pode provar que Renato assassinou Murilo e saiu logo depois. Pode ter ficado horas no quarto, dando um tempo maior, justamente pra não provocar suspeitas.”

O Gordo concordou. A perícia indicaria a hora provável da morte de Murilo mas não havia nenhuma prova da hora em que Renato deixou o motel, o que tornaria convincente a versão do porteiro.

Rosália concluiu seu plano:

“Portanto, o que temos é o seguinte. Um jovem, de aproximadamente 25 anos, entra no motel com o empresário Murilo Chaves. Horas depois, o jovem é visto saindo sozinho da garagem com o carro do empresário. O porteiro desconfia, manda arrombar a porta do quarto, entram, e lá está o ex-presidente do Flamengo, esfaqueado na banheira. Suspeito: o garoto, é claro. A polícia começa a investigar, a imprensa divulga o caso, mas não há foto do rapaz. Ninguém sabe quem é ele, quer dizer, quase ninguém.”

“Você está insinuando que os caras do campeonato vão deduzir que o convidado do Murilo Chaves para a final é o seu assassino”, eu disse.

“Claro que sim. Eles sabem que Murilo tinha um amante, e sabem que esse amante é o convidado. Quando souberem que o amante estava no quarto com Murilo quando ele foi assassinado, vão pensar, obviamente, que o convidado é o assassino.”

“E por que diabos o assassino do Murilo Chaves iria querer participar dessa merda de campeonato depois de ter matado o cara? Se fosse eu, fugiria pra bem longe”, falei.

“Se fosse você, André, que jamais seria capaz de matar alguém e, portanto, jamais saberia o que fazer depois”, Rosália falou.

“Ok, continua”, eu disse, querendo ver até onde aquela raposa iria chegar.

“Imagine a seguinte situação, hipotética. Renato não é um rapaz tão, como direi, tão correto como você. Suponhamos que tenha ambições, muitas ambições, e que Murilo já lhe tivesse contado sobre o campeonato, como funciona, quanto rende. Com um pouco de perspicácia, Renato

perceberia que Murilo estava em baixa – só o fato de ter revelado a você aqueles segredos mostrava que estava em baixa – e que aquela seria a grande oportunidade de sua vida. Por que entrar como mero convidado?”

“Acho que sei aonde a senhora deseja chegar”, o Gordo atalhou, “esse Renato, hipotético, sabendo do campeonato através dos vacilos do Murilo Chaves, poderia ter planejado comparecer à final com um cartão de visitas: assassino do Senhor Preto. Isso poderia não dar em nada mas poderia, por outro lado, dar acesso aos outros dois líderes.”

“E por que ele iria querer ter acesso aos dois líderes?”, Livia perguntou, ingenuamente.

“Poder, minha bela, poder e dinheiro, duas pequenas palavrinhas que movem o mundo”, Rosália respondeu, com irritante ar professoral, “estando mais perto dos líderes, ele contava ser convidado a ter uma participação maior no campeonato. Ter matado Murilo seria um cartão de visitas, como seu amigo disse, um pequeno agrado, um sinal de cooperação.”

“Mas não aconteceu nada disso! Vocês estão delirando!”, Livia falou.

Rosália rebateu, fechando o círculo do seu raciocínio:

“Nós sabemos que não aconteceu, sabemos que Renato é apenas um ladrãozinho chinfrim, mas eles não sabem disso, e é bastante provável que raciocinem exatamente como nós acabamos de raciocinar. É bem provável que eles encarem a chegada do amante e assassino do Murilo ao campeonato com bastante curiosidade de conhecer o rapaz e ver se ele pode ser útil a eles futuramente, afinal é um garoto ambicioso, eles vão pensar, e completamente sem escrúpulos.”

“Dois pré-requisitos pra ser aceito no grupo”, o Gordo disse.

“Sem dúvida”, Rosália concluiu.

Lívia não estava gostando nada daquela história e não se intimidou diante de Rosália:

“Tudo bem, deixa ver se entendi. Além de se fazer passar por gay e amante do Murilo Chaves, o André ainda vai ter que fingir que é um aspirante a mafioso? Sim, porque se o seu pensamento estiver correto o André vai ser convidado pra uma conversinha com os chefões, não vai?”

Rosália e Mariana se entreolharam, enigmáticas.

“Creio que não será necessário”, Rosália respondeu.

Mariana pegou no meu braço e disse:

“Vem comigo, André, só um instante.”

“O que você quer com ele?”, Lívia perguntou, o nariz empinado.

“Essa garota é muito atrevida”, Mariana falou no meu ouvido.

“Não fala no ouvido dele!”

O Gordo se aproximou de Lívia, com uma voz suave:

“Deixa os dois conversarem, Lívia, só um instante. É só um instante, não é?”

“Claro”, Mariana respondeu.

Lívia começou a chorar:

“Vão matar você, André, você não pode entrar naquele inferno, eles vão acabar com você.”

O Gordo abraçou Lívia. Mariana me fez um sinal e a segui, até a cozinha. Tirei uma cerveja da geladeira, ofereci a ela. Recusou. Abri a cerveja e dei um gole, longo. Quando acabei, ela disse:

“Você deve estar estranhando o fato de eu apoiar a sugestão da Rosália.”

“Não, eu entendo. Sei que você está ressentida, só isso.”

Mariana quase pulou em cima de mim.

“Ressentida? Eu? Quem você pensa que é? Humphrey Bogart?”

Comecei a rir, eu sempre ria nessas horas. Ela continuou séria.

“Não estou nem aí se você resolveu se transformar num papa-anjo, entendeu? Não foi por causa disso que te chamei aqui.”

“E foi por que então?”

Ela fez uma pausa que deve ter sido curta mas me pareceu de séculos. Depois disse:

“Você sabe que eu ainda gosto muito de você, não sabe? Eu sei que você sabe, André, e sabe também que a última coisa que quero na vida é ver você correndo risco de se machucar, de... morrer. Se apoiei a ideia da Rosália é porque sei que você vai estar protegido.”

Fiz cara de quem não está entendendo nada.

“Montenegro me ligou, hoje”, ela disse.

“Ligou pra você? A que horas?”

“Pouco antes de você e o Gordo chegarem.”

“E como ele descobriu seu telefone? Ou melhor, como descobriu que você existe?”

“Escuta, André, Montenegro é um homem muito poderoso, não foi difícil pra ele descobrir que

eu e você andamos saindo juntos.”

“Mas isso tudo é completamente absurdo, Mariana. Por que um cara assim tão poderoso precisa de mim?”

“Montenegro não é tão crápula quanto parece. Ele está mesmo desesperado pelo desaparecimento do filho e sabe que não é nada fácil chegar aonde o Pedro está. Se ele fosse se utilizar de profissionais, ou de políticos, ou de alguém influente, o pessoal do campeonato iria descobrir, eles têm esses figurões todos na palma da mão. O que Montenegro te disse não é nenhum disparate. Você não consta da ficha dos mafiosos, entende, André, eles não sabem da sua existência.”

“Como não, se eles sabem da existência do Gordo?”

“Eles não estavam atrás do Gordo.”

“Ah não? E quem eram aqueles dois sujeitos armados na frente do prédio do meu amigo, esperando pra acabar com ele?”

“Você está falando dos dois homens que você tentou afastar com a história dos travestis, e que depois apareceram na livraria.”

“Sim.”

“Não eram do campeonato, eram homens do Montenegro. Seguranças.”

“O quê?”

“Quer uma prova? Você não me contou nada sobre esse episódio, contou?”

“Claro que não, aconteceu essa madrugada.”

“Então como é que eu sei?”

A resposta era óbvia, mas não falei nada. Dei de ombros.

“Pensa um pouco.”

Eu não queria dar razão a Mariana mas o argumento dela não tinha réplica.

“O Montenegro te contou.”

“Pois é.”

“E que droga esses caras estavam fazendo lá então?”

“Protegendo Lívia.”

Fiquei olhando para ela, estupefato.

“Mariana, eu estou... estupefato”, eu disse, a estranha palavra ecoando por toda a cozinha.

“Você anda aprendendo umas palavras novas com o Gordo, confessa”, ela brincou.

Pela primeira vez naquele dia revi o sorriso de Mariana. Bálsamo.

“Por que o Montenegro precisava proteger Lívia?”

“Por quê? Porque Lívia poderia ajudar você a participar do campeonato, com as informações que tem.”

“Não é o que está acontecendo.”

“Essa Montenegro errou. Não contava com os estragos que uma mulher apaixonada pode causar.”

Novo silêncio, olhos nos olhos. Eu precisava beijar aquela mulher. Ela leu meus pensamentos como se lesse um livro aberto à sua frente. Meus pensamentos, aliás, não deviam ser um livro assim tão difícil de ler.

“Não, André, por favor. Temos pouquíssimo tempo.”

Controlei-me, a custo. Bebi mais um gole da cerveja.

“Quer dizer que passei aquele sufoco desgraçado pra tirar a Livia justo das mãos dos seus protetores?”

“Foi isso o que eu quis te contar quando você me ligou dizendo que ia trazer a Livia pra cá, está lembrado?”

“Acho que eu estava com muito sono naquela hora.”

“Sei.”

“Mariana, me responde com sinceridade. Você acha mesmo que o Montenegro só quer encontrar o filho, mais nada?”

“Acho não, tenho certeza. Seu plano pode não ser dos melhores, concordo, mas o coitado está tentando a última cartada. Se não der certo com você, não vai dar com mais ninguém.”

“Não confio nele, não dá pra confiar nele, convenhamos. Não sei como você pode ter tanta certeza de que o cara não é um safado.”

Mariana abaixou a cabeça e ficou assim um tempo.

“Eu tenho que te dizer uma coisa, André.”

“Fala logo.”

“Eu já conhecia o Montenegro antes de te conhecer.”

Aquelas palavras me apunhalaram, entraram pelos meus ouvidos como se fosse uma lâmina afiada.

“Ele é muito amigo do meu ex-marido. Sei muito bem quem é o Montenegro. Ele não está mentindo, pode ter certeza. E pode estar certo também de que ele não vai deixar que nada te aconteça.”

“Que droga, Mariana, como é que você quer que eu acredite nisso?”

O telefone tocou. Era o celular de Mariana. Ela atendeu.

“É pra você”, ela disse, me entregando o telefone.

“André, sou eu, Montenegro.”

Esperei.

“André, você está aí? Diga alguma coisa.”

“Como é que o senhor teve coragem de me meter numa fria dessas? O que foi que eu fiz pro senhor, merda!”

“Sossega, garotão, sossega. Eu precisava de você, e você precisava de mim.”

“Eu não precisava do senhor porra nenhuma! Precisava apenas de um pouco de dinheiro, só isso.”

“Justamente o que eu tinha pra te oferecer: um pouco de dinheiro.”

Devolvi o telefone para Mariana.

“Não quero falar com esse babaca”, eu disse.

Ela colocou o telefone de volta na minha mão.

“Acho melhor falar, agora não é mais só a sua vida que está em jogo.”

Respirei fundo.

“O que o senhor quer?”

“Bom menino.”

Odeio quando me chamam de bom menino.

“Vou ser breve, meu caro. Eu já sabia, há algum tempo, desse campeonato, antes mesmo de

você me contar. Mas não poderia te dizer isso sem te assustar, então deixei que você mesmo descobrisse.”

“Filho da puta!”, falei baixinho, entre dentes.

“Agora é o seguinte. Eu sei que meu filho está naquele antro de marginais, e vivo.”

“Sabe como?”

“Tenho informantes lá dentro, André. Mas não posso eu mesmo entrar, todos sabem quem eu sou. Você não está visado, é minha única chance de recuperar meu filho. Você vai participar dessa final, você tem que participar dessa final. Siga os planos da Rosália.”

Então era isso.

“Foi o senhor quem bolou esse plano maluco, não foi? Rosália só está repetindo.”

“Sim, fui eu. Rosália está colaborando comigo desde que Pedro desapareceu, tem sido uma aliada da mais alta confiança.”

“O dinheiro que ela me ofereceu, a pasta com um milhão de dólares...”

“Fui eu que providenciei, é claro. São seus honorários. Isso é, caso você queira ir até o final do seu trabalho, evidentemente.”

Pausa.

Ele continuou:

“Escuta, o plano é bom, não vai falhar. Não se preocupe com a segurança, meus homens vão estar por perto, sempre estiveram. Aliás...”

“Foi um equívoco, eu sei, não podia adivinhar que os gorilas trabalhavam pro senhor.”

“Tudo bem, agora ouve com muita atenção. Está me ouvindo?”

“Estou.”

“Durante a apresentação do meu filho e sua parceira, vai haver uma explosão na suíte de um dos apostadores. No meio da confusão, o segurança encarregado do Pedro vai tirá-lo de lá e levá-lo para o corredor. Assim que você ouvir a explosão, saia da sua suíte e corra na direção do Pedro e do segurança, compreendeu?”

“Esse segurança do Pedro é um dos seus homens?”

“É. Mas vão aparecer outros que não trabalham pra mim. Vai haver pancadaria e tiroteio, se prepara. Meus homens vão servir de escudo pra você. Sua tarefa é sair com Pedro por uma porta lateral, no corredor, não tem como errar, vai estar aberta. Lá fora vão estar te esperando, com a fuga preparada.”

“E a moça?”

“Que moça?”

“A parceira do Pedro?”

“Porra, André! Eu por acaso sou o pai dela, caralho?”

Dei uma volta pela cozinha, segurando o celular e pensando no pai da parceira do Pedro. O Montenegro gritava de lá um monte de alô, eu não respondia. Mariana veio atrás de mim, querendo me tirar o telefone, devia estar pensando que eu estava bêbado. Eu não estava bêbado.

“Tudo bem, já entendi. Vou correr por fora.”

“Isso, meu filho, isso mesmo. Ninguém vai prestar atenção em você, vai estar quebrando o pau entre os seguranças e você vai sair pela tangente com o Pedro. Fui claro?”

“E se eles não permitirem que eu chegue à minha suíte? Se quiserem me interrogar antes?”

“É um risco que precisamos correr.”

Desliguei. Ele ligou de novo.

“Por que você desligou, André?”

“Por nada, queria ter a sensação de bater o telefone na sua cara, só isso.”

Mariana arregalou os olhos.

“Faça o seu trabalho, moleque”, ele encerrou a conversa, “para o seu bem, e para o bem do seu amigo, e da sua namoradinha.”

Desligou. Joguei o telefone na pia, com força. O aparelho se espatifou todo.

“Você está ficando histérico e isso não é nada bom.”

“Como você queria que eu estivesse? Meu melhor amigo corre perigo, minha namorada corre perigo, eu mesmo estou à beira da morte, na sala tem uma cobra venenosa querendo me devorar, esse velho doente me diz que está tudo bem, você me diz que está tudo bem e eu não posso nem mesmo dizer... não posso dizer...”

“Dizer o quê?”

“Que estou a fim de duas mulheres ao mesmo tempo.”

Mariana me beijou na boca, loucamente. O mundo rodou na minha cabeça.

Depois do beijo, ela me disse, seus lábios quase colados nos meus, me disse baixinho, a voz rouca:

“Quando tudo acabar... quando tudo isso acabar, conversamos novamente sobre esse assunto. Combinado?”

“Isso é alguma forma de consolo?”

Ela levou a mão ao meu rosto, num carinho.

“Não preciso te consolar.”

“Posso interromper?”, o Gordo disse, “acabou a cerveja.”

“Pega e vem pra sala”, falei, saindo dali.

Quando cheguei à sala, Lívia pulou no meu pescoço, num abraço apertado.

“Então?”, Rosália perguntou.

“Eu vou.”

Lívia ficou parada me olhando, sem acreditar. Ficamos todos calados, cinco estátuas. Até que Lívia falou alto com Mariana:

“O que você fez com ele?”

“Oba, vamos ter um pouco de ação”, o Gordo disse, às minhas costas.

“Não vamos ter ação nenhuma”, falei, tirando Lívia da frente de Mariana, “chega de cenas por hoje. Já disse que vou participar do campeonato.”

“Ótimo”, Rosália falou.

“Vou entrar nessa final, com uma condição.”

“O que você quiser, querido.”

“Nunca mais me chama de querido, está me ouvindo, nunca mais!”

Rosália recuou, assustada.

“A condição é a seguinte: a maleta com os dólares fica com o Gordo. Se acontecer alguma coisa comigo, o dinheiro é dele e da Livia.”

“Você ficou maluco, endoidou de vez. Quem disse que nós queremos essa merda desse dinheiro?”, o Gordo disse.

“Aceito”, Rosália falou.

Livia não se conformava:

“Essa coroa enfeitiçou você”, ela disse, se referindo não a Rosália mas a Mariana.

“Coroa? *Eu* sou coroa?”

“É coroa sim, você tem o dobro da minha idade!”

“E o triplo do juízo.”

“Coroa!”

Aquela baixaria já começava a me tirar do sério. O Gordo achava graça.

“Vou participar do campeonato e não se fala mais nisso. Vamos seguir o plano de Rosália. Livia e o Gordo vão ficar aqui até que eu volte.”

“Se você voltar, meu amigo, se você voltar.”

“Ele vai voltar, Gordo”, Mariana falou.

“André”, o Gordo tentou uma última vez, “uma conversinha em particular nem pensar, não é?”

“Não.”

O Gordo entendeu que eu sabia de coisas que ele não sabia. Eu contaria tudo a ele, é claro, mas agora minha intenção era despachar Rosália. Não confiava nela.

“Quando vai ser a final?”, o Gordo perguntou, já sentado na sua poltrona, o copo na mão.

“Sábado que vem”, Rosália respondeu.

“Hoje é quarta”, eu disse, “precisamos de um lugar seguro pra esconder Livia. Até sábado muita coisa pode acontecer.”

Rosália ia falar alguma coisa mas Mariana não deixou:

“Aqui é um lugar seguro.”

“Ótimo”, falei, “então agora é com você, Rosália. Você vai até o motel, leva a grana pro porteiro, combina tudo. Depois nos falamos.”

“É impressão minha ou o grande detetive está querendo se livrar de mim?”

“Impressão sua. Vai cuidar da sua parte ou nada feito. É pegar ou largar.”

Ela olhou para Mariana, depois concordou:

“Combinado. Ligo daqui a duas horas.”

Rosália pegou a bolsa e saiu, sem se despedir de ninguém. Mariana a acompanhou até a porta. Fiz um sinal para o Gordo, ele foi com elas. Eu confiava em Mariana mas daí a deixá-la a sós com Rosália era outra coisa. De agora em diante, precisava ter meus aliados sempre ao meu alcance, sem interferências, eu era o líder, o comandante, mesmo que não tivesse a mínima ideia do que fazer com isso.

“Agora você pode finalmente me responder?”, Livia me perguntou assim que ficamos a sós na biblioteca.

“Responder o quê?”

“Não se faça de desentendido, André, você sabe muito bem do que estou falando. Por que não me contou que tinha outra namorada?”

“Não sei bem se é uma namorada.”

“Não?”

“Quer dizer, talvez tenha sido, não sei. Não te contei porque não queria te magoar, acho que foi isso.”

“Acha? Não tem certeza?”

“Lívia, arrisquei a minha vida pra te proteger, primeiro lá em casa, depois na casa do Gordo, e ainda continuo do seu lado. Não é o bastante?”

“Claro que não.”

Eu acabava de constatar uma das maiores verdades da vida: nenhum homem consegue satisfazer plenamente uma mulher.

“Podemos falar sobre isso mais tarde?”

“Você sempre me enrola, André, sempre.”

Achei gozado, ela falou como se nos conhecêssemos há vários anos e aquela situação tivesse acontecido outras vezes.

“Sempre?”

“É, sempre.”

“Está certo, eu sempre enrolo você, mas dessa vez juro que não é enrolação.”

Ela pegou o copo de vinho, bebeu, segurou um pouco de vinho dentro da boca e me beijou. Bebi daquele vinho tinto e daquele beijo, e beberia assim a garrafa inteira, se Mariana e o Gordo não tivessem chegado.

Ao descolar meus lábios dos lábios de Lívia, um pouco de vinho caiu na minha camisa. Todos olhamos para a mancha na camisa. Mesmo o mais cético dos homens teria visto naquilo um mau presságio.

“O que vamos fazer agora?”, Mariana perguntou.

E o Gordo:

“Você tem uma mesa de sinuca?”

“Tenho, no salão de jogos.”

“Então pronto, vamos jogar sinuca.”

Mariana e Lívia olharam para o Gordo, sem entender.

“Ele bebeu demais?”, Lívia me perguntou.

Apoiei a sugestão do Gordo, no fundo também fiquei com vontade de jogar.

“O Gordo está certo. Tanto faz conversar aqui como no salão, jogando sinuca.”

Lívia chegou perto de mim:

“Pra conversar comigo você não tem tempo mas tem tempo pra jogar sinuca com esse gordão aí. Eu não disse que você sempre me enrola?”

“Entenda como trabalho, minha pequena”, o Gordo disse, “vamos trabalhar agora, e muito.”

“Exercitar nossa massa cinzenta, como diria Poirot”, completei.

“Justamente”, o Gordo arrematou, enquanto caminhávamos para o salão de jogos.

Antes eu e o Gordo passamos pela cozinha.

“Vocês podem ir andando. Daqui a pouco a gente vai”, eu disse a elas.

Lívia me fuzilou com os olhos. Não estava nem um pouco interessada em ficar a sós com Mariana.

“Não vamos demorar”, completei.

Saíram. Apontei uma cadeira para o Gordo, ele sentou. Fiquei em pé, andando pela cozinha, em silêncio, pensando. Levei um tempo assim, zanzando pela cozinha enquanto colocava meu pensamento em ordem. Estava nervoso, precisava me movimentar um pouco. O Gordo quieto, me acompanhando com o olhar. Logo perdeu a paciência:

“Será que dava pra você parar de ficar dando voltinha e sentar o rabo nessa cadeira?”

“Não consigo pensar sentado.”

“Ah é? Desde quando?”

“Desde agora. Preciso caminhar enquanto penso.”

Abri uma cerveja, continuei dando voltas pela cozinha.

“Desconfio do Epifânio de Morais Netto.”

O Gordo ficou me olhando, calado. Depois perguntou:

“Você levou esse tempo todo pensando e andando feito um maluco só pra chegar a uma conclusão dessas?”

“Olha só, Gordo, você sabe tão bem quanto eu que aquele baixinho asqueroso e bebum da festa do Alto é arraia-miúda, não sabe? Um idiota daqueles jamais seria um dos líderes.”

“E daí?”

“Se até um imbecil como ele sabe do campeonato, é lógico que o Epifânio, muito mais esperto, também sabe. Sabendo da existência do campeonato, e sendo amigo íntimo de um dos líderes, o Murilo Chaves, tão íntimo que foi capaz de bancar aquela festança toda em solidariedade ao boiola...”

“Ex-boiola. O sujeito está morto.”

“Desculpa. Sendo o Epifânio tão amigo do ex-boiola, e sendo um oportunista de marca maior, é óbvio que não se contentaria em ficar na posição de mero apostador, como é o caso do baixinho.”

“Prossiga.”

“O Epifânio é um desgraçado de um sujeito ambicioso pra cacete, Gordo, qualquer um pode ver isso. Vaidoso, tarado, hipócrita, canastrão, um safado completo, não ia perder uma chance dessas de jeito nenhum.”

“E é inteligente também.”

“Pois é. Tudo indica que ele planejou tudo desde o início, na companhia do Murilo e do outro líder, é isso o que eu penso. E tem mais uma coisa: você se lembra do que a Rosália contou? O Murilo Chaves armou toda uma vida paralela, com esposa, filhos etc., até presidente do Flamengo ele foi. Com o Epifânio é a mesma coisa, entende? Quem iria desconfiar de um cara que escreve livros pra ajudar as pessoas? Você viu o último livro dele?”

“Não tive o desprazer.”

“Eu também não teria, se não tivesse sido obrigado a ir ao consultório do safado algumas

vezes, durante aquela palhaçada do tratamento pra parar de ler. Numa das sessões ele me deu o livro, mandou que eu lesse.”

“O Epifânio te deu um livro dele durante o tratamento pra parar de ler?”

“Hum-hum.”

“E não me diga que você leu.”

“Lógico que não. Mas me lembro do título: *As flores do bem.*”

“Como é que é?”

“Isso mesmo que você ouviu. É um livro de autoajuda em forma de versos.”

“Poemas de autoajuda? É isso?”

“Exatamente.”

“Putaquepariu!”

“Entendeu agora? O cara não tem limites. Folheei o livro, por curiosidade, dá vontade de vomitar de tão horrível, e ao mesmo tempo você sabe que aquela porcaria vai vender mais que sabão em pó. Agora me diga, quem é que vai desconfiar de um sujeito que escreve poemas de autoajuda, que publica um livro chamado *As flores do bem*? Um sujeito respeitado, que aparece com frequência na televisão, nas colunas sociais, sempre de roupas claras, impecável, sorridente, simpático. Quem desconfiaria de um homem assim?”

O Gordo abriu outra cerveja, bebeu no gargalo.

“Então você desconfia do Epifânio de Moraes Netto porque ele é rico, poderoso, oportunista, sem escrúpulos e era amigo íntimo de um dos líderes do campeonato. Só por isso?”

“Você acha pouco?”

“O que eu acho é que pode haver ainda outro motivo pra você estar desconfiando do Epifânio.”

“Qual motivo?”

“Raquel.”

Olhei bem nos olhos dele.

“Não seja ridículo.”

“Você ainda está com ciúmes, está com raiva do safado porque ele roubou sua namorada.”

“Claro que não, porra. Eu já não gostava do canalha antes de ter acontecido essa confusão toda, desde o início eu sabia que ele era um escroto, um safado. Além do mais, eu sei que Raquel só fez isso pra se vingar, duvido que ela sinta atração por um cara que nem aquele, um... um... sei lá, um gordo!”

“Nada a ver.”

Fui até a pia, abri a torneira, enfiei minha cabeça embaixo da água. Estava ficando um pouco tenso demais e o Gordo não tinha nada que ter falado na Raquel, eu já quase esquecera o acontecido.

Fiquei ali um tempo, a camisa toda molhada. Desliguei a torneira, enxuguei o rosto e o pescoço com um pano de prato.

“Sua mãe não te ensinou pra que serve um pano de prato?”

“Foda-se!”

Abri outra cerveja.

“Você concorda comigo ou não, Gordo?”

“Concordo. Eu também já desconfiava do Epifânio.”

“E por que não falou de uma vez?”

“Querida ver se você acrescentava alguma coisa ao que eu já havia pensado.”

“E acrescentei?”

“Quase nada. Mas serviu pra confirmar minhas suspeitas.”

“Sabe o que eu acho? Que Murilo Chaves, Montenegro e Epifânio formam um belo time.”

“Pode ser.”

“Só não dá pra entender uma coisa: o que é que eu e você estamos fazendo no meio dessa história?”

Lívia apareceu na porta da cozinha, visivelmente contrariada.

“Vocês vão subir ou querem que eu traga a mesa de sinuca aqui pra baixo?”

“Se for possível...”, o Gordo respondeu, cínico.

Lívia fez que não ouviu, virou de costas e começou a subir as escadas. Fomos atrás dela, carregando as bebidas.

O salão tinha as paredes envidraçadas, dando vista para uma boa parte da orla, desde a pedra do Arpoador, ao longe, até o final da praia do Leblon, bem à nossa frente.

“Deslumbrante!”, o Gordo falou, encostado à vidraça.

A mesa ficava no centro do salão. Numa das paredes havia um alvo, para o jogo de dardos. Na parede oposta uma mesa menor, com duas cadeiras, e um tabuleiro de xadrez, as peças nas suas posições iniciais.

Lívia foi jogar dardos, não sabia jogar sinuca nem estava a fim de aprender, disse.

Comecei bem, escondendo a bola branca logo no início e deixando o Gordo numa situação difícil, mas depois fui perdendo completamente a concentração, pensava no campeonato, nos meus pais, naquele último telefonema do Montenegro. O safado do Gordo não quis nem saber, foi encaçapando uma bola atrás da outra.

“Vamos lá, meu amigo”, falou, o corpo curvado sobre a mesa, o taco na posição, seus olhos mirando atentamente a bola dois, “no que é que você está pensando?”

Caçapa. Eu não tinha matado nem uma bola e o cara já estava partindo para a bola três. Eu já nem olhava o placar.

“Não te contei uma coisa, Gordo.”

“O quê?”

“O Montenegro me ligou.”

“Quando?”

“Quando eu estava na cozinha, com Mariana. Ligou pro celular.”

“Você não tem celular.”

“O celular da Mariana, é claro.”

Gordo e Lívia olharam para Mariana ao mesmo tempo. Mariana olhou para mim. Fiquei esperando uma reação qualquer da parte dela. Mariana assentiu com um leve movimento de cabeça, sinalizando que eu podia contar a verdade. Contei tudo.

Mesmo calado, o Gordo deixou clara sua desaprovação quando soube que Montenegro e Mariana já se conheciam antes. Lívia quase destroçou o alvo.

“O que vocês queriam que eu fizesse? Ele me ameaçou, disse que se eu falasse qualquer coisa,

se contasse que já nos conhecíamos, eu e o André sofreríamos as consequências.”

“E por que ele te autorizou a revelar esse segredo agora?”, o Gordo perguntou.

“Porque isso poderia me ajudar a convencer o André.”

Foi minha vez de entrar no interrogatório:

“Me convencer de que o Montenegro não é um mau-caráter... O cara te ameaça, a você e a mim, e não é mau-caráter? O que é um mau-caráter pra você, Mariana?”

Ela não gostou da pergunta mas se conteve. Cruzou as pernas lentamente e a barra do vestido subiu um pouco, deixando à mostra as coxas bronzeadas. Felizmente Lívia não viu aquilo.

“Não vamos perder tempo falando sobre isso. Se o Montenegro era meu amigo ou não é uma coisa que não interessa, a questão é que não dá mais pra voltar atrás. Eu não pedi pra entrar nessa confusão, nem você, mas a verdade é que entramos e agora o único jeito é ir até o fim.”

“O que você acha, Gordo?”, perguntei.

Ele pensou um pouco. Depois disse:

“Infelizmente nesse ponto ela tem razão, André. O jeito é seguir adiante.”

“Nenhuma outra alternativa?”

“Receio que não.”

Ele se aproximou de mim e disse, me olhando de frente:

“Você sabe que se eu pudesse iria com você, não sabe?”

“Sei, mas não pode.”

Retomei o jogo. Não fui tão mal, deixei o Gordo em sinuca.

Mariana chegou mais perto:

“Já disse que o Montenegro é de confiança. Agora precisamos pensar numa forma de comunicação pra quando você estiver lá dentro, isso é que importa. Eu mesma posso providenciar todo o material necessário.”

O Gordo permaneceu em silêncio, analisando a situação da bola branca, encostada na sete.

“Consegue sair dessa?”, perguntei, me referindo à sinuca.

“Talvez.”

“Preparo tudo até sexta-feira. É um equipamento simples, você não vai ter dificuldade nenhuma em aprender a usar”, Mariana disse.

“E se eles descobrirem esse equipamento? Se tirarem a sua roupa, se te revistarem inteirinho, inclusive... inclusive naquele lugar, se descobrirem que você está entrando lá como um espião?”

“Ele não corre esse risco, Gordo, não vão descobrir nada, eu garanto.”

O Gordo fez sua jogada. A bola branca saiu da sinuca, pela tabela, e na volta raspou de leve na quatro, derrubando-a, uma belíssima jogada de efeito. Eu já tinha perdido o jogo há muito tempo mas o Gordo fazia questão de se exhibir. Ao lado, Lívia começava a me irritar com o barulho dos dardos.

“Lívia, dá pra atirar essas flechinhas mais devagar?”

“Falou comigo?”, ela perguntou, e em seguida só senti o dardo zunindo rente ao meu ouvido.

“Meu Deus”, Mariana disse, se escondendo atrás do Gordo.

Lívia me encarou:

“Ficou com medo, amor?”

“O que você acha?”, perguntei, ainda assustado e tentando descobrir qual tinha sido o destino daquele dardo.

“Não se preocupe, só acerto o alvo quando eu quero”, ela disse, e mirou na escultura de madeira do outro lado da sala, sobre um pedestal, uma escultura de meio metro mais ou menos, representando uma mulher, nua.

“Voilà!”, ela disse, batendo palmas ao ver o dardo fincado na testa da mulher de madeira. A escultura cambaleou, depois desabou no chão.

“Deviam mandar internar essa menina”, Mariana falou, ainda se protegendo atrás do Gordo.

“Ela tem boa pontaria, pelo menos”, ele comentou, tentando disfarçar o susto.

Lívia ficou de frente para Mariana, o dardo na mão, ameaçador.

“Desculpe pelo estrago, querida. Não era você naquela escultura, era? Bem que achei parecida.”

“Lívia”, falei, tentando chegar mais perto.

Ela fez um gesto com as mãos, indicando que eu não me aproximasse.

“Você já tomou uma decisão, não tomou, André? Vai entrar naquele campeonato, vai se meter em briga de cachorro grande, não vai? E vai ficar incomunicável, vai entrar lá com esses penduricalhos todos que essa dondoca quer colocar em você e nada disso vai funcionar na hora, simplesmente porque isso aqui não é filme de James Bond, André, será que você ainda não percebeu? Se te derem um tiro, só vamos ficar sabendo uma semana depois, merda!”

“Eu não tenho outra escolha, Lívia.”

“Tem, claro que tem.”

“Qual?”

“Vamos fugir.”

“Fugir pra onde? Com que dinheiro?”

“Não sei, a gente arranja. Eu já fugi uma vez, com o Santo, e conseguimos nos dar muito bem, fomos pra Europa, conhecemos o mundo todo.”

“Ah, sim, se deram bem, muito bem, você está aqui, nesse sufoco, e o Santo...”

Ela arremessou um dardo no alvo, com raiva. Mosca.

“Você é realmente boa nisso”, o Gordo disse.

“Lívia”, tentei argumentar, “tem um exército de mafiosos atrás de você. Nossa única chance é eu entrar e sair com vida desse campeonato. Então a gente foge, com a ajuda do Montenegro, e com bastante dinheiro.”

“Você não vai ver nem a cor desse dinheiro, escuta o que estou te dizendo!”

“O dinheiro ficará com vocês, em lugar seguro. Vamos planejar tudo, com calma. Depois da fuga nos encontramos.”

“Onde? Eu posso saber?”

“Ainda precisamos pensar nisso.”

“Sinto muito, André”, o Gordo disse, “mas agora serei obrigado a dizer uma frase horrível: eu não tenho um plano.”

“Viu? Nem o Gordo tem um plano!”

“Não tenho por um motivo bastante simples: não há o que planejar. O que podemos fazer é ficar

escondidos aqui até sábado e torcer pra que os aparelhos que a Mariana vai arranjar funcionem. E, pior ainda, que o Montenegro cumpra a sua parte.”

“Vocês são malucos, todos vocês”, Lívia falou, sentando na mesa de sinuca.

O Gordo tentou evitar o desastre mas já era tarde.

“Porra, você estragou o jogo todo, garota!”

“Pergunta se vou pedir desculpa.”

Fui até a bandeja, peguei outra cerveja, abri. Falei olhando para o Gordo:

“Quer dizer que não há nada a fazer, a não ser esperar.”

“Fazer o quê, meu amigo? Estamos completamente à mercê do seu cliente. Aliás, que belo cliente você foi arrumar...”

“Como se a culpa não fosse sua: citação de Poe, grande ideia.”

“Sabe de uma coisa, André? Isso ainda não está bem explicado. Esse cara não foi atrás de você por causa daquele anúncio ridículo. Tem alguma coisa aí que não bate.”

“Gordo, eu já desisti de entender, agora o que eu quero é sair dessa, com todos vocês, e vivos.”

Mariana interrompeu:

“Mais uma vez eu te peço, André, confia em mim, o Montenegro é um homem de palavra, já me provou isso antes.”

“Provou como?”

“Não vem ao caso. Só te peço que fique calmo, na medida do possível. Se depender dele você vai sair são e salvo daquele lugar e fazer o que quiser com o seu dinheiro.”

“Uma parte da grana também é sua, você está com a gente, estamos todos no mesmo barco.”

“Todos no mesmo barco, direto pro fundo do mar”, Lívia falou.

“Eu não quero esse dinheiro, André, você sabe muito bem que não estou interessada nisso!”

Mariana estava furiosa. Como sempre, falei demais.

“Perdão, não quis te ofender.”

Ela ignorou o meu pedido de desculpas.

“Vou providenciar o equipamento. Não demoro. E não deixem essa delinquente quebrar nada.”

O telefone tocou. Fui até a mesinha, num canto, atendi. Era Rosália. Não, sem novidades, Mariana saiu, volta logo, não, não sei aonde foi. Não precisa, você pode ficar aí na sua casa mesmo. Eu queria desligar de uma vez, a voz daquela mulher ficava ainda mais irritante ao telefone. Ela me perguntou se eu já tinha dirigido uma Mercedes. Lógico que não, respondi. Rosália disse que passaria por lá no dia seguinte, eu precisava conhecer melhor o carro. Respondi que sim, desliguei o telefone.

“Você sabe dirigir, André?”, Livia perguntou.

“Acho que sei.”

“Acha? Sabe ou não?”

“Ele sabe mas não tem prática”, o Gordo entregou.

“E como você queria que eu tivesse prática? Nem carro eu tenho, cacete!”

“Mais essa agora! Você vai subir a Rio–Petrópolis, já pensou nisso? Vai subir aquela estrada toda torta e nem dirigir direito você sabe!”

Não retruquei, não tinha nada a dizer.

“Sinceramente? Vocês querem saber o que eu acho? Eu acho que vocês não existem, pronto, descobri isso agora: vocês não existem! Tudo isso é um pesadelo, eu vou dormir e quando acordar vocês vão ter sumido da minha vida”, Livia falou e em seguida deitou sobre a mesa de sinuca, empurrando as bolas para as laterais.

A princípio pensei que fosse um brincadeira, que ela fosse se levantar logo em seguida. Mas não, virou de lado, ajeitou as mãos sob a cabeça, fazendo as mãos de travesseiro, e em poucos minutos estava dormindo.

“Como foi que ela conseguiu?”

“Ela está exausta, Gordo, vamos sair daqui.”

“Não é melhor levá-la pra cama?”

“Ela está bem. Além disso, não pode dormir o dia todo. Já pensou se precisarmos sair do apartamento às pressas?”

“Já, já pensei, mas espero que seja apenas uma suposição.”

Fechei as cortinas. Peguei uma almofada e coloquei sob a cabeça de Livia. O Gordo juntou os copos e as taças na bandeja e saímos, em silêncio. Antes de fechar a porta, desliguei as luzes do

salão.

“Sabe de uma coisa, André?”

Ele não esperava que eu respondesse, era apenas uma pergunta retórica. Continuou:

“Pensei nisso agora. Se cada um dos três líderes leva o seu próprio casal de virgens pro campeonato, e se apenas dois casais ficam pra final, isso significa que um dos líderes dançou.”

“Lógico.”

“Quem você acha que ficou de fora?”

Pensei um pouco.

“O Senhor Branco.”

“Por quê?”

“Porque foi ele quem levou Livia e o parceiro. Como Livia fugiu, e ele não deve ter tido tempo de arranjar uma substituta, os organizadores devem ter decidido que o segundo colocado assumisse o lugar de finalista, desclassificando o casal do Senhor Branco.”

“De acordo. Esse tal Senhor Branco tem todos os motivos pra estar puto da vida, convenhamos. Nossa amiguinha espevitada deixou o cara no chinelo, sem pai nem mãe. Quem diria, o grande empresário, o grande corrupto, o fodão, enganado por uma menina de quinze anos que a essa hora tira um cochilo em cima de uma mesa de sinuca.”

“É como eu digo sempre: a vida não tem a mínima lógica.”

“Estou começando a concordar com você.”

Me recostei no sofá e fiquei vendo os quadros na parede. Pinturas abstratas. Fixei meus olhos numa das telas, olhando sem ver, meu pensamento vagueando por outros lugares, longe dali. Estava cansado. Fechei os olhos e tentei dormir. O Gordo não deixou:

“André, você acha que o Senhor Branco pode ser o Montenegro?”

Respondi, de olhos fechados:

“Claro que não. Se fosse ele, Livia não estaria mais com a gente. Montenegro sabe que ela está sob minha proteção.”

“Proteção, sei.”

Adivinhei que essa última frase vinha acompanhada de um risinho debochado. Fiz que não tinha ouvido. Ele retomou o assunto:

“Se não é o Montenegro, quem pode ser?”

Senti que não conseguiria dormir. Abri os olhos e me endireitei no sofá.

“O Senhor Branco é o Epifânio de Moraes Netto”, eu disse, convicto.

O Gordo se levantou, foi até uma das paredes da sala, ficou observando uma das telas, longamente.

Voltou, sentou à minha frente, calado. Brincava com um cinzeiro, mudando-o de lugar sobre a mesa. Tinha no rosto uma expressão que eu conhecia muito bem, sabia que ele estava seguindo alguma linha de raciocínio e estava prestes a descobrir algo importante. Esperei.

“André”, ele disse, finalmente.

“O que foi?”

“Acabo de chegar a uma hipótese nada agradável.”

“Diga.”

“Mas veja bem, é só uma hipótese, promete que não vai ficar preocupado.”

“Fala de uma vez, Gordo.”

“Se o Epifânio é o Senhor Branco, é ele quem está atrás da Lívia, de acordo?”

“De acordo.”

“Suponhamos que ele não saiba onde a Lívia está, mas saiba que ela está com você.”

“Por que ele saberia disso?”

“Ele deve ter colocado meio mundo atrás dessa garota, e certamente descobriu alguma coisa. E tem mais: suponha, por exemplo, que ele torturou o Santo, antes de matá-lo. O Santo sabia que Lívia estava com você, não sabia?”

“Ela me disse que não, que tinha prometido a ele procurar um hotel pra passar a noite.”

“Tudo bem, mesmo que ela estivesse te dizendo a verdade, tudo bem. O Epifânio não ia se contentar com essa informação, é claro. Ia forçar o Santo, tinha todos os meios pra isso. O bandido pode ter conseguido que o Santo abrisse o bico e dissesse que tinha sido procurado recentemente por dois rapazes que estavam atrás de informações sobre o grupo *copyright*. Nessa hora o Santo teria dado nossos nomes, e as descrições físicas.”

“Você acha que ele seria capaz de fazer uma sacanagem dessas? De entregar você, que era tão amigo dele?”

“Caramba, André, o cara deve ter sido torturado. Já imaginou o que é ser torturado?”

“Mesmo sabendo nossos nomes, como o Epifânio iria nos encontrar?”

“Não é possível que acabei de ouvir essa pergunta. Concentração, meu amigo, por favor! Você não era cliente do homem? Não tinha ido várias vezes na clínica dele?”

Nem respondi. O Gordo continuou:

“Supondo que meu raciocínio esteja correto, o Epifânio foi atrás de você, no seu apartamento. Tinha seu endereço na ficha dele, não tinha?”

“Lógico.”

“Pois é, ele pegou o endereço e foi até o seu apartamento. Mas você não estava lá, nem Lívia, nem ninguém. O que você acha que ele fez então?”

Comecei a entender finalmente aonde o Gordo queria chegar.

“Você colocou o nome do Augusto na sua ficha, André?”

Senti um calafrio.

“Coloquei.”

Olhamos um para o outro, por instantes.

De repente me levantei do sofá e corri até a mesinha de telefone. O Gordo tentou me impedir:

“Você não vai ligar pro Augusto. O telefone dele deve estar grampeado, vão descobrir que estamos aqui.”

Hesitei. Eu precisava falar com meu irmão, saber como ele estava, avisá-lo do perigo que corria, mas de fato não era nada seguro ligar pra casa dele. Fiquei com o aparelho na mão, indeciso, sem saber direito se ligava ou não.

“Quer saber de uma coisa, Gordo? Vou ligar. É o meu irmão, vou ligar.”

“Você vai estar arriscando nossas vidas, e a de Lívia.”

“Não vou não. É claro que tem gente do Montenegro vigiando o prédio, ele não ia deixar que o

Epifânio se aproximasse daqui, o Montenegro precisa de mim, esqueceu?”

“É, mas se o Epifânio descobre que sua namoradina atiradora de dardos está aqui, vem com tudo pra cima de nós. Vai ser uma guerra.”

Continuei com o telefone na mão.

O Gordo cedeu, no fundo ele também queria saber do Augusto.

“Certo, liga logo pro seu irmão. E seja o que Deus quiser.”

Liguei. Minha cunhada atendeu. Saco!

“O Augusto está?”

“Quem quer falar com ele?”

Ela sabia que era eu, mas sempre que eu ligava e ela atendia fazia esse teatrinho barato. Eu odiava aquela mulher.

“É o André.”

“O Augusto viajou.”

“Viajou quando? Pra onde?”

“São Paulo, a trabalho. Faz uma semana.”

Tapei o bocal do aparelho. Falei com o Gordo:

“Viajou.”

Voltei a falar com ela:

“Quando é que ele volta?”

“Não sei. Mais alguma pergunta?”

Mulher irritante.

“Alguém ligou pra mim?”

“Sim, ligaram. Uma moça ligou, da parte do doutor Epifânio de Moraes Netto.”

“Quando?”

“Não sei dizer com certeza.”

“Hoje? Ontem? Anteontem?”

“Não, tem alguns dias já.”

“E o que ela queria?”

“Querida saber de você. Disse que era a segunda vez que estava ligando. Já tinha falado com o Augusto.”

Meu irmão havia me contado que ligaram para ele da clínica, mas isso foi antes de eu ter encontrado Lívia.

“Ela queria saber por que você não apareceu mais na clínica. Eu disse que nem sabia que você tinha sido internado...”

“Eu não fui internado.”

“Hum.”

“Só isso?”

“Ela queria saber onde é que você poderia ser encontrado.”

“E o que foi que você respondeu?”

“A verdade: que eu não tinha a mínima ideia de onde o vadio do meu cunhado pudesse estar.”

Ela sabia muito bem que eu odiava que me chamassem de vadio. Eu preocupado com sua vida e ela me respondia com ofensas. Pior é que nem podia replicar, precisava me manter calmo, alertá-la do perigo que estava correndo, o Epifânio podia tentar alguma coisa contra ela ou contra os meus sobrinhos.

“Você precisa sair daí.”

“Ficou maluco?”

“Não dá pra explicar agora. Pega as crianças e sai logo daí, entendeu? Vocês têm pra onde ir?”

“Que tal a Disneylândia?”

“O quê?”

“Estamos de saída, André, vamos viajar, de férias. Você acredita que as crianças não conhecem a Disney até hoje? Não é um absurdo?”

“É brincadeira ou você está falando sério?”

“Preciso desligar, vou acabar perdendo o voo.”

Ela não estava brincando. Merda! Eu não precisava ter feito papel de bobo, eles já estavam saindo de casa. Me senti o próprio Pateta.

“Escuta bem, presta bastante atenção. Vocês estão correndo perigo, não atenda mais o telefone, e leva o segurança com vocês, ouviu, leva o segurança na viagem, não esquece.”

“Você não regula bem, André, não mesmo.”

“É sério, por favor, eu...”

Desligou na minha cara.

Coloquei o telefone de volta no gancho.

“E então?”, o Gordo perguntou.

“Parece que está tudo tranquilo, pelo menos por enquanto. Não conseguiram falar com o Augusto depois que eu saí do apartamento. Ele já tinha viajado. Falaram com minha cunhada, mas ela não sabia de nada.”

“O fato de terem telefonado pra casa do Augusto te procurando, justo nos dias em que você sumiu do seu apartamento, prova que o Epifânio está mesmo atrás da Lívia.”

“E se ele estivesse apenas querendo saber se eu continuaria ou não o tratamento?”

“Ora, mas pra isso a secretária dele já tinha ligado antes. Não ligaram pro Augusto antes, pra saber por que você tinha sumido? Pelo menos foi o que você me disse, não foi?”

Concordei.

“A verdade é que a nova informação que sua cunhada nos deu vem apenas comprovar a minha hipótese inicial”, o Gordo arrematou.

“Qual hipótese?”

“O Senhor Branco é o Epifânio de Moraes Netto.”

Eu não estava acreditando.

“Você está me dizendo que essa hipótese é *sua*? Que foi você quem pensou nisso primeiro?”

“Não?”

“Claro que não!”

“Ok, sem polêmicas.”

Me joguei no sofá, coloquei uma almofada sob a cabeça e virei de lado. Queria dar um tempo, parar de raciocinar por alguns minutos, pelo menos, mas não deu: um pensamento me atravessou pela frente feito um foguete.

“Gordo, e a Raquel?”

Ele arregalou os olhos.

“Quem?”

“A Raquel está envolvida com esse bandido, você esqueceu?”

“E ela sabe onde você está?”

“Não, mas...”

“Ela sabe onde a Mariana mora?”

“Não, não sabe.”

“Então qual é o problema?”

“O problema é que ela também pode estar correndo perigo, caramba! Já pensou nisso?”

“Não vai acontecer nada com a Raquel, não se preocupe.”

“Como você pode ter tanta certeza?”

“Sinceramente, André, certeza certeza eu não tenho. A única coisa absolutamente certa no momento é que nós já temos problemas demais pra ficar arranjando mais um. A Raquel se vira, não é nenhuma otária. Além disso, o Epifânio vai perceber logo que ela não sabe de nada.”

“Mas ele pode matar a Raquel, Gordo!”

“Pode, mas não deve. Ele não vai sair matando todo mundo assim, caramba! Calma lá, o Epifânio é um canalha mas não é burro, tem uma imagem a preservar, e a Raquel apareceu ao lado dele no jornal, lembra?”

Claro que eu lembrava.

“Então, se a garota de uma hora pra outra aparece morta, a polícia pode desconfiar dele, o cara não iria se arriscar à toa.”

“Não sei não.”

“André, meu amigo”, o Gordo falou, se aproximando de mim, “o Augusto a essa hora está numa boa, ganhando dinheiro dos paulistas. A Raquel, aliás, sua ex-namorada, deve estar curtindo uma praia, tomando um chopinho etc. e tal. Só quem está sofrendo é você, percebeu?”

“E o que você quer que eu faça?”

“Relaxa, meu caro, relaxa.”

“Falar é fácil, não é você que vai estar lá.”

“Faz de conta que você está se preparando pra ver a final de uma copa do mundo no Maracanã.”

“Só se for Brasil e Uruguai, 1950.”

“André, sabe qual é o seu problema? Você é muito pessimista.”

“Pessimista, eu?”

“Pensa o que você vai estar vivendo, meu camarada. Uns caras doidões leram um conto do Rubem Fonseca e resolveram fazer tudo aquilo virar real, esses riquinhos de merda, três bobalhões, leram o conto e bolaram um campeonato de conjugação carnal entre virgens, cara, dá pra alcançar a dimensão da maluquice? E o pior é que conseguiram! E agora você está prestes a presenciar isso, a concretização de uma obra de ficção do seu ídolo!”

“Eu não tenho ídolos.”

“Tudo bem. Mas que é uma oportunidade e tanto, convenhamos, isso é.”

“Seria, se o risco de levar um tiro não fosse real.”

“Se não fosse real não teria graça, seria o mesmo que ver televisão.”

“Juro que eu preferia.”

“Você não sabe dar valor ao que tem.”

“Você não pode estar falando sério, Gordo.”

“Claro que estou falando sério. Quando esta zorra acabar, você vai ser o único que presenciou tudo e voltou pra contar a história. Vai poder escrever um livro, já pensou nisso, seu nome na capa

de um livro, André?”

“Não gosto de escrever, você sabe. E estou muito velho pra começar.”

Ele coçou o queixo, pensativo.

“É, talvez seja verdade. Mas talvez não. Você sabia que Hammet tinha quarenta e seis anos quando criou Sam Spade?”

“Isso quer dizer que tenho ainda vinte anos pra pensar na sua proposta.”

“É um tempo razoável, não acha?”

Fiz uma pausa, enquanto matava a cerveja.

“Combinado. Te respondo daqui a vinte anos.”

“Toca aqui”, ele me disse, estendendo a mão toda suja de creme de leite.

“Caramba, como foi que você conseguiu se lambuzar desse jeito?”

Apertei a mão dele, depois nos abraçamos, demoradamente.

Caminhei até o aparelho de som. Vi um CD do Miles Davis, sua interpretação de “Porgy and Bess”, de Gershwin. Não entendo nada de música mas conhecia aquele disco. Tinha um no meu apartamento, foi parar lá por descuido do meu irmão, que ainda morava conosco e namorava na época uma estudante de música da UFRJ. A garota era linda, inteligente, bacana, e o bolha do meu irmão terminou com ela, o idiota do Augusto. Ela deixou o disco lá em casa uma noite, ele ficou enrolando com esse disco uma semana sem dar a mínima bola, depois despachou a namorada. O disco acabou esquecido num canto do quarto, onde um dia o achei e coloquei para tocar. Fiquei arrepiado, nunca tinha ouvido nada parecido com aquilo.

Um dia encontrei a ex-namorada do Augusto numa rua de Copacabana, usando uma blusa branca, de malha, e uma saia estampada, me lembro até hoje, o cabelo curto, liso, preto, ela carregando o estojo com a flauta transversa, eu a convidei para tomar um chope num daqueles bares de calçada em frente à praia, ela aceitou.

Tive que beber pouco, estava duro, como sempre, mas ainda assim conversamos bastante, e descobri que estava perdidamente apaixonado por ela. Ela me perguntou do disco, se ainda estava lá em casa, respondi que sim, claro, comigo, tinha adorado, ela disse que então eu poderia ficar com ele. Perguntei se ela gostava mesmo do Augusto, ela respondeu: um pouco, e de mim, perguntei, ela disse que estava começando a descobrir que gostava de mim, era verdade, ela disse, eu era um cara bem interessante, então perguntei se podia lhe dar um beijo na boca, ela disse não, se levantou, foi embora, nunca mais a vi.

Agora o disco estava ali. A ex-namorada do Augusto não estava por perto mas senti sua presença enquanto acariciava a caixinha e pensava no que teria sido da minha vida se naquela tarde, no bar em Copacabana, ela tivesse dito sim. Poderia estar casado com ela, com filhos, morando numa cidade do interior, quem sabe de praia, tudo teria tomado um rumo completamente diverso do que tomou se aquela minha musa tivesse dito sim, pode me beijar na boca.

Tirei os sapatos, deitei no tapete, com uma almofada de travesseiro. Depois de algumas notas introdutórias da percussão, o som do trompete de Miles Davis invadiu a sala.

Fechei os olhos. Queria não pensar em nada, queria ser um monge budista, um monge budista

que gostasse de meditar deitado no sofá ouvindo Miles Davis, mas era apenas eu mesmo, André, a cabeça cheia de álcool, o corpo cansado.

“André”, o Gordo chamou, me despertando.

Continuei de olhos fechados, ouvindo a música.

“Hum.”

“Por que Mariana resolveu ser detetive?”

“Por que você não pergunta pra ela?”

“Porque ela não vai me responder.”

“É, não vai mesmo.”

“Quer dizer que você já perguntou?”

“Já.”

“Sem resposta, claro.”

“Claro.”

“Sabe de uma coisa? Acho que não devemos contar pra ela sobre a nossa suspeita.”

“Qual suspeita, Gordo?”

“O Epifânio ser o Senhor Branco.”

“Por que não?”

“É melhor não arriscar. Ainda não sei se podemos confiar nessa mulher.”

Novo silêncio. A brisa do mar entrava pela janela, como uma dádiva. Era tudo de que eu precisava naquele momento: silêncio, uma boa música, a brisa soprando um pouco do mar.

“André.”

“Hum.”

“Você já parou pra pensar que esses canalhas gostam de ler a mesma coisa que a gente?”

Eu já tinha pensado nisso. Os filhos da puta eram fãs do Rubem Fonseca, como eu e o Gordo.

“E daí?”

O Gordo deu uma pausa, devia estar buscando uma resposta convincente. Eu mantinha os olhos fechados mas estava prestando atenção no que ele dizia, não estava com disposição para falar mas se ele quisesse me apresentar alguma das suas intrincadas teorias eu seria capaz de acompanhá-lo, ouvindo.

“Daí nada. Foi apenas uma constatação.”

Jantamos todos no terraço, à beira da piscina.

O Gordo me pedira o tal livrinho com capa de couro que Lívia trouxera de Aldebaran, o livro com as regras do campeonato. Folheava o pequeno volume, encantado com o capricho das ilustrações, da encadernação, do acabamento.

“É um primor. Isso prova que bom gosto não depende de caráter”, ele disse.

“Você leu a epígrafe, os versos do *Cântico dos cânticos*?”, perguntei.

“Li.”

“Não é o cúmulo do cinismo os caras usarem um trecho da bíblia como epígrafe?”

“Talvez.”

Lívia deu um gole na minha cerveja e sentou do meu lado, numa espreguiçadeira, o rosto triste. Ficou olhando para o céu.

“Sabe qual é o problema com as estrelas?”, o Gordo perguntou, olhando na mesma direção que Lívia.

Ninguém respondeu. Ele esperou um pouco. Como nenhum de nós se dignasse a dar-lhe a deixa para continuar, ele mesmo formulou a resposta:

“O problema com as estrelas é que elas nunca estão onde a gente pensa que elas estão.”

Novo silêncio.

“Você vê uma estrela qualquer, qualquer uma dessas aí, e pensa que ela está lá, no ponto que você está olhando, mas a bandida não está lá, o que você vê é apenas o brilho que ela lançou há milhões, há bilhões de anos! Um ano-luz é coisa pra cacete, e elas estão a milhões de anos-luz de distância, ou seja, isso que estamos vendo, esse brilho, aconteceu faz tempo! A maioria dessas estrelas aí já nem existem mais, explodiram, bum! O que estamos vendo é apenas o que elas eram antes de explodir. E digo mais...”

Ficamos esperando mas ele não disse logo.

Na verdade, ele mesmo não sabia o que viria a seguir. O Gordo costumava usar esse truque, que eu conhecia muito bem. Quando terminava uma fala e via que o efeito sobre o ouvinte não tinha sido exatamente o esperado, ele completava, enfático: e digo mais, fazendo uma pausa, mais ou menos longa, dependendo das circunstâncias, pausa que servia para deixar o ouvinte na expectativa e que dava ao falastrão tempo para inventar alguma coisa.

“E digo mais”, ele continuou, passado o tempo necessário, “os antigos navegantes, os Colombos da vida, os fodões, com o perdão da palavra, os caras que saíram da velha Europa e vieram parar nesse fim de mundo se guiavam pelas estrelas. Eles só conseguiram chegar aqui porque havia estrelas para guiá-los, ou pelo menos eles pensavam que havia. Quer dizer, existimos graças a uns malucos que se deixaram guiar por coisas que não existem.”

“As estrelas não existem mas os brilhos sim”, eu disse, “isso é que importa, um ponto de referência, um ponto fixo, não interessa se as porcarias das estrelas não estão mais lá, quem está

preocupado com isso?”

“*Eu* estou preocupada com isso”, Lívia disse.

“O quê?”, perguntei.

“Passei a ficar agora. Estou realmente preocupada com isso, não queria que as estrelas que eu vejo daqui não estivessem mais lá, isso é muito ruim.”

“Por que é muito ruim?”

“Porque é. Aliás, é mais do que muito ruim, é horrível!”

Virei meu corpo de lado e fiquei observando Lívia, não tinha certeza se ela estava brincando ou se realmente estava deprimida por saber que via estrelas onde elas não existiam.

“Não estou brincando, André, acho que pela primeira vez na vida consigo enxergar uma verdade com lucidez.”

“E que verdade é essa, Lívia?”, perguntei, dando corda.

“Não sei explicar, mas sei o que é. Tem algo a ver com a aparência das coisas, algo nesse sentido. Gordo, me responde uma coisa: as estrelas cadentes também não estão caindo quando a gente acha que elas estão caindo, certo?”

“Correto.”

“Quer dizer que esse negócio de fazer pedido quando se vê uma estrela cadente é roubada, porque quando você está fazendo o pedido a estrela já caiu faz tempo.”

“Sim. Além do fato de a estrela cadente não ser estrela, mas asteroide.”

“Mais essa, nem estrela é.”

“Pra você ver.”

“E o cara que promete uma estrela pra mulher dele não passa de um canastrão, não é? Porque ele nunca vai poder cumprir o prometido, a não ser que faça uma viagem ao passado.”

“É.”

“O máximo que ele poderia prometer é o brilho da estrela, de acordo?”

“De acordo.”

“A merreca do brilho de uma estrela que já explodiu. Que merda.”

Suspirei e disse:

“Vocês dois sabem realmente como arrebentar, estraçalhar, pisar em cima de qualquer romantismo.”

Eles se calaram, momentaneamente.

Mariana não falava nada. De repente se levantou e disse:

“Boa-noite a todos, vou dormir.”

“Nós já vamos”, falei.

“Não, podem ficar aí o quanto quiserem, eu é que não dormi à tarde, estou morrendo de sono. Vou preparar um quarto pra você, Lívia.”

“Pra gente não precisa, vamos dormir na sala”, eu disse.

“Por que na sala? Tem quarto pra todo mundo.”

“É mais seguro”, o Gordo respondeu antes de mim.

“Mais seguro por quê?”, Lívia perguntou.

Olhamos os dois para ela, ao mesmo tempo.

“Se aparecer algum engraçadinho querendo entrar certamente será pela sala, a não ser que queira escalar o edifício”, o Gordo explicou, meio impaciente.

“Sim, e se entrar algum bandido enquanto estivermos dormindo vocês dois vão fazer o quê? Gritar?”

Senti que o sangue subia pelo pescoço do Gordo, ele estava ficando vermelho. Lívia, apesar do tom insolente, tinha razão. Não estávamos preparados para enfrentar ninguém, só que eu não deixaria que ela nos humilhasse com tanta facilidade.

“Mesmo assim vamos dormir na sala”, eu disse, firme.

Ela ficou séria, talvez estivesse apenas brincando e eu é que não entendera direito. Aliviei:

“Se for preciso, arremesso o Gordo em cima do bandido.”

Lívia começou a rir.

“Não vai ser nada fácil”, ela disse, sem controlar o riso.

“Tenho uma ideia melhor, esperem aqui”, Mariana falou, e saiu.

Ficamos os três ali, calados, Lívia enxugava as lágrimas com a pontinha da toalha, tinha chorado de tanto rir.

“Foi tão engraçado assim?”, o Gordo perguntou.

Abri mais uma cerveja, estava bebendo desde cedo mas não ficava tonto. Aquilo era um mau sinal.

“Nunca mais te conto sobre as estrelas”, o Gordo disse.

Lívia se levantou, foi até onde ele estava sentado e lhe deu um beijo na testa.

“Você não precisa ser bom de briga, Gordo, já é muito bom na cozinha.”

“Devo entender como elogio ou você já está entrando na idade da ironia?”

Lívia enrolou a toalha no pescoço dele, depois correu na direção da piscina, mergulhou. Conquistara completamente o meu amigo, a pequena sacana. O Gordo a olhava com um olhar de profundo carinho, eu sabia que ele faria qualquer coisa para protegê-la, para não deixar que a machucassem. Ela também sabia.

Mariana voltou com uma pequena caixa de madeira, que colocou nas minhas mãos. Abri. Era uma arma.

“Já pegou numa arma antes?”, ela perguntou.

Lívia chegou até a beira da piscina e ficou nos observando.

“Não.”

“Que revólver é esse?”, perguntei.

“Não é revólver, é uma pistola. Uma Taurus 9 milímetros. Sente o peso.”

Peguei a pistola.

“É leve, parece de brinquedo.”

“Polímero, é feita de polímero, por isso é leve. Mas não é de brinquedo, pode ter certeza. Me dá aqui, deixa eu te mostrar.”

Ela pegou a arma de volta, mirou num alvo encostado numa das paredes do terraço. Era um alvo com a forma e as dimensões de um corpo humano, desses que eu só tinha visto em filme. Atirou.

“Porra”, o Gordo disse, vendo o furo que a bala tinha feito bem no meio dos olhos da figura.

Eu ainda estava meio zozinho com o barulho. Foi um estrondo seco, forte.

“Não sabia que era tão barulhento.”

“Nos filmes não parece tanto”, ela disse.

Lívia saiu da piscina e veio até nós, excitada.

“Posso tentar?”, perguntou.

“Não, isso não é um dardo.”

Ela não insistiu. Ficou ao lado do Gordo.

“André”, Mariana disse, me passando a arma.

Peguei aquele brinquedo e mirei no alvo, no meio do corpo da figura, na barriga.

“É só apertar o gatilho?”

“É”, Mariana disse, atrás de mim, tapando os meus ouvidos com as mãos.

Apertei o gatilho e senti um baque, como se alguém me empurrasse para trás.

“Nada mau”, o Gordo disse, “você teria desarmado o sujeito, se ele fosse canhoto.”

Eu tinha acertado a mão esquerda da figura.

“Onde foi que você mirou?”, Mariana me perguntou.

“Na barriga.”

O Gordo riu, o puto, não era ele que tinha um canhão daqueles nas mãos.

“Você deve ter apertado o gatilho com a base do dedo. Quando acontece isso normalmente o tiro sai à esquerda da mira. Se você atirar mais com a ponta do dedo, sai à direita. Procure puxar o gatilho com a parte central do dedo, entre a primeira e a segunda articulações. Vamos de novo.”

“Você não teria um protetor de ouvido?”, perguntei.

Ela pegou a caixa de madeira onde guardava a pistola e tirou um silenciador. Encaixou o silenciador, me devolveu a arma. Antes que eu tentasse outra vez acertar aquele maldito alvo, ela me deu outras dicas: afastar um pouco as pernas, dobrar ligeiramente os joelhos.

“Dá mais firmeza.”

Era uma posição meio ridícula, sobretudo porque Livia e o Gordo estavam logo atrás me observando e eu não podia ver o rosto deles, mas obedeci.

“Agora pegue a arma com as duas mãos e alongue bem os braços, o máximo que você puder, como se quisesse encostar um cotovelo no outro.”

“Posso atirar?”

“Firme as mãos, e os punhos. Ouça bem, André, todo seu corpo, principalmente braços, punhos, mãos, deve permanecer imóvel na hora do tiro, entendeu? Só o dedo indicador, o dedo do gatilho, deve se mover.”

Ouvi atentamente. Tentei firmar o corpo.

“Ok.”

“Mirou bem?”

“Sim. Posso atirar?”

“Pode.”

Apertei o gatilho. O baque foi menor que na primeira vez.

“No ombro direito”, o Gordo disse, chegando mais perto do alvo, “onde foi que você mirou, na cabeça?”

“Na barriga.”

“Meu Deus, que fixação”, ele disse.

“Já está melhor. Isso leva tempo.”

“Você acha mesmo que melhorou?”, perguntei.

Eu já estava começando a gostar daquele jogo.

“No primeiro tiro seu corpo não estava preparado. Ainda não está, mas com algum treinamento

você aprende.”

“Por que errei pra cima nas duas vezes? Mirei na barriga e acertei na mão, depois no ombro. Por que não acertei no pé?”

“É o que normalmente acontece com iniciantes. Quer um conselho?”

“Quero.”

“Se tiver que dar um tiro em alguém hoje à noite, mire logo abaixo da cintura.”

“Você quer dizer no...”

“Lá mesmo. Se der sorte, você acerta a barriga ou o peito do cara.”

“Você é muito cruel, Mariana”, o Gordo disse, “não queria estar na sua frente se você tivesse uma arma.”

“Você não vai estar, eu garanto.”

Treinei mais um pouco.

“Quantas balas cabem nesse troço?”, Lívia perguntou.

“Quinze.”

“Quer dizer que você pode matar quinze caras sem ter que trocar a munição?”

“Se tiver uma pontaria tão boa assim.”

“Eu tenho. Posso provar se você quiser”, ela disse.

“Você já provou”, Mariana disse, encerrando o assunto.

Lívia foi para o seu quarto. Mariana trouxe dois colchonetes, travesseiros, lençóis, cobertores. Deixou tudo na sala. Não precisávamos dos cobertores mas ela insistiu, disse que o tempo podia virar, de madrugada.

Antes de nos despedirmos, perguntei:

“Você não vai precisar da arma?”

“O que foi, está com medo de dormir com uma pistola debaixo do travesseiro? Se ninguém disparar ela é inofensiva, querido.”

“Não, não é isso, só não queria que você ficasse desprotegida.”

Ela segurou o meu rosto com as duas mãos e me beijou na boca. Foi um beijo breve, um beijo de boa-noite apenas, mas ela mudou de ideia e, após ter-se afastado de mim, voltou outra vez e de novo me beijou, com vontade. De olhos fechados foram vindo à minha mente cenas recentes, no quarto, na biblioteca, na cozinha, na piscina. De repente ela interrompeu o beijo e me afastou, as mãos empurrando meu peito.

Eu estava meio zozzo, os olhos semicerrados, quando ela se desvencilhou dos meus braços e disse, respondendo à pergunta que eu nem me lembrava mais de ter feito:

“Tenho outra arma comigo, no quarto. Durmam bem.”

Fiquei parado no meio da sala por alguns instantes, até que o Gordo me cutucasse.

“Quer um conselho, André?”

Fiz que sim com a cabeça.

“Esquece essa mulher, pelo menos por enquanto. Um homem dividido jamais acertará um bom tiro, não se esqueça disso.”

“Onde foi que você leu essa bobagem?”

“Em lugar nenhum, inventei agora, e não é bobagem. Você precisa se concentrar na final do campeonato, entendeu? Deixa as mulheres pra depois. Se quer pensar em alguém, pensa em Lívia, que vai te dar menos trabalho.”

“Vou tentar.”

Ajeitei meu colchonete, coloquei a pistola debaixo do travesseiro.

Se eu parasse para pensar, teria consciência do ridículo em que me encontrava. Estava dormindo na sala, com uma arma sob o travesseiro e o Gordo ao meu lado, enquanto naquele mesmo apartamento, em quartos separados, sozinhas, nuas talvez, dormiam as duas mulheres mais lindas do mundo, incapazes de me expulsar da cama se fossem outras as circunstâncias. Apaguei o abajur com um soco.

“O que foi isso?”, o Gordo perguntou, assustado com o barulho.

“Nada, não foi nada.”

Dormimos.

No dia seguinte, Rosália apareceu logo depois do café da manhã.

“Pronto para o nosso passeio?”, perguntou, tentando, em vão, ser simpática.

“Podemos sair daqui em segurança, Mariana?”, perguntei.

“Sem problemas. Falei com Montenegro, ele autorizou. Um carro com três homens vai seguir vocês.”

“Quando foi que você falou com o Montenegro?”

“Hoje, bem cedo, você ainda estava dormindo.”

Tomei mais um pouco de suco de laranja. Tinha acordado de péssimo humor e suco de laranja costumava me acalmar. Era assim desde criança, nem minha mãe, nem meu pai, nem médico nenhum conseguia explicar o fenômeno, vitamina C funcionar como calmante, mas funcionava, suco de laranja me deixava mais calmo.

“Vamos?”, eu disse a Rosália.

Pegamos nossas coisas e descemos até a garagem.

Rosália me indicou o carro, a Mercedes vermelha, dizendo que era um modelo esportivo feito sob encomenda. Entramos.

“Quer que eu tire da garagem?”, ela perguntou.

“Acho melhor.”

Não iria correr o risco de arrebentar com o carro antes mesmo de sair da garagem, seria ridículo.

Rosália deu partida e saiu. Reparei que não engatou nenhuma marcha.

“Câmbio automático”, ela disse, “sem caixa de marchas, sem embreagem, só acelerador e freio.”

Do lado de fora do edifício trocamos de lugar. Parti com o carro, devagar, desci a ladeira, peguei a rua do canal, subi na direção de São Conrado. Nunca tinha viajado de avião e nunca tinha dirigido uma Mercedes mas naquele momento tive a nítida impressão de que deviam ser duas coisas muito parecidas. O carro planava, era esse o termo, planava sobre o asfalto.

Rosália foi me ensinando tudo, como controlar o acelerador, o que significava cada um daqueles botões do painel, até como funcionava o sistema de alarme.

Quando já nos aproximávamos do último túnel antes da Barra, Rosália colocou um CD para

tocar. João Gilberto.

“Você gosta de João Gilberto?”, perguntei.

“Surpreso?”

“Um pouco.”

“Você não sabe nada de mim, André. Minha vida dá um romance.”

Aquela frase me lembrou uma história que eu tinha lido, muito engraçada. Comecei a rir.

“O que foi?”, ela me perguntou, séria.

Parei, estava sendo deselegante. Podia não gostar daquela coroa, certo, mas era uma mulher refinada, estávamos a sós num carro de bacana passeando pela Niemeyer, o mar lá embaixo, as montanhas mais à frente, o túnel, a voz e o violão de João Gilberto em “Retrato em branco e preto”. Era necessário um mínimo de compostura.

“Desculpa, não tem nada a ver com você, me lembrei de uma piada.”

“Tudo bem. Você tem um sorriso bonito.”

“Obrigado.”

Não dei assunto. Ela percebeu que eu não estava a fim de conversa, queria dirigir um pouco, sentir o carro, saber mais ou menos como funcionava, só isso.

Sem que eu pedisse, ela começou a contar sua vida, a que dá um romance. Falou da infância pobre no interior de não sei onde, da chegada ao Rio, do casamento, dos filhos, das traições do Murilo Chaves, contou trezentas situações em que se sentiu humilhada, pisoteada, ferida, a última das mulheres. Não se parecia nada com aquela senhora cheia de si, a grande dama da festa do Murilo Chaves, ou a Rosália de retórica perfeita, de raciocínio exato. Estava completamente entregue, na lama, e senti que a qualquer momento iria cair no choro.

Eu não estava interessado na biografia de Rosália. Desliguei. Agora dirigia pela orla, vendo de relance as ondas fortes rebentando na praia. Ela continuou falando sozinha por um bom tempo.

Aumentei o volume do som. Ela calou de repente. Esperei um tempo, até ter certeza de que não voltaria a falar da sua vida. Então abaixei outra vez.

Por um momento julguei que ela não iria reagir. Ledo engano.

“Você sabe que carro é esse que você está dirigindo, seu imbecil?”

Não respondi. Ela tirou um frasco da bolsa, tomou um comprimido.

“Calmantes?”, perguntei.

De rabo de olho percebi que ela me fuzilava. Depois abaixou a cabeça e ficou um tempo assim. Pensei que estivesse chorando.

De repente se empertigou toda, ajeitou o cinto de segurança e começou a disparar uma palavra atrás da outra, quase sem respirar:

“Airbags dianteiros, programa eletrônico de estabilidade, retrovisor interno com antiofuscante automático, sensor de chuva, coluna de direção com ajuste manual, limpadores de faróis, persiana do vidro traseiro com acionamento elétrico.”

Achei que ela fosse ter um troço mas não, continuou, alucinada:

“Vidros elétricos, freios de emergência, câmbio automático de cinco marchas, faróis com lâmpadas de xenônio, detector de ocupação do assento do acompanhante.”

“Quê? Detector de ocupação do assento do acompanhante? Que merda é essa?”

“E com teto solar”, ela disse, acionando alguma coisa no painel. O teto do carro se abriu e senti o sol e o vento no meu rosto, um calorzinho bom.

“Cintos de segurança dianteiros com pré-tensionador e limitador de tensão, limitador de velocidade, kit de primeiros socorros...”

“Não quero comprar seu carro, muito obrigado.”

Ela falava como um vendedor com distúrbios mentais.

“Motor v8”, ela disse e parou, finalmente.

Eu já fizera o retorno quando ela começou a sandice e agora estávamos voltando para casa.

“Você não merece dirigir este automóvel. Sabe que ele vai de 0 a 100 quilômetros em sete segundos? E que alcança a velocidade de até 250 quilômetros por hora?”

“Eu não preciso andar 250 quilômetros em uma hora. Se andar 250 quilômetros em três dias ainda sobra muito tempo na minha vida pra beber cerveja.”

Entramos no túnel. No escuro cheguei a ficar com medo do que aquela demente pudesse aprontar, talvez tivesse uma faca escondida na bolsa, quem sabe. Saímos do túnel. Nada, nenhum punhal. Parecia mais calma. Voltamos em silêncio até o Leblon. Estacionei, desci do carro, ela passou para o banco do motorista.

Do lado de fora, quis me despedir de Rosália. Eu tinha essa mania, podia brigar horas com uma pessoa, com a Raquel, por exemplo, xingar todos os palavrões jamais sonhados, descer ao fundo do poço, mas quando acabava não conseguia ir embora sem dizer tchau. Desligar telefone na cara dos outros eu desligava, numa boa, mas sair sem me despedir era impossível. Não era por educação, humanidade ou o que seja, era uma mania mesmo, como tantas outras.

Pela janela Rosália ficou me olhando por alguns segundos, fixamente. Pela primeira vez pude ver o medo nos olhos dela. Era uma mulher madura, milionária, mas tinha medo, e isso talvez fosse a única coisa que nos unia. Ela me olhava como quem pede ajuda.

Apoiei as mãos no teto do carro e disse, tentando ser gentil:

“Escuta, Rosália, eu...”

“Será que posso subir?”

Pensei um pouco.

“Acho melhor não.”

Eu havia decidido que até sábado só estaria com meus aliados, e Rosália não era minha aliada.

Ela entendeu. E não gostou. Eu ainda quis dizer alguma coisa, algo que a confortasse um pouco, mas não deu tempo. Ela levantou os vidros, com raiva.

Já ia sair mas mudou de ideia. Abaixou os vidros novamente e me disse, amarga:

“Agora você já pode dizer aos seus amigos que dirigiu uma Mercedes.”

E partiu.

Antes de subir os degraus da portaria vi, na esquina, um carro preto estacionado, com dois homens de terno dentro dele. Só podiam ser seguranças do Montenegro, e certamente não seriam os únicos, devia ter mais gente escondida em algum lugar, talvez até mesmo no interior do prédio. Na escada de incêndio, por exemplo, falei comigo mesmo, em voz alta.

Cumprimentei o porteiro. Tive a impressão de que ele me olhou de um modo diferente, meio desconfiado. Será que me ouviu falando sozinho?

“Algum problema?”, perguntei.

“Não, senhor, problema nenhum”, ele respondeu, sério, abrindo a porta do elevador.

Subi. Encontrei o Gordo na sala, andando de um lado para o outro.

“Até que enfim você chegou. Preciso te mostrar uma coisa.”

“O que é?”

“Vem comigo.”

Fomos à biblioteca. Lívia já estava lá, sentada numa poltrona, folheando uma revista qualquer.

“Dá uma olhada nisso aqui, André”, o Gordo falou, me passando um jornal.

Fui até a mesa, puxei uma cadeira, sentei. Afastei uns livros que alguém deixara espalhados, abri o jornal. Era uma matéria de página inteira, sobre o Epifânio de Moraes Netto.

“Essa não é exatamente a leitura mais adequada pra se começar o dia, eu sei”, o Gordo comentou.

“Meu dia já começou há horas, e muito mal.”

Comecei a ler. O texto dizia que o Epifânio acabara de receber um prêmio do governo francês. Elogios de pessoas importantes, escritores consagrados, críticos literários etc.

“Bando de idiotas!”

“Calma, o pior ainda vem por aí.”

A matéria continuava com um comentário geral sobre os livros do Epifânio. Em destaque, uma resenha de *As flores do bem*. A autora da resenha dizia que o livro era um marco na história da literatura brasileira, uma obra ousada, de profundo lirismo. Dizia também que o Epifânio fazia jus ao próprio nome, já que aquelas páginas só poderiam ter sido escritas a partir de uma sagrada epifania. Ridículo.

“Vira a página.”

“Tem mais?”

“Claro.”

Virei. Uma entrevista com o crápula. Título: **O novo candidato a imortal**.

“O que é isso?”

“O cara está se candidatando à Academia Brasileira de Letras.”

Era verdade. O entrevistador perguntou o motivo da candidatura e o Epifânio respondeu que nunca tivera essa pretensão, considerava a si mesmo um escritor menor, um diletante apenas, mas atendera a pedidos de amigos e a centenas de e-mails e cartas de leitores que só esperavam o seu consentimento para iniciar uma campanha a seu favor. Alguns membros da Academia também haviam conversado com ele, informalmente, ressaltando a importância de obras como *As flores do bem* num mundo dominado pela violência e pela corrupção.

No centro da página havia uma foto enorme do Epifânio. Foto colorida, ele de terno, o rosto cuidadosamente escanhado, os cabelos ligeiramente grisalhos penteados para trás com gel, um largo sorriso no rosto. Era a própria imagem da simpatia. Segundo indicava a legenda, a foto tinha sido tirada na biblioteca particular do Epifânio. Ao fundo, via-se a estante carregada de livros.

“Era isso que você queria me mostrar?”

“Acho que você não analisou com cuidado o material.”

“Já li o texto. O puto ganhou um prêmio literário, vai se candidatar à Academia, e daí?”

“Repara atrás dele, nos livros.”

Peguei novamente o jornal, fiquei observando a foto atentamente. Dava para ver a lombada de

alguns livros, ler os títulos. Dei uma passada por eles mas não vi nada de excepcional.

“Presta atenção, tem um livro aí no meio que é uma pista quente.”

Tentei outra vez.

“Chega, Gordo, não tem pista nenhuma aqui.”

“Sinceramente, o álcool andou queimando seus neurônios. Vou te dar uma última dica: dá uma olhada nesse livro vermelho, do lado direito do Epifânio, e me diz qual é o título, por favor.”

“O vermelho?”

“Sim.”

Li em voz alta:

“*Cântico dos cânticos.*”

O Gordo ficou esperando uma reação.

“Continuo não entendendo.”

“Rapaz, seu problema é mais sério do que eu pensava. Definitivamente, a cerveja anda afetando sua memória”, ele disse, tirando do bolso o livrinho que Lívia trouxera de sua rápida passagem pelo campeonato e o colocando à minha frente.

“Sabe o que é isso? Ainda se lembra?”

“Claro, é o livro com o regulamento do campeonato.”

“Graças a Deus, nem tudo está perdido.”

O Gordo deixou o livrinho diante de mim, aberto na página que contém a epígrafe. Foi bater os olhos naquelas palavras e entender tudo. Como foi que demorei tanto a perceber? Na página que o Gordo indicara estava escrito:

Aonde foi o teu amado, Coro
ó mais bela das mulheres?
Para onde se dirigiu o teu amado?
Iremos contigo à sua procura.

O meu amado desceu ao seu jardim, Ela
aos canteiros de bálsamo,
para apascentar seu rebanho entre jardins
e colher lírios.
Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu.
Ele é pastor de rebanhos entre lírios.

Cântico dos cânticos (6, 1-3)

“Lembrou agora?”, o Gordo perguntou.

Me levantei da cadeira, com o jornal na mão.

“Que cara de pau! O sujeito nem disfarça, deixa o livro à vista de todo mundo, é um cínico!”

“Na verdade, quase ninguém sabe que o livro tem a ver com o campeonato. E você mesmo levou um tempo até relacionar uma coisa com a outra.”

“É um cínico assim mesmo, fica brincando com o perigo, o canalha.”

Lívia veio até onde estávamos. Sentou na beirada da mesa, cruzou as pernas. Dois pares de olhos se voltaram instantaneamente para aquelas pernas cruzadas.

“Se eu entendi direito, vocês estão dizendo que o Epifânio é um dos líderes porque tem esse livro aí na casa dele. Será que não dá pra perceber que essa conclusão é completamente idiota?”

O Gordo contraiu as sobrancelhas, sinal de que estava começando a se irritar.

Lívia continuou:

“Aposto que nessa biblioteca, exatamente aqui onde estamos, também tem uma edição do

Cântico dos cânticos e nem por isso vocês vão dizer que Mariana está envolvida com a máfia do campeonato. Ou vão?”

“Minha bela ninfeta de olhos azuis”, o Gordo disse, se aproximando de Livia, “uma coisa é você ter em casa um livro desses, outra é ele estar na biblioteca de um suspeito. O contexto, minha cara, o contexto é o que importa. Não se deve ler nada fora do contexto.”

Livia fez uma reverência:

“Obrigada, mestre, não sei como pude viver até hoje sem essa informação.”

Resolvi intervir:

“Concluindo, o que temos então é o seguinte: o Senhor Preto é, ou era, o Murilo Chaves, como a própria Rosália nos contou. Certo?”

Eles concordaram.

“E o Epifânio, pelo que tudo indica, é o Senhor Branco.”

“É o que as pistas estão dizendo”, o Gordo completou.

“Resta saber então um último detalhe: quem é o Senhor Cinza.”

Olhei para Livia, ela não disse nada. O Gordo tinha um risinho debochado no rosto.

“Quem você acha que é, Gordo?”

“Precisa responder?”

“Se não for muito incômodo...”

Ele fez um pouco de suspense, arranjou os livros sobre a mesa, guardou o jornal. Eu e Livia esperando. Ele finalmente falou:

“Não há dúvida. O Senhor Cinza é o Montenegro.”

Eu também tinha essa opinião, embora sem muita certeza.

“Pelo nome dele, combinaria mais se o Montenegro fosse o Senhor Preto”, eu disse.

“Você ainda não percebeu que esses caras adoram uma confusão? Parece que fazem de propósito, é impressionante! Aposto que Montenegro é um nome falso. Não duvido nada que o palhaço tenha inventado esse nome só pra dar um nó na cabeça da gente.”

“Mas se o Montenegro é um dos líderes do campeonato, por que teria me contratado pra resgatar o filho dele? Ele mesmo poderia ter feito isso.”

“Tenho uma hipótese.”

“Mais uma.”

“Você já ouviu falar em elemento surpresa?”

“Prossiga.”

“O Montenegro poderia, claro, colocar todo o seu exército contra o Murilo Chaves, mas talvez não fosse essa a saída mais inteligente, pelo contrário, é provável que o próprio Murilo já contasse com uma reação assim. Por que, então, não fazer a coisa de outro jeito? Por que não trabalhar em silêncio, pegar o adversário onde ele menos espera? Quem poderia imaginar que o Montenegro estivesse planejando usar um apostador, ou um falso apostador, pra trazer o filho de volta?”

“É, faz sentido.”

“Imagina: o Murilo Chaves sequestra o filho do Montenegro e o coloca como competidor no campeonato. O Montenegro não reage, fica na dele. O Murilo deve ter pensado: que diabos o Montenegro está tramando? Vocês entenderam a sutileza do plano? Como preparar uma defesa se

você não sabe de onde vem o ataque?”

“O ataque sou eu.”

“Justamente, meu amigo, você é o elemento surpresa. Você é que nem aqueles beques que saem da defesa e chegam de repente na área adversária. Os caras do outro time estão marcando os atacantes e os homens de meio-campo, cada um com o seu, e de repente surge um zagueirão lá de trás, feito um foguete, ninguém sabe como foi que o puto apareceu, ele chega com tudo e dá uma porrada na bola, de bico, de cabeça, de canela, do jeito que for, e o outro time só percebe o que aconteceu quando a bola já está no fundo da rede. Entendeu, camarada?”

“Mas você não acha que é um plano meio rocambolésco demais esse do Montenegro? Será que precisava de tanto?”

“Isso eu não sei, André. O que se passou na cabeça desse crápula eu não posso adivinhar, o máximo que podemos fazer é formular uma hipótese provável, a partir dos elementos que temos. E tudo leva a crer que o plano do Montenegro foi usar você pra pegar o filho de volta.”

“Bom, nesse ponto ele não mentiu. Desde o início ele disse que queria que eu trouxesse o Pedro de volta. A sacanagem foi não ter me contado a verdade inteira.”

“Ele não é burro. Se tivesse te contado tudo, você não toparia fazer o serviço nem que te pagassem um milhão de dólares. Ele foi te seduzindo aos poucos, com dinheiro, com pequenas chantagens emocionais, apelando pro seu coração de bom moço e tal. E agora, com o perdão da palavra, você está irremediavelmente fodido.”

Então tinha sido esse o plano do Montenegro. Desde o começo, desde o primeiro telefonema, os encontros no carro dele, as fotos, as informações sobre o filho, os envelopes com os dólares, a referência a meus pais, só agora percebia como tudo estava articulado. As coisas começavam a fazer sentido, finalmente chegávamos à solução do enigma, à resposta para o fato de um cara rico e poderoso como o Montenegro ter procurado um detetive inexperiente como eu.

Infelizmente, saber disso não diminuía em nada a enrascada em que havíamos nos metido, eu e o Gordo. A única diferença era que, a partir daquele momento, nós sabíamos por que e por quem estávamos sendo usados.

“Resumindo, Gordo, o que você está me dizendo é que o meu cliente é um falso cliente.”

“Assim como você é um falso detetive.”

“E, por consequência, você é um falso assistente.”

Aquelas eram verdades difíceis.

Permanecemos em silêncio durante um tempo, meditando.

Lívia tinha ouvido quieta a nossa conversa. Quando paramos de falar, ela esperou um pouco e então disse:

“Eu também tenho uma hipótese.”

Ficamos aguardando que ela continuasse mas ela simplesmente desceu da mesa e ficou em pé, à nossa frente, cabeça baixa, olhando para as unhas das mãos. Ficou ali, brincando com o esmalte das unhas. Aquilo me irritou.

“Mas será que todo mundo nessa casa tem que fazer suspense antes de dizer alguma coisa?”

O Gordo pegou no meu braço, me pedindo calma.

“Minha hipótese é a seguinte: o Senhor Cinza é o baixinho.”

“Hem?!”, eu e o Gordo dissemos ao mesmo tempo.

“O baixinho da festa do Alto, aquele que recebeu um envelope do Murilo Chaves. Desde que você me contou essa história que desconfio dele.”

Eu e o Gordo estávamos boquiabertos. O baixinho tinha sido riscado sumariamente da nossa lista de suspeitos.

“E será que a nossa digníssima aprendiz de detetive”, o Gordo falou, “poderia nos dizer por que acha isso?”

“Intuição feminina.”

Olhei para o Gordo. Ele estava sério. Esperou um pouco e depois disse:

“Não pense que vou discordar de você, Lívia. Se você tivesse apresentado uma argumentação lógica eu certamente iria analisá-la e, provavelmente, não estaríamos de acordo. Mas intuição feminina já é outro departamento.”

“Como é que é?”, perguntei.

“Jamais duvido da intuição de alguém, sobretudo de uma mulher.”

Putz, onde é que eu fui me meter?, pensei comigo mesmo.

Me aproximei de Lívia, encarei-a:

“Sobre a sua... suspeita...”

Dei uma pausa. Depois completei, olhos nos olhos:

“É pra valer?”

“Claro que sim.”

“Você não está brincando comigo?”

“Você sempre acha que eu estou de brincadeira, não é?”

“Quer dizer que você acredita mesmo que o baixinho é um dos líderes do campeonato.”

“O Senhor Cinza, pra ser mais exato.”

“E isso é pura intuição.”

“Puríssima.”

Fiquei analisando seu rosto por um tempo.

“Você sabia que essa sua intuição bagunça tudo que eu e o Gordo descobrimos até agora?”

“Sinto muito, essas coisas a gente não pode escolher.”

Olhei na direção do Gordo.

“E então?”, perguntei.

“Não se preocupe, André, já sabemos a identidade de dois dos três líderes. O terceiro pode ser o Montenegro, como pensamos, ou o baixinho, se Lívia estiver certa. De qualquer forma, já descobrimos bastante coisa, se compararmos o que temos agora com o que tínhamos no início das investigações.”

“Mas é que o baixinho não tem nada a ver com o Murilo e o Epifânio. Não leva o mínimo jeito pra líder de coisa nenhuma, a não ser líder dos bebuns.”

“Não há como saber agora, meu amigo, precisamos ter um pouco de paciência. Fica tranquilo, estamos trabalhando bem.”

“Espero que sim.”

Na sexta-feira Mariana chegou com o equipamento: uma caixa de papelão que eu e o Gordo recebemos na portaria. Com excessivo cuidado, como se carregássemos dinamite, levamos a caixa até o elevador, subimos. Lívia abriu a porta do apartamento, deixamos a caixa sobre o tapete da sala. Ficamos os três de pé, em volta daquele cubo de papelão, mantendo um respeitoso silêncio.

“Relaxem, não tem nenhuma bomba aí dentro”, Mariana disse, antes de abrir a caixa com um estilete.

Havia várias peças, de tamanhos diversos, envolvidas em tiras de espuma.

“Tudo isso vai ser montado ainda.”

“Não me parece nada discreto”, eu disse.

“Nem precisa ser. Essas peças são para a mesa de operação que vou instalar na nossa base. O que vai com você, na sua roupa, está aqui”, ela mostrou uma pequena caixinha de madeira, dentro da caixa maior.

“E onde será o nosso valoroso QG?”, o Gordo perguntou.

Mariana acendeu um cigarro. Ela raramente fumava.

“Não sabemos ainda onde exatamente vai ser realizada a final”, ela começou dizendo, “mas acredito que eles repitam o mesmo lugar da primeira vez.”

“Não seria a atitude mais inteligente”, o Gordo cortou.

“Sim, mas talvez eles não tenham tido outra escolha. Se fossem montar toda a estrutura em outro local levariam muito tempo e isso sim poderia significar um alto risco, sobretudo sabendo que uma das competidoras, Lívia, está por aí, podendo botar a boca no mundo e acabar impedindo a realização da final. Eles têm que agir com rapidez e o risco menor seria manter o lugar já montado, até porque, como vimos, nem mesmo os apostadores sabem exatamente onde fica.”

“É verdade”, o Gordo disse.

“Pois bem, supondo que o local onde será realizada a final do campeonato seja mantido, e considerando o depoimento de Lívia quando de sua fuga com o Santo, a final será disputada em algum lugar próximo a Petrópolis.”

“Então por que o helicóptero?”, perguntei.

“O helicóptero pode estar sendo usado justamente pra dar a impressão de que o local é longe de Petrópolis. Eles apanham o apostador perto da cidade, na altura do Km 85, como sabemos, e ficam dando voltas com ele por ali mesmo. Como o apostador está vendado, imagina que estão voando pra um lugar bem longe.”

Ela deu uma tragada, soltou a fumaça devagar, formando uma nuvem à sua frente, uma cortina de fumaça. Depois perguntou:

“Concordam comigo?”

“Eu acho que você está certa, até o momento”, Lívia respondeu.

Eu e o Gordo concordamos.

“Supondo que a final vá acontecer em algum ponto da serra, meu plano é o seguinte. Vamos seguir André no meu carro, a uma distância segura. Ele vai entrar na estradinha de terra e então nós seguimos direto pra Petrópolis. Rosália tem casa lá. Vamos pra casa dela.”

“Cúmulo da ironia”, o Gordo disse, “vamos comandar uma operação de espionagem do

campeonato de dentro da casa do Murilo Chaves. Estou começando a gostar desse plano.”

“Espionagem e salvamento”, corrigi, “não esqueça que vou trazer o Pedro de volta.”

“Claro, meu amigo, serviço completo.”

“Na casa de Rosália eu monto a mesa de operação, e de lá manteremos contato com você”, Mariana disse.

O Gordo levantou o dedo:

“Só uma perguntinha imbecil: por que não podemos montar essa geringonça aqui mesmo?”

“Por um motivo: estando mais perto de André, posso utilizar um equipamento de contato e de filmagem mais eficiente, se a base fosse no Rio e ele estivesse em Petrópolis ficaria bem mais difícil. Não seria impossível, claro, o problema é que levaria mais tempo e preciso ajeitar tudo até sábado.”

“Ou seja”, o Gordo concluiu, “você preparou um equipamento contando com a possibilidade de a final ser realizada perto de Petrópolis. Nesse caso, se o seu raciocínio estiver errado, se a final for na Conchinchina, estamos ferrados.”

“Eu precisava arriscar.”

O plano de Mariana não era ruim. A única coisa que não estava me agradando era o fato de saber que os seguranças do Montenegro subiriam com eles para Petrópolis. Achava melhor os três ficarem bem longe do Montenegro depois que eu saísse do apartamento de Mariana, mas logo compreendi que isso seria impossível, o canalha não iria deixá-los até ter certeza de que o filho tinha sido salvo. Era a sua garantia de que eu não voltaria atrás no combinado.

“É”, o Gordo disse, “em vista dos fatos, creio que seja um bom plano.”

Mariana olhou para mim. Eu não disse nada.

“Tudo bem, André? Posso seguir adiante?”

Assenti. Ela pegou a caixinha de madeira, abriu. Havia uma caneta-tinteiro, um pequeno objeto prateado, redondo, parecido com um botão, e um brinco, pelo menos parecia um brinco, pequeno, dourado, em forma de esfera.

“Isso”, ela pegou a caneta-tinteiro, “é uma microcâmera. Grava e transmite imagens.”

“Transmite?”, o Gordo perguntou, levantando-se e vindo até onde Mariana estava.

“Sim, a uma distância de até 4.000 metros.”

“Espera um pouco. Você está querendo dizer que se o André estiver a menos de quatro quilômetros do nosso QG poderemos ver, ao vivo, as cenas que ele filmar?”

“Exatamente.”

“Putaque o pariu!”, ele disse, socando a mesa, “então essas coisas existem mesmo!”

“Lógico. E se tivéssemos tempo eu poderia conseguir equipamentos mais sofisticados.”

“E as imagens são coloridas?”, Livia perguntou.

“Não, em preto e branco.”

“Ótimo, adoro filmes em preto e branco!”

“Seria sorte demais o André estar assim tão perto, Gordo. A microcâmera vai funcionar mais como registro das imagens. São provas que poderão identificar e incriminar muita gente, é disso que precisamos.”

“Rosália precisa”, Livia consertou.

“Ela principalmente mas nós também. Ou vocês não querem acabar com essa máfia?”

“Prossiga”, o Gordo pediu, e apontou para o objeto prateado, “esse botão serve pra quê?”

“Não é botão, é um transmissor. Será costurado dentro da lapela do paletó do André. É através dele que o André vai poder falar conosco.”

“E se a gente quiser falar com ele?”, Livia perguntou.

“Ele vai estar com um receptor”, ela respondeu, pegando o brinco.

“Ele vai precisar furar a orelha?”, Livia perguntou.

“Não, o brinco é de pressão.”

“Não sei se ele vai ficar bem de brinco.”

Olhei para Livia, caprichando no olhar de censura.

“Desculpa”, ela disse.

O Gordo quis saber o alcance do transmissor e do receptor.

“Quinze mil metros”, Mariana respondeu.

Resumindo, pensei comigo, tudo daria certo se a premissa estivesse correta: o local da final do campeonato fosse mesmo nas proximidades de Petrópolis. Caso contrário, eu estaria a meio passo do cemitério, e meu amigo e minhas duas mulheres também.

“Mas vejam só, todo esse material é para o caso de o plano do Montenegro falhar, é apenas uma precaução. Se o que ele planejou der certo, nem vamos precisar falar com o André, basta ele gravar as cenas com a microcâmera.”

Mariana continuava otimista mas eu ainda não estava convencido.

“Voltamos ao início”, comentei, “estamos nas mãos do puto do Montenegro.”

“Vai dar certo, André, você vai ver”, Mariana falou, me dando um abraço demorado. Livia se afastou, de cara amarrada.

“Bom, se não tem outra saída o jeito é confiar, meu irmão”, o Gordo disse, a mão no meu ombro.

Na noite de sexta não dormi quase nada. Tive um sonho muito estranho. Era como se fosse um romance ou um filme, não sei direito. O que sei é que havia um homem e uma mulher, os dois numa casa, numa praia deserta, sentados um de frente para o outro na sala. Ele numa cadeira, ela numa poltrona. Só que ela estava amarrada. Então no sonho a gente ficava sabendo que o homem havia sequestrado a mulher e tinha dito a ela que não fizera aquilo para pedir resgate nem nada, sequestrara a mulher porque precisava lhe contar uma história, só isso.

No sonho o homem falava e a mulher escutava, e ao mesmo tempo que o homem falava as imagens iam aparecendo junto. Eram imagens de mulheres, sempre de mulheres, morenas, loiras, ruivas, brancas, negras, uma chinesa me chamou a atenção, e uma prostituta de olhos tristes, e de repente apareceu um gordo que sabia a língua dos pombos e conversava com eles, depois a imagem era de novo a da sala, só o homem e a mulher amarrada, e ele tornava a contar uma história depois da outra, sem fim.

Acordei assustado. Estava com a roupa empapada de suor. Fui cambaleando até o banheiro, dei uns tapas na minha cara para voltar ao mundo real. Fiz a barba, tomei uma ducha e me vesti.

Era a segunda vez na minha vida que eu usava um terno. Conferi meus documentos, os documentos do carro, minha autorização de entrada, com os selos dos três líderes, a caneta-tinteiro,

passei os dedos sobre a lapela do paletó, sentindo de leve o contorno do transmissor.

Coloquei o brinco. Enfiei a mão num dos bolsos do colete: lá estava a pequena carteira de couro, com os três cartões magnéticos e um papelzinho com as senhas anotadas. O Gordo me aconselhou a decorar as senhas mas eu preferi assim, não tinha certeza de como estaria a minha cabeça quando precisasse usar aqueles cartões. Abri a maleta com os dólares que levaria comigo: 250 mil, a grana da aposta.

Estava sem fome. Mariana insistiu e consegui comer uma torrada com requeijão, tomei café e suco de laranja. O café da manhã transcorreu em absoluto silêncio, ninguém estava a fim de falar nada naquele momento. Descemos todos juntos no elevador. Lá embaixo, na recepção, Rosália nos esperava.

Fui até a garagem, peguei a Mercedes. Mariana, Lívia e o Gordo vieram falar comigo. Odeio despedidas, ainda mais sabendo que não se tratava de uma viagem a passeio, não estava indo passar férias no Caribe, droga.

Saí do carro. Abracei Mariana, que me deu um beijo na boca, de leve, apertei a mão do Gordo, fiquei um pouco mais de tempo com Lívia. Ela não queria se desgrudar de mim, me disse um monte de coisas, me fez prometer que não bancaria o herói. Eu não queria ser herói de nada.

“Quando você voltar, vamos fugir? Eu, você e o Gordo?”, ela perguntou, falando no meu ouvido.

“Vamos, vamos sim. Pode ir escolhendo o lugar.”

“Eu já tenho o lugar.”

“Onde?”

“É segredo, não quero que ninguém fique sabendo, por enquanto.”

“Nem eu?”

“Muito menos você.”

Ela me abraçou novamente, e nos beijamos. Lívia tinha os lábios frescos a qualquer hora do dia. Será que é da idade?, me perguntei, enquanto a beijava e tentava buscar na memória alguma palavra que definisse seus lábios. Orvalhados, foi a palavra que me ocorreu, Lívia tinha lábios orvalhados.

Nos separamos. Lívia, Mariana e o Gordo entraram no carro de Rosália, que esperava sentada ao volante. Atrás deles estacionou outro carro e dele desceram quatro brutamontes de terno. O primeiro brutamontes caminhou até Rosália, falou com ela, os outros três ficaram lá, esperando ao lado do carro, olhando para os lados, vigiando. Um deles, um branquelo de dois metros de altura, não tirava os olhos de mim.

O segurança que falava com Rosália veio até onde eu estava.

“Segue devagar, garotão, e não deixa de olhar no retrovisor de vez em quando”, ele me disse.

“E se eu não vir o carro de vocês? Faço o quê?”

“Você não vai ver o nosso carro.”

“Ah não? E pra que preciso ficar de olho no retrovisor?”

“Pra conferir se seus amigos estão por perto”, e depois, aproximando mais o rosto: “e é bom que estejam.”

Aquilo era completamente absurdo. Se acontecesse alguma coisa comigo, os seguranças estariam lá atrás.

“Algum problema?”, ele perguntou, percebendo a expressão do meu rosto.

“Só um: por que vocês não vão logo atrás de mim, e não do carro de Rosália?”

“Porque não há necessidade. Ninguém deve saber que você está sendo seguido por nós. Há outros dos nossos homens pela estrada, vão estar à sua frente.”

“Então por que...”

“Você está perguntando demais, meu chapa. Não estamos aqui pra proteger você, os outros caras vão fazer isso.”

Quanta ingenuidade! Por um momento esqueci que eles não estavam lá para cuidar da minha segurança, lógico, eles não queriam era perder Livia, Mariana e o Gordo de vista. A missão dos gorilas não era proteger, era vigiar.

E mais uma coisa: por que o cara havia me pedido para conferir sempre se o carro de Rosália estaria ou não atrás de mim? Deduzi o sentido do recado: o segurança deve ter ameaçado Rosália quando foi falar com ela, deve ter dito que se ela tentasse fugir eles me matariam. Logo, se eu olhasse para trás e não visse o carro de Rosália, a situação não ficaria nada boa para o meu lado.

Rosália não tinha motivo nenhum para fugir mas o Montenegro não queria correr riscos. Fica frio e faz o combinado, era o que o gorila tinha querido dizer, com sutileza. Achei graça da imagem: um gorila sutil.

“Está rindo de quê, rapaz?”, o segurança perguntou.

Fiquei sério.

“Nada, já entendi o recado.”

“Acho bom”, ele disse, abrindo ligeiramente o paletó, o bastante para que eu visse o revólver.

Entrei no carro, bati a porta.

“Bom, lá vai o cortejo”, eu disse a mim mesmo, dando partida e pisando no acelerador. Os outros me seguiram.

Liguei o rádio do carro, sintonizei numa estação só de música clássica. Não prestava atenção na música, minha cabeça vagava por aí, sem destino. Contornei a Lagoa, peguei o túnel Rebouças, desci o viaduto, entrei pela Avenida Brasil e segui direto. Poderia ter pegado a Linha Vermelha, era mais rápido, menos trânsito, mas me deu na telha de pegar a Avenida Brasil, peguei.

Dentro daquele carro não parecia que estava passando por pistas movimentadas, barulhentas, cercadas de favelas, já tinha passado por ali de ônibus e sabia exatamente qual era a sensação de estar no meio do trânsito da Avenida Brasil, dentro de um ônibus lotado, principalmente no calor, o inferno de fumaça, barulho, gente suada, motoristas mal-educados, olhava pela janela e via um mundo feio e hostil, e agora, no entanto, pela janela da Mercedes, podia rever tudo aquilo mas de outro modo, sem ouvir nada, no silêncio de dentro do carro, com o ar ligado. Parecia que estava dentro de um bom cinema numa primeira sessão, o cinema vazio, eu sentado numa poltrona confortável vendo um filme pela janela, um documentário sobre a Avenida Brasil.

Antes de pegar finalmente a Rio–Petrópolis conferi mais uma vez, pelo retrovisor: o carro de Rosália estava lá, um pouco atrás de mim, onde deveria estar.

Fui subindo a estrada. Fazia pouco mais de um ano que tinha ido a Petrópolis, no casamento de uma amiga da Raquel. A lembrança de Raquel me deu uma pontada no peito, uma dor fininha e breve, como uma picada. Estava sentindo saudades da Raquel?

“Não acredito”, falei pro meu rosto no retrovisor do carro, “você está com saudades da

Raquel”, e fiz uma cara de deboche, eu estava debochando de mim mesmo, ali sozinho. “Você não presta”, continuei, “você e Raquel são dois sem-vergonhas. Lembra da música, do pagode? Aposto que se ela aparecesse agora, no acostamento dessa estrada aí, se aparecesse agora, na sua frente, pedindo carona, você parava, colocava aquela piranha dentro desse carro de milionário, dava meia-volta cantando pneu e sumia no mundo. Estou certo?” Dei uma pausa. Olhei novamente para o retrovisor e disse: “Você sabe que eu estou certo, você sabe.”

No fundo sabia que aquilo que estava sentindo não era saudade da Raquel, era saudade da época em que estava com ela, do tempo em que era um estudante, ou um desempregado fodido sem um puto no bolso, era disso que tinha saudade, do tempo em que não tinha dinheiro nem pro ônibus e podia beber cerveja no balcão do pé-sujo da Barata Ribeiro, só me preocupando em pensar na desculpa para pendurar de novo a conta.

Agora estava ao volante de um carro importado, vestindo terno e gravata, barbeado, perfumado, e com uma pistola enfiada no cinto da calça. Ouvia música clássica no rádio e via a Mata Atlântica exuberante lá fora, pela janela.

Era uma cena de romance, eu não podia estar vivendo aquilo de verdade. Precisava de uma prova de que estava vivo, na vida real, de que aquilo era a vida real e não mais um dos meus sonhos malucos, então dei um grito, alto. Gostei da sensação, gritei de novo, mais alto, meti a mão na buzina, buzinei forte. Pelo retrovisor (o carro deles estava bem próximo do meu), percebi o olhar de espanto de Rosália e Mariana, que ia no banco do carona. Buzinei mais forte ainda, e seguido, mantive a mão na buzina por um minuto ou mais, fazendo um estardalhaço do cacete, gritava dentro do carro e o carro gritava por mim dentro da estrada, da mata, do mundo, a buzina era uma continuidade do meu grito desvairado, de desabafo, de revolta contra tudo e todos que me fizeram estar numa situação daquelas, gritei e buzinei até me sentir rouco, leve, vazio. Então parei.

Já estava chegando, dali a pouco veria a estrada de terra. Eu me sentia bem melhor. Vi a plaquinha: Km 85. Entrei. O carro de Rosália passou por mim e deu uma buzinação, de leve.

Dirigi até me deparar com o muro alto, de pedras escuras, cobertas de musgo. Segui contornando o muro, que fazia uma curva à esquerda, até chegar ao portão de ferro. Não dava para ver o que havia atrás do portão, não era um portão de grades, mas de ferro compacto. Parei o carro, retirei o cartão número um. Ao meu lado, à altura da janela do carro, um pedestal, também de ferro, com um pequeno furo. Desci o vidro, coloquei o braço para fora, enfiei o cartão ali. Logo em seguida, num ponto abaixo do furo, abriu-se uma janelinha com alguns números e letras. Consultei meu papelzinho, tecliei a senha número um.

O portão se abriu, devagar. Pude ver os jardins e, bem ao fundo, uma casa de três andares. Entrei com o carro, o portão se fechou atrás de mim. Não tive tempo de observar com atenção o lugar onde estava porque logo em seguida se aproximaram quatro caras encapuzados, com metralhadoras. Parei o carro. Dois deles ficaram bem na minha frente, com as metralhadoras apontadas para mim. Um outro fez sinal para que eu descesse e ficou me vigiando de perto. O quarto entrou no carro, apanhou a maleta com os dólares, contou o dinheiro, fez um sinal de positivo para os outros e saiu, levando a Mercedes.

Um dos homens pediu que eu apresentasse a autorização com os selos dos três líderes e meus documentos pessoais. Entreguei tudo, ele descansou a metralhadora num suporte, no próprio ombro. Conferiu os papéis, depois me revistou. Ficou com a pistola. Eu e Mariana já imaginávamos que isso fosse acontecer, trouxe a arma apenas por precaução, pensando em algum imprevisto no caminho. Não tiraram meu cinto, como eu temia, e assim não viram a caneta-tinteiro com a microcâmera, que Mariana prendera com velcro na parte interior do cinto. Também não perceberam o transmissor e o receptor. Achei tudo muito fácil, fácil até demais.

Dois dos seguranças seguraram meus braços, um de cada lado, e outro colocou uma venda nos meus olhos. Já seria o suficiente para que eu não visse nada mas ainda me enfiaram um capuz. O mundo virou um breu. Alguém, com uma tesoura, fez um buraco no pano, na altura do meu nariz, para que eu não morresse sufocado debaixo daquele troço.

Me empurraram numa direção qualquer. Obedeci. Andamos um pouco e ouvi o zumbido das hélices e o motor barulhento do helicóptero. Me suspenderam e me colocaram num banco. Senti que partíamos.

Durante um tempo indeterminado ficamos no ar. Sem relógio, sem poder ver nada nem ninguém, perdi completamente a noção de tempo, de modo que seria impossível precisar se fiquei trinta, quarenta minutos voando, ou se o voo durou horas.

Estava surpreendentemente tranquilo. Talvez o fato de não ver ninguém, de só sentir o vento e o

balanço, tenha me acalmado. Uma coisa é você saber que há pessoas armadas ao seu lado, outra é ver essas pessoas apontando armas para você. Cheguei a pensar no fato de que estava realizando metade de um sonho. Sempre, desde criança, era minha mãe que contava, sempre quis andar de helicóptero. Agora conseguia concretizar aquele antigo desejo mas, em compensação, não podia ver bulhufas, o que era a mesma coisa, ou quase, que não estar andando de helicóptero.

Aterrissamos. Me colocaram no chão e senti alguém desafivelar meu cinto. Tentei reagir e levei um soco na boca do estômago. Nos filmes parece que não dói tanto mas a sensação que tive na hora foi a de que um caminhão tinha passado sobre a minha barriga. Fiquei no chão, curvado, até me levantarem novamente, já sem o cinto. Os desgraçados tinham acabado de levar minha microcâmera.

Foda-se Rosália, foi o que pensei, lembrando que aquilo era coisa dela, eu não estava nem aí para aquela pasta cheia de dólares, meu único objetivo era sair dali com vida e, se possível, com o Pedro.

A barriga continuava doendo mas os caras estavam com pressa e me colocaram para andar novamente, naquela escuridão total. Antes ficaram com meu paletó e meu brinco. Adeus, contato com Mariana.

Quando retiraram meu capuz e a venda, me vi diante de uma porta de aço. Olhei em volta. Estava num cubículo de uns dois metros quadrados, atrás de mim uma porta, por onde os seguranças haviam saído, na frente outra. Nenhuma janela, ninguém por perto, nada. Mariana tinha razão, não era possível, depois do passeio de helicóptero e de ser largado ali naquela espécie de jaula, saber em que cidade, estado, em que país eu estava.

Retirei do colete a carteirinha de couro, peguei o cartão número dois e a senha. Enfiei o cartão no local indicado e digitei a senha num teclado. A porta abriu, passei. A porta foi fechada logo em seguida, com estrondo, lembrando a cena clássica de filmes de terror.

Eu estava diante de um corredor. Comecei a caminhar lentamente, cauteloso, ouvindo apenas o eco dos meus passos. O corredor parecia não ter fim, ia fazendo curvas à esquerda, à direita, como num impossível labirinto de mão única. Era baixo e estreito, sem janelas, as paredes e o teto de um material que me pareceu alumínio, ou aço, o piso de madeira, me deu vontade de tirar os sapatos, pelo menos assim evitaria que cada passo meu ecoasse tanto, mas não tive coragem, só continuei em frente, caminhando. Se sofresse de claustrofobia, já estaria bem mortinho, sem dúvida, era o que eu pensava quando cheguei ao final.

Apanhei o terceiro cartão, enfiei no buraco da porta, digitei a senha. Entrei.

“Caramba!”

Aquilo sim era uma suíte. Imensa, um salão com quadros e esculturas espalhados pelas paredes, pelos cantos, representando adolescentes, homens e mulheres, nus.

Caminhei até o centro da suíte, desci os dois degraus que levavam até uma piscina com aparelho de hidromassagem, o fundo de pedra, a água cristalina. Enfiei minha mão na água morna, deliciosa. Subi, caminhei em volta, vendo os objetos de arte.

Tinha lido uma vez numa revista que em alguns museus da Europa a iluminação é variável, você entra, fica diante de uma escultura, por exemplo, e a iluminação sobre a escultura vai variando, mudando de foco e intensidade, de modo que você vê a cada mudança uma obra diferente. Alguém

copiara a ideia e instalara na suíte uma iluminação assim, que realçava ora um, ora outro detalhe não só dos objetos como também do próprio ambiente.

Fiz o reconhecimento do lugar: num canto uma sauna, já aquecida, e uma porta que dava para o banheiro, noutra um sofá de três lugares, uma cadeira de balanço, uma mesa grande, sólida, de ferro maciço e tampo de tábuas corridas. Ao lado um bar, com geladeira, freezer, micro-ondas, taças, talheres, pratos, e várias garrafas de bebida colocadas sobre um aparador. Abri a geladeira, peguei uma cerveja, bebi no gargalo. Estava morrendo de sede e não sabia. Senti fome mas não quis comer nada daquele lugar, por medo e porque meu estômago ainda doía, o gorila tinha me acertado em cheio.

Uma das paredes era toda dividida em quadrados, em compartimentos de vidro separados por divisórias de alumínio. Parecia um grande armário envidraçado. Cheguei mais perto. Na parte inferior de cada um dos quadrados havia uma plaqueta, e só então pude entender que aquilo era mesmo um armário, cada quadrado daqueles guardava um produto diferente, ao gosto do freguês. Fui lendo as plaquetas:

CREMES EXCITANTES. ANÉIS. ALONGADORES. EXTENSORES. PROLONGADORES DE EREÇÃO. VIBRADORES. ALGEMAS. PLUGS ANAIS. CHICOTES. MÁSCARAS. BONECAS INFLÁVEIS. BONECOS INFLÁVEIS. CALCINHA COMESTÍVEL. CUECA COMESTÍVEL. PÊNIS SERRILHADO. MASSAGEADORES. VAGINA DENTADA.

Instintivamente levei a mão ao meu pênis e parei de ler. Não queria dormir de noite e sonhar com uma grande, enorme, monstruosa vagina dentada tentando me devorar.

“Seja bem-vindo, senhor Renato”, ouvi a voz e me assustei, “espero que esteja tudo a contento. O senhor pode se utilizar de quaisquer dos objetos à sua frente, ou solicitar algum em especial que porventura não esteja incluído nos compartimentos.”

Era voz de homem.

“Obrigado”, eu disse, gaguejando um pouco, “muito obrigado, está bem assim.”

“No microfone, por favor.”

Procurei o microfone. Foi então que vi o janelão escuro, do outro lado da suíte. Caminhei até lá. Era dali que assistiria ao campeonato, deduzi, me lembrando do relato de Lívia. À frente da grande janela de vidro havia uma mesa, tendo de um lado uma pequena luminária acesa, do outro um monitor de computador ligado, no centro um microfone e um pequeno livro com capa de couro. Aquele era um exemplar exatamente igual ao que Lívia havia me mostrado, começava a me dar conta de que estava realmente ali, no centro de tudo, em breve iria presenciar a final do campeonato, e um gosto de vômito subiu até a minha boca e parou. Segurei, não poderia dar mole justo quando a voz falava comigo.

“O microfone, senhor Renato”, a voz repetiu, diante da minha paralisia.

Me aproximei do microfone:

“Está tudo bem, não preciso de nada.”

“Ótimo. Saiba que estamos muito felizes de tê-lo conosco. Pedimos desculpas por qualquer aborrecimento que tenha passado no caminho até aqui, é um procedimento necessário, o senhor compreende.”

“Sim.”

“Sentimos muito pela morte do seu amigo. Estamos todos penalizados.”

Imagino, pensei.

“Mas a vida continua, não é verdade, senhor Renato?”

“É.”

“O senhor certamente já foi instruído a respeito do nosso regulamento. De todo modo, deixamos à sua mesa um caderno com as instruções. Se ainda assim precisar de algum esclarecimento basta nos chamar pelo microfone. Divirta-se. E boa sorte.”

“Obrigado.”

Dei um passo à frente, tentando sentar na poltrona, e não pude evitar: vomitei no microfone.

Tirei um lenço do bolso do colete, limpei a sujeira. Fui até o bar, peguei uma garrafa de água tônica. Odeio água tônica mas aquela desceu muito bem. Caminhei até o banheiro, lavei o rosto demoradamente, me olhei no espelho. Estava de camisa social branca, colete preto, gravata cinza, cores que não escolhi, faziam parte das instruções para entrar no campeonato. Com aquela roupa eu parecia um executivo que dera um intervalo no trabalho, para relaxar, ou um gângster que acabara de matar alguém e lavava as mãos e o rosto antes de dar o fora. Eu era um estranho, só os meus olhos me pareciam familiares.

Voltei à mesa, sentei na poltrona. Folheei o caderno, as mesmas coisas que já havia lido antes: “Bem-vindo a Aldebaran. Nós, animais de sangue quente” etc. Fiquei olhando o escuro da janela. Mais uma vez tive a impressão de estar dentro de um cinema, ou teatro, eu sentado na minha poltrona, na sala escura, esperando.

Uma luz apareceu do lado de fora, clareando o centro do salão onde aconteceria a final, um foco de luz iluminando uma cama de casal com lençol branco sem travesseiros ou almofada, e sem cabeceira, apenas uma cama, limpíssima. Era o início do espetáculo, aquela cena permaneceu congelada por alguns segundos, criando a expectativa. Minhas mãos suavam.

Um homem de fraque surgiu como que do nada, um outro foco iluminando sua caminhada até próximo da cama. Uma voz em off, grave, anunciou.

“Mister Blue, nosso árbitro para a grande final.”

O tal Mister Blue deu uma volta de 360 graus, lentamente, cumprimentando com um leve abaixar de cabeça os apostadores, que ele não via, atrás dos janelões. Quando se virou na minha direção, percebi que trazia um desenho na parte esquerda do paletó: o símbolo do *copyright*: ©, na cor azul, com fundo branco.

“Sejam bem-vindos, senhoras e senhores.”

Trazia um microfone sem fio na lapela. Senhoras, eu ouvi, quer dizer que também havia mulheres entre os apostadores. Rosália não havia dito isso, era uma informação importante, por que teria omitido uma coisa dessas? Tive um estranho pressentimento, a sensação de ter cometido um grande erro: na nossa lista de suspeitos simplesmente excluímos as mulheres. Agora era tarde demais.

“Antes de dar início à grande final”, ele continuou, de costas para mim por um momento, depois

virando-se, parecia um apresentador no picadeiro de um circo, falando e girando o corpo, devagar, “gostaria de lembrar a todos que a aposta mínima é de 250 mil dólares. As regras já são conhecidas, constando, caso haja necessidade de consulta, do pequeno livro que os senhores têm à sua frente. Aos que aqui estão pela primeira vez, avisamos que todo e qualquer consumo no bar ou a utilização de quaisquer dos equipamentos das suas suítes é inteiramente por conta da organização do campeonato, não cabendo aos senhores qualquer ônus por este serviço.”

“Grande coisa”, murmurei, com medo de alguma escuta indiscreta.

“Sem mais delongas, vamos à apresentação dos casais finalistas. Casal número um: Gabriel e Agnes.”

Dois jovens, de mãos dadas, nus, entraram no salão.

Pela descrição que Livia havia me dado, o rapaz devia ser o parceiro dela, ou ex-parceiro. A menina era de descendência chinesa. Belíssima. Estava no lugar de Livia. Parecia ter saído de um filme do Zhang Yimou. Como, onde aqueles canalhas tinham conseguido sequestrar, em tão pouco tempo, uma menina tão bonita como aquela? Deuses, pensei, esses caras devem se achar uns deuses, os filhos da puta.

“Agnes”, Mister Blue começou a apresentação, e neste exato momento o monitor, sobre a minha mesa, passou a mostrar detalhes do rosto, do corpo de Agnes.

“Catorze anos, brasileira, pais chineses, um metro e sessenta e cinco, cinquenta e quatro quilos. Cintura: sessenta e três. Ombro: oitenta e quatro. Busto: oitenta. Quadril: oitenta e cinco. Coxa: quarenta e oito. Panturrilha: vinte e oito. Pele branca, cabelos e olhos negros.”

Na tela do monitor aparecia Agnes de frente, de costas, de perfil. A imagem parou por instantes no rosto da menina. Vista assim, em *close*, os olhos cheios d’água, depois duas lágrimas rolando pelo rosto, parecia Gong Li na primeira cena de *Lanternas vermelhas*.

“Melhor rendimento na preparação: nado livre. Método de preparação: Gorki.”

Método Gorki? Ninguém tinha me explicado qual era o método Gorki, imaginei que os apostadores veteranos saberiam muito bem se utilizar daquela informação, o que lhes daria vantagem sobre os iniciantes, como eu.

Olhei para o vídeo. Agora era o rosto de Gabriel que enchia a tela. Era um cara bonito. Parecia cansado, os olhos sem expressão, fiquei tentando adivinhar o que se passava na cabeça daquele garoto. Já estava há um bom tempo prisioneiro, já havia disputado uma etapa, tendo Livia como parceira, agora estava prestes a se deitar com uma outra adolescente que nunca vira antes. Saberia que no dia seguinte, ou mesmo naquele dia, horas depois, estaria morto?

O árbitro começou a apresentação:

“Gabriel, brasileiro, pais brasileiros, um metro e oitenta, sessenta e quatro quilos.”

Magro. Com esse peso e, principalmente, com esse olhar, alguém apostaria nele? Assim como acontecera com Agnes, a tela, sobre a mesa, ia mostrando ângulos diferentes do corpo de Gabriel. Eu via aquelas imagens, ouvia a descrição do árbitro e sentia a boca seca, as mãos empapadas de suor, frio, fui ficando tonto, firmei as mãos sobre a mesa, com medo de desmaiar.

“Cintura: oitenta. Ombro: cento e dez. Tórax: noventa e sete. Braço: trinta. Quadril: noventa e cinco. Coxa: cinquenta e seis. Panturrilha: trinta e sete. Pele morena, cabelos negros, olhos castanhos. Melhor rendimento na preparação: corrida. Método de preparação: Ursinho Meireles.”

Merda! Será que o método Ursinho Meireles deixava o cara assim, pele e osso, os olhos de peixe morto, de propósito? Será que era o favorito? Por que ninguém me explicou como funcionavam esses métodos? A tontura foi aumentando, comecei a enxergar com dificuldade, levei a mão ao ombro, buscando a lapela do paletó, tentando me conectar com Mariana, sem me lembrar de que tinham levado meu paletó e estava incomunicável.

Ainda consegui ouvir o chamado do árbitro:

“Casal número dois: Lucas e Gracie.”

Lucas? O nome do cara era Lucas? Comecei a ficar desesperado, não conseguia enxergar muito bem o casal que estava entrando, fiz um esforço enorme para continuar consciente, precisava conferir se aquele moleque era o Pedro. Fixei meus olhos no monitor que transmitia a entrada do casal, a tela mostrou o rosto da menina, uma loira, alta, e o rosto do menino: um negro.

“Putá que o pariu”, foi só o que consegui dizer.

Era para ter sido um grito mas já não tinha forças e aquelas palavras devem ter saído da minha boca como um sussurro. Eu estava mal, muito mal, a cabeça girando, aquele não era o Pedro, eu caíra numa armadilha.

Mister Blue começou a apresentar as medidas do casal, como fizera anteriormente com Gabriel e Agnes. Não conseguia me concentrar no que ele dizia, não registrava uma palavra sequer, apenas via as imagens na tela do monitor. Minha cabeça estava longe, pensava no que poderia estar acontecendo com o Gordo, com Lívia e com Mariana naquele momento. Se o Pedro não estava no campeonato, todas as nossas deduções iam por água abaixo. O plano do Montenegro não era o que pensávamos, o filho dele não estava ali coisíssima nenhuma. Tudo o que havíamos planejado tinha dado errado. Não tinha como me comunicar com Mariana e, pior, não tinha a mínima ideia de como sair dali.

O monitor mostrava Gracie de vários ângulos. Era uma loura muito bonita, os olhos verdes, um corpo perfeito. Lucas era todo músculos. Detalhes dos corpos e das condições físicas dos dois continuavam aparecendo na tela ou sendo indicados por Mister Blue.

Minha tontura aumentava, parecia que a qualquer momento iria desmaiar. Quando acabou a apresentação do casal, ouvi Mister Blue dizer que os apostadores teriam quinze minutos para as apostas. Precisava agir, tinha que apostar também, caso contrário iriam descobrir que estava ali de penetra.

Na tela do monitor apareceu uma pergunta: “Você precisa de ajuda?”, seguida de um *sim* e um *não*. Claro que eu precisava de ajuda! Me deu vontade de clicar o *sim* e logo em seguida digitar: COMO É QUE EU SAIO DAQUI????? Cliquei o *sim*. Na tela apareceram as instruções, passo a passo. Tentei ler mas as letras foram se embaralhando, estava tudo embaçado, impossível entender aquilo.

Esfreguei o rosto com as duas mãos, com força. As letras ficaram mais ou menos nítidas mas ainda assim eu não estava em condições de decidir nada. Saí da frente do computador e fui andando até o bar da suíte. Bebi uma garrafa de água mineral num gole só. Abri outra, joguei sobre a minha cabeça. Olhei novamente para o monitor: uma mensagem dizendo que o tempo estava se esgotando, e a pergunta: deseja uma consulta pessoal?

SIM, respondi. Na tela surgiu o rosto de um homem.

“Pois não, senhor, em que posso ajudá-lo?”, o homem perguntou, solícito.

De imediato não reconheci aquele sujeito, mas alguns segundos depois minha memória voltou a funcionar. Eu sabia muito bem quem era aquele cara ali, diante de mim, na tela do computador.

“Porra, é o baixinho!”

Dei um pulo, derrubando a cadeira. O baixinho da festa no Alto, era ele que estava naquela televisão, o mesmo olhar asqueroso, aquele gordo safado, era ele que tinha acabado de falar comigo!

“Lívia estava certa, você é o Senhor Cinza!”, gritei.

“No microfone, cavalheiro, assim não posso ouvi-lo”, o baixinho me disse.

Peguei o microfone, fiquei diante da tela, numa posição em que ele podia me ver muito bem. Joguei pesado:

“É você, seu putto! Safado! Assassino! Lívia tinha razão, você é o Senhor Cinza, seu canalha!”

O baixinho ficou me olhando um tempo, impassível. Cheguei o rosto mais perto do monitor, quase colado, a imagem que o baixinho devia estar vendo era a de um louco raivoso recém-fugido do hospício. Fiquei falando um monte de palavrões na cara dele, estava possesso, espumava, cuspia, o monitor ficou todo sujo da minha saliva. Ele não ouviu nem um décimo do que eu disse porque logo nas primeiras palavras a imagem do baixinho sumiu e a tela ficou completamente negra. Continuei xingando assim mesmo, lançava o meu ódio naquela tela escura, não me importava mais se aquilo fazia sentido ou não, estava completamente fora de mim, queria gritar, na verdade precisava gritar, muito, xingar até perder a voz.

De repente ouvi o estrondo. A porta da suíte se abriu. Uns caras entraram correndo, me pegaram pelo braço, me levantaram da mesa como se levantassem um boneco de pano e saíram comigo pelo corredor. Não tive tempo de reagir, não consegui dizer nada, aquilo parecia um pesadelo.

Os gorilas me levaram com eles. Eu via as paredes do corredor passarem por mim, voava, não sentia os pés no chão, só uma pressão em cada um dos braços, alguém me segurando, e à minha frente um vulto, se distanciando sempre, parecia um homem correndo, claro que era um homem, de preto, correndo, e depois tiros, tiros ecoando no corredor e quase arrebatando meus tímpanos, mais tiros, o cara da frente atirava feito louco, eu estava no meio de um tiroteio. Tropecei num corpo, olhei para baixo, tinha outro homem deitado, uma poça de sangue ao lado dele, o sujeito à minha frente continuava correndo e atirando, os outros dois apertando meu braço com mais força, me arrastando.

Quando vi estava ao ar livre, sendo levado de novo para um helicóptero. O piloto abriu a porta, me enfiaram lá dentro, caí feito um saco de batatas, me espatifando no piso do helicóptero. Depois eles subiram, os três, dois atrás, comigo, outro na frente, com o piloto. E do chão, lá embaixo, um bando de pontinhos negros soltando faíscas na nossa direção, era o que eu via, o que eu vi, antes de apagar de vez.

Sonhei que estava me afogando e acordei com alguém me dando tapas na cara.

Abri os olhos. Estava todo molhado e meu rosto ardia.

“Não é hora de dormir, detetive.”

A voz vinha de uma cabeça enorme. A cabeça foi se afastando e ficando a cabeça normal de um homem de terno, sentado à minha frente, colocando sobre a mesinha um copo vazio.

“Chega, não bate mais nele!”, ouvi.

Era Livia.

“Ninguém vai bater em ninguém, filhinha, pelo menos por enquanto”, o homem de terno disse.

Livia já estava abraçada comigo. Eu não estava entendendo porra nenhuma.

“Eu te falei, André, eu te avisei”, ela repetia.

Afastei Livia.

“Onde é que eu estou?”

“Só falta perguntar: quem sou eu?”, o Gordo disse.

“André”, Livia falou, “está tudo bem, você está vivo, estamos todos vivos, entendeu? Vivos.”

Olhei em volta.

“É impressão minha ou isso aqui é um avião?”, perguntei.

“Pronto”, o Gordo disse, “ele já voltou ao normal.”

“Dá uma cerveja pra ele”, o homem de terno ordenou.

Um cara vestido de garçom foi até o bar, pegou uma cerveja, abriu, encheu um copo, me serviu numa bandeja. Bebi.

Só podia estar sonhando. A última coisa de que me lembrava era ter sido jogado dentro de um helicóptero. Agora estava num avião, com três homens de terno sentados à minha frente, Livia me abraçando, o Gordo na poltrona à minha esquerda.

Havia duas fileiras de cadeiras, com três lugares em cada, uma de frente para a outra. Os três homens estavam sentados numa das fileiras. Na poltrona do meio, o sujeito que falara comigo. Na fileira de cá o Gordo, eu e Livia. Entre os dois grupos, uma mesinha com petiscos, um balde de gelo e uma garrafa de uísque. Estávamos a bordo de um pequeno avião, um jatinho particular, certamente, só não sabia de quem.

“Como foi que eu, quer dizer, nós, como foi que nós viemos parar aqui?”, perguntei.

O sujeito à minha frente respondeu, consultando o relógio:

“Até o nosso destino teremos tempo suficiente pra você obter todas as respostas de que precise, ou quase todas. Basta ter paciência.”

Tive a impressão de já conhecer aquele fulano de algum lugar. Na verdade ainda estava meio tonto, a cabeça doía, o estômago doía, minhas pernas doíam muito, como se alguém tivesse batido

nelas com um pedaço de pau.

“Pra onde estamos indo?”

“Que pena, começou fazendo a pergunta errada. Sem resposta. Tente outra vez”, o bandido respondeu.

“Qual é o seu nome?”

“Meu nome, você quer saber meu nome. Não sei exatamente em que isso vai lhe ser útil, mas vamos lá. Pode me chamar de Santiago.”

“De onde é que eu conheço você?”

Ele deu um sorriso, se é que se pode chamar aquilo de sorriso. Depois disse:

“Você vai se lembrar, ainda está cansado, passou por uma experiência estressante, mas vai se lembrar, daqui a pouco.”

Só então me dei conta de que faltava alguém conosco.

“E Mariana? Cadê Mariana?”

Lívia segurou meu braço com força.

“Olha, André, aconteceu uma coisa”, ela disse, acariciando meu rosto.

“Cadê a Mariana, porra!”, gritei, olhando direto para o sujeito à minha frente.

Ele olhou para o Gordo.

“Mariana está morta, André”, o Gordo disse.

Eu não queria acreditar no que tinha ouvido. Minha voz tremeu.

“Como assim, morta?”

Santiago respondeu:

“Morta, falecida, defunta.”

“Não pode ser”, eu disse, levando as mãos à cabeça.

O Gordo se aproximou de mim, colocou o braço em volta do meu ombro. Ficamos todos em silêncio por alguns instantes, até que Santiago falou:

“As pessoas morrem, meu jovem, faz parte da vida.”

Chorei sem parar, parecia uma cachoeira. Lívia e o Gordo tentaram me acalmar. Estava transtornado, não só pela notícia que acabara de receber mas também por todo aquele inferno que estava vivendo.

Bebi um gole de uísque, sem gelo.

Aquela aflição foi diminuindo, aos poucos. Mais tranquilo, perguntei, num fiapo de voz:

“E Rosália?”

Ninguém precisou responder, pela expressão do Gordo percebi que Rosália também tinha morrido.

Bebi outra dose.

Levei algum tempo até voltar ao normal, mas consegui me recuperar do baque.

“Agora chega”, falei, “o que foi que aconteceu?”

“Acho que seus amigos podem dar conta disso. Eu entro na segunda parte”, Santiago falou.

“Deu tudo errado, André”, o Gordo disse.

“Tudo o quê?”

“Seguimos você até o Km 85, depois fomos direto pra casa da Rosália, em Petrópolis. Os seguranças do Montenegro montaram guarda no jardim e no lado de fora da casa. Subimos até o

segundo andar, Mariana armou todo o equipamento. Tentamos fazer contato com você mas não foi possível.”

“Eles descobriram os aparelhos”, eu disse.

“Ficamos esperando que você desse algum sinal de vida, mas nada. De repente começou o tiroteio. Corri até a janela. Uns homens tinham entrado no jardim com metralhadoras.”

“Desculpe interromper”, Santiago disse, “eram *submetralhadoras*.”

“Você estava lá?”, perguntei.

“Claro que não.”

“Então como pode saber?”

“Porque costumamos usar submetralhadoras nesse tipo de serviço.”

Gelei.

“Você mandou os homens pra lá.”

Ele ficou me olhando, em silêncio.

“Deixa eu acabar de contar, André”, o Gordo disse, “uns caras entraram no jardim atirando, e conseguiram acabar com os seguranças do Montenegro. Nós nos trancamos no quarto de Rosália, foi o único jeito de tentar evitar o pior, não dava pra fugir, então nos trancamos no quarto. Mas não foi o suficiente.”

Ele fez uma pausa. Pegou meu uísque, deu um gole.

“Os sacanas abriram a porta a tiros e entraram. Ficamos ali, num canto do quarto, os caras apontando as armas na nossa direção. Um deles disse: a menina e o gordo, pra fora.”

Lívia se abraçou comigo, chorando, e disse:

“Eu não queria sair, André, Mariana pegou minha mão, apertou forte, e pediu pra não deixar ela sozinha. Foi a última coisa que ela disse: não me deixa sozinha.”

O Gordo continuou:

“O cara repetiu a ordem. Assim que saímos ouvi os tiros. Mataram as duas à queima-roupa, os covardes.”

“Não seja tão precipitado no seu julgamento, meu caro”, Santiago disse, “não eram exatamente duas santinhas que estavam ali.”

“Mas por que vocês tinham que fazer uma coisa dessas? Por quê?”, perguntei.

“Já acabou seu relato?”, ele perguntou ao Gordo, como se não tivesse me ouvido.

“Saímos de lá com os caras”, o Gordo continuou, “de carro. Viajamos uma hora mais ou menos, até uma fazenda. Lá eles colocaram a gente no avião.”

“E agora vocês estão aqui, os três, são e salvos.”

Salvos de quem?, gostaria de saber mas preferi não perguntar nada. Precisava de muito autocontrole se quisesse tomar pé da situação e ver o que poderia ser feito. Até o momento eu só sabia que escapara do campeonato e que Lívia e o Gordo estavam vivos. Por que Santiago tinha poupado o Gordo e Lívia e por que havia me tirado às pressas de Aldebaran eram perguntas que precisariam ficar para depois.

Santiago chamou o garçom:

“Um Dry Martini, por obséquio”, e completou, afetado: “Stirred, not shaken... como diria James Bond.”

Tirou um maço de cigarros do bolso do paletó.

“Bom, creio que é a minha vez de contar história”, ele disse.

Acendeu o cigarro, sem pressa, deu uma longa tragada.

“Antes, alguns esclarecimentos. Em primeiro lugar, minha história não tem um final muito feliz.

Aliás, creio que nem tem um final, ainda.”

Apagou o cigarro no cinzeiro. Não tinha fumado quase nada.

“Segunda advertência: parte dessa história é absolutamente real, com dados precisos, sem contestação. Outra parte é feita de deduções, suposições, hipóteses, formuladas a partir desses fatos. Tais hipóteses, porém, como vocês poderão perceber por si mesmos, certamente não estão longe da realidade.”

Sua frieza era de impressionar. Estávamos falando de sequestros, violência sexual, assassinatos e o cara não demonstrava a mínima alteração, não se irritava, não se comovia, desenvolvendo seu raciocínio com calma e método.

A seu lado os dois brutamontes, seus seguranças, armados. Eram duas estátuas, não falavam nada, não bebiam nem comiam, não moviam um músculo da face. Nem por isso intimidavam menos. Nunca havia lidado com gente assim, só conhecia esses tipos dos livros, filmes, e estava constatando naqueles dias que essas pessoas existem de verdade, e que as armas que elas usam, e as balas, são de verdade também.

“Feito o necessário e breve preâmbulo, vamos ao relato.”

“Talvez não seja um procedimento comum, mas gostaria de começar dizendo logo no início da história o nome do grande vilão: Montenegro.”

Ele disse isso e olhou para nós, analisando nossa reação. Depois continuou:

“Vocês já devem ter tomado conhecimento de muita coisa a respeito do campeonato. Como surgiu a ideia, como essa ideia tornou-se realidade, como funciona na prática. Sabem também que os três velhos amigos acabaram se desentendendo, de modo que o campeonato é, hoje, ou pelo menos era até poucas horas atrás, palco de uma ferrenha luta pelo poder, disputado pelas três grandes famílias.”

“Chefiadas pelos três líderes: Senhor Branco, Senhor Preto, Senhor Cinza”, completei.

“Exatamente.”

“Permite um comentário?”, o Gordo interrompeu.

“Pois não.”

“Não consigo entender o sentido da escolha das cores. Sendo quem são, três leitores de romance policial, deveriam saber que a escolha de nomes de personagens ou, no caso, de codinomes, tem a ver com uma certa lógica.”

“De acordo.”

“Agora veja, que lógica temos aqui? Desde o início tenho tentado compreender. Pensei, a princípio, no mais óbvio: branco e preto são cores opostas, e o cinza, a mistura das duas. Assim, uma hipótese seria a de que o Senhor Cinza fosse uma espécie de conciliador. Imaginei que houvesse, de início, alguma desavença mais grave entre o Senhor Preto e o Senhor Branco, o que justificaria a escolha de cores que se opõem e que teria obrigado o Senhor Cinza a funcionar como intermediário, aquele que coloca panos quentes nas discussões, o famoso ‘deixa-disso’.”

“Certo.”

“Sabemos que o Senhor Preto era o Murilo Chaves. Não temos certeza de quem são o Senhor Cinza e o Senhor Branco, mas creio que você irá nos dizer, em breve...”

“O Senhor Cinza é o Montenegro”, Santiago revelou.

Eu e o Gordo olhamos um para o outro.

“Não te disse, André? O canalha do Montenegro é o Senhor Cinza, foi ele quem articulou tudo.”

“Não tenham dúvida.”

Então era mesmo verdade. O Montenegro não apenas sabia da existência do campeonato desde o início, como era nada mais, nada menos que um dos chefões, um dos fundadores. Aquela informação que acabávamos de receber não chegava a ser exatamente uma surpresa mas, mesmo assim, era estarrecedor constatar que alguém pudesse ter planejado e executado algo tão mirabolante. Precisava ser muito bom estrategista, e ator.

“E o Senhor Branco? É o Epifânio de Moraes Netto, não é?”, perguntei.

O garçom trouxe a bebida. Santiago pediu a ele que nos servisse algo para comer. Ninguém quis, nem mesmo o Gordo. Assim que o garçom se retirou, Santiago disse:

“Claro que o Epifânio não é o Senhor Branco. Aquele estúpido não teria cérebro pra ser um dos líderes. É um puxa-saco, só isso.”

“Quer dizer que ele não está envolvido no campeonato?”, Livia quis saber.

“Está, mas não como líder. Epifânio é um mero apostador.”

Olhei pro Gordo. Ele tentou remediar:

“Acertamos metade, meu amigo. Já é alguma coisa.”

“Afim de contas, quem é esse sacana? Quem é esse puto do Senhor Branco?”, Livia perguntou.

Livia tinha todos os motivos para odiar os líderes do campeonato, mas odiava principalmente, com razão, o Senhor Branco. Foi ele que a trouxe da Europa, que a comprou do Santo, foi aquele crápula que a colocou lá dentro, em Aldebaran, para transar com um garoto que ela nunca vira antes, na frente de todo mundo.

“Já vão ficar sabendo quem é o Senhor Branco. Antes uma explicação, para tirar sua dúvida a respeito das cores”, ele disse, dirigindo-se ao Gordo.

Livia cruzou os braços, irritada.

“Você está certo, em parte. A lógica é mesmo essa: dois opositores, um mediador. Acontece que os líderes trocam de codinomes.”

“Como trocam?”, o Gordo perguntou.

“Não é difícil entender. Prevendo que pudesse haver algum confronto mais sério entre eles, o que seria bem provável, conhecendo-se a natureza humana, sobretudo quando o que está em jogo é dinheiro e poder, os líderes pensaram numa maneira de evitar que tal confronto causasse prejuízo a todos. Consideraram, então, que seria prudente existir sempre um conciliador. A cada edição do campeonato eles escolhiam quem, naquele ano, seria o Senhor Cinza. A escolha do Senhor Preto e Senhor Branco não era problema, tanto fazia ser um ou outro. Mas ser o Senhor Cinza significava ter uma *função*. Assim, durante todo o ano, caberia ao Senhor Cinza aparar as arestas, que não eram poucas, claro, entre os outros dois, evitando, com essa estratégia de conciliação, que os líderes acabassem se destruindo uns aos outros.”

“Quer dizer, o Montenegro era o Senhor Cinza *este ano*”, eu disse.

“Sim, este ano era ele quem deveria exercer a função de mediador.”

“Deveria...”, o Gordo comentou.

“Isso mesmo, deveria... mas não exerceu, muito pelo contrário.”

Eu tinha trezentas perguntas engatilhadas. A primeira seria: por que o Montenegro me queria dentro do campeonato se o filho dele não estava lá? Não tive tempo de perguntar, o Gordo atravessou minha vez:

“Uma perguntinha.”

“Se estiver ao meu alcance responder.”

“Certamente estará. Você não trabalha pro Murilo Chaves, trabalha?”

Ele balançou a cabeça, negando.

“E também não está no grupo do Montenegro, é claro.”

“Obviamente que não.”

“Logo, por eliminação, devo supor que você é um dos homens de confiança do Senhor Branco.”

“Elementar.”

Ele disse aquilo com uma naturalidade irritante. Aquele cara ali, à minha frente, já devia ter feito muitas falcatuas, sequestrado adolescentes, já matara pessoas, e bebia seu martíni e falava conosco com a cara mais limpa desse mundo. Minha vontade era dizer que ele era um canalha e encher o sujeito de porrada mas a única coisa que podia fazer era ficar calado, e ouvir.

“É compreensível”, o Gordo disse, “que o Senhor Branco tenha mandado seus homens dar cabo dos homens do Senhor Cinza. Certamente houve alguma desavença entre os dois líderes.”

“É um pouco mais que isso, mas continue.”

“O que eu não consigo entender é por que ele teria poupado a mim e a Lívia, e por que matou Mariana e Rosália.”

Santiago olhou a paisagem pela janela. Todos nós acompanhamos seu movimento, menos os dois seguranças. Não havia nada lá fora, só nuvens.

“Algumas pessoas são como nuvens, mudam de forma conforme o vento. Mariana e Rosália eram assim”, ele disse.

“Dá pra ser mais claro?”, perguntei.

“Mariana e Rosália trabalhavam pro Montenegro.”

Reparei no olhar do Gordo. Estava escrito na cara dele: eu te avisei, desde o início, não confia nas mulheres bonitas. Eu não conseguia acreditar que Mariana tivesse mentido o tempo todo.

“Sei que você deve estar decepcionado, meu jovem, Mariana era uma linda mulher, sedutora, inteligente, agradável... mas falsa.”

O Gordo retomou o assunto:

“Bom, o Senhor Branco matou as duas porque trabalhavam pro Montenegro, e por que poupou nossas vidas?”

Santiago pegou um canapé. Mastigou vagarosamente, quase em câmera lenta. Fez de propósito, claro. Depois limpou os lábios com um guardanapo. Eu odiava aquelas pausas.

“Suponho que seja porque você é o melhor amigo do André, e Lívia a namorada dele.”

Não entendi. Perguntei:

“Supõe? Você não sabe por que não mataram os dois?”

“Eu cumpro ordens. A prioridade do Senhor Branco era salvar sua vida, por isso mandei tirarem você do Aldebaran. Mas o Senhor Branco também ordenou que trouxéssemos seu amigo e sua namorada. Por que razão ele quer ver os três juntos, não sei dizer.”

“Ele quer nos ver?”, o Gordo perguntou, “estamos indo ao encontro dele, é isso?”

Santiago assentiu com a cabeça, numa expressão de tédio, como se a pergunta do Gordo tivesse sido extremamente óbvia.

“Vem cá, será que não dá pra dizer logo de uma vez quem é esse merda desse Senhor Branco?”, perguntei, já perdendo a paciência.

“Quer mesmo saber?”

“O que você acha?”

Ele me olhou firme, dentro dos olhos, por alguns segundos. Depois falou:

“Augusto.”

O Gordo abaixou a cabeça.

“Augusto? Que Augusto?”, perguntei.

“Quem poderia ser...”, ele disse, num risinho irônico.

E completou:

“Augusto, seu irmão.”

Fiquei paralisado por um momento, em estado de choque. Depois pulei em cima do cara.

“Seu desgraçado, seu...”

Não pude completar a frase. Senti a mão do segurança crescendo na minha direção, depois a dor, terrível, e o gosto de sangue na boca.

O gorila me acertara um soco que me deixou completamente tonto. Lívia limpou o sangue, passou gelo na minha gengiva, nos meus lábios.

“Não havia necessidade disso”, o Gordo falou.

“Meus homens não são treinados para serem gentis, é bom que saibam desse detalhe desde já.”

“Você acaba de caluniar o irmão dele, seu babaca!”, Lívia gritou, “o que você queria que ele fizesse?”

Foi então que finalmente reconheci Santiago.

“Você estava na festa do Alto, naquela noite. Você conversou comigo, agora lembrei. É o cara que trabalha com o Augusto no Banco do Brasil, você quer sacanear com ele, quer o lugar dele, seu desgraçado!”

Ele bateu palmas.

“Muito bem, é bom saber que sua memória não foi afetada. Mas deixa eu lhe dizer uma coisa: alguém andou mentindo pra você, e não fui eu.”

Não entendi. Fiquei esperando uma explicação.

“Não sou exatamente um rival do seu irmão, muito pelo contrário.”

“Como assim, porra!”, o Gordo reagiu.

“Muito simples, meu querido”, ele falou, encarando o Gordo, “eu trabalho pro Augusto.”

Eu segurava o gelo junto dos meus lábios. Por sorte o cara não me arrancara nenhum dente mas o ferimento ainda doía. Quando Santiago falou aquilo, joguei o gelo de volta no balde, com violência. Santiago fez um sinal ao garçom, que levou o balde e o trouxe logo depois, com novas pedras.

“Não pense que eu vou aceitar esse absurdo. Você pode trabalhar pro meu irmão, como está dizendo, pode até ser amigo dele...”

“Não chegaria a tanto”, ele me interrompeu.

“Tudo bem, mas você poderia até ser amigo dele, meu irmão nunca teve mesmo boas companhias, viveu sempre cercado de gente safada, mas isso não quer dizer que ele tenha alguma participação nesse campeonato de mafioso. Não tem nada a ver uma coisa com a outra! Você está mentindo! É tudo mentira, caralho! Mentira!”

Santiago curvou o corpo para a frente, apoiou os braços nas coxas, se aproximando um pouco mais de mim. Então falou, numa voz suave:

“Se você acompanhar com atenção o que vou lhe dizer, se não se deixar levar pelas emoções, vai ver que não estou mentindo.”

Ficou ainda um tempo naquela posição, me encarando, depois voltou ao normal.

Lívia pegou uns salgadinhos e me obrigou a comer. Tive que fazer um certo esforço, não era fácil mastigar com aquele corte na boca, mas foi bom, estava há horas sem comer nada.

“Estou ouvindo”, falei.

Ele começou:

“Você e seu... assistente já devem ter se perguntado por que razão um homem como Montenegro, milionário, poderoso, teria procurado um detetive iniciante, e através de um anúncio nos classificados.”

Esperei. Santiago continuou:

“Não encontraram uma resposta, suponho.”

“Ele disse que precisava encontrar o filho, que estava cansado de profissionais, queria um detetive amador, e jovem”, o Gordo respondeu, “mas depois soubemos da verdade: ele queria que algum desconhecido entrasse no campeonato e resgatasse o filho dele, alguém que não levantasse suspeitas, um elemento surpresa.”

O Gordo ainda não sabia que o Pedro não estava lá, eu não tivera tempo de lhe contar.

“Você disse ‘depois soubemos da verdade’ ou foi impressão minha?”, Santiago perguntou ao Gordo.

“Não foi impressão, eu disse exatamente isso.”

“Pois acaba de dizer uma grande besteira.”

O Gordo não gostou, se mexeu na cadeira, inquieto.

Mandei uma pergunta que estava engasgada fazia tempo:

“O Pedro existe?”

O Gordo e Lívia olharam para mim, espantados.

“Ainda não pude contar a vocês: o Pedro não estava lá dentro. No seu lugar tinha um outro rapaz.”

“Quer dizer que o Montenegro te mandou entrar na cova dos leões pra buscar o filho sabendo que o filho não estava lá? Ou ele não sabia?”, o Gordo perguntou.

“É lógico que sabia”, Santiago respondeu.

“Então por quê?”, perguntei.

“Vocês ainda não me deixaram responder à primeira pergunta. Assim não vamos chegar a lugar algum.”

“Tudo bem, responde: esse tal de Pedro existe ou não?”

“Existe, e é realmente filho do Montenegro. A questão é que ele jamais esteve desaparecido. Nesse momento, inclusive, deve estar tomando vinho à beira do Sena, ou bebendo cerveja num pub londrino.”

“Como é que é?”, o Gordo perguntou, quase pulando da poltrona, “você está me dizendo que arriscamos nossas vidas pra procurar um pentelho filhinho de papai que está passeando na Europa?”

“Acertou. Montenegro deu essa viagem de presente ao filho. Aliás, os três líderes sempre fazem isso durante o campeonato, mandam a família pra fora do país, por uma questão de segurança. Só que o Montenegro embarcou o filho com bastante antecedência, porque fazia parte do seu plano, claro. Normalmente os líderes despacham as famílias uma semana antes dos jogos. Se você, André, quiser ligar pra casa do Augusto agora e falar com a esposa dele, ou com algum dos filhos, não vai encontrar ninguém. Estão todos de férias, nos Estados Unidos. Quer tentar?”

Eu não queria tentar. Sabia que era verdade.

“Murilo Chaves não mandou a família pro exterior”, Livia disse.

“Murilo não estava mais interessado em nada, a não ser nos seus próprios adolescentes, nos seus... meninos.”

“Se o que você diz é verdade, como é que Kate, namorada do Pedro, não sabia de nada?”, perguntei.

“E quem te disse que ela era namorada do Pedro?”

Droga! Aquele safado estava insinuando que Kate também era do grupo do Montenegro e eu sabia que ele poderia estar certo. Mais uma mulher bonita que me passava a perna.

“Porra, mas esse cara comprou todo mundo? Rosália, Mariana, essa tal de Kate?”, Livia perguntou.

“Mulheres”, o Gordo disse, “ele só trabalhou com mulheres.”

“Montenegro não é bobo, sabia com quem estava lidando”, Santiago falou, olhando para mim.

Livia não gostou:

“O que você está insinuando?”

Acalmei Livia. Assim não chegaríamos nunca ao final da história.

“Voltando à questão inicial, por que o Montenegro me envolveu nessa confusão toda?”, perguntei.

Ele sorriu.

“Agora vem a melhor parte.”

“Vou tentar ser o mais claro possível, só me interrompam quando for absolutamente necessário. De acordo?”

Concordamos, embora eu soubesse que nenhum de nós cumpriria a promessa. Era lógico que iríamos interromper o cara a toda hora, e encher seus ouvidos com as perguntas que fervilhavam na nossa cabeça.

Ele acendeu outro cigarro.

“Começando do início. Todos já sabemos que o campeonato está dividido em três forças, e agora vocês já sabem os verdadeiros nomes dos líderes: Murilo, Montenegro, Augusto. Claro, se acreditam em mim. Sabem também, imagino, que cada um desses cavalheiros conta, ou contava, com uma equipe pessoal de seguranças e, principalmente, de assessores.”

“Você é um assessor”, eu disse.

Ele confirmou.

“Nossa principal tarefa, como assessores, é traçar estratégias para manter sempre sob controle a fatia de poder adquirida ao longo dos anos de existência do campeonato e, se possível, ampliá-la ainda mais. Desnecessário dizer que essa ampliação só pode se dar às custas da perda de poder por parte de um dos outros líderes, ou mesmo dos dois.”

“Lógico, mas...”, o Gordo tentou interromper.

Santiago fez um sinal com a mão, pedindo que o Gordo esperasse.

Continuou:

“Entre as atividades que desenvolvemos está a espionagem. Conheço profundamente a vida do Montenegro e do Murilo Chaves. Infância, juventude, gostos, traumas, laços familiares, amizades,

patrimônio, negócios, os nomes de seus aliados, seus métodos de trabalho. E também tenho consciência de que, da mesma forma que sei tudo sobre nossos inimigos, eles também sabem tudo sobre Augusto. E sobre os familiares de Augusto.”

“Desde quando eles espionam a gente?”, perguntei.

“Por quê?”

“O que esses bandidos sabem sobre meus pais?”

“Tudo”, ele respondeu, calmamente.

Minha cabeça começou a rodar outra vez. Estava muito fraco, mal alimentado, todo moído. Livia segurou meu rosto, perguntou se eu estava bem, pediu ao garçom que preparasse um lanche. O garçom olhou para Santiago, ele autorizou.

“Toma isso”, Livia me passou um comprimido. As benditas bolinhas verdes, já tinha me esquecido delas. Engoli o comprimido, com um gole d’água.

Eu não tolerava a ideia de que durante anos tinham espionado meu pai e minha mãe, vendo o que eles faziam, indo atrás deles na feira, no supermercado, na igreja. Se o Augusto tinha mesmo culpa no cartório, eu nunca o perdoaria por ter deixado que meus pais corressem risco de vida.

“Continuo?”

Fiz que sim.

“Quando Montenegro foi te procurar, André, já sabia bastante coisa sobre você e, claro, sobre o seu amigo.”

Até o Gordo. Sem que eu pudesse controlar, uma cena se desenhou, nítida, diante de mim, como num sonho: eu e o Gordo, nós dois bebendo no Bar Brasil, falando bobagens, e de repente todas as pessoas do bar, inclusive os garçons, os funcionários do balcão, o proprietário, todo mundo olhando para a gente, em silêncio, olhares inquisidores, e o Gordo paralisado, o braço no gesto interrompido de levar à boca um pedaço de costeleta, eu com o copo de chope suspenso no ar, eu e o meu amigo ali no bar em que bebíamos sempre, onde éramos reconhecidos, e queridos, de uma hora para outra acusados de alguma coisa que não sabíamos, alguma falta grave, os dois na berlinda, estáticos, cheios de culpa.

Esfreguei os olhos com as duas mãos, não iria começar a delirar, só me faltava essa.

“Naquele dia”, Santiago continuou, “em que fez contato com você pela primeira vez, Montenegro já tinha todo o plano perfeitamente montado.”

“E que plano era esse?”, perguntei.

“Primeiro seu lanche, não quero que desmaie no meio da história.”

O garçom colocou a bandeja à minha frente, com um cheeseburger, guardanapos, ketchup, mostarda, um suco de laranja e um copo com gelo. O sanduíche tinha cara de ter saído do micro-ondas, a aparência não era a mesma de um cheeseburger feito na hora, na chapa. Devorei assim mesmo, parecia um bicho comendo. Todos olhavam pra mim, eu imaginava o espetáculo dantesco que estava propiciando, mas não quis nem saber, estava faminto. Terminei, pedi outro ao garçom. Livia me olhou com uma expressão de mãe.

“Está melhor?”, ela perguntou, acariciando meus cabelos.

Não me sentia muito bem mas pelo menos a tontura estava passando.

“Vamos lá, qual era o plano?”, o Gordo perguntou.

“Um plano bem tramado, sem dúvida, típico do Montenegro. Devo admitir que meu rival é um bom estrategista, meio fantasioso, como vocês vão constatar, mas um bom estrategista. Ele estava

diante de um problema: como eliminar Murilo e Augusto?”

“Só isso que ele queria, mais nada?”, Livia perguntou, irônica.

“E é bem provável que tenha conseguido, minha querida, bem provável. Acabar com o Murilo não seria muito difícil, bastava ter um pouco de paciência, já que ele mesmo estava cavando sua própria sepultura, como sabemos. Era uma questão de tempo e o coitado começaria a perder completamente o seu espaço, por displicência, descuido, como de fato aconteceu. Montenegro não precisou nem se dar ao trabalho de mandar matá-lo, o próprio amante, o tal de Renato, um jovem apressado, como todo jovem, aliás, fez o serviço. Montenegro estava realmente com sorte esse ano.”

“As fotos que eu fiz, para os jornais...”, o Gordo começou a dizer.

“Ótimas, sou grato a você pelo excelente trabalho. Eu, Augusto e, claro, Montenegro ficamos muito satisfeitos com o resultado.”

“Merda!”, o Gordo disse, socando a poltrona.

Ele entendeu que, mesmo sem querer, havia colaborado com Montenegro. O escândalo nos jornais foi a gota d'água, era o que faltava para o Murilo Chaves se ferrar de vez dentro do campeonato.

“Não creio que Montenegro tenha pensado exatamente nesse escândalo, mas quando ele sugeriu que vocês investigassem Murilo Chaves, certamente sabia que poderia acabar acontecendo alguma coisa assim. Murilo estava facilitando demais, e com dois entusiasmados detetives na sua cola certamente haveria notícia.”

“E houve”, completei.

“Sim. Como podem ver, Montenegro pensou em cada detalhe.”

Chegou meu segundo cheeseburger, e outra coca. Comi um pouco mais devagar mas nada que se equipare a uma exibição de boas maneiras. Quando acabei, me deu um sono avassalador, se eu pudesse dormiria ali mesmo, sentado.

“Mas como contei no início”, Santiago disse, aumentando o volume da voz e me tirando daquela letargia, “acabar com o Murilo não foi tão difícil. O problema maior seria com o outro líder, o Senhor Branco.”

“Augusto”, Livia completou.

Segurei o braço de Livia, falei firme com ela:

“Isso é o que ele está dizendo, ainda não temos prova de nada, ouviu? Não podemos confiar nesse sujeito!”

Santiago deu outro daqueles sorrisos que mais pareciam uma careta.

“Olha, pra mim tanto faz se você, sua namorada ou seu amigo barrigudo acreditam no que estou dizendo. Minha intenção é simplesmente colocá-los a par dos fatos. Foi o próprio Augusto que me pediu pra contar tudo a vocês, ele não quer perder tempo com isso. Agora, se vocês não querem acreditar não é problema meu.”

Eu havia dito aquelas palavras para Livia de forma agressiva, ela chegou a me pedir desculpas por ter acreditado, por um momento, que Augusto fosse um dos líderes do campeonato. Mas eu acabava de concluir, para mim mesmo, enquanto Santiago não continuava seu relato, que o meu gesto tinha sido simplesmente uma defesa, eu fizera aquilo, falara naquele tom irritado porque por dentro, lá no fundo mais fundo da minha alma, estava fazendo um esforço enorme para não acreditar

no que aquele sacana estava contando sobre o meu irmão. E estava ficando cada vez mais difícil resistir.

Santiago prosseguiu:

“Com o escândalo envolvendo Murilo Chaves, houve uma reunião com os apostadores e os outros líderes. Nessa reunião ficou decidido que Murilo deveria ser eliminado, por representar um grande risco para a manutenção do campeonato. Renato nos poupou desse trabalho. O campeonato passou a ter, a partir daí, apenas duas famílias, como Montenegro tinha planejado. Mas o que interessa, como resultado dessa reunião, é que ficou mais claro do que nunca que dali em diante qualquer deslize, fosse de Augusto, fosse de Montenegro, seria fatal.”

“Quem pisasse na bola virava presunto”, o Gordo disse.

“Sobretudo com relação à segurança. Afinal, Murilo foi eliminado, ou teria sido, porque relaxou exatamente nesse item: segurança. Assim, qualquer dos dois líderes que, de alguma forma, deixasse vazar alguma informação que colocasse em risco a existência do campeonato estaria condenado à morte. Isso, como vocês verão mais adiante, só veio a colaborar com o plano de Montenegro.”

“Permite uma hipótese?”, o Gordo perguntou.

“Se não for muito longa.”

“Não será. Imaginemos que o Senhor Branco, por exemplo, dê algum vacilo com relação à segurança, que ele, vamos supor, seja flagrado de sutiã e calcinha de madrugada debaixo dos Arcos da Lapa. O Senhor Cinza estará no direito, segundo as normas do campeonato, de matar o Senhor Branco e assumir sozinho a gerência do negócio. Até aí tudo bem. Mas e se, porventura, o Senhor Branco se recusar a aceitar tal punição, se ele tiver mais homens e mais armas que o Senhor Cinza e resolver partir pra briga, como é que ficamos?”

“Acho que o amigo ainda não entendeu como funciona o campeonato.”

“Talvez não”, o Gordo disse, abrindo mais uma cerveja e enchendo o copo.

“Se a questão fosse apenas essa, dar um tiro no outro, o campeonato já estaria extinto há muito tempo. Os líderes sabem que há toda uma complexa rede ligando os apostadores, que não são pistoleiros, como você imagina, mas empresários, políticos, intelectuais, artistas. Há todo um jogo de alianças. Algumas dessas alianças, a maioria, aliás, se fazem e se desfazem com relativa facilidade, mas outras são definitivas. Existem apostadores fiéis ao seu líder, acreditem ou não. E esses apostadores podem causar problemas se quiserem. O Senhor Cinza pode acabar com a vida do Senhor Branco, e pode ainda matar todos os seus seguranças, e até os seus assessores, mas como vai lidar com os apostadores, com aqueles que sempre apostavam no casal indicado pelo Senhor Branco? Vai matá-los também? Não, ele não vai fazer isso simplesmente porque se fizer vai perder dinheiro, o campeonato só existe porque existem apostadores, e estará, ainda, correndo o risco de virar as costas e um dos apostadores, que tenha se sentido traído com a morte do Senhor Branco, denunciar tudo à polícia.”

“O Senhor Cinza, nesse caso, teria que ter um motivo bastante convincente pra matar o Senhor Branco, caso quisesse herdar os seus apostadores”, Livia concluiu.

“Exato. Não se trata de matar simplesmente, é preciso seguir as regras. Se o regulamento for desrespeitado, aí sim, a punição será aceita por todos. Como aconteceu com Murilo Chaves, por exemplo.”

“Mas o deslize que levou à morte do líder, no caso de Murilo Chaves, foi premeditado por

outro líder, Montenegro. Como os apostadores do Murilo aceitaram isso?”, perguntei.

“Nem todos sabem que houve uma armação por parte do Montenegro. Os apostadores não têm acesso a todas as informações que temos, é óbvio. Além disso, antes mesmo de haver o escândalo nos jornais, os próprios apostadores ligados a Murilo Chaves já estavam pensando na possibilidade de escolher um outro líder, Augusto ou Montenegro, porque começavam a perceber que Murilo não era muito confiável. Pro Montenegro, a grande questão não era essa.”

“E qual era?”, o Gordo perguntou.

“Voltamos ao início. Percebo que estamos andando em círculos. Talvez seja mesmo o único caminho.”

Ele fez uma pequena pausa, antes de responder à pergunta do Gordo.

“A grande questão era: como criar um motivo pra justificar a eliminação de Augusto? E é então que nosso amigo André faz sua aparição nessa longa história.”

Não era difícil imaginar aonde o canalha iria chegar com seu raciocínio maquiavélico, mas por um momento tive a esperança de ainda encontrar alguma brecha naquele discurso, algo que pudesse desmontá-lo e salvar a honra, a integridade, a dignidade do meu irmão, e a minha. Eu estava sendo desnudado até a alma na frente do Gordo e de Lívia e não conseguia reagir. Ao destruir a imagem do meu irmão, o cara também estava acabando comigo, estava me matando aos poucos e eu não podia fazer nada, ninguém podia fazer nada, a não ser esperar o desfecho, o punhal entrando de uma vez no meu peito, e a punhalada estava próxima, eu sentia.

“Este, sim, foi um golpe de mestre. Montenegro conseguiu superar minhas expectativas.”

Esperamos que ele limpasse a boca com o guardanapo. Ele chamou o garçom. Eu já não suportava mais aquilo.

“Fala de uma vez, porra!”, gritei.

Um dos seguranças fez menção de se levantar, mas Santiago o impediu. O garçom veio, Santiago cochichou alguma coisa no ouvido dele, o que me irritou mais ainda.

Finalmente falou:

“Desde o início a grande preocupação do Montenegro era com Augusto, não com Murilo. Quando um dos assessores do Montenegro lhe disse que você, André, tinha colocado um anúncio nos jornais se oferecendo como detetive particular, o plano começou a se desenhar na cabeça de Montenegro. Ele sabia de duas coisas. Primeira: seu irmão, Augusto, tem você como um filho.”

Comecei a chorar. Merda!, não queria chorar, não na frente daquele puto, e dos dois seguranças, e do garçom, e nem na frente do Gordo e da Lívia, mas ele falou que o Augusto me queria como um filho, não deu pra segurar e desabei numa choradeira sem fim, ridícula, incontrolável, há horas sabia que isso poderia acontecer, estava fora do meu normal, meu corpo, minha cabeça, eu era um farrapo, então era claro que aquilo iria acontecer, devia estar preparado mas quando aconteceu só consegui deixar tudo vir abaixo e tapar o rosto com as mãos, morrendo de vergonha.

Todos esperaram, em silêncio, que eu desse o meu vexame particular. Lívia enxugou meu rosto, abriu uma cerveja e me deu. Bebi.

“Posso continuar?”

Fiz que sim.

“Além disso, Montenegro sabia também que o André idolatrava Augusto. Sabia que o considerava um pai. Foi justamente a partir daí, dessa relação tão forte entre os dois irmãos, aliada a um puro lance de acaso, o anúncio nos jornais, que Montenegro arquitetou sua estratégia.”

“Colocar André no campeonato. E fazer todos pensarem que ele era um espião”, o Gordo disse. “Até que enfim um raciocínio rápido.”

O Gordo fez de conta que não ouviu.

Santiago tentou concluir:

“O que Montenegro pensou foi...”

“Como você pode saber o que foi que o cara pensou, cacete!”, Livia interrompeu, gritando.

“Creio que os ânimos estão um pouco exaltados demais por aqui”, Santiago disse.

Abracei Livia, não poderia deixar que um dos brutamontes lhe acertasse um soco.

“Entenda como uma hipótese o que vou dizer, Livia. Já disse que parte da minha narrativa são hipóteses, deduções, encare dessa forma e procure apenas me ouvir. Montenegro pensou: se eu fizer com que André seja introduzido no campeonato justamente na final, que é o evento mais importante do ano, e se deixar claro para os apostadores que André é um impostor, e se, por fim, todos souberem que esse impostor é nada mais nada menos que o irmão caçula do Senhor Branco, o que poderia acontecer?”

“Augusto seria obrigado a matar o André”, o Gordo respondeu.

Olhei para ele. O Gordo estava triste. Mantinha com esforço um semblante tranquilo, não era tão emotivo como eu, mas eu tinha certeza de que ele também estava arrasado com aquela história toda.

“Sim, seria obrigado a matar o próprio irmão, para provar que estava cumprindo o regulamento do campeonato.”

“Mas não foi isso que ele fez”, o Gordo disse.

“Não, não foi.”

Olhei bem nos olhos de Santiago e perguntei:

“Por quê? Por que ele não me matou? Responde, seu puto, por que o Augusto não me matou?”

Ele sustentou meu olhar por algum tempo, depois respondeu:

“Sinto muito, mas acho que isso você vai ter que perguntar ao próprio.”

Me levantei da poltrona e cheguei bem perto de Santiago. Não tinha medo de levar porrada dos gorilas, agora pouca coisa tinha importância, já estava mesmo na pior. Encostei o dedo na cara dele e disse:

“Sabe por que o Augusto não me matou? Porque é um cara digno! Sabe o que é isso, palhaço? Augusto preferiu perder uma fortuna, preferiu dar o fora dessa porra desse campeonato a matar o irmão dele! Você seria capaz disso, seria? Meu irmão é um sujeito bom, entendeu, é um cara de bem, entendeu, um cara bacana!”

O Gordo me trouxe de volta ao meu lugar. Eu suava, e sentia falta de ar. Lívia me deu um copo d’água.

“É uma hipótese plausível, sem dúvida”, Santiago falou.

“Não é uma hipótese, é a verdade”, o Gordo disse.

“Verdade, verdade... não é possível que você continue insistindo nessa palavra, meu caro.”

“Eu sei muito bem do que estou falando, e se digo que tudo o que André acaba de dizer é verdade é porque eu sei que é, e você também.”

Segurei a mão do Gordo, agradecido.

“Bom, o que eu acho não importa. O importante é que Montenegro acertou. Ele e Augusto fizeram faculdade juntos, eram companheiros inseparáveis, uma relação de mais de trinta anos. Montenegro conhecia Augusto muito bem e sabia qual era o seu ponto fraco: a família.”

Fui ficando calmo novamente, pelo menos aquele crápula do Santiago não teria tratado meus pais com desrespeito, ainda que fosse pelo fato de saber que seu patrão o esfolaria se soubesse que ele fez isso.

“Com a morte dos pais, a família do Augusto passou a ser o irmão. Mesmo a esposa e os filhos não importavam tanto, eram puro disfarce, como Rosália, e como a esposa de Montenegro. Só o André realmente importava. Sabendo disso, Montenegro previu que, se colocasse Augusto entre a fidelidade ao campeonato e a vida do André, ele iria preferir a segunda opção.”

“E o Montenegro ficaria sozinho”, Lívia disse.

“Lógico. Percebam como o plano era perfeito. Augusto teria apenas duas opções: matar André, provando, assim, seu envolvimento irrestrito com o campeonato e, portanto, com os apostadores, ou ajudar André a fugir e, então, renunciar definitivamente ao campeonato. Caso Augusto escolhesse a segunda opção, como escolheu, Montenegro passaria a ser, sozinho, o administrador de um verdadeiro império. E caso Augusto decidisse matar André, Montenegro também marcaria ponto, pois deixaria claro que Augusto não era suficientemente confiável como líder, já que o próprio irmão, um garoto de vinte e poucos anos, podia enganá-lo.”

Fiquei em silêncio, tentando raciocinar com lucidez. Não estava em condições de retrucar coisa alguma, ou mesmo de formular alguma pergunta, tentava apenas entender e esperava que o Gordo agisse por nós dois. Foi o que ele fez.

“Resumindo”, o Gordo disse, “Montenegro usou André e, por tabela, também me usou, para

destruir Augusto. Contratou Kate, a falsa namoradinha do falso filho sequestrado, contratou Mariana, a falsa detetive, e Rosália, a verdadeira mulher do Murilo Chaves, mas uma falsa por natureza. Deu a André muito dinheiro e prometeu mais ainda quando o caso estivesse concluído, pressionou, ameaçou, até conseguir que ele participasse do campeonato.”

“Correto.”

“Mas tem um probleminha aí. Você diz que Montenegro já tinha em mente a participação do André, como apostador, na final do campeonato, mas isso só foi possível com o assassinato do Murilo Chaves e a fuga do assassino, Renato. Se o tal de Renato não aparecesse na história, como o Montenegro faria pra colocar André lá dentro?”

“Não seria tão difícil assim, há várias formas de fazer isso, se você é um dos líderes. E Montenegro contava ainda, é claro, com a ajuda de Mariana.”

Minha vontade era dar uma porrada no meio dos cornos daquele infeliz, mas me contive.

“Seu plano”, Santiago prosseguiu, “era que André se envolvesse com Mariana, que o levaria a Rosália, que lhe diria tudo sobre o campeonato. Desse modo, André iria aos poucos tendo conhecimento de tudo e, como um rapaz honesto que é, não hesitaria em participar da final com o objetivo de salvar um menino de quinze anos. Caso hesitasse, Montenegro o ameaçaria com a força, como fez, mas só depois que André já estivesse completamente envolvido no caso. E tem mais...”

O safado estava gostando daquilo. Estava ferrado, ele e o meu irmão tinham entrado numa bela de uma canoa furada, mas o coroa ali à minha frente não dava o braço a torcer, falava como se fosse o dono do mundo, era o senhor absoluto, com dois seguranças do lado, um garçom lhe servindo o que quisesse e três merdinhas ouvindo suas besteiras.

“Um motivo complementar, eu diria, mas nem por isso de menor valor. Montenegro é um leitor de romances policiais. E não apenas ele, Augusto e Murilo Chaves também, quer dizer, Murilo Chaves *era*.”

E ainda mais essa. Eu não tinha me tocado de que, se o Augusto era um dos líderes, e os três começaram tudo aquilo a partir da leitura do conto do Rubem Fonseca, então o meu irmão gostava, ou pelo menos já tinha gostado muito, dos mesmos livros que eu!

Era duro ter que admitir, mas tudo indicava que era verdade: o puto moralista, o falso do meu irmão, lia escondido.

“Melhor dizendo, Montenegro era um pouco mais que um leitor aficcionado por narrativa policial. Sua fixação por esse tipo de literatura era quase um vício.”

Ele olhou para mim e completou:

“Acho que você compreende o que estou dizendo.”

Fiquei calado.

Ele prosseguiu:

“Montenegro sentia um prazer especial em elaborar planos intrincados, como esse que acabo de revelar a vocês. Foi a forma que ele encontrou de exercitar sua verve de romancista, de passar de leitor a escritor de romances policiais. Murilo e Augusto teriam resolvido o problema de forma mais simples. Mas Montenegro não, sempre escolheu caminhos tortuosos, labirínticos, gostava desse jogo, um jogo intelectual, digamos.”

“E nós funcionamos como peças no joguinho dele”, concluí.

“De fato. Seus personagens não eram de papel e tinta...”

“Doido, isso é o que ele é”, Lívia falou, “completamente doido!”

“Pode ser, quem sabe. Depende do ponto de vista.”

Santiago às vezes dizia as coisas com certo ar de enfado, como se quisesse insinuar que éramos três bobocas inexperientes e ele um velho sábio. Aquilo me deixava nervoso, sempre odiei gente assim.

Ficamos todos em silêncio, por um tempo. Até que o Gordo disse:

“Última pergunta, por enquanto.”

“Faça quantas quiser.”

“Como foi que vocês permitiram que Montenegro se aproximasse do André? Vocês não vigiavam o André também? Não sabiam tudo da vida dele?”

Santiago não gostou. Fechou a cara, como ainda não havia feito antes.

“Não foi culpa dos assessores, mas do próprio Augusto. Ele não queria que vigiássemos o André.”

Pelo menos isso, pensei, o Augusto ainda tinha alguma consideração por mim, apesar de tudo.

“Augusto dizia que do André ele mesmo tomava conta, que estava sempre por perto, que sabia de cada passo do irmão. Infelizmente, estava errado.”

Não gostei da forma como ele me olhou. Mandei ver:

“Porra, você agora está querendo dizer que sou culpado por meu irmão ter se ferrado? Vê se te enxerga, caralho!”

Um dos seguranças moveu ligeiramente os lábios, num meio sorriso.

“Contrariando as ordens de Augusto, uma noite resolvi seguir o André.”

“Até a festa do Alto”, completei.

“Justamente. Quando contei tudo ao Augusto, ele desconfiou que você estivesse envolvido com o pessoal do Murilo Chaves. Foi um erro, confesso, achamos que Mariana era do grupo do Murilo, até porque andava sempre com Rosália, esposa dele. Mandei investigar todas as relações do Murilo e constatamos que Mariana estava limpa, o que levou Augusto a deduzir que você não estava lá porque soubesse da existência do campeonato, mas porque estava apenas à procura, como direi, à procura de mais uma noite de amor.”

Aquele leve movimento de lábios do segurança se repetiu. Só que agora ele ria de mim. Era um negro enorme, careca, a cara redonda, de lua, devia gostar muito de rir quando estava fora de serviço. Não fora ele que me dera o soco, tinha sido o outro, de cara amarrada, o cara-de-lua parecia até boa gente, pelo menos achava graça de alguma coisa. Se houvesse uma oportunidade de fugirmos, quando estivéssemos em terra o cara-de-lua seria capaz de atirar em algum de nós? Fiquei pensando nisso, sem chegar a uma conclusão.

“O André não é isso que você está pensando!”, Lívia disse, tentando me defender.

Santiago ficou calado. Apoiou o rosto numa das mãos e ficou vendo o céu pela janela.

O silêncio foi breve porque o Gordo logo emendou outra pergunta:

“E quando foi que o Augusto descobriu que o André estava lá dentro, em Aldebaran?”

Ele respondeu:

“Quando foi conveniente a Montenegro que ele descobrisse. Entenda, Montenegro conseguiu, através de articulações internas, que o suposto convidado de Murilo fosse escoltado por seus homens até a suíte.”

“Você está me dizendo que os homens que levaram André até Aldebaran e o escoltaram até a suíte eram homens do Montenegro?”, foi a vez de o Gordo perguntar.

“Sim.”

“Que loucura.”

“Nenhum de nós poderia imaginar que aquele não fosse Renato e sim André. Montenegro ficou responsável pela guarda do convidado do Murilo Chaves e nos levaria o garoto, após a final, para que o interrogássemos. Mas antes que começasse a performance do casal número um Montenegro entrou na rede de computadores com uma foto do André, dizendo que havia um impostor em Aldebaran. Quando Augusto viu, na tela do monitor, a foto do irmão, não pensou duas vezes: ordenou à equipe de segurança que o tirasse de lá.”

Eu estava me sentindo numa gangorra. Oscilava o tempo todo entre odiar e amar o meu irmão.

“E quanto a nós? Como vocês souberam que estávamos em Petrópolis, na casa da Rosália?”, Livia perguntou.

Santiago olhou para mim por um instante. Depois disse:

“Mariana.”

Ninguém entendeu.

“Mariana?”, perguntei.

“Mariana subestimou minha inteligência, e a de Augusto. Achou que poderia brincar de espiã a poucos quilômetros de onde estávamos. Não conseguiu, é óbvio. Temos homens espalhados por toda a região em volta de Aldebaran e não foi difícil saber que vocês estavam na casa do Murilo Chaves. Aliás, convenhamos, não era um bom lugar pra se esconder.”

O crápula terminou seu martíni e pediu outro ao garçom. Depois perguntou:

“André, me responda com franqueza: você gostava mesmo daquela mulher, meu querido?”

“Querido é a puta que o pariu!”

Ele respirou fundo.

“Sabe qual é o problema com vocês, com a juventude de um modo geral?”

Ninguém respondeu.

“Falta de leitura, esse é o problema. Vocês leem pouco, e por isso têm um vocabulário pobre, paupérrimo. Quando se irritam, não sabem se expressar a não ser através da meia dúzia de palavrões de sempre.”

Ele dizia a mesma coisa que o Augusto. Cínicos.

Voltei a pensar no meu irmão. Por um momento desejei que não chagássemos logo ao nosso destino, estar ali com aquele sujeito não estava sendo nada agradável mas eu, sinceramente, não saberia dizer qual era o pior: continuar ouvindo Santiago ou ser obrigado a conversar, cara a cara, com meu irmão. Ficava imaginando onde é que ele estaria, em que estado, em que país.

Outro pensamento me atormentava: Livia. Como seria sua reação ao encontrar o Augusto? Se Santiago estivesse falando a verdade, e eu cada vez duvidava menos disso, Augusto teria sido o homem que foi procurar o Santo na Espanha, que falou obscenidades no ouvido de Livia, que bancou a volta dos dois ao Brasil, teria sido ele, meu irmão, o responsável pela presença de Livia em Aldebaran, e pela morte do Santo. Livia odiava o meu irmão, era nisso que eu estava pensando naquele momento.

Então me dei conta do verdadeiro perigo: meu irmão também devia odiar Livia.

“O que vocês vão fazer com a Livia?”, perguntei.

Ela se mexeu na poltrona, assustada, acho que nem ela mesma tinha se tocado do risco que estava correndo ao ser levada ao encontro de Augusto.

“Eis uma boa pergunta”, Santiago falou.

Eu também estava preocupado com o Gordo, mas não tanto. Éramos amigos de infância, crescemos juntos, e Augusto, embora não fosse de ficar demonstrando sentimentos à toa, gostava dele. Eu sabia que depois de todas aquelas revelações meu irmão era uma pessoa imprevisível, poderia dar um tiro na testa do Gordo assim que chegássemos, mas duvido que fizesse isso. Augusto sabia que seria o mesmo que dar um tiro na minha testa. Não, ele não faria nada com o Gordo. Mas com Livia?

“A vida é mesmo curiosa. Augusto e eu procuramos essa bela menina de olhos azuis pelos quatro cantos do país, acionamos nossos contatos no exterior, gastamos uma fortuna tentando encontrá-la, e nosso pequeno tesouro estava simplesmente com André, o irmão do Augusto, estava com ele o tempo todo, debaixo do nosso nariz.”

“A vida não tem a mínima lógica”, o Gordo disse, rindo.

“Vou cobrar direitos autorais”, eu disse.

“Ninguém aqui paga direitos autorais, você não percebeu ainda?”, ele rebateu.

Santiago não gostou da nossa conversa em código. Não gostava de nada que não pudesse dominar.

Repeti a pergunta:

“Então, o que pretendem fazer com a minha namorada?”

“Enfim, um romance assumido”, ele disse, novamente com o controle da situação.

“Responde!”, Livia gritou.

“Não tenho a mínima ideia do que vamos fazer com você, meu anjo. Confesso, com todo o respeito, que por mim você e o gorducho já estariam fazendo companhia a Mariana. Não gosto de matar mulheres, nem rapazes tão jovens como o nosso amigo, mas teria sido o mais prudente, sem dúvida. Nada pessoal, entendam, apenas uma questão de estratégia. Augusto, no entanto, ordenou que eu trouxesse vocês dois com vida. Sinceramente, não sei quais são seus planos.”

“Merda! Isso é tortura! Você está me torturando, está torturando todos nós! Você pode ser preso por isso, sabia?”, Livia disse, exaltada.

“Ah, claro, posso ser preso. Nesse caso, retiro o que eu disse.”

O cara-de-lua mexeu os lábios de novo, achando graça. O cara-de-lua não era propriamente um homem movido por ideologias. Seria capaz de rir de mim e de Santiago com o mesmo desenho no rosto, mudando de lado sem a menor culpa. Fora dali, devia ser um negro que ri, pronto, sem mais. Era isso, o cara-de-lua era também o negro-que-ri, falei comigo mesmo.

“Você está rindo de quê, cara-de-lua?”, perguntei.

Ele levantou as sobrancelhas, confuso e irritado ao mesmo tempo.

O Gordo deu um murro no braço da poltrona e lançou no ar sua gargalhada típica. Ele devia estar acompanhando o mesmo que eu, desde o início. O cara-de-lua continuou com as sobrancelhas arqueadas, o Gordo ria desbragadamente, o cara-de-lua foi afrouxando aos poucos sua expressão, devagar, como que resistindo e cedendo, querendo ceder, até que, por fim, sorriu de novo, do seu jeito próprio. Agora estava do nosso lado, como há segundos atrás estava do lado de Santiago. Eu começava a simpatizar com aquele negão.

Olhei pela janela. Estava escurecendo. Onde estaríamos? Nunca tinha viajado de avião na minha vida, nem de helicóptero, e naquele dia havia realizado dois sonhos de criança. Grande merda.

“Onde é que nós estamos?”, perguntei.

“Chegando”, Santiago respondeu.

Meus pais também nunca viajaram de avião, de helicóptero muito menos, claro. Não gostavam de viajar, a única vez que saíram do Rio foi naquela excursão a Aparecida do Norte, de ônibus. Augusto bancou tudo. Augusto adorava os velhos, fazia tudo por eles, e por mim. Como foi se meter nessa sujeira toda? Se tivesse ficado com aquela namorada, a que estudava música, ela teria ensinado coisas para ele, não teria deixado que ele se metesse com mafiosos, com assassinos feito Santiago, sua vida teria sido outra, se ele pelo menos tivesse ouvido o CD que ela deixou para ele, se ele tivesse ouvido “Summertime”, se deixando embalar pelo trompete do Miles Davis, com certeza sua vida teria sido outra, e a minha também, só a dos nossos pais teria sido a mesma, eles não souberam de nada, morreram sem saber de nada, era o meu consolo.

“Mais uma cerveja, doutor?”

Era a primeira vez que eu ouvia a voz do garçom, e ele tinha me chamado de doutor. Aceitei. Estávamos chegando. Ninguém dizia nada, um silêncio pesado.

O piloto pediu que afivelássemos nossos cintos, estava iniciando os procedimentos de descida. Plect-plect, foi o que se ouviu, apenas o barulhinho dos cintos entrando nos encaixes.

O garçom sentou numa poltrona separada, mais adiante, e também afivelou o seu. Eu não tomaria minha saideira, concluí, e aquilo me soou como um péssimo presságio.

Encostei minha cabeça na poltrona, fechei os olhos e me veio, nítida como numa tela de cinema, a imagem do neguinho deitado no asfalto, naquele domingo em Copacabana, o pivete com a perna estourada, jogando sangue no guarda. Fiquei pensando que se eu fosse mesmo um homem de verdade partia para cima do Santiago e dava um murro na cara dele, um dos seguranças me daria um tiro na barriga, eu cairia ali, na frente dos bandidos, e ficaria jogando meu sangue na cara deles, e gritando: desgraçado, você acabou comigo, seu desgraçado, sem deixar claro se o desgraçado era o Santiago ou o segurança que me dera o tiro, teria sido o cara-de-lua? O cara-de-lua seria capaz de atirar na minha barriga? Eu cheio de raiva, de ódio, lançaria com a mão mais sangue no terno impecável do Santiago, ele recuaria um pouco, amedrontado, como o guarda naquele domingo, e eu jogando sangue no terno dele, fazendo do sangue as minhas balas, atirando meu sangue naquele bandido desgraçado.

Quando pensei nisso, os olhos fechados, me dei conta de que não passava de um romântico, aquela seria uma cena de filme de gângster misturado com faroeste e regada com muita água com açúcar, para impressionar Livia talvez, ou para convencer a mim mesmo de que eu não era um covarde. Puro devaneio.

Um celular tocou. Abri os olhos.

Santiago atendeu.

“O senhor não sabe que é perigoso usar telefone celular em avião?”, o Gordo perguntou.

“Qual o problema?”, Livia perguntou ao Gordo, “se a gente caísse, até que seria bom.”

Fechei os olhos novamente, enquanto Santiago conversava com alguém no celular. Tinha acabado de ouvir Livia dizer que seria melhor a gente despencar de vez naquele avião, era isso?

Que seria melhor morrer logo e pronto? Senti uma queimadura no rosto e uma lágrima subindo aos meus olhos, eu nunca tinha parado para pensar se lágrima sobe ou desce, tinha mais o que fazer na vida, mas naquele momento tive a certeza de que subia, e mandei ela parar na entrada dos olhos, fechei o portão, aqui você não entra, sua lágrima filha da puta!

Santiago me despertou:

“É pra você.”

Peguei o telefone.

“Alô.”

“André?”, a voz perguntou do outro lado.

Era o Augusto. Ficamos em silêncio, ele de lá, eu de cá, mudos, durante um tempo.

Abaixei a cabeça, fiquei olhando meus sapatos. Eram os sapatos que Mariana escolhera para mim. Quando eu tinha catorze anos, meu pai me chamou e disse, na sala da nossa casa, ele sentado no sofá, eu na poltrona em frente, cabisbaixo, como agora, olhando os próprios pés, só que naquela época nos meus pés havia um par de tênis imundos, meu pai me disse: André, você pode ser qualquer coisa na vida, pode escolher a profissão que quiser, mas escuta uma coisa, meu filho, você só não pode ser covarde, entendeu, tudo, menos covarde. Quando olhei para a ponta dos meus sapatos, me lembrei disso na hora.

Finalmente meu irmão falou alguma coisa:

“Precisamos conversar.”

Eu não precisava conversar, nem com Augusto nem com pessoa alguma, estava cansado de conversas, de palavras, meu corpo estava cansado também, dolorido, minha boca tinha voltado a sangrar e pouco adiantavam os cuidados de Livia, bebi um gole de cerveja que o Gordo me ofereceu mas ela desceu pela garganta junto com o gosto de sangue. Também não queria mais beber daquela cerveja, naquele maldito avião, não queria ver o Augusto, queria meus pais, o chope do Bar Brasil, meus livros, mas no fundo também não queria nada disso, sentia que também não era de nada disso que eu precisava naquele momento em que minha cabeça girava junto com as hélices do avião e um enjoo revolvía tudo dentro de mim. Na verdade, a única coisa que eu queria fazer mesmo era dormir, muito.

Meu irmão continuava falando sozinho, do outro lado da linha. Não respondi. Devolvi o celular do Santiago. Ele pegou o aparelho e disse:

“Augusto, sou eu.”

Pausa.

“É, parece que o garoto não está muito a fim de conversar.”

Outra pausa.

“Sim, claro, entendi perfeitamente. Até já.”

Desligou.

Ninguém falou mais nada. Um silêncio absoluto se abateu sobre todos nós, o cara-de-lua arqueou as sobrancelhas, olhando direto na minha direção, como se quisesse me vigiar de perto, atento, cão de guarda. Não sei por quê, tive pena dele, fiquei imaginando como devia ser sua vida, o que fazia quando não estava trabalhando com aqueles marginais, como tinha ido parar naquele antro. Será que tinha mulher, filhos, será que tinha um irmão? Na hora me deu vontade de perguntar, mas a vontade passou logo, senti um frio na barriga quando vi pela janela a pista de pouso se

aproximando. Estávamos chegando e eu sem a menor ideia do que nos esperava lá embaixo.

Logo em seguida o avião aterrissou. Descemos. As únicas luzes eram as da pista, não havia cidade nenhuma em volta, a impressão que tive foi a de que estávamos no meio do mato, numa fazenda, quem sabe.

Uma picape nos esperava. Entramos e o motorista viajou conosco durante uns dez ou quinze minutos por uma estrada de terra, até chegarmos a um casarão. Havia uns caras armados e um carro estacionado em frente à entrada principal. Santiago entrou conosco e nos levou por um corredor até uma porta fechada. Abriu a porta e falou com o Gordo e com Lívia:

“Vocês ficam aqui.”

“Nada disso”, falei, “vamos ficar todos juntos.”

Os seguranças empurraram os dois para dentro e fecharam a porta. O cara-de-lua e o outro ficaram ali, do lado de fora, os braços cruzados. Não gostei nada daquilo, claro, e tentei bancar o durão, falando alto com Santiago:

“Ou você leva meus amigos também ou eu não vou falar com o Augusto.”

“Não enche o saco”, ele disse, me puxando pelo braço.

Andamos mais um pouco pelo corredor, entramos à direita e fomos parar numa sala enorme. Devia ser a sala principal da casa, decorada com móveis rústicos, o chão de pedra, as paredes vazias, sem nenhum quadro. Estava meio escuro, a única luz vinha da lareira, acesa.

“Aqui está ele”, Santiago falou, dirigindo-se a alguém na outra parte da sala, de costas para nós.

Era o Augusto. Foi se aproximando, saindo da escuridão e chegando mais perto da lareira.

“Pode ir, Santiago.”

Augusto me apontou uma poltrona. Permaneci de pé.

“É pra sentar, André.”

Continuei onde estava.

“Senta!”

Parti para cima dele. Não conseguiria bater no meu irmão, ele era muito mais forte que eu, os braços de halterofilista, aquele sacana tinha tempo e dinheiro para ficar forte daquele jeito, ganhara muita grana explorando e matando pessoas, mas mesmo assim parti com tudo para cima dele, xingando todos os palavrões que me vinham à cabeça, e falando que ele não gritasse mais comigo, nunca mais, tentei dar um soco nele mas o desgraçado segurou meus braços, tentei uma joelhada, um chute na canela mas o Augusto me segurou firme, dizendo para eu ficar quieto, eu não conseguia e não queria ficar quieto, dei uma mordida na mão dele, forte, saiu sangue, ele gritou, dois caras chegaram por trás de mim, nos separaram, um deles me jogou no sofá como se estivesse jogando uma almofada.

Onde caí fiquei, exausto, ofegante.

“Calma, podem deixar ele aí, está tudo bem”, o Augusto falou para os seguranças, enquanto apertava o ferimento que fiz na mão dele.

Os caras continuaram por perto.

“Podem ir, eu cuido disso.”

Depois que os seguranças saíram, o Augusto sentou na poltrona, perto de mim.

“Ficou maluco, André? Viu o que você fez, quase me arranca um pedaço da mão.”

Respirei fundo. Estava muito fraco, sentia falta de ar, e uns calafrios, apesar de a sala estar quente, estava deitado no sofá feito uma criança, um feto, todo enroscado em mim mesmo, sentia

dores no corpo todo, a boca seca, então respirei fundo novamente, tentando me recompor, mas a única coisa que consegui foi ter uma crise de tosse. Augusto chegou mais perto, perguntou se eu queria beber ou comer alguma coisa, respondi que não, ele passou as mãos nos meus cabelos, como meu pai fazia quando eu era criança, ficou acariciando minha cabeça devagar, dizendo meu nome, repetindo meu nome várias vezes, bem baixinho, exatamente como meu pai fazia.

Consegui sentar direito no sofá, Augusto se afastou, voltou para sua poltrona. Por alguns minutos cheguei a esquecer o que havia ocorrido, cheguei a pensar que tudo não tinha passado de um sonho, um pesadelo, mas de repente a realidade me chamou, voltei ao mundo real e então me dei conta de onde estava, me dei conta de que aquele sujeito ali, sentado perto de mim, era meu irmão e era também um assassino, um bandido, eu não conseguia entender muito bem isso, tinha ódio dele mas, ao mesmo tempo, não conseguia deixar de pensar que era o Augusto, o mesmo Augusto que até poucos dias atrás eu adorava.

“Por que você foi fazer uma coisa dessas?”, ele me perguntou.

Fiquei mais baratinado ainda, eu é que devia ter feito essa pergunta.

“Por que você mentiu pra mim? Por que não falou que estava fazendo um curso de detetive por correspondência, que colocou anúncio no jornal? Se você tivesse me contado tudo desde o início, se não tivesse mentido, nada disso teria acontecido.”

Impressionante.

“Você é um puto muito puto mesmo, Augusto.”

Ele fez um gesto com a mão, para que eu não o interrompesse.

“Sei o que você deve estar pensando, André, sei que deve estar decepcionado comigo, mas você não sabe de nada.”

“Não sei do quê?”

“Um dia te conto toda a história, com calma, e você vai entender.”

Ele se levantou, acendeu um cigarro, ficou andando pela sala.

“Nem tudo é o que parece ser. Às vezes a gente pensa que está entendendo, que está tudo muito claro, que sabe exatamente o que é certo e o que é errado, mas no final das contas há sempre um outro modo de se ver as coisas. Você é um rapaz inteligente, André, sabe do que estou falando. Quer dizer, é inteligente mas ainda é muito jovem, não aprendeu ainda que a vida é cheia de nuances, que ninguém pode ter certeza de nada sem primeiro investigar a fundo todas as hipóteses. Você me entende, não entende?”

“Você nunca me disse que gostava de ler Rubem Fonseca.”

“Isso não vem ao caso, André, não é disso que estamos falando. O que estou querendo te dizer é que você não deve mudar o que sentia por mim. Ainda sou seu irmão e amo você, muito. Você sabe disso, não sabe? Que só quero o seu bem?”

Fiquei calado.

“Olha, André, não fica pensando que fiz essas coisas todas por interesse, por dinheiro, vaidade, poder. Você me conhece, mesmo que a gente viva brigando você sabe muito bem que nunca, jamais deixaria que te acontecesse qualquer coisa de ruim, e você sabe também que eu não sou um mau-caráter, você sempre soube disso, não é? Se fiz o que fiz foi porque tive meus motivos, não posso

te explicar direito agora mas tive meus motivos e não me arrependo de nada.”

Ele sentou ao meu lado, no sofá. Abaixou mais ainda o tom de voz, falando devagar, suavemente:

“A vida que você levou, pensa nisso...”

Fiquei pensando.

“Você nunca precisou trabalhar. Depois que nossos pais morreram, você começou a procurar emprego, mas foi porque achei que te faria bem começar a cuidar de si mesmo, amadurecer, virar um homem de verdade, não que você precisasse de dinheiro. E pensa nos nossos pais, que tiveram uma velhice tranquila, sem preocupações com despesas da casa, com aluguel, comida. Vocês nunca passaram necessidade, não é? Não faltava nada lá em casa, você é testemunha, nunca deixei que faltasse nada. Então, de onde você acha que veio tudo isso? Essa vida boa que você levava, que nossos pais levavam, tudo isso seria simplesmente impossível se não fosse o campeonato.”

“Augusto.”

“O que é?”

“Por que você não vai tomar no cu?”

Ele se levantou de repente, irritado. Num gesto brusco, jogou o cigarro no chão e pisou.

“Não adianta tentar conversar com você.”

“Você não tem nada pra conversar comigo.”

“Um dia você vai entender, André, e vai me dar razão.”

Santiago apareceu na sala, fazendo um sinal para o meu irmão.

“Precisamos sair daqui”, Augusto me disse, segurando meu braço.

“Pra onde vamos?”

“Não vamos pro mesmo lugar.”

“Como assim?”

Ele não respondeu, foi me puxando pelo braço, como o Santiago tinha feito antes. Eu odiava quando alguém me puxava daquele jeito e o Augusto sabia disso. Tentei me desvencilhar, ele apertou meu braço com mais força.

“E o Gordo? E a Livia?”, perguntei, enquanto caminhávamos às pressas pelo corredor.

“Não se preocupa com eles.”

Aquela era uma frase ambígua. Poderia querer dizer que eles estavam bem, eu não me preocupasse, ou então o contrário, eu deveria esquecê-los, não me preocupar com eles porque já estariam mortos. Tremi.

“Você matou eles, Augusto? Responde, você matou os dois?”

Ele deu uma parada rápida, me encarou e disse:

“Não seja ridículo.”

Chegamos até o quarto onde eles estavam. Augusto abriu a porta e entrou comigo. O Gordo estava deitado num sofá, cochilando. Livia, sentada sobre uma mesa, perto da janela, balançava os pés, distraída.

“André”, ela gritou.

Com o grito o Gordo acordou, assustado.

“Como você pode ver, não sou tão mau quanto pareço”, Augusto me disse, e completou: “vocês esperem aí, daqui a pouco vem alguém buscá-los.”

“Quem?”, perguntei.

“Alguns dos meus homens. Vão levar vocês pra uma outra fazenda, longe daqui. Esse lugar não é mais seguro. Vão ficar lá por um tempo.”

“Quanto tempo?”

“Não sei. Vocês três vão ficar lá até eu voltar, entenderam? E não me façam nenhuma besteira. Esperem até eu voltar e vamos ver como as coisas ficam.”

“E você, vai pra onde?”

“Vou pra fora do país, André.”

Ele deu uma pausa e depois completou:

“Mas eu volto. Pode me esperar que eu volto.”

Augusto disse isso e ficou me olhando. Achei que tinha os olhos úmidos mas devia ser impressão. Passou a mão na minha cabeça.

“Toma cuidado, moleque.”

Saiu, fechando a porta. Fiquei alguns instantes meio abobalhado, quieto, sem entender o que estava acontecendo. Depois tentei abrir a porta mas estava trancada. Dei um murro na porta, mais um, e outro, dei uns quinhentos murros naquela porta, minha mão começou a doer, percebi que os dedos começavam a sangrar mas continuei esmurrando e gritando o nome do meu irmão feito um maluco, até que Livia me tirou dali. Então me encostei na parede, o suor escorrendo pelo rosto, empapando a camisa.

“O que vamos fazer agora?”, Livia perguntou.

Abri os braços. Eu não tinha mais nada a dizer. O Gordo se levantou do sofá e ficou em pé, perto da janela, olhando alguma coisa lá fora. Eu e Livia fomos até onde ele estava.

“Tudo bem, meu irmão”, o Gordo falou, colocando a mão no meu ombro, “a história está chegando ao fim, eu acho.”

Ficamos ali, vendo o Augusto entrar num carro com outros homens de preto. O carro saiu cantando pneu. Logo atrás estava a picape, com Santiago e alguns gorilas, o cara-de-lua entre eles. Antes de partirem, o cara-de-lua ainda olhou na nossa direção mas não dava para saber se estava rindo ou não. Mais adiante, na estrada, vimos dois faróis. Devia ser o carro que viria nos pegar e levar para a outra fazenda.

Olhei para o alto. O céu estava carregado de estrelas, as tais que nunca estão onde a gente pensa que elas estão. Fiquei pensando: quando tudo começou jamais poderia imaginar que fosse terminar desse jeito. Eu, Livia e o Gordo num quarto fechado, diante de uma janela, esperando alguém para nos levar sei lá para onde. De súbito me deu vontade de quebrar aquele silêncio dizendo minha frase favorita: a vida não tem a mínima lógica. Mas não disse.



FLÁVIO CARNEIRO nasceu em Goiânia e vive atualmente em Teresópolis, no estado do Rio de Janeiro. É professor de literatura da UERJ e autor de mais de 10 livros e dois roteiros para o cinema.